00046084

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA QUINTA

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA

REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXIX.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

P08 41 [illegible]
COUTASI
46084

00046084

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA V.

LIVRO I.

CAP. I. *Dos grandes odios, e guerras que houve entre os Reys de Calecut, e Cochim: e de como faleceo o Çamorim: e das revoltas que houve em Cochim sobre o que succedeo se querer ir coroar a Repelim: e de como Martim Affonso de Sousa acudio a isso.* Pag. 1.

CAP. II. *Que trata da viagem, que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em huma fusta: e da Falla, que Mestre Theofilo Napolitano, Eremita da Ordem de Santo Agostinho, fez ao Papa Paulo III, e ao Sagrado Collegio dos Cardeaes em louvor dos feitos, que se fizeram na India em tempo d'ElRey D. João o III, pelas novas que lhe mandou da fortaleza, que o Governador Nuno da Cunha fez em Dio.* 8.

CAP. III. *Da alteração que Manoel de Sousa Capitão de Dio sentio na gente da terra: e de como o Governador Nuno da Cunha acudio a isso, e despedio Mar-*

tim Affonso de Sousa pera a costa do Malavar. 34.

CAP. IV. *Que trata da viagem, que Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar fez, quando o Governador Nuno da Cunha o mandou á costa do Malavar: e de como destruio, e desbaratou os Principes Malavares na Ilha de Repelim, indo em sua ajuda Jorge Cabral Capitão mór das náos do Reyno, com os Capitães das náos de sua conserva, que estavam em Cochim pera tomar a carga da pimenta.* 38.

CAP. V. *Da antiguidade da povoação da Ilha de Ceilão: do principio, e origem dos seus Reys: e de todos os que teve até Bonoega Bao Pandar, que neste anno de mil e quinhentos e trinta e sete reinava.* 45.

CAP. VI. *De como o Madune Rey de Ceitavaca tratou de tomar o Reyno ao irmão mais velho com o favor do Çamorim, que pera isso lhe mandou huma grossa Armada: e de como Martim Affonso de Sousa teve aviso della, e a foi buscar, e a destruio de todo, e passou a Ceilão.* 52.

CAP. VII. *Das varias opiniões que houve entre os Geografos sobre qual seja a Tapobrana de Ptolomeu: e das razões que damos pera ser esta Ilha de Ceilão: e dos*

no-

nomes que ſua canella tem entre todas as Nações. 66.

CAP. VIII. *Do que paſſou Diogo de Meſquita na Corte de Cambaya: e de como Soltão Badur foi a Dio, e tratou de tomar aquella fortaleza por engano: e do eſpantoſo caſo que aqui aconteceo a Manoel de Souſa Capitão da fortaleza.* 81.

CAP. IX. *De como o Governador Nuno da Cunha partio pera Dio, e no caminho encontrou com Diogo de Meſquita: e de como ElRey Soltão Badur foi viſitar o Governador ao galeão, e de outras couſas.* 89.

CAP. X. *Da deſaſtrada morte de Manoel de Souſa, Capitão de Dio: e de como os noſſos matáram ElRey: e da variedade que houve ſobre o modo de ſua morte: e da vida de João de Sant-Iago, e da cruel morte que aqui recebeo.* 99.

CAP. XI. *De como foi trazido Coge Çofar ao Governador Nuno da Cunha: e da liberdade que lhe deo: e de como ſe levantou por Rey em Cambaya hum cunhado do Rey dos Magores: e da embaixada que mandou ao Governador.* 108.

CAP. XII. *Que contém os contratos, que o Governador Nuno da Cunha fez com Mir Mahemede Zaman: e de como o Secretario os foi ver jurar por elle: e de co-*

mo por morte de Manoel de Sousa deixou a Antonio da Silveira por Capitão da fortaleza de Dio: e de hum homem, que trouxeram ao Governador de trezentos trinta e sinco annos: e de outras cousas. 125.
CAP. XIII. *Que dá conta de quem era o Mir Mahemede Zaman, que se appellidava Rey de Cambaya, e de quem são os Usbeques: e de como se fizeram senhores do Estado de Camarcant: e dos nomes que esta Provincia teve.* 126.

LIVRO II.

CAP. I. *De como os Governadores de Cambaya alevantáram por Rey Soltão Mamud: e do exercito, que mandou contra Mir Mahamede Zaman, que se appellidava Rey de Cambaya: e do recontro que tiveram com os Magores, em que ficáram desbaratados.* Pag. 135.
CAP. II. *Das cousas, que este anno acontecêram em Maluco: e da chegada de Antonio Galvão áquella fortaleza: e de como foi buscar os Reys da Liga á Ilha de Tidore, onde lhes deo batalha, em que os desbaratou.* 144.
CAP. III. *Da Armada que este anno de 1537 partio do Reyno, de que era Capitão mór Jorge de Lima: e de como Martim*

tim Affonso de Sousa foi ao Malavar, e o Governador Nuno da Cunha partio pera Dio. 154.

CAP. IV. *Das guerras, que em Ceilão houve entre aquelles dous Reys irmãos: e do soccorro que o Çamorim mandou ao Madune: e de como Martim Affonso de Sousa desbaratou a Armada do Çamorim em Beadalá.* 163.

CAP. V. *Das cousas, que mais acontecêram a Martim Affonso de Sousa em todo o resto do verão: e de como passou a Ceilão: e das pazes que aquelles Reys fizeram.* 175.

CAP. VI. *De como o Governador Nuno da Cunha, por culpas que teve de D. Pedro de Castello-branco, Capitão de Ormuz, o mandou desapossar da fortaleza: e de como D. Fernando de Lima foi com huma Armada ao Estreito: e das mais cousas que o Governador passou em Dio até se recolher.* 180.

CAP. VII. *Do que aconteceo a Cafarcan, que Soltão Badur tinha mandado nos galeões a Meca: e de como foi levado com todos os thesouros que levava ao Turco: e da Armada que elle mandou negociar pera mandar á India contra os Portuguezes: e do aviso que ElRey teve della: e do soccorro que mandou.* 185.

CAP.

CAP. VIII. *De como o Doutor Pero Fernandes chegou a Ormuz, e desapossou D. Pedro de Castello-branco da fortaleza: e do que aconteceo a D. Fernando de Lima na jornada do Estreito ... e Ormuz: e do que aconteceo ás náos do Reyno na viagem.* 191.

CAP. IX. *Das cousas que acontecêram em Dio, depois do Governador Nuno da Cunha partido pera Goa: e de como Coge Çofar se foi secretamente da Cidade, e se passou a Cambaya, e persuadio áquelle Rey a fazer guerra aos Portuguezes.* 198.

CAP. X. *Das cousas que acontecêram em Ceilão: e de como o Madune por morte do irmão Reigão Pandar se apoderou de seu Reyno: e de como ElRey da Cota casou sua filha com hum Principe da casta do Sol: e que casta he esta: e porque se chama assim.* 206.

LIVRO III.

CAP. I. *De hum maravilhoso prodigio das grandes vitorias, que os Portuguezes houveram dos Turcos, que aconteceo em Dio: e de como os Capitães d'ElRey de Cambaya chegáram áquella Ilha com seus exercitos: e do desastre por que se ateou o fogo na fortaleza.* Pag. 212.

CAP.

CAP. II. *De como Coge Çofar commetteo o baluarte da Villa dos Rumes, e da grande resistencia que achou nos Portuguezes: e de como se recolheo ferido, e desbaratado: e das cousas em que Antonio da Silveira proveo.* 218.

CAP. III. *Dos combates, que os Mouros deram aos passos da Ilha: e de como Antonio da Silveira lhe pareceo bem largallos: e de como os inimigos entráram a Ilha, e tomáram os navios dos passos.* 227.

CAP. IV. *De como os Mouros entráram a Ilha, e Antonio da Silveira largou a Cidade: e de como os Capitães prantáram suas estancias sobre a nossa fortaleza: e de alguns recontros, que os Portuguezes tiveram com elles, de que sempre leváram a melhor.* 236.

CAP. V. *Da Armada, que o Grão Turco mandou pera lançar os Portuguezes fóra da India: e da derrota que levou por todo o Estreito: e dos pórtos, Ilhas, e surgidouros que tomou até chegar a Adem: e de como o Baxá houve aquelle Rey ás mãos, e o mandou enforcar.* 246.

CAP. VI. *Do que o Baxá fez em Adem, e do que lhe aconteceo até chegar a Dio: e de como hum galeão seu foi ter desgarrado á costa do Malavar, e foi tomado por Antonio de Soto-maior: e de como por elle*

elle soube o Governador Nuno da Cunha as novas da Armada do Turco: e dos soccorros que de Goa partíram pera Dio. 255.

CAP. VII. De como os Janizaros desembarcáram em terra, e saqueáram a Cidade: e da vista que deram á nossa fortaleza: e de hum espantoso cometa que se vio no Ceo: e de como a Armada esteve perdida naquelle pouso, e se passou a Madrefaval. 263.

CAP. VIII. De como ElRey D. João tratou de mandar á India o Infante Dom Luiz seu irmão, pelas novas que teve de Constantinopla, da Armada que o Turco mandava: e das revoltas que houve no Reyno, sobre ElRey querer obrigar os Morgados ao acompanharem: e de como o Infante desistio da jornada, e foi eleito D. Garcia de Noronha por Viso-Rey: e da Armada, que levou no anno de 1538: e de como ElRey houve Bullas do Papa pera fazer Bispado a Igreja de Santa Catharina de Goa, e do primeiro Bispo que se sagrou. 269.

CAP. IX. Do que aconteceo na jornada a esta Armada até chegar a Moçambique: e de como se perdeo o galeão de Bernaldim da Silveira o Drago: e de como dalli despedio o Viso-Rey Henrique de Sousa Chichorro com cartas a ElRey: e de

co-

como o Viso-Rey chegou a Goa, e das cousas em que logo proveo. 281.

CAP. X. De como os Turcos assentáram suas estancias sobre o Castello da Villa dos Rumes: e da grande, e espantosa máquina que ordenáram pera a commetterem pela banda do mar: e de como Antonio da Silveira lha mandou queimar: e dos nossos navios, que chegáram áquella fortaleza. 289.

LIVRO IV.

CAP. I. De como os Turcos começáram a bater o baluarte de Gogalá: e de como Lopo de Sousa Coutinho foi saber o estado em que estava: e da vista que a Armada inimiga deo á nossa fortaleza: e do desastre que aconteceo nos baluartes: e da constancia, e grande fortaleza que teve huma pobre mulher na morte de dous filhos que lhe matáram. Pag. 296.

CAP. II. Do grande assalto, que os Turcos deram ao baluarte de Francisco Pacheco: e do valor com que dous homens o defendêram: e de como hum soldado chamado Antonio Falleiro foi á fortaleza com huma carta de Francisco Pacheco: ê das ruins suspeitas, que deste homem se concebêram. 310.

CAP. III. *De como os do baluarte da Villa dos Rumes se entregáram a partido aos Turcos: e de como João Pires com sinco companheiros foram mortos em defensão da bandeira de Christo, e lançados no mar: e de como seus corpos milagrosamente foram aportar á fortaleza.* 320.

CAP. IV. *Que contém o theor de huma carta, que o Baxá escreveo a Antonio da Silveira em nome de Francisco Pacheco: e do que passou na falla que teve com Antonio Valeiro: e da resposta que lhe deo: e de como os Turcos assentáram suas estancias, e começáram a bater a fortaleza.* 328.

CAP. V. *Do primeiro assalto, que os Turcos deram ao baluarte de Gaspar de Sousa, e do que nelle passou.* 339.

CAP. VI. *Do grande medo que deo no Baxá, tanto que soube que o Viso-Rey ficava pera o ir buscar: e da contagiosa enfermidade, que deo em todos os da fortaleza: e do valor, com que as mulheres acudíram aos trabalhos da fortificação.* 345.

CAP. VII. *De como os Turcos melhoráram suas estancias até as pôrem á borda da cava.* 351.

CAP. VIII. *Do grande, e geral assalto, que os Turcos deram á fortaleza: e dos espantosos casos, que nella acontecêram.* 357.

CAP.

CAP. IX. *De algumas cousas notàveis, que acontecêram aos que vigiavam a cava: e-de alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de como minàram o baluarte de Gaspar de Sousa.* 365.

CAP. X. *De como Gaspar de Sousa commetteo os inimigos, e os nossos reconhecêram a mina: e do desastre, porque Gaspar de Sousa foi morto: e de como hum soldado morreo de puro medo: e dos assaltos, que os Turcos deram á fortaleza, e de outras cousas.* 372.

CAP. XI. *De hum novo, admiravel, e nunca visto ardil de fogo, que os nossos inventáram pera se defenderem: e dos assaltos que houve: e do soccorro que chegou de Goa.* 381.

CAP. XII. *De como D. Duarte de Lima chegou com as novas de Dio ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha: e das Armadas que despedio em seu soccorro: e do grande assalto que os Turcos deram ao baluarte do mar.* 390.

CAP. XIII. *Do grande, e perigoso assalto, que os Turcos deram ao baluarte do fogo: e de hum honroso, e espantoso feito, que fez Fernão Penteado: e de outro muito notavel, e gracioso, que fez huma daquellas mulheres: e da morte que os moços da fortaleza deram a hum escravo,*

por

por huma palavra que disse em favor dos Mouros. 398.

LIVRO V.

CAP. I. *Do ardil de que os Turcos usáram pera verem se podiam tomar os da fortaleza descuidados: e do grande, e geral assalto que lhes deram: e dos raros, e espantosos casos que nelle acontecêram.* Pag. 409.

CAP. II. *De como as outras duas batalhas commettêram o baluarte: e dos casos, que acontecêram a alguns dos nossos: e de como os inimigos se retiráram desbaratados.* 421.

CAP. III. *De como o Baxá mandou recolher os seus, e se embarcáram: e dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez pera se defender, cuidando ser ardil, como da outra vez: e de como Francisco de Siqueira o Malavar tornou com recado de Antonio da Silva: e da desastrada morte de Antonio da Veiga.* 431.

CAP. IV. *De como Antonio da Silva chegou á vista da Armada do Turco: e de como o Baxá, cuidando ser a Armada do Viso-Rey, lhe foi fugindo: e de como a nossa Armada entrou em Dio: e do que aconteceo ao Baxá na jornada.* 439.

CAP. V. *Do que fez o Viso-Rey, tanto que lhe*

lhe deram novas da fugida dos Turcos : e de como Martim Affonſo de Souſa ſe embarcou pera o Reyno : e do que ſuccedeo na jornada a Nuno da Cunha, e faleceo no caminho : e de como ElRey o mandava levar das Ilhas prezo em ferros. 448.

CAP. VI. *Das couſas, que neſte tempo ſuccedêram em Ceilão : e de como o Madune tornou a fazer guerra a ſeu irmão Rey da Cota : e da Armada que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha lhe mandou de ſoccorro, e elle partio pera Dio.* 454.

CAP. VII. *Das couſas, em que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha proveo em Dio : e de como ſe tratáram pazes antre elle, e ElRey de Cambaya : e dos Capitulos, com que ſe concluíram.* 462.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a Miguel Ferreira na jornada de Ceilão: e de como tomou toda a Armada do Çamorim : e dos tratos que teve com o Madune até matar Pachi Marcá : e do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos na viagem do Eſtreito.* 471.

CAP. IX. *Do que aconteceo a Fernão de Moraes em Pegú : e de como o Bramá entrou conquiſtando aquelle Reyno : e de como Fernão de Moraes por favorecer aquelle Rey foi morto em huma batalha : e do principio, e origem deſtes Reys de Pegú : e deſcripção daquellas Provincias.* 478.

DE-

Carta delRey D. Filippe, o I. deste nome, pera Diogo do Couto, Chronista, e Guarda Mór da Torre do Tombo do Estado da India.

Diogo do Couto. Eu ElRey vos envio muito saudar. Vi vossa Carta de Goa de 15. de Novembro de 93; e tive contentamento de me dizerdes que vos dispunheis a escrever os feitos que nessas partes se fizeram desdo dia que tomei posse destes meus Reynos em diante: e que tinheis acabada a Historia desde então até ao tempo do Governador Manoel de Sousa. E vos encommendo me envieis este volume, pera o mandar ver, e imprimir: e que vos animeis pera continuardes esta Obra dos feitos dessas partes, desdo dia que os acabou d'escrever João de Barros: pera que assim possam vir á luz os serviços, que os meus vassallos Portuguezes tem feitos aos Reys meus Predecessores, e a mim. E pera o melhor poderdes fazer, mandei passar a Provisão que me pedis: em que mando que

vos sejam dadas as Provisões, Cartas, e mais Papeis que vos forem necessarios: e de vos encarregar de Guarda Mór da Casa do Tombo, que mando ordenar em Goa, pera nella se recolherem todos os Contratos, Provisões, Registos da Chancellaria, e todos os mais Papeis de importancia, que estiverem em poder do Secretario dessas partes, e d'outras pessoas, como sabereis do Viso-Rey Mathias de Albuquerque. E vos encommendo muito que nisto me sirvais como de vós confio. Escrita em Lisboa a 28. de Fevereiro de 595.

REY.

Carta delRey D. Filippe, o II. deste nome, pera o mesmo Diogo do Couto, Chronista, e Guarda Mór da Torre do Tombo do Estado da India.

DIogo de Couto. Eu ElRey vos envio muito saudar. Vi vossa Carta, e apontamento, que com ella me enviastes, e as cousas de que me dais conta, tocantes á Casa do Tombo, que hei por meu serviço que haja nesse Estado, que todas me parecêram bem. E conforme ao que se contém em vossos apontamentos, mandei passar Provisões, que iram nestas vias, que mando ao Viso-Rey Aires de Saldanha que faça cumprir inteiramente. E vos encommendo muito que de vossa parte procureis a execução dellas, e me aviseis de todas as mais cousas, que vos parecer que devo ter informação, pera nellas mandar prover, como houver por bem.

Vi as Decadas da Historia da India, que me mandastes, em que me hei por muito bem servido de vós, e do bom modo, em

que

com outros tres homens pera o serviço da Feitoria, e maneio da pimenta: deixando-lhes fazendas, e dinheiro pera comprarem toda a que houvesse naquelle Reyno: o que sabido pelo Çamorim, depois da Armada partida para o Reyno, dando-lhe os ciumes daquelle negocio, mandou dizer a ElRey de Cochim, que lhe mandasse entregar os Portuguezes que alli ficáram com toda sua fazenda. ElRey de Cochim pela palavra, e fé que delles deo a Pedralves Cabral, zombou disso; do que tomado o Çamorim, foi com grande poder sobre aquelle Rey, destruindo-o, e tomando-lhe o Reyno, matando-lhe o Principe Naramohim, que era herdeiro do Reyno, com outros dous sobrinhos por traições de seus Nayres, que os desampanáram peitados do Çamorim, ficando ElRey de Cochim perdido, e desbaratado, recolhido com os Portuguezes na Ilha de Vaipim, que só lhe ficou, assim por ser mais defensavel, como por haver entre elles hum costume, que ha entre os Christãos, que he haverem por religião serem os lugares sagrados valhacouto dos que se acolhem a elles; e assim ficarem seguros dos males que lhes podem acontecer, colhendo-os fóra delles. Assim alli ficou este Rey até ser restituido a seu Reyno pelos dous parentes Francisco, e Affonso de Albôquerque. Daqui ficáram es-

tes

tes dous Reys em tamanho odio, que nunca mais o perdêram, nem o perderáõ, travando-se entre elles tão asperas, e crueis guerras, como nas Decadas de João de Barros se conta, em que succedêram aquellas grandes façanhas, que fez Duarte Pacheco Pereira no passo de Cambalão.

Por estes odios se dividio todo Gentio do Malavar em dous bandos, lançando-se todos os Reys, e Senhores á parte a que mais obrigação tinham: tomando appellidos pera serem conhecidos, e differençados huns dos outros, chamando-se os da parte do Çamorim Paydaricuros, e os da d'ElRey de Cochim Logiricuros, como já em Italia vimos aquelles dous tão prejudiciaes bandos dos Guelfos, e Gibelinos. Os herdeiros destes dous Reys Gentios ficáram herdando com os Estados este odio entranhavel, continuando sempre em guerras com [illegible] de damno de ambos. Succedeo este anno em que andamos fallecer o Çamorim, e herdar aquelle Reyno hum dos sobrinhos filhos de huma das suas irmans, que se achou presente á sua morte; porque estes Reys (como já muitas vezes dissemos) não os herdam os filhos pelos haverem por suspeitosos pela generalidade das mulheres; mas herdam os sobrinhos filhos de suas irmans, porque estes (sejam seus pais quaes forem) sempre ficam sen-

do do ſangue Real pela parte das mãis. E deſtes ainda não herda o mais velho, nem o filho das irmans mais velhas, ſenão aquelle, que for tão ditoſo, que ao tempo do falecimento do Çamorim ſe achar com elle. Sómente os Reys de Cananor ficam fóra deſta lei pelas razões que em outra parte diremos. Eſte coſtume não ſó ſe guarda entre os Gentios do Malavar, mas ainda antre os Mouros, a quem tambem não herdão ſenão os ſobrinhos.

E tornando ao fio da hiſtoria. Eſte ſobrinho do Çamorim, que ſuccedeo no Reyno, eſte inverno em que andamos, era obrigado ir-ſe coroar ſobre aquella pedra que eſtava em Repelim, de que João de Barros trata, que os Chins deixáram em Cochim; que, ſegundo algumas eſcrituras muito antigas dos Malavares, foram já Senhores de toda aquella fralda do Malavar, por onde fundáram Cidades, e povoações, de que ainda hoje ha alguma memoria, como em Calecut hum lugar chamado Chinacota, que quer dizer, fortaleza de Chins, e em outras muitas partes. Eſtes como acháram aquellas gentes barbaras ſem Rey, ordem, lei, nem policia alguma, ordenáram-lhes leis, fazendo em todo Malavar duas cabeças: huma com todo o poder ſobre o temporal, com eſte titulo de Çamorim, que quer dizer imperar

ſo-

ſobre todos ; e outro com toda a jurdição eſpiritual, com titulo de Bramene mór, a quem aſſentáram ſua cadeira na Cidade de Cochim, deixando por Lei, que todos os Imperadôres, que ſuccedeſſem no Malavar, foſſem tomar a enveſtidura do Imperio da mão do Bramene mór, que eſtava em Cochim. Aſſim como hoje uſam os Imperadores de Alemanha em a tomar da mão do Summo Pontifice, que preſide na Igreja de Deos. E pera iſto deixáram os Chins huma pedra em Cochim, ſobre quem aquelles Imperadores eram obrigados a ſe coroarem.

A razão deſta pedra não achámos eſcrito em algum Author, nem os Chins a ſabem ; mas quanto a nós, devia aquillo de ſer coſtume uſado entre os antigos Reys da China ; e aquella pedra devia de ſer alguma couſa antre elles de grande religião, porque a trouxeram comſigo. Em fim como quer que foſſe, eſta lei ſe foi guardando até o Çamorim Perimal, que recebeo a lei de Mafamede ; e querendo ir acabar em Religião na caſa de Meca, repartio ſeus Reynos como hoje eſtam, deixando ao que deo a Cidade de Calecut o dominio ſobre todos. E aſſim como ſeus herdeiros ſuccediam no Reyno, hiam coroar-ſe a Cochim ſem impedimento algum : até que o Çamorim, de que atrás fallámos, deſtruio, e tomou aquelle

Rey-

Reyno, e levou a pedra a Repelim, aonde este que agora succedeo se quiz ir coroar, confederando-se primeiro com o Principe de Repelim, que era Logiricuro do bando d'ElRey de Cochim; e porque não podia passar áquella Ilha sem seu consentimento, ajuntou pera isso todo o poder de seu Reyno. Disto foi logo avisado ElRey de Cochim; e vendo que aquellas lianças, e amizades do Çamorim com o Principe de Repelim podiam ser destruição sua, deo conta ao Doutor Pero Vaz do Amaral Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, pedindo-lhe ajuda pera defender os passos; pera o que lhe elle deo alguns navios de remo, que se foram pôr naquelles rios pera defenderem a passagem ao Çamorim. ElRey de Cochim tambem ajuntou todo o seu poder pera acudir áquelle negocio em pessoa, convocando os do seu bando, que eram os Reys da Pimenta, de Porcá, de Diamper, de Palurte, os Mangates Caimal, e o de cabo da Lua, e outros Mangates, e Areis. O Doutor Pero Vaz do Amaral despedio logo recado mui apressado ao Governador Nuno da Cunha com cartas suas, e d'ElRey, em que lhe pediam acudisse áquelle negocio. Vendo o Governador quanto elle importava, despedio logo Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar com ...ões, e

...trin-

trinta navios de remo com que eſtava preſtes pera ir pera a coſta do Malavar. Os Capitães que o acompanháram foram os ſeguintes: Antonio da Silva de Campomaior, Manoel de Souſa de Sepulveda, que hiam nas galés, Martim Correa da Silva, Francisco de Sá o dos ocolos, Franciſco de Mello Pereira, João de Souſa Rates, D. Diogo de Almeida Freire, a que chamavam o Malavar, por ſer muito curſado naquella coſta, (que era irmão de D. João de Sande, *hum* dos grandes ginetairos que naſcêram em Portugal, e elle o não era menos que ſeu irmão,) e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que foram neſta jornada, a que não achámos os nomes. Dada eſta Armada á véla, foram ſeu caminho, em que os deixaremos por continuarmos com outras couſas, que neſte tempo ſuccedêram.

CAPITULO II.

Que trata da viagem, que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em huma fusta: e da Falla que Mestre Theofilo Napolitano Eremita da Ordem de Santo Agostinho, fez ao Papa Paulo III, e ao Sagrado Collegio dos Cardeaes em louvor dos feitos, que se fizeram na India em tempo d'ElRey D. João o III, pelas novas que lhe mandou da Fortaleza, que o Governador Nuno da Cunha fez em Dio.

HAvia hum Fidalgo na India, que se chamava Diogo Botelho Pereira, filho bastardo de Antonio Real, que fora Capitão de Cochim, sendo Viso-Rey da India D. Francisco de Almeida, e de huma mulher que trouxera do Reyno, que se chamava Iria Pereira, que ficando rica, foi creando o filho em muita vaidade. E como elle era muito habil, e tinha grande inclinação á Mathematica, deo-se a sabella, e á arte de navegar, e á Esfera, em que foi douto, e aproveitou muito nella, e fazia mui bem cartas de marear. Crescendo na idade, foram tambem crescendo nelle os espiritos, e pensamentos de maneira, que sendo mancebo foi levado a Portugal, onde El-Rey

Rey folgava de fallar com elle polo achar tão habil, e esperto, e tão curioso naquellas cousas, em que praticava com elle. Confiado elle nas partes que tinha, e nos favores que lhe ElRey fazia, quando lhe fallava, pedio-lhe hum dia, que lhe fizesse mercê da Capitanía da fortaleza de Chaul; ao que lhe ElRey respondeo sorrindo-se, *que os Pilotos não eram Capitães de fortalezas.* Enfadado Diogo Botelho Pereira da resposta que lhe ElRey deo, sahio-se pera fóra pera a antecamara, onde estava D. Antonio de Noronha filho segundo do Marquez de Villa Real, Escrivão da Puridade, que já o tinha sido de ElRey D. Manoel, que perguntando-lhe se o despachára ElRey bem, respondeo Diogo Botelho Pereira: *Senhor, o bom despacho eu o buscarei, onde mo darão a meu gosto.* Tanto que chegou á noticia d'ElRey a resposta que Diogo Botelho deo a D. Antonio de Noronha, mandou-o ElRey prender no Castello de Lisboa, e que o tivessem a bom recado, porque arreceou que se fosse pera Castella, e lá désse de si outro Magalhães. Alli esteve prezo até ir por Viso-Rey da India D. Vasco da Gama Conde Almirante, que o pedira a ElRey pera o levar comsigo por lho rogarem alguns Fidalgos seus amigos. Concedeo-lho ElRey com condição, que não tornasse Diogo Bote-

telho Pereira a Portugal ſem ſeu expreſſo mandado.

Com eſte deſgoſto andou èſte Fidalgo ſempre na India, vendo ſe ſe lhe offerecia alguma occaſião honroſa de poder tornar a Portugal. Aconteceo neſte tempo dar Soltão Badur Rey de Cambaya licença ao Governador Nuno da Cunha pera fazer fortaleza em Dio, couſa que tanto ſe deſejava, e por tantas vias ſe pertendia pera mór ſegurança do Eſtado da India. Vendo Diogo Botelho Pereira tão boa occaſião pera poder ir a Portugal, como era levar novas a ElRey de huma couſa, que elle tanto deſejava, e por tal havia de feſtejar muito, e fazer grandes mercês a quem lhas déſſe, (como vemos que fez a hum Judeo, que o Governador Nuno da Cunha mandou por terra com cartas, em que lhe dava novas, que o haviam de alegrar muito por lhe dizer, que tinha fortaleza na Ilha de Dio,) determinou fazer eſte caminho n'uma embarcação tão pequena, e tão deſacoſtumada em Portugal, que cauſaſſe grandiſſimo eſpanto ao Mundo ver que ſe atrevêra hum homem a commetter huma viagem tão longa, e de tão grande perigo n'uma embarcação tão pequena, que por tal havia de cauſar grande admiração.

E aſſim ſem dar conta a peſſoa alguma de ſua determinação, gaſtou [illegible] em

ne-

negociar a fuſta de todas as couſas neceſſarias, fazendo-lhe huma cuberta de popa a prôa, e dous lemes, vélas, traquetes dobrados, fateixas, e amarras de ſobrecelente, e quatro formoſos tanques pera agua: em fim tudo fez quanto lhe pareceo neceſſario pera poder paſſar á jornada que determinava fazer.

E como entrou o verão, embarcou-ſe com alguns homens de ſua obrigação, lançando fama, que havia de ir a Melinde, pera onde comprou algumas roupas, e contas, e foi-ſe a Baticalá, onde fez huma matalotagem muito á ſua vontade com eſta voz de ir a Melinde, a que acudíram alguns mercadores Gentios, que mettêram na fuſta algumas fazendas, o que elle diſſimulou por amor dos marinheiros, que realmente cuidavam que hiam pera Melinde. E na entrada de Outubro ſe fez á véla com os Levantes, e foi ſeguindo ſua viagem até Melinde, onde ſe deſembarcáram os mercadores que levava, e elle fez logo agua, lenha, e tomou algum refreſco, tornando-ſe a ſahir com dizer aos marinheiros, que hia a Quiloa. Tanto que ſe affaſtou da terra, ferrolhou todos os marinheiros com cadêas, que pera iſſo levava, animando-os, e promettendo-lhes muito dinheiro, ſem todavia lhes dizer que hiam pera o Reyno, ſómente lhes mettia

tia em cabeça que hia a Çofala, e por aquelles rios de sua costa a resgatar ouro; e assim foi passando por todos, tomando agua, e lenha, e fazendo mantimentos de carneiros, gallinhas, capados, arroz, milho, manteiga, que tudo achou bem barato.

De Çofala foi seguindo sua jornada de longo da costa até passar o Cabo das correntes; e de longo da costa, sem se nunca alargar, nem apartar della, foi tomando todos os rios até passar o Cabo de Boa Esperança neste Janeiro que vem de 1537. Dalli se foi engolfando com ventos bonanças, e foi demandar a Ilha de Santa Elena, onde varou a fusta pera a alimpar, e concertar como fez, dando alguns dias de folga aos marinheiros, de que já levava alguns menos, que lhe morrêram na terra fria, posto que elle levava vestidos feitos de panno pera todos elles já pera isso.

Partido daqui, atravessou aquelle grande golfo do mar, e tomou a derrota da Ilha de S. Thomé, onde se refez de agua, lenha, e mantimentos; e dalli foi tomar a barra de Lisboa em Maio, estando ElRey em Almeyrim; e entrou por aquelle grande, e formoso rio da Cidade de Lisboa dentro a remo, e embandeirado foi surgir na ponta da Golva antes de Salvaterra por não poder a fusta passar mais assima. Causou esta novi-

da-

dade em toda a Cidade grande alvoroço, acudindo a ver a fusta tanta gente, que o Téjo era cheio de barcos. Diogo Botelho Pereira desembarcou em hum batél, e foi-se a Almeyrim, e entrou com ElRey, a quem deo conta de sua jornada, pedindo-lhe alviçaras, que já tinha huma formosa fortaleza feita na Ilha de Dio. Posto que estimou ElRey muito as boas novas que lhe levava da India, vendo que lhe não levava cartas do Governador, não lhe fez gazalhados, antes se carregou, e pezou muito; e embarcando-se em hum bargantim, foi ver a fusta em que entrou, e notou devagar, folgando de ver aquella feição de navio, mandando dar de vestir, e dinheiro aos marinheiros. E não deixou de ter a Diogo Botelho por homem de grande animo, e coração, e para se lhe entregar, e encarregar qualquer grande feito, que se offerecesse. E mandou que se varasse o navio em Sacavem, onde esteve muitos annos até que acabou, indo-o ver a maior parte da Europa por espanto. Dizem que depois delle chegou Isac do Cayro Judeo com as cartas do Governador Nuno da Cunha, que elle despedio de Dio pera ElRey, que elle festejou muito, e deo ao Judeo cento e quarenta mil reis de tença em sua vida, e outras mercês na mão. E Diogo Botelho Pereira esteve muitos annos sem lhe

lhe reſponder , e depois lhe deo a Capitanía de S. Thomé em Portugal polo ter fóra do Reyno , e depois o deſpachou pera a India com a de Cananor , como em ſeu lugar diremos.

Tanto que ElRey teve as novas , mandou logo fazer grandes , e ſolemnes procisſões , e devotos Officios em louvor de Deos Noſſo Senhor pela mercê que lhe fizera. E deſpedio cartas ao Summo Pontifice de Roma , que era Paulo III , em que lhe fazia a ſaber de como ficava tendo na Ilha de Dio huma formoſa fortaleza , com que eſperava de enfrear , e quebrar a ſoberba do Turco , por ſer aquella a chave de toda a India , e ſobre que o Turco tinha mettido tanto cabedal , com o que ficava aquella fortaleza de Dio fazendo ſeguro o Eſtado da India ; e eſperava em Deos Noſſo Senhor de trazer á obediencia da Igreja Romana todo aquelle Paganiſmo , mandando-lhe huma muito larga relação de todas as couſas ſuccedidas , depois que intentou tomar aquella fortaleza de Dio , até que ſe lhe entregou.

Chegadas as cartas ao Summo Pontifice , vendo nellas tão boas , tão felices , e alegres novas pera toda a Chriſtandade , mandou ordenar huma muito ſolemne procisſão , em que ſe elle achou com todo o Sagrado Collegio dos Cardeaes , e diſſe Miſſa em Pontifical ,

e

e no cabo della fez Meſtre Theofilo Eremita Napolitano da Ordem de Santo Agoſtinho, huma muito elegante falla em Latim, encommendando-lha o Summo Pontifice por ſer homem doutiſſimo. E porque nella ſe trata huma breve relação de todas as couſas, que temos contado neſte negocio de Dio, e muitos louvores d'ElRey D. João o III, e da Nação Portugueza, nos pareceo bem pôrmo-la aqui toda *de verbo ad verbum*, aſſim pera authorizar com ella noſſa verdade, como por moſtrarmos que os louvores ditos por boca dos eſtranhos ficam menos ſuſpeitoſos; pera que veja o Mundo (como algumas vezes diſſemos) que nós meſmos ſomos os que menos caſo fazemos de noſſas couſas, que os eſtranhos.

Falla, que Meſtre Theofilo Napolitano Eremita fez ao Papa, e ao Collegio Sagrado dos Cardeaes.

» Padre Santiſſimo, Cardeaes Principes
» da terra: Se em algum tempo julgaſtes
» deverem-ſe a alguns dos mortaes eſtas ſo-
» lemnes feſtas, ſantiſſimas ceremonias, e mui
» claros pregões, com muita verdade, e ra-
» zão ſe deve julgar deverem-ſe principal-
» mente ao muito vitorioſo Rey de Portu-
» gal D. João III, que com tão ſingulares

» no-

» novas, e prosperas vitorias dos inimigos de
» Christo, e de nossa Santa Fé cada dia ac-
» crescenta, e ennobrece a Republica Chri-
» stã, e sempre nella põe, e enthesoura no-
» va gloria, como poucos dias ha que trou-
» xe, e sujeitou ao seu Senhorio a fortissima
» Cidade de Dio, unica defensão contra o
» furor dos soberbos, e arrogantes Turcos,
» e ao mesmo Senhor da dita Cidade, que
» he o muito grande, e poderoso Rey de
» Cambaya; e desta maneira adquirio a si fa-
» cil, e commodissima entrada pera sugigar
» a Christo o muito grande Senhorio de to-
» da a India. Obras são estas a que se de-
» vem estas grandes honras, pera que os Au-
» thores dellas pera maiores cousas cada dia
» mais se animem. E posto que por este re-
» speito as não fazem, entendem daqui que
» quando as executáram foram suas obras a-
» certadas. Mas primeiro que tudo confesse-
» mos, recebermos estes tão singulares bene-
» ficios da poderosa, e liberalissima mão do
» Senhor Deos; e tambem se deve confes-
» sar, que os recebemos pela felicidade, e
» santa religião de Paulo III Presidente da
» Republica Christã; porque nunca Deos tem
» tanta ira contra nós, nem está tão commo-
» vido contra nossos peccados, que se es-
» queça de sua bondade, e clemencia. Nem
» já mais está tão aparelhado pera vingança,
quan-

» quando o offendemos, que não esteja mais
» prompto pera perdoar quando conhecer-
» mos nossa culpa.

» Isto confessam todos aquelles, que, pe-
» la inclinação que tem de peccar, medíram
» a facilidade do Senhor pera perdoar; e mui-
» to mais o devemos confessar os que vive-
» mos até este tempo, em que como que es-
» tivesse tão provocado á ira por nossa mal-
» dade, que parecia tirar sua mão de nós:
» E como por isso eramos avexados com tan-
» tos males, e postos no fundo com tantas
» perdas, que não havia já lugar pera onde
» se pudesse fugir, nem modo pera poder
» escapar; então movido esse mesmo Senhor
» pelos rogos, e lagrimas dos humildes, apla-
» cou sua ira, e soccorreo nossas miserias,
» pois deo por guia, e regedor da Republi-
» ca Christã ao Religiosissimo, e Santissimo
» Papa Paulo III, per cujos merecimentos
» nos quiz antes perdoar, que castigar por
» nossas culpas. Porque tanto que foi creado
» por nosso Pastor, logo nas cousas resplen-
» deceo nova figura, como que as da Fortu-
» na, e Natureza se mudassem, e todas co-
» meçáram succeder prosperamente. Antes
» disto o crudelissimo Rey dos Turcos mo-
» via atrocissimas guerras contra Christãos,
» fazia muitos estragos, combatia, e tomava
» muitas Cidades, e Reynos; e por derra-

 » dei-

» deiro o seu Barba Roxa ousado Capitão,
» inimigo de Christo, com huma grande fro-
» ta ameaçando, rodeou nossos confins, e
» occupou em Africa hum Reyno, e orde-
» nou ahi assento contra Italia, principalmen-
» te contra esta nossa Cidade de Roma, e
» ahi se fez forte, e accrescentou seus exer-
» citos, e forças pera que com mais facili-
» dade nos commettesse. Mas tanto que co-
» meçou a governar a Igreja o Papa Paulo
» III, este inimigo inchado com tantas vito-
» rias tornou atrás, e alevantado com tan-
» tos triunfos, voltou as costas, e soberbo com
» tantos esbulhos, aprendeo a haver medo.
» Digo que começando a reinar Paulo III,
» os inimigos de Christo mui poderosos fo-
» ram affugentados, e derramados, e suas
» Cidades, e munições tomadas, e suas for-
» ças abatidas: e das primeiras vitorias que
» delles se houveram, he sem nenhuma dif-
» ferença aquella, que se ganhou na India por
» ElRey de Portugal D. João o III.

» Mas pera que huma tão insigne vitoria
» se estime como ella merece ser estimada de
» todos os Christãos, peço que me ouçais,
» e que com todo vosso animo atenteis, por-
» que hei de dizer cousas não só dignas de
» serem ouvidas, mas merecedoras que de
» necessidade se saibão: ainda que a gran-
» deza deste negocio me pedia mais tempo

» do

» do que me he dado, e pela brevidade del-
» le recusára com razão este trabalho de di-
» zer, se me fora dado não obedecer a quem
» mo manda; e se me não parecêra ser mais
» feio a hum homem Religioso calar em hum
» triunfo, e prazer de Christãos tão com-
» mum, que fallar o que pudesse, ainda que
» fallar não soubesse.

» O grande Rey D. Manoel pai deste vi-
» ctorioso Rey D. João o III, fez muitas
» guerras; e ainda que deixo de fallar nos
» outros Reys de Portugal atrás, claros, e
» não de menos virtudes por fama, por quem
» toda a Lusitania foi tirada do poder dos
» Arabios, e ganhado o Reyno pera seus
» Successores, e os muitos Templos, e Ca-
» sas sagradas que edificáram, podem dar tes-
» temunho de seu catholico animo pera com
» Deos. Mas este grande Rey D. Manoel
» conquistou por armas a Ethiopia, Arabia,
» Persia, e a India citerior, e navegáram os
» seus aquelle grande espaço de mar Ocea-
» no, que nenhum dos mortaes antes delles
» ousáram navegar, passando de todo pelo
» mar Roxo. E nas ditas partes teve muitas
» guerras, e deo muitas batalhas, occupou
» muitas, e diversas regiões, sujeitando mui-
» tos Reynos, e Senhorios a seu poder. E
» o que foi muito maior do que he todo o
» louvor, levou o Nome, e Fé de Christo

» aos mais remotos fins da redondeza da ter-
» ra. E em tão claros feitos, e victorias fica-
» va na India inteiro, e sem ser tentado dos
» Portuguezes o Reyno de Cambaya; prin-
» cipalmente aquella muito fortificada Cida-
» de, e fortaleza celebrada no dito Reyno,
» jardim de todo o Oriente, a que chamam
» Dio, que está posta na entrada do mar In-
» dico, e no estremo promontorio da encea-
» da Cantincolpus, Cidade muito convenien-
» te pera os Portuguezes della resistirem ao
» poder, e furor dos Turcos, que com gran-
» de frota junta no mar da Arabia amea-
» çavam haverem de ir á dita Cidade polas
» fozes do mar Roxo, e tomarem por for-
» ça tudo o que os Christãos tinham occu-
» pado; e que assim seriam senhores de to-
» do o Imperio do mar Indico.

» Era esta Cidade, assim pela condição,
» e natureza do lugar, como por artificio
» humano, inexpugnavel; porque estava edi-
» ficada sobre huma rocha, cercada de mu-
» ros, e de muitas torres, e valada toda
» em roda com hum apparato de máquinas
» de arame, que parecia ser mais propria
» pera ser guarda de mulheres, que pera se
» nella exercitarem homens. Esta, posto que
» muitas vezes os Portuguezes a commettes-
» sem com todas suas forças, e nenhuma cou-
» sa aproveitasse, com tudo ElRey D. Ma-

» no-

» noel, que todas as mais cousas acabára
» com facilidade, pera que não fosse visto
» com alguma quebra, desistio desta empre-
» za, onde fizera tantos gastos com perda de
» homens, e náos, e nenhuma cousa mais
» desejava, e menos esperava; porque em
» pouco estimava o nome, e senhorio que
» ganhava na India, pois não tomava este
» lugar. E como não visse modo pera pôr
» por obra seu desejo, e desconfiasse poder
» alcançalla por saber humano, determinou
» de a deixar, e dilatar esta empreza pera ou-
» tro tempo, que lhe succedesse melhor, e se
» offerecesse occasião de mais prospero, e fe-
» lice successo.

» O' Rey vitorioso, pera isto vos chama
» vossa boa fortuna, e esta vitoria se guar-
» da pera vossa dita, e grande felicidade!
» Ora armai-vos pera obra, que he de tanto
» trabalho. Que cousa haverá que vos pos-
» sa mover disto? Por ventura a difficulda-
» de do lugar? Como! a prudencia não ven-
» ce tudo? Não he ella mais poderosa que
» a fortaleza? Onde o leão não chega, tra-
» ga assim a pelle da raposa. Pola ventura o
» poder, e grande numero dos inimigos põem
» esse medo? Parece que não, porque lemos
» serem muitos quasi sem numero vencidos,
» e desbaratados de poucos; porque não he
» a multidão a que vence, senão o valor,

» e

» e a prudencia. Detem-vos pela ventura as
» grandes fortalezas, e grandeza dos trabalhos, e exercitos de soccorro? Todas estas, e outras maiores difficuldades vence
» a industria, e saber da guerra. Haja vontade de commetter a obra, que não faltará poder pera a acabar. Se considerais a
» difficuldade presente, ponde os olhos na
» gloria que se espera alcançar, e ser-vos-ha
» tudo facil; porque mais he o que se espera de premio, do que he o que se representa de trabalho; porque o perigo de pouco tempo se restaura, e satisfaz com se alcançar huma gloria perpétua, e fama que
» sempre dura. E além disso tanto mais doce, e gostosa soe ser a vitoria, quanto
» com mór risco, e perigo se alcançou.

» Cuidando comsigo ElRey D. João estas cousas, oução-me o modo que teve
» de alcançar a vitoria. Este valoroso Rey,
» verdadeiro imitador da gloria de seu pai,
» parecendo-lhe que não ficára tanto herdeiro do Reyno, quanto da virtude; e como tivesse pera si, que não bastava pera
» seu Estado defender sómente o que lhe ficou de seu pai, Rey tão victorioso, se elle não fizesse outras cousas algumas dignas
» de immortal memoria, e merecedoras de
» seus Successores as imitarem. (Porque os
» Reys não se hão de entregar ao ocio, e

» de-

» deleitações, mas hão sempre de traba-
» lhar por cousas, que dem aos que depois
» vierem testemunho de como vivêram, e fo-
» ram merecedores do Reyno, e de como
» fizeram feitos, que os outros pudessem es-
» crever, e imitar.) Manda a seus Capitães
» que tinha na India, que não cessem do ne-
» gocio da guerra, nem menos trabalhem,
» em quanto elle reinar, por fazerem cou-
» sas novas, e ganharem novos Reynos, do
» que trabalháram em tempo de seu pai;
» mas antes com mais promptos animos, e
» esforçados corações insistam na gloria da
» guerra; e que commettessem outra vez a
» Cidade de Dio, empreza que seu pai já
» deixára, e em que elle não desfaleceria em
» tão honrados começos, e que pera toma-
» rem aquella fortaleza não perdoassem a tra-
» balhos, nem a despezas; porque naquelle
» negocio consistia toda a summa, e perfei-
» ção das vitorias; e com aquelle feito acá-
» bado se ficava approvando sua fé, e con-
» stancia.

» Os seus Capitães por obedecerem mais
» á vontade, e mandamento do seu Rey,
» que por terem confiança de aproveitarem
» alguma cousa no que lhes mandava, co-
» meçáram logo a renovar a guerra; põem
» sua frota defronte da Cidade, lançam gen-
» te em terra, e com diligencia attentam todos

» os

» os lugares donde se possa commetter: in-
» sistem na obra, commettendo-a muitas ve-
» zes com grande impeto, e furor; ás ve-
» zes simulavam, e fingiam retrahir-se, pera
» tomarem algumas guardas descuidadas, não
» deixando cousa que não tentassem, com-
» mettessem, e experimentassem; e por der-
» radeiro escrevem a ElRey não terem es-
» perança de algum bom effeito, sem o soc-
» corro Divino; e que se insistissem em com-
» metterem a fortaleza, affirmavam que se-
» ría com grande damno dos seus, e perda
» da frota. Ouvindo isto ElRey, toma me-
» lhor conselho por não pôr os seus a tan-
» to perigo, e ordena levar-se aquelle nego-
» cio por outra via, fazendo guerra continua
» áquelle Rey, e ao Reyno, saqueando-
» lhe Cidades, destruindo-lhe os campos, e
» impedindo-lhe por mar, e por terra os
» mantimentos, até que cançado, e forçado
» da necessidade viesse a concerto, e offere-
» cesse fortaleza na Ilha de Dio, onde tan-
» to havia que se desejava; e o caso succe-
» deo conforme aos desejos d'ElRey. Por-
» que Soltão Badur Rey de Cambaya, per-
» seguido com tantas perdas, e damnos do
» Reyno, que lhe não davam lugar pera po-
» der respirar, espantado do grande esfor-
» ço dos Portuguezes, pera que merecesse
» sua graça, e amizade, entrega a Nuno da

» Cu-

» Cunha Governador da India em nome
» d'ElRey de Portugal a Cidade de Baçaim
» com todos os seus termos, e rendas.
» Está esta Cidade junto do mar, assen-
» tada pera a parte do Oriente, mui rica de
» campos, lugares, aldeias, e ilhas, que
» dão a ElRey cada anno de pensão cem
» mil cruzados. E pela grande fertilidade da
» terra he muito populosa, e abundante de
» todas as cousas, principalmente de matos,
» que em muita abundancia dão madeira
» pera edificação de todas as náos, e Ar-
» madas. E não dahi a muito tempo, pe-
» ra que o Badur confirmasse a paz, e a-
» mizade com os Portuguezes, fez a saber
» a Nuno da Cunha, que determinava en-
» tregar-se a si, e a Cidade de Dio com
» alguns honestos partidos, e que pera is-
» so fosse logo ver-se com elle, pera que fi-
» zesse huma fortaleza no lugar que qui-
» zesse. Alvoroçado Nuno da Cunha com no-
» vas de tanto gosto, e contentamento, par-
» tio pera a Cidade de Dio com sua frota
» bem armada, que com muita diligencia
» ordenou edificar huma fortaleza na melhor
» parte da Cidade sobre o porto, com ba-
» luartes, e muros sobre o mar, e fez pa-
» cto com ElRey de Cambaya, que não
» consentisse entrarem os Turcos pelos ter-
» mos de seus Reynos, nem os ajudasse com
» soc-

» ſoccorro, nem mantimentos: e aſſim fez
» outros concertos de muita honra aos Por-
» tuguezes, ſobre o que Nuno da Cunha eſ-
» creveo cartas a ſeu Rey muito mais diſ-
» cretas, e copioſas, do que eu poderei em
» breve dizer com palavras.

» Mas eſtando as couſas neſte eſtado, ſuc-
» cedeo hum caſo muito opportuno pera boa
» felicidade, e dita d'ElRey de Portugal:
» eſte foi, que Hamau Paxá Rey de Carma-
» nia veio contra o Badur Rey de Cambaya
» (não ſei porque cauſa) com ſetenta mil fré-
» cheiros de cavallo, ſegundo os coſtumes
» dos Parthos, e com elles duzentos mil de
» pé: e ElRey de Cambaya bem pudéra
» encontrallo no caminho não com menos
» exercito que o ſeu, mas uſando de máos
» conſelheiros, pera que não paſſaſſem ſeus
» ſoldados o perigo a arbitrio da Fortuna;
» que principalmente tem dominio nas guer-
» ras, retrahindo-ſe de pelejar, ſe recolheo
» a parte ſegura. Mas ElRey de Carmania
» lhe tomou todos os mantimentos por ſer
» mais esforçado com gente de cavallo. Ven-
» do Soltão Badur perecer a ſua gente á fo-
» me, pera que elle com os ſeus juntamen-
» te não foſſe cativo do inimigo, tomou con-
» ſelho ſobre a fugida, que tanto que ſe
» publicou, não ſe póde crer quão derriba-
» dos, e poſtos por terra ficáram os cora-

» ções,

» ções, e animos dos soldados, e tanto enfraquecêram cortados do medo, e temor; que como os inimigos os commettêram, facillimamente se lhe rendiam, e entregavam cruzando as mãos sem esperarem golpe de espada. Pelo que sahindo-se Badur secretamente do arraial com sua familia, e riquezas, e com todo o movel de sua Casa Real, se foi acolher á Cidade de Dio, fortaleza muito segura, mais pera ser vista de longe, que pera se combater de perto, pera que nella os Portuguezes fossem a sua total defensão.

» Esta fortaleza se entregou com todas as suas cousas a Nuno da Cunha Governador da India em nome d'ElRey de Portugal. Desta maneira succedeo, que os Portuguezes não sómente tivessem a Cidade de Dio por tanto tempo desejada, mas ainda a de Baçaim Cidade insigne, cheia de muitas riquezas, com o seu proprio Rey, e todo o Reyno, que era terror da India. Este victoriosissimo Rey D. João fez vãos os votos de Alexandre, quando sacrificou aos seus Deoses no mar Indico; e depois de feitos seus sacrificios, lhes rogou não permittissem a algum dos mortaes passar além daquelles termos, que elle passára; mas ElRey D. João o III fez por mais largos termos muito certo caminho aos seus. Ale-

» xan-

» xandre Magno além do rio Gange cami-
» nhou por terra nera a India por caminhos
» sabidos, e trilhados; mas ElRey D. João;
» que abrio caminhos aos mortaes por onde
» antes não era caminho, porque se não cha-
» mará Magno? Entrou pelo mar Oceano
» até chegar a regiões, e lugares mui desco-
» nhecidos aos homens, onde nunca se che-
» gou por navegação, e entrou pelos fins da
» redondeza da terra. Alexandre tem-se por
» Magno, porque por onde passava, trazia;
» e sujeitava a seu jugo Reys, e seus Rey-
» nos; pois porque por isso mesmo não se
» terá assim por Magno ElRey D. João o
» III, que todas as partes que conquistou;
» trouxe a seu poder, e senhorio?

» Dizem de Alexandre Magno, que além
» de outros feitos illustres com que grande-
» mente floreceo, foi edificar a Cidade de
» Dio nas partes da India, que com nenhu-
» mas forças se pudesse vencer pelejando, e
» que fosse senhora da terra, e do mar: por-
» que não se terá por maior que elle ElRey
» D. João, que por sua industria tomou, e
» senhoreou a mesma Cidade, ainda que fos-
» se inexpugnavel, ficando senhor do mar,
» e da terra? Porque se affirma com razão,
» que Alexandre fundou esta Cidade, e lhe
» chamou de seu nome Dio; porque elle dos
» aduladores, e lisongeiros se chamava *Di-*

» vus

» *vus* filho de Jupiter Amon: este vocabulo » Grego *Divo*, em lingua Latina, quer di- » zer *Divino*. E tambem edificou outra na » Assyria do mesmo nome.

» ElRey Badur não recusou pelejar com » Hamau por amoestação humana; mas o » conselho Divino, que tudo dispõe sua- » vemente, o deteve, pera que não experi- » mentasse suas forças, nem ousasse commet- » ter as dos inimigos; porque ElRey de Car- » mania, ainda que potentissimo, não era » tão poderoso, que puzesse em fugida a El- » Rey de Cambaya: o poder de Deos o » compellio, e o fez fugir, e não o impeto, » e forças de Hamau; mas o poder da Di- » vina vontade o constrangeo vir fugindo até » á Cidade de Dio, pera que o submettesse » ao arbitrio, e poder dos Christãos. E is- » to se deve ter por muito certo argumento » da Divina Providencia, sem o que devem » todos ter pera si, que nenhuma cousa acon- » tece, nenhuma se faz nas cousas humanas, » que Deos o não proveja, determine, & » declare.

» O' Rey invencivel, não vedes quanto » Deos estima vossa religião, quanto favo- » rece vossa virtude, quão presente está a » vossos intentos, e desejos? mais tendes do » que desejastes; mais alcançastes do que es- » peraveis, e mais do que se póde crer. O'

» ver-

» verdadeiro Rey D. João o Magno, que
» pera si ganhou grande nome entre nações
» tão estranhas, estranhas mostrastes vossas for-
» ças a póvos indomitos, ferocissimos, e
» pertinazes desestimadores da vossa, e nos-
» sa Santissima Fé! Enxiristes a Religião Chri-
» stã nos lugares, e corações das gentes re-
» motissimas, e ferozes: ganhastes tão gran-
» de número de almas a Deos nosso Senhor!
» Com verdade bemaventurado, que com
» a prospera felicidade de Paulo III vences-
» tes a difficuldade da Natureza, e grandeza
» das forças humanas; e o que vossos ante-
» passados não pudéram, vós só o acabastes.
» Com que louvores vos louvarei, que tão
» longe estendestes, e tanto dilatastes o Im-
» perio de Christo? Que graças, que louvo-
» res vos podemos dar por cerrardes o im-
» peto feroz dos Turcos, pera não pode-
» rem ter entrada nas terras dos Christãos?
» Que insignias, que estatuas vos levantare-
» mos por destruirdes tantos exercitos de
» Mouros, e vencerdes tantos, e tão pode-
» rosos Reys? Que triunfos vos ordenare-
» mos por tantas vitorias, quantas alcanças-
» tes dos inimigos de Christo? Que titulo
» vos daremos por ganhardes tantos Rey-
» nos?

» Publio Cornelio Scipião, porque ven-
» ceo em Africa Anibal, se chamou Africa-
» no;

» no; Leucer ſeu irmão por vencer em Aſia
» ElRey Antioco, Aſiatico; Publio Corne-
» lio Scipião Emiliano, porque deſtruio a Nu-
» mancia, Numantino; e outros muitos me-
» recêram nomes por gentes que vencêram;
» mas ElRey D. João, que com ſoccorros
» muito fortes, e gaſtos immenſos ſuſtenta
» nove Cidades fortiſſimas em Africa, e com
» fortaleza, e conſtancia as defende dos en-
» contros, e combates dos inimigos de ca-
» da dia, e ainda de cada hora; e ſegura
» não ſómente a Luſitania de que he Rey,
» e muitos Reynos fez ſeus, e ſempre com
» felicidade pelejou, tendo a Deos por ſua
» guia, não ſe chamará certo ElRey Dom
» João Africano, não Ethiopico, não Per-
» ſico, não Arabico, não Indico, mas do-
» mador de todas eſtas gentes, e ſenhorios;
» mas perſeguidor dos Mouros, e defenſor
» da Religião Chriſtã. Padre Beatiſſimo, com
» razão vos deveis de alegrar muito, que
» ſendo Governador da barca de Chriſto, eſ-
» te Rey tão vitorioſo haja paſſado tão ſem
» medo tantos mares, e trazido á verdadei-
» ra Fé as mais apartadas, e remotas partes
» da redondeza da terra; porque as voſſas
» orações, e as noſſas juntamente, ſendo vós
» o author, offerecidas diante de Deos, não
» foram em vão, nem o Senhor Deos de to-
» do deſeſtimou voſſas, nem noſſas lagrimas,

» e

» e suspiros. E posto que Reys Christianis-
» simos, e religiosissimos contendam entre
» si com odios, e perturbem a paz, e socce-
» go dos Christãos, e levantem muito gran-
» des ondas na vossa barca, não falece com
» tudo em outra parte Rey potentissimo, Rey
» poderosissimo, Rey religiosissimo, que não
» peleja contra Christãos, mas contra os ini-
» migos de Christo: não faz entradas por ter-
» ras de Catholicos, mas de Mouros: não
» toma Cidades daquelles, que estam conjun-
» tos com a Fé, mas dos infieis que são con-
» tra ella: não persegue aos Principes pios,
» mas aos impiissimos: não derrama sangue
» de fieis, mas de infieis. Esta só empreza to-
» mou á sua conta de destruir o poder dos
» Mouros, e tirar-lhes de todo o senhorio.
» Este só caminho ordenou pera acquirir lou-
» vor. debilitar-lhes as forças, porque ne-
» nhuma cousa lhe parece melhor, que mos-
» trar-se delles temido: nenhuma julga por
» mais honesta, que ser-lhes contrario: ne-
» nhuma por maior, que constituir-se por se-
» nhor delles. Prouvesse a Deos, que os ou-
» tros Principes Christãos fizessem isto, & os
» odios, que se tem huns contra os outros,
» convertessem contra os inimigos de Chri-
» sto. Senhor, se vos aprouvesse que estes tra-
» balhassem por este genero de gloria, e que
» as forças que contra si experimentam se

» em-

» empregassem todas nos Turcos, e que de
» taes feitos como estes se houvessem inveja
» huns aos outros.
» Padre Santissimo, se não trabalhais com
» vossa prudencia, saber, e authoridade de
» concordar as differenças dos Principes Chri-
» stãos, e cortar toda a occasião de guerra;
» (como na verdade fazeis;) se os não exhor-
» tais a que não sómente deixem as armas,
» que tomáram pera se destruir, mas ainda
» conformes nas vontades as tomem pera apa-
» garem os inimigos de Christo, e do seu
» Santissimo, e gloriosissimo Nome; e se os
» não amoestais, que não sómente tornem
» em graça, e firme amizade, mas que se
» unão pera destruição dos Turcos: se algum
» tempo não proverdes a nossas cousas, que
» assim estam affligidas, miseros de nós, com
» que trabalhos não seremos avexados? Que
» invenção de males, e desaventuras não ex-
» perimentaremos? Por isso, Santissimo Padre,
» não desistais de com continuas orações, e
» piedosos votos pedir a Deos, que ajunte,
» e una em amor os corações, e vontades
» destes Principes, e os incite, e inflamme pe-
» ra opprimirem o furor dos Turcos; e com
» esta tal obra nos restituam paz, e espiri-
» to, e elles fiquem mais gratos a Deos, e
» dos homens mais encommendados, e por
» taes merecimentos na Republica de Chri-

» sto, não huma vez, mas muitas sejam ce-
» lebrados, como he agora o mui claro Rey
» de Portugal D. João III, com os mesmos
» sacrificios, e solemnes ceremonias, e iguaes
» pregões de louvores. »

CAPITULO III.

Da alteração que Manoel de Sousa Capitão de Dio sentio na gente da terra: e de como o Governador Nuno da Cunha acudio a isso, e despedio Martim Affonso de Sousa pera a costa do Malavar.

DEspedido Martim Affonso de Sousa pera Cochim, teve o Governador logo cartas de Manoel de Sousa Capitão de Dio, em que lhe pedia com muita instancia fosse acudir ás cousas daquella fortaleza, porque havia grandes movimentos, e alterações nos naturaes; e que tinha por mui certo, que Soltão Badur descarregaria sobre ella toda sua potencia, como de feito elle se preparava pera isso; porque des que teve recado de serem os Magores sahidos de seus Reynos, começou a resfolegar, e a tomar alento. E assim logo lhe começáram a acudir alguns Rayas Resbutos seus vassallos, que se fortificáram em serras, e passos difficultosos, onde escapáram da furia dos Magores. E recrescendo muita gente a ver o seu

Rey,

Rey, tornou a fazer hum potente exercito, com que foi visitar seus Reynos, tornando-os a socegar, e quietar, no que gastou o inverno; e na entrada do verão tornou-se pera a Cidade de Amadabá.

Vendo-se este barbaro outra vez em sua potencia, cuidando nos successos passados, e de como por sua fraqueza estivera arriscado a perder hum tamanho Imperio; e que ella fora causa de elle conceder fortaleza em Dio aos Portuguezes, (cousa que mais sentia que todas,) de que andava tão triste, e malenconizado, que não admittia conselho de ninguem; porque via que suas náos, que daquella Ilha partiam pera Meca, não podiam já navegar com aquella liberdade que dantes, e que forçado haviam de tomar salvo conducto dos Governadores da India, do que se havia por muito affrontado; porque lhe ficavam tendo os Portuguezes com aquella fortaleza hum pé no pescoço, como em outro tempo a Cidade de Argos em Corintho em poder de Estrangeiros a toda a Grecia, que pelo muito que subjugavam aquelle Imperio, lhe chamavam grilhões de Grecia. Assim, na verdade, esta fortaleza de Dio o ficava sendo a todo o Reyno de Cambaya. Do que o Badur andava tão apaixonado, que não havia poderem-no consolar, com lhe affirmarem os Grandes, que todas

as vezes que quizessem izentaria a sua Ilha; o que podia fazer pola fraqueza daquella fortaleza, e da falta da agua, e lenha, e de todas as mais cousas de que se provía da Ilha; que como se lhe defendessem, sem golpe de espada lha tornariam os Portuguezes a entregar. Com isto se moderava elle alguma cousa em sua paixão, mas não pera deixarem de lha entender todos, tratando de pôr logo as mãos áquelle negocio.

E como todos entendiam a vontade de seu Rey, começáram os nossos em Dio a sentir alguma alteração na gente da Cidade, onde hiam comprar as cousas necessarias, porque lhes faziam os Mouros algumas sobrançarias, que muitos soffriam tão mal, que lançavam mão ás espadas pera logo se satisfazerem; e assim se altercavam algumas brigas, em que houve damno de parte a parte, o que Manoel de Sousa Capitão da fortaleza sentia muito, mas dissimulava por lhe ser assim necessario, porque não tinha outra agua senão a que lhe levavam da Ilha. De todas estas cousas avisou logo ao Governador, e lhe pedio que acudisse com muita pressa a ellas. Vendo Nuno da Cunha tantos mares alevantados pola proa, encommendou tudo a Deos; e pondo em conselho aquelle negocio, assentou-se ser necessario largar tudo, e acudir a Dio, que era o mais

im-

importante da India. Com esta resolução despedio logo Diogo de Mesquita em catur muito ligeiro pera ir a Cambaya visitar Soltão Badur como de si, porque era muito seu amigo do tempo que lá esteve cativo; porque como sabia muito bem a lingua Guzarata, e era Fidalgo de muito bom entendimento, podia notar tudo, e saber por suas intelligencias a determinação de Soltão Badur; encommendando-lhe muito aquelle negocio, e que o fosse esperar a Madre Faval, pera que quando elle atravessasse a Dio, o achasse já alli pera o avisar do que lá hia.

Partido Diogo de Mesquita, despachou o Governador as náos do Reyno, de que era Capitão mór Jorge Cabral, pera irem tomar a carga a Cochim, escrevendo a El-Rey o estado em que a India ficava. E desembaraçando-se de todos os negocios, embarcou-se pera Dio no primeiro de Janeiro de 1531 com só quatro galeões, e doze navios de remo, e foi tomar Chaul, onde o deixaremos, porque he razão que continuemos com Martim Affonso de Sousa, que deixámos despedido do Governador Nuno da Cunha pera se partir pera Cochim.

CAPITULO IV.

Que trata da viagem que Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar fez quando o Governador Nuno da Cunha o mandou á costa do Malavar: e de como destruio, e desbaratou os Principes Malavares na Ilha de Repelim, indo em sua ajuda Jorge Cabral Capitão mór das náos do Reyno, com os Capitães das náos de sua conserva, que estavam em Cochim pera tomar a carga da pimenta.

COmo ventavam os Levantes, que eram prosperos pera a jornada que Martim Affonso de Sousa havia de fazer pera a costa do Malavar, em poucos dias a foi tomar, por onde foi dando, destruindo, e assolando todos os lugares maritimos do Reyno do Çamorim, que estava já com todos os Principes do seu bando na Ilha de Repelim; posto que sua pessoa não tinha ainda passado a ella, por lho defenderem os nossos navios, que já lá andavam nos passos; e os Principes da sua liga, primeiro que elle chegasse, se tinham já mettido dentro com quarenta mil homens; e o Çamorim estava da outra banda com outra maior cópia. ElRey de Cochim, e o Doutor Pero Vaz do Amaral Veador da Fazenda, e Capi-

pi-

pitão de Cochim, estavam tambem com todo o poder nos passos, porque o Çamorim não passasse á Ilha, tendo com a sua gente muitas escaramuças, em que os Portuguezes, que eram seiscentos, tinham sempre o melhor quinhão, porque sobre elles descarregava ElRey aquelle negocio. Depois que Martim Affonso de Sousa deo aquelle grande, e soberbo castigo pela costa do Malavar, deixando-a quasi toda mettida a ferro, e fogo, foi passando a Cochim aonde chegou, e soube estar ElRey de Cochim com o Capitão sobre os passos de Repelim, e ajuntando-se com Jorge Cabral Capitão mór das náos, e com os Capitães dellas, e da Armada, poz em conselho o que faria naquelle negocio, e assentou-se que era necessario metter-se todo o resto, e trabalhar-se por deitarem fóra aquelles Principes; porque se se dissimulasse com elles, podia ser destruição do Reyno de Cochim, e de toda a India, pera o que Jorge Cabral se offereceo com toda a gente de suas náos.

Assentado isto, negociou-se o Capitão mór, e Jorge Cabral com todos os Capitães das suas náos nos seus batéis, em que mandou metter falcões, e berços, e a mór parte da gente das náos, e prestes tudo, foram-se pelos rios dentro, e chegáram aos passos, em que ElRey de Cochim com o Capi-

pi-

pitão estavam, de quem foi muito festejado. E praticando sobre aquelle negocio, ordenáram de passarem logo á Ilha de Repelim, e não consumirem o tempo em saltos, e escaramuças. Martim Affonso de Sousa fez alardo de todos os Portuguezes; e achou mil e duzentos, de que fez duas batalhas; e elle, que havia de levar a dianteira, huma de toda a soldadesca; e o Doutor Pero Vaz do Amaral Capitão com toda a gente das náos; e a de Cochim a outra, que havia de acompanhar ElRey de Cochim, que tinha com os do seu bando perto de quinze mil homens, querendo Jorge Cabral com os seus Capitães achar-se na dianteira com Martim Affonso de Sousa.

Negociados todos, hum dia de madrugada, saltáram em terra, onde acháram os Principes com grosso poder, que acudíram a lhes defender a desembarcação, travando-se entre todos huma muito aspera, e cruel batalha, em que começou haver muito damno d'ambas as partes. Das particularidades desta batalha não trataremos; porque não achámos já homens dos que nella se acháram, nem lembranças algumas; sómente sabemos, que estiveram os nossos de todo perdidos, tanto, que lhes foi necessario a todos pelejarem polas vidas, que todos tiveram bem arriscadas. E foi a cousa de feição, que co-

me-

meçou a haver desmando nos nossos em algumas partes. ElRey de Cochim, e o Doutor Pero Vaz do Amaral tambem estiveram em grande perigo; mas Martim Affonso de Sousa foi o que esteve de todo desbaratado, por carregar sobre elle todo o poder. Aqui fizeram elle, Jorge Cabral, Antonio da Silva, e outros Capitães, e Cavalleiros cousas muito notaveis, sustentando elles o pezo dos inimigos, que como desesperados remettiam com os nossos, mettendo-se por suas armas sem receio, nem temor da morte. E assim apertáram tanto com os nossos, que se vio Martim Affonso de Sousa perdido, e recolherem-se os seus como desbaratados.

E vendo-se naquelle transe, olhou pera Antonio da Silva, que estava mais perto delle, e perguntou-lhe o que fariam? Ao que lhe elle respondeo, que já não havia outro conselho mais, que se encommendar a Deos, e ao valor do braço.

E acudindo-lhe á memoria hum remedio mui apressado, (que foi a total salvação de todos,) mandou-o pôr por obra: Que foi mandar a hum daquelles Capitães, que se embarcasse em alguns navios, e fosse dar por outra parte da Ilha pera divertir os inimigos, o que elle logo fez, (e quem foi não achámos em lembrança, sómente sabemos que se embarcou,) e com alguns na-

vios

vios cheios de moços, e muitos com muitas lanças, tocando trombetas, e tambores, foi demandar outro passo, fazendo tamanho estrondo com os gritos, vosarias, e bombardadas, que sendo ouvidas dos inimigos, que andavam já como victoriosos, embaraçados com aquelle negocio, paráram, levando já Martim Affonso de Sousa de arrancada. E elle, como bom Cavalleiro que era, e de grande acordo, entendeo aquelle termo que os inimigos fizeram, e ouvindo lá os estrondos dos navios, appellidando rijamente *Sant-Iago*, foi carregando sobre elles acompanhado de Jorge Cabral, de Antonio da Silva, e dos mais Fidalgos, e Capitães: levando com aquelle impeto os inimigos de arrancada, os começou a pôr em desbarato.

Assim lemos que aconteceo a Minucio Rufo naquella grande batalha que teve com os Scordises, e Dacios; mas este primeiro que désse a batalha, tinha mandado a seu irmão, que com os escravos, e outra gente inutil arrebentasse por outra parte, como que hia de refresco, com o que desbaratou os inimigos. Mas Martim Affonso de Sousa não tinha dado ordem a este negocio, antes alli se lhe offereceo de repente, e foi de tanto proveito, que logo os inimigos se puzeram em fugida. Vista aquella supita mudança pe-

los

los noſſos, tornáram a voltar bradando *Vitoria, vitoria.* ElRey de Cochim, e o Doutor Pero Vaz do Amaral Capitão de Cochim, que tambem eſtiveram em grande balanço, ouvindo a voz, arrebentáram ſobre os inimigos, em quem foram matando cruelmente. O Principe de Repelim vendo-ſe perdido, e a deſtruição que os noſſos hiam fazendo nos ſeus, tratou de ſalvar ſua peſſoa, e logo ſe paſſou á outra banda por outro paſſo, por onde ſe paſſáram a mór parte dos ſeus. Martim Affonſo de Souſa foi ſeguindo os inimigos até os enſacar, e ficar ſenhor de toda a Ilha, que foi ſaqueada, e roubada; e alli a entregou a ElRey de Cochim, que a mandou fortificar muito bem pelos paſſos.

E porque já alli não havia que fazer, por ſer o Çamorim recolhido, deo o Capitão mór ordem á guarda dos rios com navios, e manchuas, que para iſſo deixou ordenados: ElRey recolheo aquella pedra, em que os Çamorins ſe coſtumavam a coroar, que elle eſtimou ſobre todos os theſouros da vida; e com iſſo ſe foram pera Cochim, deixando ElRey alguns Caimais ſeus na Ilha com gente de guarnição.

Jorge Cabral tratou logo da carga das náos, pera o que começou a correr a pimenta muito bem por ordem daquelles Princi-

cipes, e Caimais do bando d'ElRey de Cochim. E pelo serviço que nisto fizeram a ElRey de Portugal, lhes ordenou o Veador da Fazenda de Cochim, com parecer do Capitão mór, setenta mil reis de tença cada anno a cada hum, pagos na Feitoria de Cochim. Estas tenças se lhe pagáram sempre mui bem até o mesmo Martim Affonso de Sousa tornar por Governador da India, que lhas mandou tirar por poupar a fazenda d'ElRey; o que se logo começou a sentir na falta que começou haver de pimenta pera as náos, sobre o que se gastou depois infinito dinheiro em Armadas por aquelles rios; como em seu lugar mais largamente diremos.

Isto foi sempre muito ordinario, pouparem (como diz o adagio velho) os farelos, e derramarem a farinha; porque estas cousas, nem outras desta sorte, não empobrecem o Rey, antes o enriquecem mais. E sempre foi muito antigo enganarem-se os Reys com lhes escreverem, que lhes accrescentam a fazenda, encubrindo-lhes as perdas, e damnos, que por essa causa, e por outras lhes dam. E deixando esta materia, primeiro que tratemos das cousas de Dio, nos pareceo bem darmos relação das de Ceilão, por não largarmos das mãos Martim Affonso de Sousa; e já que está victorioso, sigamos sua

for-

fortuna até o cabo, e depois tornaremos ás cousas, que trataremos de por si polas não misturarmos.

CAPITULO V.

Da antiguidade da povoação da Ilha de Ceilão: do principio, e origem dos seus Reys: e de todos os que teve até Bonoega Bao Pandar, que neste anno de mil e quinhentos e trinta e sete reinava.

JA' que nos cabe aqui entrar com as guerras de Ceilão, (que des que descubrimos aquella Ilha foi sempre ao Estado da India outra Carthago a Roma; porque pouco, e pouco a foi consumindo em despezas, gente, e artilheria, tanto, que ella só tem gastado com suas guerras mais, que todas as outras conquistas deste Oriente,) será bem darmos razão do principio de sua povoação, e da origem dos seus Reys, cousa de que até agora ninguem escreveo senão nós, o que nos custou muito averiguar por suas proprias escrituras, que achámos em mãos de alguns Principes daquella Ilha, que vieram a esta Cidade de Goa.

Pelo que se ha de saber, que perto de quinhentos annos antes da vinda de Christo, reinando no Reyno de Ajota (a que hoje chamamos Tanaçarim) hum Rey Gentio, que

que então possuia o maior Imperio do Oriente, porque tinha debaixo do seu sceptro tudo o que jaz da ribeira do Gange até Cochin-China, e pelo Sertão até quasi quarenta gráos do Norte. Este Rey tinha hum filho chamado Vigia Raya herdeiro do Reyno, tão avesso, e de tão estragada natureza, que em todos os senhorios do pai lhe não escapava mulher casada, ou donzella que desejasse, que lhe não fosse logo trazida, affrontando-as, e deshonrando-as, matando, e espedaçando a todos os que lho queriam defender, usando outras deshumanidades brutaes; com o que escandalizou tanto a todos, que de já o não poderem soffrer se ajuntáram os póvos, e foram clamar ao pai, e a pedir-lhe justiça de tantas affrontas, e cruezas. E como elle estava escandalizado do filho por lhe não ver emenda, nem sentir inclinação pera o bem, tendo-o já muitas vezes amoestado, mandou em segredo negociar muitas embarcações, e metter-lhes dentro mantimentos, e cousas necessarias; e tendo tudo prestes, tomou o filho de sobresalto, e o embarcou com setecentos mancebos de sua idade, e de sua creação, que nas suas torpézas todos lhe foram sempre companheiros; porque era costume naquelle Reyno o dia que nascia o filho herdeiro, mandar ElRey por todos os Reynos

que,

que tinha, escrever, é matricular todos os filhos machos, que no mesmo dia nascêram, que traziam á Corte de sete annos por diante pera serem creados em companhia do Principe; e o dia em que este nasceo, se achou huma grande somma delles, de que setecentos eram ainda vivos.

Depois de ElRey embarcar o filho, lhe disse, que se fosse pelo Mundo buscar terras que povoasse, e que não tornasse a seu Reyno, porque o havia de matar a elle, e a todos os mais. Partido este Principe, deo á véla, e foi á vontade dos ventos sem saber por onde hia, e em poucos dias foi haver vista de huma Ilha deserta, que he esta de Ceilão, que tomou pela banda de dentro em hum porto, que se chama Preaturé, que está entre Triquillimalé, e a ponta de Jafanapatão; e desembarcando em terra, ficáram muito satisfeitos da suavidade de seus cheiros, da brandura de seus ares, da frescuidão das suas ribeiras, e da formosura de seus arvoredos; pelo que determináram de se deixar alli ficar, e começáram a fazer suas povoações. A primeira Cidade que fundáram, foi naquella parte da Mantota defronte a Manar. Aqui se ficáram sustentando alguns tempos do muito pescado do mar, e dos rios, e das muitas, e muito excellentes frutas dos matos, que todos eram de laran-

ranjas, limas, e limões, e de outras diffe-rentes sortes mui suaves ao cheiro, e mui saborosas ao gosto. E pela grande fertilidade que acháram de tudo, puzeram nome áquella Ilha Lancao, que he vocabulo que vem a responder ao Paraiso Terreal. Este foi o primeiro nome que teve, e o seu verdadeiro, que ainda conserva.

Havendo alguns mezes que estes estrangeiros alli estavam, foram ter áquella Ilha humas embarcações da outra costa á pescaria dos aljofres, (de que alli ha grande quantidade,) e vindo á falla com os que nellas hiam, souberam serem de hum Reyno, que ficava da outra banda da terra firme hum dia de caminho, em que reinava hum Senhor chamado Cholca Raya; e tomando a informação do seu Estado, e poder, tratou o Principe de se aparentar com elle. Pelo que despedio nas mesmas embarcações alguns Embaixadores, por quem lhe mandou pedir, que pois ficavam tão vizinhos, houvesse por bem, que se communicassem, e se ajuntassem em parentesco, dando-lhe huma filha em casamento, e algumas outras de pessoas nobres de seus Reynos pera mulheres daquelles homens, que trazia em sua companhia. Estes Embaixadores chegáram á outra costa, e foram levados a ElRey, que os recebeo bem; e sabendo do Principe, e

cu-

cujo filho era, (por ser o pai muito conhecido por todo o Oriente,) houve-se por ditoso em se querer aparentar com elle, respondendo-lhe a proposito, e mandando-lhe fazer muitos cumprimentos. E depois de passarem visitas de parte a parte, lhe mandou huma filha pera elle, muito bem acompanhada de donas, e donzellas, e huma somma de outras filhas de homens nobres pera os da sua companhia, celebrando-se as vodas entre todos com grandes solemnidades: dalli por diante continuáram, e communicáram de huma parte á outra, passando-se muitas pessoas a viver áquella Ilha, principalmente os officiaes de toda a mecanica, e agricultores, com seus arados, sementes, gados, e todas as mais cousas necessarias pera a vida humana. Com isto se começou aquella Ilha a engrandecer, e a povoar pelo sertão de maneira, que fizeram grandes, e formosas cidades, e povoações.

E porque aquellas gentes alli foram degradadas, lhes chamáram os da outra costa Gallás, que he o mesmo que desterradas. Vendo aquelle Principe como as cousas daquella Ilha cresciam tanto, se intitulou por Imperador da Ilha Lancao; posto que tambem os estranhos lhe chamáram Illenáre, que em lingua Malavar quer dizer *o Reyno da Ilha*, que he o segundo nome que te-

teve. E como eſtes deſterrados fallavam a lingua Tanaçarim, que era ſua propria, depois que ſe ajuntáram por caſamentos com as mulheres da outra coſta, que fallavam Malavar, (que he a mais uſada que ha naquella coſta do Canará,) miſturando-ſe eſtas linguas ambas, vieram a formar a que hoje uſam, poſto que os mais fallam Malavar eſtreme. Viveo eſte Rey vinte e cinco annos, e por não ter filhos deixou o Reyno a hum ſeu irmão, que em ſua vida mandou pedir ao pai; porque logo, tanto que aſſentou vivenda naquella terra, ſe communicáram, e commerciáram huns c'os outros.

Eſte irmão, que lhe ſuccedeo, teve muitos filhos, em cujos deſcendentes andou aquelle Reyno novecentos annos ſem ſahir da linha. Paſſados elles, foi ter a poder de hum chamado Dambadine Pandar Pracura Mabago, ou Bao, de quem logo trataremos. Daqui por diante começou eſta Ilha a ſer famoſa no Mundo pela muita, e muito fina canella que ſeus matos dão.

E como os Chins foram os primeiros, que navegáram pelo Oriente, tendo noticia da canella, acudíram muitos juncos áquella Ilha a carregar della, e dalli a leváram aos portos de Perſia, e da Arabia, donde paſſou á Europa, como adiante melhor diremos. Aſſim ficou eſta Ilha tão continuada

dos ju[illegible] Chins, [illegible] os annos hiam a ella grande cópia delles, de que se deixáram ficar muitos Chins na terra, e se misturáram por casamentos com os naturaes; dantre quem nascêram huns mistiços, que se ficáram chamando Cim Gallás, ajuntando o nome dos naturaes, que eram Gallás, aos dos Chins, cujo proprio nome he Cim, e formáram aquelle, que hoje corruptamente chamamos Chingallás, que vieram por tempos a ser tão famosos, que deram o seu nome a todos os da Ilha.

E assim como [illegible] dos Chins, que sam os mais falsos Genios do Oriente, e dos degradados, que foram lançados de suas proprias terras por máos, e crueis; assim sam todos os desta Ilha os mais fracos, falsos, e enganosos que ha em toda a India, porque nunca até hoje em Chingallá se achou [illegible] nem verdade. E como os Chins ficáram [illegible]uando o commercio desta Ilha, e sam máos (como dissemos) foi [illegible] ter huma Armada sua, sendo Rey Dambadine Pandar, que assima nomeámos; e não se receando delles os da terra, o dia que se quizeram embarcar, cativáram o Rey, e saqueáram-lhe a Cidade; e levando della muito grossos thesouros, se foram pera a China, e apresentáram o Rey cativo ao seu. Isto sentio elle muito pela traição, que seus vassallos fize-

D ii ram

ram a hum Rey, que os agazalhava na sua terra: e logo lhes mandou, que sob pena de morte o tornassem a pôr em seu Reyno, pera o que mandou ordenar huma Armada em que o embarcou muito honradamente: e deixallo-hemos por ora até tornar a elle.

Tinha este Rey cativo huma filha viuva, que com dous filhos meninos que tinha, quiz sua ventura que escapasse aos Chins o dia do sacco, e com elles se foi recolhendo pera esse Sertão. Embarcados os Chins, como não ficou filho ao Rey, lançou mão do Reyno hum Gentio chamado Alagexere, a quem o mesmo Rey tinha dado o governo do Reyno. Este vendo-se naquelle estado, fazendo a cubiça de reinar seu officio, trabalhou muito por haver a Princeza com os Principes ás mãos pera os matar, e ficar seguro no Reyno. Esta Senhora foi avisada deste negocio; e querendo segurar os filhos, passou-se com elles ás partes de Ceita-vaca em trajos mudados, e em tanto segredo, que se não fiou de pessoa alguma: alli se deixou estar sustentando os filhos pobremente. O traidor havendo os moços por mortos, coroou-se por Imperador de toda a Ilha; e havendo pouco mais de dous annos que governava, chegou a Armada da China, que trazia o seu Rey, e foi tomar o porto de Columbo. O tyranno o foi receber com mostras mui e-

gano, levando-o pera a Cidade aquella noite, o matou, ficando elle Rey, em que viveo dez annos. Deste tyranno não ficáram filhos, e ficou o governo do Reyno a hum Chagatar, homem sabio, e moralmente virtuoso. Este a primeira cousa que fez, foi mandar buscar os Principes, que andavam desterrados, já sem mãi; e sendo trazidos diante delle, os recebeo como Senhores, jurando logo por Imperador o mais velho, que se chamava Maha Pracura Mabago, que já seria de dezeseis annos, e o casou com huma filha do Senhor de Candia seu vassallo, e parente: e ao outro irmão, que se chamava Madune Pracura Mabago, deo ElRey o Estado das quatro Corlas. Este Maha Pracura mudou sua Corte pera a Cidade da Cota, que fundou de novo pela mesma maneira, e occasião que os Reys do Decan tanto depois fundáram a Cidade de Xarbedar, como dissemos no quarto Capitulo do livro decimo da quarta Decada, no tempo em que os Mouros conquistáram o Decan, e ordenou que todos os seus herdeiros se coroassem nella pela engrandecer. Este Rey não teve filho macho, mas teve huma filha, que foi casada com Cholca Raya da geração dos antigos Reys, de que teve hum filho, que o avô jurou por herdeiro do Reyno. No tempo deste foi ter á Cidade da Cota hum Pani-

nical da outra costa da casta daquelles Reys, homem de grande esforço, e conselho, que ElRey agazalhou, e o casou com huma mulher principal, de que houve dous filhos, e huma filha: estes moços se foram creando em companhia do Principe, com quem tambem andava hum primo com irmão destes moços, filho de huma irmã de sua mãi. Estes tres moços vieram a crescer, e a ter tanta posse no Reyno, que sentio ElRey nelles huma alteração de animo, de quem receou que por sua morte lhe matassem o neto. E dissimulando com isto, tratou de os dividir, como fez, mandando aos dous irmãos que lhe fossem sujeitar o Reyno de Jafanapatão, que lhe estava rebellado, dando ao mais velho, que se chamava Québa Permal, titulo de Rey daquelle Estado com obrigação de vassallagem. Este homem, que era muito grande Cavalleiro, e do mór corpo e forças que havia naquelle seu tempo, em poucos dias se senhoreou daquelle Estado.

O Imperador Maha Pracura Mabago Pandar succedendo no Estado, havendo anno e meio que este reinava, faleceo o tio senhor das Corlas. ElRey deo aquelle Estado ao irmão do Rey de Jafanapatão. Este Imperador Javirá casou com huma Princeza das sete Corlas, que era do sangue Real já viuva, de quem houve hum filho, que nasceo

dou-

doudo, e huma filha, de que as ſuas Chronicas não fallam, porque devia de falecer menina. Eſte Rey viveo poucos annos; e huma ſua irmã chamada Manica Pandar, tomando o ſobrinho doudo nos braços, o fez jurar por Rey, e a ella por Tutora, e Governadora do Reyno, que era muito prudente, e varonil. Havendo dous annos que eſta Senhora governava o Reyno, vendo que era neceſſario Rey varão, porque havia já algumas alterações, e o ſobrinho era incapaz do Reyno, mandou com muita preſſa chamar Quebá Permal Rey de Jafanapatão pera lhe dar o Reyno, por ſer o mais valoroſo de todos os Principes da Ilha. Iſto foi ter ás orelhas do irmão Rey das Corlas, que acudio logo a eſte negocio, pertendendo o Reyno pera ſi; mas como o irmão chegou, poſto que tiveram muitas differenças, ficou Quebá Permal Rey, e mudando o nome ſe chamou dalli por diante Boenegabao Pandar, que quer dizer *Rey por força de braço*. Eſte caſou com hũma mulher Fidalga, que lhe ElRey de Candia deo por mulher, dizendo que era ſua filha, não o ſendo; mas nomeava-a por eſſa pela crear de menina. Deſta houve hum filho chamado Caipura Pandar, que por morte do pai ficou herdando o Reyno. Eſte não foi coroado mais de quatro vezes, (porque coſtumavam aquel-

aquelles Reys coroar-se cada anno huma vez no proprio dia, em que a primeira foram coroados; e por aqui se contam os annos do seu governo pelas vezes que foram coroados.) Assim este sendo já coroado quatro vezes, o matou o Rey das Corlas, e se levantou por força por Imperador, e mudou o nome, chamando-se Javira Pracura Mabagó Pandar. Este tinha já quatro filhos, e não foi coroado mais que tres vezes. Por sua morte succedeo no Imperio o filho mais velho chamado Drama Pracura Magabó, que casou com huma Senhora da casta dos antigos Reys, de quem houve tres filhos.

Neste tempo faleceo hum dos irmãos d'ElRey, a que ficáram quatro filhos, e duas filhas, e a mãi se casou com outro irmão do marido chamado Boenegabo Pandar, que era Senhor de Reigão. Este Rey, depois de ser coroado oito vezes, faleceo, deixando tres filhos meninos, de que o tio lançou mão, e em segredo os matou, ficando-lhe a elle só o direito do Reyno, coroando-se logo por Imperador, creando em sua casa os tres enteados que dissemos, que tambem eram seus sobrinhos filhos de seu irmão, que se chamavam Boenegabo Pandar, que era o mais velho, e o segundo Reigão Pandar, e o terceiro Madune Pandar.

Em tempo deste Rey Boenegabo Pandar foi

foi D. Lourenço de Almeida filho do Viso-Rey D. Francisco de Almeida nos annos do Senhor de 1505 ter áquella Ilha, e mandando a terra fazer agua, e lenha, lha quizeram defender; pelo que mandou atirar dos galeões algumas bombardadas, com o que os espantou de maneira, que se mettêram pelo sertão por não serem aquelles naturaes costumados a ouvir aquelle novo estrondo pera elles, porque neste tempo nem huma só espingarda havia em toda a Ilha; e depois que nós entrámos nella, com o contínuo uso da guerra que lhe fizemos, se fizeram tão déstros como hoje estam, e a fundirem a melhor, e mais formosa artilheria do Mundo, e a fazerem as mais formosas espingardas, e melhores que as nossas, de que hoje ha na Ilha de vantagem de vinte mil. Esta era a razão, por que Scipião era de parecer que se não fizesse sempre guerra a huma mesma nação, porque se não fizessem déstros, como o nós temos feito aos *Chingallás*, e Malavares, que pelo continuo uso o estam hoje mais que todas as nações do Oriente, e assim nos tem dado mais trabalho ao Estado que todas.

E tornando á nossa ordem, tanto que este Rey soube da Armada Portugueza que estava em seu porto, foi o seu medo tamanho, que mandou commetter pazes a Dom

Lou-

Lourenço, e a offerecer vassallagem, que se lhe acceitou com quatrocentos bares de canella, que sam mil e duzentos quintaes de pareas cada anno. Foram estes tres Infantes sobrinhos, e enteados deste Rey crescendo, e fazendo-se homens, começando-se o tio, e padrasto a pejar tanto com elles, que tratou de os matar, como já fizera a outros tres sobrinhos primos com irmãos destes; mas não faltou quem avisasse os moços, pelo que fugíram á ira do tio pera o Reyno de Candia. Dalli com o favor daquelle Rey, e de outros Senhores, sahíram com grandes exercitos, e deram na Cota, matando o tio, e tomando-lhe o Reyno. E como nestes ainda a inveja, e cubiça não tinha lugar por ser ainda aquelle negocio em fresco, repartíram entre si o Imperio, ficando ao mais velho, que se chamava Boenegabago Pandar, o Reyno de Cota, que era a cabeça; e ao do meio, que se chamava Reigão Pandar, lhe coube o Reyno de Reigão com aquella Cidade, onde primeiro foi cabeça do Imperio. Ao mais moço chamado Madune Pandar lhe ficou a Cidade de Ceitavaca com seus termos, jurando-se todos tres por Reys daquillo que lhes coube. O da Cota casou com huma bisneta d'ElRey Javirá Pracura Magabo. Depois que succedeo a repartição destes Reynos, foi ter a esta Ilha o Governa-

dor

dor Lopo Soares nos annos do Senhor de 517. e fez a fortaleza de Columbo, ficando aquelle Rey da Cota renovado á vassallagem, com obrigação de trezentos bares de canella, e doze anneis de robis, e safiras, e seis alifantes pera o serviço da ribeira de Cochim. Estas páreas se pagáram alguns annos até de todo se perderem, como em seu lugar mais largamente diremos.

CAPITULO VI.

De como o Madume Rey de Ceitavaca tratou de tomar o Reyno ao irmão mais velho com o favor do Çamorim, que pera isso lhe mandou huma grossa Armada: e de como Martim Affonso de Sousa teve aviso della, e a foi buscar, e a destruio de todo, e passou a Ceilão.

FIcáram estes tres irmãos em seus Estados alguns annos; mas o Madune mais moço assim como foi crescendo em idade, assim o foi fazendo em cubiça, desejando summamente de subir á Monarquia daquella Ilha, intentando modos, e ardís pera isso. E o melhor que lhe pareceo foi pertender matar o irmão mais velho, porque com o outro tinha pouco que fazer. Andando com estas imaginações, succedeo irem este Agosto passado huns sete paraos de Malavares a tem-

tempo que Nuno Freire de Andrade Alcaide mór, e Feitor daquelle porto estava na Cota com ElRey, tendo em sua companhia sete, ou oito Portuguezes, que ElRey tinha muito mimosos, porque era muito amigo de todos. Os Mouros dos paráos como eram soberbos, mandáram pedir a ElRey, que logo lhes mandasse todos aquelles Portuguezes. Tomado ElRey disto, disse que si; e dando conta do negocio a Nuno Freire de Andrade, lhe disse, que elle queria mandar alguns Capitães, a que elles chamam Modeliares, a dar nos Malavares, e castigallos por aquelle atrevimento. Nuno Freire lhe pedio de mercê aquella jornada, pelo que tambem lhe tocava a elle: elle lha deo, dando-lhe Sam lupur Arache com seiscentos homens. Nuno Freire com esses poucos Portuguezes que tinha partio no quarto d'alva, e foi amanhecer sobre Columbo tomando os Malavares em terra descuidados, e dando nelles, fez huma grande matança, e os que puderam escapar, huns se lançáram ao mar, e se recolhêram aos navios; outros se mettêram por esse sertão, e foram parar em Ceitavaca. Os do mar se recolhêram a tres dos navios, e se foram, ficando os quatro em poder dos nossos com todo o seu recheio. Deste caso se escandalizou tanto o Madune Rey de Ceitavaca contra o irmão, que

que depois de recolher os Malavares, dando-lhes conta de como determinava de fazer guerra ao irmão Rey da Cota, lhe disseram elles, que mandasse pedir soccorro ao Çamorim, e que, como elle lho mandasse, haveria pouco que fazer naquelle negocio, offerecendo-se-lhes elles pera lhe encaminharem seus Embaixadores. O Madune com isto os despedio logo com pessoas principaes, que pera isso escolheo, por quem mandou peças ricas ao Çamorim, e pera os seus Regedores, pedindo-lhe huma boa Armada, pera o que pagaria os gastos muito a seu gosto.

Estes Embaixadores recebeo o Çamorim bem; e persuadido dos Mouros, e vencido do interesse, mandou recolher os navios que andavam fóra, e armar outros com muita pressa, e perfez o número de quarenta e sinco, em que mandou embarcar dous mil homens, e fez Capitão desta Armada a Ali Abrahem Marcá, Mouro grande cossairo, e muito Cavalleiro. Esta Armada chegou a Columbo na entrada de Outubro passado; e como o Madune estava já prestes com grandes exercitos, ajuntando-se os Mouros com elle, abaláram contra a Cidade da Cota, pondo-lhe cerco á roda.

Des-

Descripção da Cidade da Cota.

ESta Cidade está situada em meio de huma formosa alagôa, e tem hum só passo estreito por onde se serve, que pôr ordem de Nuno Freire tinha fortificado com hum baluarte, e tranqueiras, em que se poz a artilheria, que tomáram dos paráos; e por derredor da Cidade ordenáram muitas embarcações pera defenderem os inimigos, se quizessem passar a ella, ou em outras, ou em jangadas. E a primeira cousa que ElRey fez, foi despedir recado mui apressado ao Governador, em que lhe dava conta do risco, e perigo em que ficava, pedindo-lhe o mandasse soccorrer, pois era vassallo d'ElRey de Portugal; e outro pera Martim Affonso de Sousa, que sabia estava em Cochim, em que lhe pedia, pois estava com a Armada á mão, o fosse livrar do poder daquelles inimigos. O Madune continuou o cerco, dando grandissimos assaltos, e commettendo os passos muitas vezes, que lhe fôram valorosamente defendidos, sendo os poucos Portuguezes que havia os que se apresentáram a todos os perigos, onde fizeram espantosas cavallerias, sendo todos feridos muitas vezes, a que ElRey logo acudia, e mandava curar como sua propria pessoa, por ter nelles o principal remedio de sua defensão: e assim se

se foi o cerco dilatando por espaço de tres mezes, em que houve casos dignos de memoria.

O Enviado d'ElRey, que hia com o recado ao Governador, chegou a Cochim, onde achou o Capitão mór do mar Martim Affonso de Sousa, a quem deo as cartas d'ElRey, e de Nuno Freire, presentando-lhe o aperto em que ElRey ficava. Vendo o Capitão mór que era obrigação forçada soccorrer áquelle Rey, e mais estando com a mão folgada da grande vitoria de Repelim, negociou-se com muita pressa, e deixando as galés na costa do Malavar, com as fustas se fez na volta do Cabo de Çamorim já em Fevereiro. Dalli foi correndo a costa até os baixos de Manar, (que tambem se chamam de Chilao,) e atravessou á outra banda; e tomando a costa de Ceilão na mão, foi demandar Columbo. Os Malavares tanto que a nossa Armada partio de Cochim, logo fòram avisados, e receando-se perderem os navios, despediram-se do Madune, e embarcando-se nelles, atravessáram logo á outra costa. O Madune alevantou tambem o cerco, e mandou reconciliar-se com o irmão, primeiro que a Armada chegasse. Quando Martim Affonso de Sousa chegou a Columbo, havia quasi dez dias que os Malavares eram partidos, e alli soube estarem já os

os irmãos concertados, e amigos; e já que eſtava alli, quiz ver-ſe com ElRey, e partio pera a Cota, onde elle o recebeo mui bem; e Martim Affonſo o animou, e esforçou contra o irmão, dizendo-lhe, que a todo o tempo que lhe foſſe neceſſario, teria o ſoccorro dos Portuguezes mui certo. El-Rey eſtimou muito ver aquelle amor, e diligencia com que os Portuguezes acudiam a ſuas couſas, tendo com o Capitão mór grandes palavras, e cumprimentos, dando-lhes peças, e brincos, aſſim a elle, como aos Capitães da ſua companhia. Martim Affonſo de Souſa vendo que não tinha alli mais que fazer, ſe deſpedio d'ElRey, e paſſou-ſe á outra coſta, e em breves dias chegou ao Malavar, onde teve por novas que não eram os paraos ainda recolhidos; pelo que os andou eſperando ao recolher, lançando-lhes ſuas eſpias.

Poucos dias depois de ſua chegada ſuccedeo andarem apartadas duas fuſtas de ſua companhia, de que eram Capitães Franciſco de Mello Pereira, e João de Souſa Rates, irmão de Thomé de Souſa Veador que foi d'ElRey D. João. Eſtes tanto avante como Monte Deli houveram viſta de hum parao de Malavares, e correndo-o, o alcançáram, e tomáram; e dos Mouros delle ſouberam que a Armada de Ali Abrahem Marcá

cá eſtava em Mangalor, e com aquellas novas foram buſcar o Capitão mór, e lhas deram. Tanto que Martim Affonſo de Souſa o ſoube, ajuntou logo ſua Armada, e voltou em buſca do inimigo. Indo com ella hum pouco affaſtado da terra tanto avante como Coulete, houveram viſta da Armada do inimigo, que vinha á véla com o Noroeſte deſpregada, e tomando as armas, fazendo ſua Armada em dous batalhões, os foi demandar. Os inimigos tanto que conhecêram a noſſa Armada Portugueza, voltáram pera a terra com tenção de ſe ſalvarem nella; mas os noſſos navios ligeiros apertando o remo, os atalháram, e ferrando com alguns, os embaraçáram até chegar toda a Armada, que deſparou nos inimigos ſua munição, mettendo-lhes logo alguns no fundo, e deſapparelhando outros, baralhando-ſe todos os mais, travando-ſe huma formoſa batalha, que durou pouco, porque logo todos ſe desbaratáram, rendendo huns, e varando os outros em terra, perdendo-ſe mais de mil e duzentos Mouros, com muito pouca perda da noſſa parte, com que a vitoria ficou ſendo mais formoſa. O Çamorim ficou com a perda deſta Armada mui desbaratado, e quebrantado, e os Mouros de Calecut mui pobres, porque elles foram os armadores dos mais dos navios. Todo o mais reſto do ve-

rão andou Martim Affonſo de Souſa na coſta até ſer tempo de ſe recolher: e por aqui concluimos com as couſas deſte verão, que nos pareceo melhor contar as do Malavar juntas, por nos ficar todo o mais tempo pera as de Cambaya pelas não miſturarmos.

CAPITULO VII.

Das varias opiniões que houve entre os Geografos ſobre qual ſeja a Tapobrana de Ptolomeu: e das razões que damos pera ſer eſta Ilha de Ceilão: e dos nomes que ſua canella tem entre todas as Nações.

PRimeiro que entremos em outras materias, já que eſtamos com as mãos nas couſas de Ceilão, e moſtrámos o principio de ſua povoação, e origem de ſeus Reys, e nomes que os naturaes lhe deram, ſerá razão que digamos tambem os que teve entre os eſtrangeiros, e que moſtremos como he eſta a verdadeira Tapobrana de Ptolomeu, ſobre o que houve tanta confusão entre os Geografos, e as razões porque todos cuidáram ſer eſta a Ilha de Camatra. Plinio* fallando da Taprobana diz, que he de ſeis mil eſtadios de comprido, e ſinco mil de largo, e que quaſi era tida por hum novo Mundo, e que em tempo do Imperador Claudio ſe deſcubríra, e que hum Rey daquella Ilha

lhe

mandára Embaixadores, e que as náos que a hiam demandar não se região, nem governavam por Estrella, porque não viam os Pólos.

Estrabão fallando da Tapobrana a faz do tamanho que a faz Plinio. Onesicrito Capitão de Alexandre Magno, que navegou esta costa da India, diz que a Tapobrana he de sinco mil estadios, sem dizer se he de largura, se de comprido, e que estava apartada dos póvos Prasis sobre o Ganges, navegação de vinte jornadas; e que entre a India, e ella havia outras muitas Ilhas, mas que esta mais que todas estava pera o Meio dia.

Arriano Author Grego, no Tratado que fez da navegação da India, diz, que quem partir da costa de Comora, e Poduca, iriá ter a huma Ilha, que estava ao Ponente chamada Pallesimonda, e° dos antigos Tapobrana, que todos tinham por hum novo Mundo, e em seu tempo fora muito conhecida; e que nella se creavam os maiores, e melhores Alifantes de todos os da India.

Erastothenes Author Grego diz, que a Ilha Tapobrana está no mar de Eoo entre o Oriente, e Occidente ao encontro da India por vinte jornadas de navegação da Persia. Ptolomeu nas suas taboas mette a Ilha Tapobrana na costa da India defronte ao Co-

E ii mo-

mori Promontorio, que sitúa em treze gráos e meio do Norte. E Plinio lhe chama Colaicum Promontorium, e que antes delle se chamava Simonda; mas que no seu tempo se nomeava por Salica, e seus naturaes por Salim, e que tinha de comprido novecentas e trinta milhas, que sam duzentas e dez léguas das nossas; e que nella nascia muito arroz, mel, gengivre, berillo, jacintho, e outras muitas sortes de pedras, e metaes, que só ha na Ilha de Ceilão.

Vamos aos Geografos, que fazem ser esta Tapobrana a Ilha de Camatra. Micer Pogio Florentino Secretario do Papa, homem douto, que escreveo por mandado do Santo Pontifice a viagem, que Nicoláo de Conti Veneziano fez por terra por toda a India até o Cathayo, diz nella, que fora ter este Veneziano a Camatra antigamente Tapobrana.

Maximiliano Transsilvano, varão tambem douto, e Secretario de hum Imperador, em huma carta que escreveo ao Cardeal Sauleburgense, em que lhe dava conta das primeiras viagens, que os Portuguezes fizeram á India, diz, que foram ter ás praïas de Calecut, e dalli a Camatra, que antigamente se chamava Tapobrana.

Benedeto Bordone no seu Insulario diz, que a Ilha de Madagascar, (que he a de

S.

S. Lourenço,) eſtava ao Ponente de Ceilão mil e trezentas milhas, e ao Sul da Tapobrana mil e oitenta; e outros muitos Geografos, que tem o meſmo, que deixamos por eſcuſar prolixidades.

Só o noſſo grande João de Barros, homem doutiſſimo na Geografia, fallando nas ſuas Decadas na Ilha de Ceilão, diz, que he a Tapobrana de Ptolomeu, como mais largamente provava nas ſuas taboas da Geografia, que depois de ſua morte deſapparecêram, que foi perda muito notavel. E poſto que baſtava eſta ſua authoridade pera prova baſtante de ſer Ceilão Tapobrana, e mettella Ptolomeu do Gange pera dentro na coſta da India, (o que ſe não póde entender de Camatra, que eſtá do Gange tanto pera fóra,) todavia examinaremos os Geografos antigos que nomeamos, e moſtraremos como todos fallam de Ceilão, e não de Camatra.

Plinio diz, que a Tapobrana he de ſeis mil eſtadios de comprido, que ſam duzentas e dez leguas, e que no tempo do Imperador Claudio fora deſcuberta por hum Liberto de Annio Poclanio, que andando ao longo de Arabia em hum navio, fora arrebatado dos Ponentes, e em quinze dias paſſára além da Carmania, e chegára a Tapobrana, e que aquelle Rey o agazalhára mui bem, e elle lhe dera algumas moedas, que

le-

levava das que em Roma corriam, que tinham a imagem do Imperador esculpida; e que ElRey mandára com elle seus Embaixadores a visitar aquelle Imperador.

Por todas estas cousas havemos de provar ser esta a Ilha de Ceilão. Quanto á grandeza da Ilha he a mesma, que Ptolomeu lhe dá, porque em suas taboas lança até passar a Equinoccial, dous gráos da banda do Sul; porque parece que em seu tempo teve a mesma grandura; e os naturaes affirmam, e tem por muito averiguado por suas escrituras, que já esta Ilha fora tamanha, que pegára com as Ilhas de Maldiva; e que por tempos ai gastára o mar por aquella parte, cubrindo-a da maneira que se hoje vê; e que as partes mais altas ficáram separadas em muitas Ilhas, como hoje estam lançadas todas em huma corda pelo rumo, a que os mareantes chamam Noroeste, Sueste, em que affirma haver mais de treze mil Ilhas. E já em tempo do mesmo Ptolomeu, que concorreo nos annos do Senhor cento e quarenta e tres, parece que o mar começava a fazer este estrago; porque diz, que derredor da Tapobrana havia mil trezentas setenta e oito Ilhas. E ser levado o Liberto de Anió dos ventos desde Arabia em quinze dias até Tapobrana, mui claramente se vê fallar de Ceilão, que está quinhentas leguas da costa

de

de Arabia, que he o mais que em quinze dias podiam navegar. E esta Ilha está na costa da India além da Carmania; e Camatra está fóra de toda a India, e além do Gange muitas leguas; e só pera ir de Ceilão a Camatra, ha mister outros quinze dias de ventos em pôpa. E sobre todas estas razões, achamos hoje em Ceilão sinaes de edificios Romanos, que parece que já tiveram communicação naquella Ilha. E ainda dizemos mais, que se acháram nella as mesmas moedas, que este Liberto levou, sendo Capitão de Manar em Ceilão João de Mello de Sampaio nos annos do Senhor de setenta e quatro, ou setenta e sinco, abrindo-se huns edificios, que estam da outra banda nas terras que chamam Matota, aonde ainda hoje apparecem muito grandes ruinas a partes de obra Romana de cantaria: e andando huns trabalhadores tirando pedra, deram em o fundo de hum pedaço de alicesse, e revolvendo-o, acháram huma cadêa de ferro de tão estranha feição, que não houve em toda a India official, que se atrevesse a fazer outra como ella. E assim acháram duas moedas de cobre, huma toda gastada, e outra de ouro baixo tambem gastada de huma banda, e da outra se enxergava ainda hum vulto de hum homem dos peitos pera sima, com hum pedaço de letreiro á roda gastado em algumas par-

partes, mas ainda ſe enxergava claramente no começo eſta letra C, e as continentes gaſtadas, e voltava á roda o letreiro, em que ſe viam eſtoutras letras R. M. N. ℞. Eſta cadêa, e medalhas foram levadas a João de Mello, que as eſtimou muito, e as levava pera o Reyno pera as dar a ElRey, e perdeo-ſe no mar o anno de noventa, que hia na náo S. Bernardo em companhia de Manoel de Souſa Coutinho, que acabára de ſer Governador da India na náo Bom Jeſus. E couſa he poſſivel que foſſem eſtas moedas das que alli levou o Liberto de Anio, e que nos ſeis mezes que eſteve naquella Ilha daria ordem áquelles edificios ao uſo Romano, e que lançaria nos fundamentos aquellas moedas, (couſa mui ordinaria em toda a Europa.) E conſiderando nós as letras da moeda, e tendo lido muitos letreiros antigos, nos parece que eſta letra C he a primeira do nome de Claudio; e que nas continentes, e que eſtavam já gaſtadas, havia de dizer *Imperator*, porque as outras R. M. N. ℞. claramente ſe vê dizer *Romanorum*.

Outra moeda ſe achou como eſta nas Indias de Caſtella, que deſcubrio Pedro Colon, (ſegundo refere Lucio Marineo Siculo no livro das couſas memoraveis de Heſpanha na vida dos Reys Catholicos,) andando-ſe abrindo outros aliceſſes como eſtes, que

que tinha a imagem de Cesar Augusto. Esta moeda houve D. João Rufo Arcebispo de Cuenca, e a mandou ao Summo Pontifice, do que Lucio Marineo infirio que os Romanos navegáram já pera aquellas partes.

E tornando á nossa ordem, se he verdade o que diz Heytor de Laguna, que em tempo do Papa Paulo fora achado hum páo de canella, (que estava em Roma guardado como cousa preciosa,) o que por hum letreiro que tinha se via que ficára do tempo do Imperador Arcadio, filho de Theodosio, que succedeo no Imperio os annos do Senhor de trezentos noventa e sete, que foi cento e vinte e seis annos depois de Claudio, que imperou nos de duzentos setenta e hum, bem podia ser fosse levada de presente por aquelles Embaixadores, que foram com o Liberto.

E deixando Plinio, vamos a Onisecrito. Diz este, que a Tapobrana era de sinco mil estadios, e que estava apartada Brasis sobre o Gange por navegação de vinte jornadas; e que entre a India, e elle havia muitas Ilhas, mas que estava esta mais que todas pera o Meio dia. Quanto ao tamanho conforma com Ptolomeu a ser apartada do Gange por espaço de vinte jornadas; e a haver antre ella, e a India muitas Ilhas, claramente mostra fallar de Ceilão, porque está do Gange as

as mesmas jornadas, e está ao Sul de toda a costa da India, e as muitas Ilhas que diz, sam as de Mamale, e outras todas, de que Ptolomeu faz menção, e Camatra está ao Levante da India muito affastada delia.

Ariano Author Grego, em dizer que quem partir da costa de Comara, e Poduca ao Ponente, iria tomar Tapobrana, bem claro se vê fallar de Ceilão; porque Comara, e Poduca mette Ptolomeu nas suas taboas em quatorze gráos e meio na contracosta da India do Promontorio Comori pera dentro, que parece ser S. Thomé, ou Nagapatão; porque quem partir daquella costa pera ir buscar Ceilão, ha de navegar ao Ponente, e pera Camatra ao Levante; e a Ilha de Ceilão sabido he que cria os maiores, e melhores Alifantes de todos os da India, como o mesmo Ariano diz. E tanto he assim, que todos os outros lhe conhecem tanta superioridade, que vendo qualquer delles hum de Ceilão, assim lhe vai fugindo como doudo, o que cada dia experimentamos nesta Cidade de Goa, nos que ElRey traz na sua ribeira de differentes terras.

Erasthothenes Author Grego diz, que a Tapobrana está no mar de Eoo antre o Oriente, e Occidente, apartada por vinte jornadas de navegação da Persia ao encontro

da

da India. Este ainda falla mais claro de Ceilão, que está em oito gráos do Norte antre Levante, e Ponente; e por muito vento que huma náo leve, não fará mais, partindo da boca do Estreito Persico, que chegar nos vinte dias a Ceilão, que sam quinhentas leguas: Camatra não está no mar Eoo, senão debaixo da Equinoccial, e por aqui temos provado Ceilão ser a Tapobrana.

Vamos agora aos Geografos modernos, que a fazem Camatra. Estes todos buscando esta Ilha Tapobrana debaixo da Equinoccial, onde Ptolomeu a põe, (porque em seu tempo, como dissemos, lançava dous gráos da banda do Sul,) e discorrendo por toda a costa da India até além do Gange, não achando outra senão Camatra, sem outra consideração a fizeram Tapobrana; como tambem sem ella lançáram o rio Indo na enceada de Cambaya, que he erro, que adiante com o favor Divino mostraremos donde nasce. E assim considerando Benedeto Bordone aquelle lugar de Plinio, fallando da Tapobrana, onde diz *Septentrion non cernitur* na annotação que sobre isso faz, reprehende Plinio por dizer, que nella se não via a Estrella do Pólo Arctico; porque diz, que os que vivem na Tapobrana pera a parte do Promontorio Colaicu, vem este Pólo alevantado por treze gráos; e que assim confor-

forme as alturas, em que os daquella Ilha vivem, assim veram sua elevação; mas que os que viviam debaixo da Equinoccial nem hum Pólo, nem outro podiam ver, no que se encontra, porque faz Camatra a Tapobrana; e esta Ilha de Camatra córta a Equinoccial pelo meio, e não lança de huma parte, e da outra pera os Pólos mais de sinco gráos; porque os que vivem na ponta de Daya, que he a mais Septentrional, nem vem aquella Estrella alevantada mais que por sinco gráos; e pela mesma maneira os que vivem na outra pera a banda do Arctico; escassamente a enxergam; o que he ao contrario em Ceilão, porque os que vivem na ponta de Jafanapatão vem o Pólo Arctico levantado por oito gráos e meio; e os que habitam a ponta de Gale (que he a mais Meridional) a vem alevantada por sinco; por onde claramente se vê ser esta a Tapobrana, que naquelle tempo se estendia até dous gráos do Sul; e que o Colaicu Promontorio de Plinio, e o Comorim de Ptolomeu chegue ao Cabo Comorim, por sem dúvida o havemos; porque naquelle tempo, e muitos annos depois o Reyno de Coulão foi o maior de todo o Malavar, e se estendia até quasi os baixos de Chilão; e como aquelle Cabo Comorim ficava daquelle Reyno, e he hum dos famosos do Mundo,

foi

foi nomeado de Plinio por *Colaicum Promontorium*, como dizer, o Promontorio de Coulão, ou do Reyno de Coulão. E chamar-lhe Ptolomeu Cori Promontorio, póde bem ser seja pelo lugar de Titi Cori, que está adiante delle, que naquelle tempo sería cousa grande, e continuada dos Estrangeiros, pelo que lhe daria Ptolomeu áquelle Cabo o seu nome. E por esta razão, e por outras que deixamos, nos parece que tambem esta Ilha de Ceilão he aquella de Jambolo, de que Diodoro Siculo faz menção no fim do segundo livro da breviação de sua historia, que Baptista Ramnusio, e outros fazem Camatra. E não nos tem dado pouco trabalho querermos saber este nome de Tapobrana donde teve principio, e origem, sobre o que temos dado bem de voltas; porque em toda a Ilha de Ceilão não ha porto, Bahia, Cidade, Villa, Promontorio, fonte, nem rio, que tenha alguma semelhança com este nome, nem em suas Chronicas, nem nas dos Canarás, nem em lingua alguma da India tem significação alguma, nem se conhece, por onde nos parece que he nome Grego imposto por Ptolomeu, que quererá significar alguma grandeza, ou propriedade daquella Ilha; porque tambem o nome de Ceilão foi imposto daquelles baixos, em que os Chins se perdêram junto daquella Ilha, que

que ficáram tão famosos de então pera cá, que já se não conhecia a Ilha por seu nome proprio, senão pelos dos baixos; porque como os Persas, e Arabios navegavam pera aquella Ilha, e hiam temorosos dos baixos, sempre os traziam na imaginação, dizendo que hiam pera Cinlaó, ou que vinham de Cinlaó, que quer dizer que hiam, ou vinham dos baixos dos Chins; e assim mudando-se por tempos as letras, se ficou chamando aquella Ilha Ceilão.

E porque cada vez que se nos offerecer, pertendemos mostrar a grande corrupção, que o tempo tem feito em todos os nomes proprios de Cidades, Reynos, rios, montes, simples, drogas, e mais cousas destas partes, queremos logo começar por aqui, já que estamos nesta Ilha, e dizermos todos os nomes de sua canella, assim os que lhe deram os Gregos, Latinos, Parseos, e Arabios, como os que tem entre todas as nações do Oriente, e mostraremos a corrupção que o tempo nelle fez, do que nasceo haver entre todos os Medicos grande confusão.

A canella nesta Ilha, onde nasce a melhor de todo o Oriente, se chama Corundo Potrâ, que quer dizer *Arvore de casca.* Os Malavares, aonde se cria a mais ruim, e mais grossa, lhe chamam Caroa Potu, que he

he o meſmo que arvore de caſca; porque a caſca, a que os Chingallás chamam Corundo, dizem os Malavares Caróa; os Arabios lhe chamam Carfa. Eſte nome anda corrupto antre os noſſos Medicos, porque huns lhe chamam Quirfe, outros Quirfa. Os Parſios a nomeam por Darcin, que quer dizer *Páo da China*; porque como os Chins foram os primeiros, que leváram ao Eſtreito da Perſia as drogas, roupas, e louçainhas do Oriente, e dalli por mãos dos Perſas paſſou tudo á Europa, com os nomes que lhes elles deram, por onde eſtas couſas eram conhecidas, e não pelos ſeus proprios, que em ſuas terras tinham. Sarapio interpreta eſte Darcin, e diz que quer dizer *Arvore da China*; porque cuidou havellas naquella Provincia, por ſe achar a canella em mãos dos Chins, como diſſemos. Da meſma maneira ſe enganou Ariano em dizer, que a Caſia, e Zingibir, que eram certas ſortes de canella, que naſciam em alguns lugares da Troglodita, e que dalli as levavam os mercadores á Grecia.

No meſmo erro cahio Plinio, que diz, que o Cinamomo naſcia na Ethiopia vizinha a Troglodita, e que aquella parte, por que corria a Equinoccial, era chamada dos Authores antigos *Cinamomi fera*, que quer dizer *Terra, que produz o Cinamomo*; o

que

que havia de nascer de esta canella lhe ir ter ás mãos por via do Mar Roxo pela do mercadores Arabios, que viviam naquella parte da Troglodita, e não perguntando na Grecia onde nascia esta droga, havia que se dava na terra dos Arabios, que lha levavam; como tambem alguns Escritores antigos, porque viam ir a canella por via de Alepo, lhe chamáram Cinamómo Alipitino, e por esta confusão não sabemos hoje que sortes de especiarias, e cheiros sam, duaca, mocroto, magla, e asiplij, de que Ariano faz menção, que diz nascerem em Arabia, e em Ethiopia; nem o nicato, gabalio, e tarro, que Plinio nomea por cheiros de Arabia, onde nunca soubemos mais, que incenso, estoraque, e myrrha, que possivel he sejam estas de Plinio; nem em todas as Ethiopias houve nunca outra droga senão gengivre, e este bem ruim, e só no Reyno de Damute.

E tornando aos nomes da canella, os Malayos lhe chamam Caio manis, que em sua lingua quer dizer *Pao doce*, que he o caisman, ou caesmanis dos Gregos; porque parece que tambem foi ter a elles com este nome Malayo, e lho corrompêram, chamando-lhe tambem os Gregos Casia lignea, nome, que em nenhuma Nação destas do Oriente achámos, inquirindo nós bem por todos

os

os Medicos. E lançando noſſo juizo, nos parece que ha de dizer Cais lignea, que he o meſmo que páo de cais; porque antigamente antes do Reyno de Ormuz ſe paſſar pera a Ilha Gerum, onde hoje eſtá, era cabeça, e emporio de todo aquelle Eſtreito a Ilha de Cais, que eſtá adiante de Ormuz pelo Eſtreito dentro. E como naquelle tempo continuavam os mercadores da Europa naquella Ilha, como hoje fazem na de Ormuz, levando a canella que os Chins lhe traziam, parece que em Grecia diziam, que a levavam da Ilha de Cais, e que por iſſo lhe chamariam Cais lignea. Iſto tudo dizemos debaixo da correição dos Doutores da Medicina, por tocarmos em couſa de ſua profiſſão; porque noſſa tenção não foi mais que moſtrar a corrupção, que o tempo fez nos nomes da canella.

CAPITULO VIII.

Do que paſſou Diogo de Meſquita na Corte de Cambaya; e de como Soltão Badur foi a Dio, e tratou de tomar aquella fortaleza por engano: e do eſpantoſo caſo que aqui aconteceo a Manoel de Souſa Capitão da fortaleza.

NO fim da quarta Decada, capitulo nono, livro decimo démos conta de como o Governador Nuno da Cunha ſe par-

tio pera Dio, por ſer aviſado que Soltão Badur andava com ruim animo contra aquella fortaleza, e como deſpedíra Diogo de Meſquita pera ir á Corte de Cambaya viſitar aquelle Rey, pera diſſimuladamente lançar o olho ás couſas, e ver ſe podia alcançar ſua determinação. Agora continuaremos com elle, e com as couſas de Cambaya, que guardámos pera eſte tempo.

Partido Diogo de Meſquita, em breves dias foi em Cambaya, e chegou á Corte, onde ElRey o recebeo bem, por ſer muito ſeu amigo. Elle o viſitou da parte do Governador, dizendo-lhe como ficava em Baçaim fazendo alguns negocios pera dahi paſſar á Dio; e que a primeira couſa que fizera fora deſpedillo pera o ir viſitar, e ſaber de ſua ſaude, pela obrigação que tinha de o fazer aſſim a hum Rey tão grande amigo dos Portuguezes, e de quem elle era tamanho ſervidor. O Badur moſtrou folgar muito de o ver, e da lembrança do Governador, tendo com elle palavras muito honradas. Diogo de Meſquita deixou-ſe ficar alguns dias na Corte; e como tinha muitos amigos, e ſabia muito bem a lingua, em práticas que teve aſſim com ElRey, como com ſeus privados, entendeo ſeu máo coração, e o pejo que tinha com aquella fortaleza, que era tamanho, que o alcançou Diogo de Meſqui-

ta

ta claramente em palavras. E ainda se affirma, que Xacoez (que da jornada que fez por Embaixador a Goa duas vezes, ficou muito affeiçoado aos Portuguezes) lhe descubrio o odio, com que ElRey andava, e que nenhuma cousa tratava em seu animo, senão de como poderia tornar a tomar aquella fortaleza.

Depois de ter alcançado tudo o que pertendia, querendo-se partir, o deteve ElRey, porque o quiz levar comsigo até Dio, pera onde logo partio afforrado, e entrou naquella Ilha, e se aposentou nos seus Paços. Manoel de Sousa Capitão da Fortaleza, sabendo que era chegado, o foi logo visitar, porque posto que estava já avisado da inclinação com que hia, era-lhe necessario dissimular pela necessidade em que estava. ElRey o recebeo bem, e depois de passarem as palavras de visitação, se despedio delle, e se tornou pera a fortaleza. O Badur como esperava cada dia polo Governador, querendo ver se podia primeiro que elle chegasse tomar a fortaleza, fez em parecer dos seus Capitães o modo que nisso teria; e todos assentáram, que vissem se havia algum descuido na fortaleza, e que dando-lhe o tempo alguma occasião, a não perdessem, e que trabalhassem pola entrar. Mas o Capitão Manoel de Sousa andava tão recatado, e com

tanta vigilancia, que em todo aquelle tempo não deixou ir Portuguez algum á Cidade, dando a entender, que o fazia por evitar desavenças antre elles, e os d'ElRey, mandando sómente os servidores, que carretavam a agua, e lenha, a que daxa pressa por lhe não faltarem estas cousas, se succedesse alguma novidade.

Vendo o Badur o grande resguardo que havia na fortaleza, e que o tempo lhe não dava lugar pera esperar tanto, mandou chamar os Capitães, e lhes disse, que estivessem prestes, porque ao outro dia havia de mandar chamar o Capitão Portuguez, e o havia de matar, e logo havia de commetter a fortaleza; e mandou fazer prestes as cousas necessarias pera isso. Manoel de Sousa estava bem descuidado de tamanha traição, de que elle se não podia livrar se Deos não acudíra. E sendo o quarto da madorra rendido, chegou huma pessoa muito encuberta, e da ponte chamou pelos da vigia, que logo acudíram, e lhes disse, que chamassem o Capitão á varanda de seus aposentos, porque era cousa que lhe importava muito. Assomando o Capitão a ella, lhe disse esta pessoa: » Não estejas, Capitão, descuidado, vi» gia-te muito bem, e sabe que pela manhã » serás chamado d'ElRey pera te matar: dis» simula, e faze-te mal disposto, porque te

» relava assim. E porque te não pareça que
» te digo isto por te lisonjear, ou por que-
» rer de ti alguma cousa, não saberás quem
» sou, porque me não movco a isto senão
» hum não sei que, que te não sei declarar.
» E pera certeza de ser isto que te digo ver-
» dade, em amanhecendo terás logo recado
» d'ElRey, e fica-te embora.» E voltando
as costas, se foi de longo da praia, sem nin-
guem saber delle mais. Não deixou o Ca-
pitão de suspeitar que este era Medinarrão
Capitão, e Governador da Cidade, porque
já o tinha avisado da tenção, e odio do Ba-
dur, porque sempre foi muito seu affeiçoa-
do, e corriam em muita amizade. Mas quan-
to a nós não foi senão Xacoez, que sem-
pre foi muito amigo dos Portuguezes; e el-
le tambem foi o que avisou o Governador,
que o Badur o queria matar, como logo di-
remos.

Manoel de Sousa passou toda aquella noi-
te em discurso sobre aquelle negocio, hu-
mas vezes lhe parecia que poderia ser men-
tira, outras tambem que poderia ser verda-
de, vendo-se na mór confusão, que se po-
dia imaginar, porque aquelle negocio não
consistia nem em prudencias, nem em cau-
tellas de Capitão; porque se o Badur o man-
dasse chamar, e não fosse, sería declarar-se,
e darlhe a entender que fora avisado, pe-
ra

ra o que eſtava deſapercebido ſem lenha, agua, nem mantimentos, de que ſe provía da Cidade, que ſe lhe logo havia de tolher, e não havia outro remedio mais que entregar-ſe, porque contra fome, e ſede não havia forças, nem armas que baſtaſſem. Por outra parte via, que ſe foſſe a ſeu chamado, o havia de matar. Sobre eſtas conſiderações ſe determinou em ir ſe o chamaſſem, porque antes queria arriſcar a vida, que a honra; porque depois delle morto, tomando-ſe, ou entregando-ſe a fortaleza, não ſería affronta ſua, ſenão do Alcaide mór, a quem havia de ficar entregue.

Com eſta reſolução eſperou a manhã, em que chegou o recado do Badur, que o mandava chamar, mandando-lhe dizer, que tinha algumas couſas que tratar com elle. Manoel de Souſa muito ſeguro, e ſem alteração alguma, vendo que o aviſo começava a ter moſtras da verdade, reſpondeo, que logo iria. E encommendado-ſe a Deos em ſeu coração, pedindo-lhe que o guiaſſe, e encaminhaſſe naquelle negocio, ſupitamente lhe veio huma nova conſideração (parece que inſpirado delle) e foi eſta: Que ſendo coſtumado cada vez que hia a ElRey, ſer por terra, e a cavallo, com ſeſſenta eſpingardeiros de ſua guarda, com piſaro, tambor, e outras inſignias de Capitão, agora determi-

minou de ir por mar com hum só pagem; porque na segurança com que se apresentasse ao Badur, lhe désse a entender, que estava innocente de suas malicias, e que poderia ser, que vendo sua confiança, mudaria a vontade, ou lha moveria Deos, a quem deixou todo aquelle negocio. E entregando a fortaleza ao Alcaide mór, lhe disse, que por nenhum caso se movesse a nada, posto que ouvisse dizer que o matáram; e que trabalhasse por defender a fortaleza até chegar o Governador, que não podia tardar muito. E embarcando-se muito seguro, e com mostras de alegria, foi desembarcar á porta d'ElRey, e subio por suas escadas assima só com hum pagem, e entrou na camara d'ElRey acompanhado já de muitos que o esperavam, e fez suas cortezias com tanta confiança, que pasmou ElRey; e vendo a segurança com que hia a seu chamado, supitamente lhe tirou Deos do coração a tenção com que estava, e o agazalhou muito bem, com o rosto rizonho, dizendo-lhe, que o mandára chamar pera saber delle se o Governador seria cedo naquella Ilha, porque já desejava de o vêr pera o agazalhar, e festejar. Manoel de Sousa lhe respondeo, que ficava em Baçaim fazendo alguns negocios, e que lhe parecia que não tardaria muitos dias. E praticando em outras cousas bem differentes

de

de ſuas tenções, o deſpedio gracioſamente. Manoel de Souſa ſe tornou pera a fortaleza, dando muitas graças a Deos por elle ſer o Authòr daquellas couſas, e o livrar das mãos daquelle barbaro.

Se Valerio Maximo, Tito Livio, e todos os mais Eſcritores louvam, e engrandecem aquelles Decios Romanos, que ſe lançáram em meio das hoſtes dos inimigos por ſalvarem ſua patria, que menos fama merece eſte valoroſo Capitão? ou que menos fez que elles? Porque ſe ſe lançáram em meio dos inimigos, eſte tambem ſe entregou a hum o mais cruel, e tyranno, que ſe ſabia no Mundo, ſalvando com iſſo a vida de muitos, e a fortaleza de ſeu Rey. E não faltou a eſte (e a outros muitos Portuguezes pera avantajarem em tudo aos Romanos) mais que outro Tito Livio, que lhe engrandecêra ſeus feitos; poſto que ſam elles taes, que nem por meu fraco eſtilo, nem pelos deſcuidos que ha neſta noſſa Nação de procurarem gloria, e fama por eſcritura, deixáram os famoſos de conſegui-lla, porque bem ſe ſabe que nenhuma virtude merece tantos louvores, como a fortaleza.

CAPITULO IX.

De como o Governador Nuno da Cunha partio pera Dio, e no caminho encontrou com Diogo de Mesquita: e de como ElRey Soltão Badur foi visitar o Governador ao galeão, e de outras cousas.

Esteve o Governador Nuno da Cunha todo o mez de Janeiro em Baçaim esperando por Diogo de Mesquita pera delle saber a certeza do que o Badur determinava; e vendo que hia tardando, deo á véla pera Dio, levando comsigo Antonio da Silveira seu cunhado Capitão de Baçaim; e atravessando o Golfo, encontrou Diogo de Mesquita, que ElRey despedio da Cidade de Goga, de quem soube o máo animo com que ElRey Soltão Badur andava, e que já ficava na Ilha de Dio, e que sem dúvida trabalharia todo o possivel por tornar a haver aquella fortaleza ás mãos por todo o engano, e traição que pudesse. O Governador sentio muito aquillo pelo desapercebimento com que a fortaleza estava, principalmente de agua, por não ter ainda cisterna. E bem entendeo que Deos o levava lá para evitar algum damno. E apressando-se o mais que pode, foi haver vista da terra a Madrefaval sinco leguas de Dio, donde despedio hum

ca-

catur ligeiro a Manoel de Sousa, pera que se fosse ver com elle, e elle se deixou ir de longo da terra até anoitecer, que surgio huma legua de Dio. Aqui foi ter com elle Manoel de Sousa Capitão da fortaleza, e recolhidos na sua camara lhe deo conta de todas as cousas, que lhe tinham succedido com o Badur, assim como já as temos contado. Bem entendeo o Governador que se lhe offereciam trabalhos, e que lhe era necessario declarar-se com o Badur, porque todas as dissimulações, que naquelle negocio tivesse, lhe poderiam ser muito perigosas. E depois de passarem a mór parte da noite em práticas sobre esta materia, despedio o Governador ao Capitão Manoel de Sousa, que se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia tanto que ventou a viração, deo a Armada á véla com vento prospero, e galerno, e foi-se de longo da terra, pera demandar o porto. Andava neste tempo o Badur da outra banda da terra firme á caça das gazellas, e tanto que vio a Armada, foi-se chegando á praia, e de longo della foi vendo a formosura daquella frota, que foi a mais formosa que nunca vira, que era mais de quatrocentas vélas de toda sorte, isto he, sinco juncos grandes de Malaca carregados de mantimentos, oito náos do Reyno, quatorze galeões, duas galeaças, doze galés reaes, dezeseis

esseis galeotas, e as mais eram fustas, caturres, bargantins, que passavam de duzentas e vinte e tantas velas. Hiam mais a fóra estas náos, zambucos, e cotias de taverneiros da gente da terra, que faziam huma muito grande povoação. E á vista della foi sempre até surgir na bahia de fóra, junto ao baluarte do mar, e por ser já tarde se recolheo ElRey a seus Paços.

Aquella noite chamou todos os seus Grandes a conselho, e com elles tratou o modo de como poderia matar o Governador, pera lhe ficar mais facil o poder tomar a fortaleza; e antre todos se assentou, que corresse com elle com grandes cumprimentos, e dissimulações, fingindo-se-lhe grande amigo, e que o mandasse convidar pera lhe dar hum banquete em terra, em huma quinta que tinha na Ilha ao longo de hum formoso tanque, e que alli o matariam a elle, e a todos os que com elle fossem. Com esta resolução se recolhêram. Ao outro dia tanto que amanheceo (que era vespera de entrudo) chegou a bordo do galeão do Governador hum navio com hum criado d'ElRey, que o mandava visitar com hum presente. (O Governador dizem, que aquella noite fora avisado da parte de Xacoez, que em nenhum caso fosse a terra, se ElRey o mandasse convidar.) Pelo que tanto que soube estar alli re-

recado d'ElRey, lançou-se em cama fingindo-se doente. O criado do Badur foi levádo ao Governador, que estava acompanhado de muitos Fidalgos, e Capitães, e elle lhe deo os parabens de sua vinda da parte d'ElRey, dizendo-lhe, que estava mui alvoroçado pera o ver pela grande obrigação que lhe tinha, que ao outro dia que era do entrudo, que sabia que os Portuguezes festejavam, o havia por convidado com todos os seus Capitães pera lhe dar hum banquete em huma quinta sua, e que entre tanto partia com elle da caça, que aquelle dia fizera da outra banda, (que logo foi trazida á tolda,) que era huma quantidade de gazellas mortas com suas pélles, mas todas com alguma parte menos, pé, perna, ou cabeça, e outra somma de gallinhas todas com as cabeças cortadas. O Governador muito seguro respondeo á visita, dando-lhe os agradecimentos daquella mercê; e que quanto a ser seu hospede ao outro dia, não podia ser, de que ficava muito pezaroso, porque estava em cama de humas febres, e posto em dieta, que tanto que melhorasse, lhe iria beijar as mãos, e acceitar aquellas mercês, e honras, e com isto despedio o criado.

O Governador alevantou-se da cama, e sahio á tolda a ver o presente das gazellas, e gallinhas, e considerando em todas as par-

tes

tes que lhes faltavam, bem entendeo o animo d'ElRey, porque todos os Mouros sam mui dados a parabolas; e figuras: assim elle desejava despedaçar os Portuguezes da maneira que as gazellas, e gallinhas hiam, e parece que as partes que lhes faltavam, as tinha mandado sacrificar ao diabo, pera que elle o favorecesse naquillo; ou tambem lhas tiraria pera fazer seus feitiços, porque era grande feiticeiro, e dado a agouros. João Rodrigues Fysico mór da India, que estava presente, notando aquellas partes cortadas, disse ao Governador, que tudo aquillo hia empeçonhentado; pelo que mandou logo metter tudo em hum navio, pera que se fosse lançar no mar largo com a vasante da maré. ElRey soube do seu criado como achára o Governador em cama, e que por causa de sua enfermidade deixára de acceitar o seu convite; e determinou pera maior dissimulação illo visitar ao galeão, pera com isso o obrigar a lho acceitar, quando pera elle o convidasse.

E a outro dia, que foi quarta feira de Cinza, mandou recado a Manoel de Sousa, que sobre a tarde se fosse pera elle pera o acompanhar, porque queria ir visitar o Governador. Manoel de Sousa o mandou logo avisar, o que o poz em confusão; porque por huma parte via que lhe era necessario

pren-

prender, ou matar ElRey, pois o elle pertendia fazer a elle; e por outra parte, que sería cousa muito fóra de toda a lealdade Portugueza matar homem, inda que inimigo, que com côr de amizade, e confiado nella hia seguramente metter-se em seu poder. E cuidando no que faria, assentou de o mandar prender tanto que sahisse do galeão, e mettello na fortaleza. E preparando-se pera o receber, mandou negociar o galeão, e armar muito ricamente cubrindo-se a tolda toda, camara, e varanda de pannos de ouro, e de alcatifas ricas, e deo recado a todos os Capitães, e Fidalgos da Armada, que áquelle tempo se fossem pera elle o mais custosamente vestidos que pudessem, e que toda a Armada se embandeirasse, e preparasse a artilheria pera salvar ElRey, mandando, e encommendando, que se lhe fizessem todas as mostras de alegria que pudessem.

O Badur tanto que Manoel de Sousa se foi pera elle, que sería a horas de vespera, logo se embarcou com elle no seu navio, que levou muito ricamente toldado, e alcatifado, levando comsigo treze Capitães dos seus principaes, de que não achámos os nomes, mais que a sinco: Langarcan, homem mancebo, de nação Guzarate, Senhor de grande Estado: Aminacem, tambem Guzarate, e homem de muito preço, e grande

Es-

Estado: Coge Çofar, Italiano arrenegado, a quem ElRey se mostrava affeiçoado por amor de hum seu filho, moço de muitas partes, e lhe tinha dado a Villa de Surrate com todas suas rendas, e mando absoluto: Carassen, e Aſetcan genro de Coge Çofar, a que chamavam o Tygre do Mundo, por ser hum Janizaro muito grande de corpo, homem muito esforçado, que foi o que não quiz sahir ao desafio a Manoel de Macedo, como na quarta Decada, Capitulo oitavo, Livro oitavo dissemos. Hiam mais com ElRey dous pagens seus mimosos, hum com hum arco, e coldre muito rico, outro com hum terçado de ouro, e com hum cofo; hia vestido em trajos do monte, de panno de Portugal verde fino, porque faziam terrenhos frios; na cabeça touca de muitas voltas negra, e hum punhal de ouro mettido em hum rico camarabando, com que hia cingido. E como hia com ruim tenção, (que era matar o Governador, se visse tempo pera isso;) deixou negociados alguns navios com gente, e recado a seus Capitães pera que estivessem a ponto, e que vendo despedir huma frécha pera o ar, acudissem com muita pressa, porque era sinal de guerra.

Partido ElRey do cais, foi demandar a Armada, e ao entrar por antre ella, começáram a salvallo com toda a artilheria, e depois

pois com muitos instrumentos de charamellas, trombetas, folías, e outras muitas mostras de alegria. Os navios de remo, que eram muitos, abríram-se pelo meio pera elle passar, fazendo-lhe todos suas fainas, e o foram acompanhando até o galeão. Hia ElRey praticando com Manoel de Sousa mui rizonho, e alegre, e chegando ao galeão, subio por elle assima mui desembaraçadamente; indo sempre pegado com elle Manoel de Sousa, e João de Sant-Iago, lingua, que já era mais Mouro que elle. Subido ElRey no galeão, foi pondo os olhos por todo elle, que estava cheio de todos aquelles Fidalgos, e Capitães, postos em fileiras pelos bordos, e entrando na tolda, achou outros setenta dos mais velhos, mui bem concertados, e ricamente vestidos, e com armas secretas por baixo. Dalli foi levado á camara, onde entrou com hum pagem, e com tres dos seus Capitães, Langarcan, Aminacem, e o Tygre do Mundo. O Governador estava deitado em huma camilha muito rica, armado por baixo, e com huma espada por dentro de longo de si. Tinha comsigo Antonio da Silveira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Juzarte Tição, e Dom Manoel de Lima.

Tanto que ElRey entrou dentro, elle se suspendeo na cama, fingindo-se muito fraco.

co. ElRey se assentou em huma rica cadeira de brocado, que para elle estava posta sobre ricas alcatifas; e depois de assentado, poz os olhos no Governador, e esteve hum pequeno espaço, em que pola ventura passaria pela memoria o erro, que tinha feito em se metter em poder de homens, a que elle queria tamanho mal. Passado aquelle pequeno termo, lhe mandou perguntar por João de Sant-Iago como estava, dizendo-lhe, que lhe pezava muito de sua enfermidade. O Governador lhe respondeo, que agora que via S. A. esperava de sarar cedo, que estava fraco, mas que já se hia achando melhor das febres. ElRey tinha os olhos na porta da varanda, que estava amparada com hum panno de ouro, porque suspeitava, que estava dentro gente escondida; e dizem, que pelo Parseo dissera a João de Sant-Iago, que dissimuladamente fosse ver o que estava dentro. Mas hum pagem do Governador, (que estava na camara avanando-o, que nesta era de noventa e seis ainda vive, e se chama Vicente Paes) nos disse, que o mesmo Rey, como homem desejoso de ver tudo o do galeão, se alevantára, e entrára na varanda, e que não vendo gente ficára algum tanto dessalivado, mas não pouco arrependido do que tinha feito; e despedindo-se do Governador, se foi embarcar.

O Governador mandou metter na mão a Manoel de Sousa hum escrito, em que lhe mandava, que tanto que ElRey se sahisse do galeão o prendesse, e levasse á fortaleza. ElRey como hia apressado, lançou-se em hum dos seus navios, e foi-se logo affastando. Manoel de Sousa deteve-se com o escrito, e quando chegou a bordo já ElRey se affastava, pelo que se embarcou no seu navio, e com elle Diogo de Mesquita, Pedralves de Almeida, Antonio Correa, e alguns da obrigação destes homens, e foi-se seguindo ElRey. O Governador tanto que se elle sahio do galeão, logo se levantou, e disse áquelles Fidalgos, que estavam na tolda, que se embarcassem muito depressa, e fossem favorecer Manoel de Sousa em hum negocio a que hia; o que elles fizeram, lançando-se aos navios que pudéram alcançar.

Nesta visitação d'ElRey achamos alguma differença nos que escrevêram estas cousas, do que geralmente se conta antre os Mouros, e Gentios antigos de Dio, e ao que em suas cantigas cantão; porque todo este successo puzeram em verso, e o cantão o dia de hoje por todo o Reyno de Cambaya. Dizem alguns dos nossos, que ElRey entrára no galeão, e que o Governador o fora receber a bordo, no que se encontram com a dissimulação que teve de se fazer enfer-

fermo, por não ir ao banquete. E dizem mais, que o Badur, depois de entrar na camara do Governador com o desatino que tinha feito naquella visitação, e o Governador com o ter diante de si, vendo que lhe era necessario prendello, ou matallo, que com estas considerações ficáram ambos como mudos, com os olhos hum no outro mais de meia hora, sem haver antre elles cópia de palavras; e que o Badur se levantára, e se fora sem dizer cousa alguma. Tudo isto he contra a obrigação de hum Rey tão poderoso, e de hum Capitão tão valoroso como Nuno da Cunha, que tanto trabalhavam por se fingirem hum ao outro, o que não podia ser sem haver palavras, como na verdade houve, da maneira que temos dito.

CAPITULO X.

Da desastrada morte de Manoel de Sousa, Capitão de Dio: e de como os nossos matáram ElRey, e da variedade que houve sobre o modo de sua morte: e da vida de João de Sant-Iago, e da cruel morte que aqui recebeo.

EMbarcado Manoel de Sousa no navio, como dissemos, foi seguindo ElRey, que se hia hum pouco alongando, havendo que escapára de huma, e bôa, em que se

mettêra sem consideração; mas não se houve ainda de todo por seguro até chegar a terra, pera onde mandou remar com muita pressa, levando Manoel de Sousa a mesma por chegar a elle. João de Sant-Iago vendo a que levavam aquelles navios após ElRey, lhe disse, que lhe não parecia aquillo bem. ElRey embaraçado com o negocio, tomou o arco, e despedio huma fréchá pera o ar, (que era o sinal que tinha dado a seus Capitães pera que lhe acudissem) mandando aos marinheiros, que remassem muito rijo, promettendo-lhes grandes mercês. Manoel de Sousa chegando perto do navio d'ElRey, chamou por João de Sant-Iago, dizendo-lhe, que dissesse a ElRey que se detivesse, porque lhe queria dar hum recado do Governador, que importâva muito. João de Sant-Iago bem entendeo que aquillo não era pera bem, e assim o disse a ElRey, que se levantou em pé, e mandou remar depressa. O navio de Manoel de Sousa como era muito ligeiro alcançou o d'ElRey, e lhe poz a prôa, com o que se embaraçáram os remos, ficando os navios abordados. Manoel de Sousa saltou logo dentro, e com elle os companheiros, e chegando a ElRey liou-se com elle pera o prender. Os seus, tanto que aquillo víram, remettêram com Manoel de Sousa pera o matarem, dando-lhe algumas

cu-

cutiladas, que lhe não fizeram damno por ir armado secretamente. ElRey, que era homem forçoso, tambem se liou com Manoel de Sousa tão rijamente, que o teve suspendido. Diogo de Mesquita, que estava mais perto delle, deo huma cutilada a ElRey por sima da touca, que lhe cortou todas as voltas, e o ferio na cabeça, ficando a cousa baralhada antre todos ás cutiladas; os nossos quatro (que não achámos mais, ao menos de nome) com os quatorze d'ElRey, fazendo todos maravilhas nas armas. ElRey, e o Capitão andavam liados, bracejando, e lutando, e de volta em volta se foram encostando sobre a percha do navio, e por sima della foram ambos ao mar. E como ElRey era leve, e hia desarmado, desapegou-se logo; mas Manoel de Sousa com o pezo das armas se foi ao fundo sem nunca mais apparecer. E aqui acabou hum Fidalgo de grande valor, e esforço, e dos mais primorosos pensamentos daquelles tempos. Era filho de Gonçalo de Sousa, o Lavrador de alcunha, era primo com-irmão do primeiro Conde da Castanheira, filhos de dous irmãos, convem a saber, Gonçalo de Sousa, e Dona Violante de Tavora. ElRey como se vio livre, não se quiz recolher á fusta, porque houve por melhor partido nadar pera a terra, que foi demandar, trabalhando

tu-

4608

tudo o que podia por chegar a ella; mas quiz ſua ventura, que começaſſe a deſcabeçar a maré pera baixo, que o foi levando pera o mar, já tão cançado, que ſe houve por perdido. E porque áquelle tempo chegava perto delle hum navio, de que era Capitão Triſtão de Paiva, houve por menos mal entregar-ſe, que morrer affogado, e aſſim lhe capeou, e bradou, nomeando-ſe *Badur*, *Badur*. Triſtão de Paiva em ouvindo appellidar, acudio pera o ſalvar, dizendo-lhe, que não temeſſe, porque nenhum mal receberia. ElRey já muito cançado ferrou dos remos de prôa, onde eſtava hum homem de baixa ſorte, e alguns dizem, que alabardeiro do Governador, que vendo chegar aquelle Mouro, ſem ſaber quem era, embebeo huma chuça ferrugenta, e lhe deo duas chuçadas, de que o matou, ſem lhe poder valer Triſtão de Paiva, que hia ſaltando os bancos da fuſta pera o ſalvar.

Os noſſos, que ficáram na fuſta pelejando com os d'ElRey, recebêram todos muito grandes feridas, porque tinham muito aſperos, e duros inimigos, tendo já delles mortos ſete, ſendo-o já Pedralves de Abreu de muitas, e grandes feridas. Os navios que hiam em favor de Manoel de Souſa apertáram o remo pera chegarem; mas o pagem do Soltão Badur, que eſtava na prôa do ſeu

com-

com o arco, despedio nelles tantas fréchas, que ferindo-lhes muitos marinheiros, os fez deter por algumas vezes, até que chegou hum navio, huns dizem que de Gonçalo Vaz Coutinho, outros que de hum catureiro, que se chamava o Pantafasul, que lhe poz a prôa, e saltando dentro, acabou-se de averiguar aquelle negocio com morte de todos os Mouros. Caracen, Coge Çofar, e João de Sant-Iago sómente, que se tinham lançados ao mar apôs ElRey, hiam buscando sua ventura. Os nossos ficáram todos atassalhados, salvo Antonio Correa, que levou mais de vinte feridas, e algumas pelas pernas, de que depois viveo aleijado muitos annos. Caracen, Coce Çofar, e João de Sant-Iago indo nadando apôs ElRey, deo-lhes tambem a vasante, que os foi levando pera fóra, sómente Caracen ferrou a terra já tão cançado, que não podia comsigo. Coge Çofar foi dar com hum navio, em que hiam Antonio de Soto Maior, e Diogo do Reynoso seu irmão; e indo já tal que não podia remar, o foi demandar, pedindo que o recolhessem. Antonio de Soto-Maior, e seu irmão acudíram pera o salvar das mãos dos soldados, que fizeram muito pelo matar, e com grande trabalho o recolhêram com algumas cutiladas grandes pela cabeça, apiadando-se de sua miseria, e desaventura; porque os animos

mos grandes, e valorosos até da de seus inimigos se compadecem. Na mesma conjunção chegáram alguns navios, que hiam em favor d'ElRey, e os tres delles succedeo chegarem aquella hora de Mangalor cheios de muita, e lustrosa gente; e como os nossos navios andavam já todos baralhados, ferrando nos dos inimigos, em breve espaço os axoráram a todos, custando esta trisca a vida de oito dos nossos, e muito sangue a mais de quarenta, ficando este negocio de todo concluido já Sol posto. Em todo aquelle tempo estiveram do galeão do Governador vendo a revolta, sem saber o que era passado, do que elle estava bem enfadado.

João de Sant-Iago, com quem ainda não temos continuado, foi-o a maré lançando pera fóra, sem poder ferrar terra, senão ao pé do baluarte, que está sobre o caes, que se chama hoje de S. Martinho; e como era já escuro, bradou aos de sima, que o mandassem tomar, nomeando-se (porque era mui conhecido de todos, e havido por muito máo homem.) Os da vigia tanto que o ouvíram, sabendo ser elle, ajuntáram-se todos, e lançáram sobre elle tantas pedras, páos, e outras cousas que acháram á mão, que o matáram, sem se elle poder affastar de fraco, e cansado; e assim onde cuidou que achasse o remedio da vida, achou, e padeceo o

mais

mais cruel genero de morte, que podia ser. A vida deste homem foi monstruosa, e muito pera notar nella a variedade, e inconstancia da fortuna. Era natural de Africa, em moço foi cativo dos Portuguezes em huma cavalgada: em Lisboa o fizeram Christão, e foi vendido a hum calafate, que lhe ensinou o seu officio, que aprendeo mui bem, em que o servio alguns annos, ajudando a sustentar o amo. Era de tão agudo, e subtil engenho, que pasmavam todos. Embarcou-se algumas vezes com seu senhor pera a India, que foi por calafate daquellas primeiras náos, que a ella passáram, ou naquelles primeiros annos; e falecendo em Goa o amo, o deixou forro, tendo elle já adquirido alguma substancia, e vendo-se livre ajuntou tudo o que pode, e passou-se ao Reyno do Canará a comprar pedraria pera tornar a vender ás náos, (porque naquelle tempo com pouco enriquecia hum homem depressa.) Alli se deixou andar, e em breves dias aprendeo a lingua Canará; e como era homem de engenho, soube-se entremetter de maneira, que pela grande prudencia que nelle entendeo ElRey (algumas vezes que com elle praticou) o recolheo a si, e o teve em seu serviço, em que o satisfez tanto, assim por sua habilidade, como pela veneração com que adorava seus idolos, quando hia com elle

elle a seus pagodes, que o veio a governar todo absolutamente, do que os Grandes do Reyno andavam mui affrontados. E fazendo a inveja seu officio, lá lhe ordíram cousas, que não só o fizeram descahir da graça, mas julgallo á morte, sendo levado do maior, e mais alto lugar do Reyno pera o mais vil, infame, e baixo delle, que era a forca, donde foi livre pelos mesmos que o chegáram áquelle estado, que o pedíram de mercê a ElRey; e ordênou-o Deos assim, porque não tinha ainda alli seu termo limitado. Vendo-se este homem livre, e que escapára de huma morte tão infame, não parou alli mais, e voltou pera Goa mui apressado, donde se passou a Ormuz, e se poz no serviço daquelle Rey, e nelle o agradou tanto, que o fez dos principaes diante delle, dando-lhe rendas, dinheiro, e casa. E como era homem mui cubiçoso, e vio a posse que no Reyno tinha, assim tyrannizou os estrangeiros mercadores, que por amor delle deixavam já de vir áquella Cidade; o que sabido por ElRey o quizera mandar matar, se o Capitão daquella fortaleza, que era Diogo de Mello, lho não pedíra por ser Christão, tendo elle todo o tempo que servio áquelle Rey dado mostras de hum fino Mouro, visitando as mesquitas, e fazendo todas as ceremonias Mahometicas.

Livre deſte perigo, tornou-ſe pera Goa, aonde reſidio, até que o Governador Nuno da Cunha mandou o Secretario Simão Ferreira jurar as pazes com Soltão Badur, quando deo Baçaim, que o levou por lingua, por ſer tão perito em todas as do Oriente, como ſe ſe creára em cada huma dellas. Neſte negocio de Simão Ferreira, as vezes que tratou com o Badur, o achou tão experto, e de tanta viveza, que o pedio a Simão Ferreira que lho deixaſſe, como deixou, quando ſe tornou pera Goa, ficando tão mimoſo, e valído d'ElRey, que lhe veio a dar perto de vinte mil cruzados de renda cada anno em aldeias; pelo que teve grande caſa, e riqueza, ſendo elle hum dos que governavam, o que lhe durou tão pouco como ſe vio, porque em menos de tres annos veio acabar de huma morte tão miſeravel. Era homem muito pequeno de corpo, e com ſinaes de mal de S. Lazaro, que o faziam nojento.

E tornando á noſſa hiſtoria. Alguns Eſcritores contão eſta morte d'ElRey, e de Manoel de Souſa por differente maneira; porque dizem que Manoel de Souſa indo após ElRey chegando á ſua fuſta, dera huma na outra tamanha pancada, que cahíra da percha ao mar, indo em ſima della em pé, e que em cahindo lhe acudíra ElRey, e o

re-

recolhêra na fusta, onde o Tygre do Mundo lhe dera huma estocada pelos peitos de que o matára, no que se encontram bem claro com o que passou; porque como João de Sant-Iago tinha avisado ElRey, que lhe parecia mal a pressa com que Manoel de Sousa hia após elle, parece que se não havia de deter pera o tomar, antes havia de folgar com aquelle estorvo pera lhe ficar mais tempo de se salvar. E quanto á morte de Manoel de Sousa ser de estocada, não houve tal, porque hia armado, e as espadas dos Mouros sam largas, e sem ponta, e não lhe podiam passar as armas; e se tal fora, seu corpo ficára na fusta, e alli se achára, mas elle desappareceo no mar, porque o pezo das armas quando cahio o levou logo ao fundo. E assim o contavam os Mouros daquelle tempo a quem o nós ouvimos.

CAPITULO XI.

De como foi trazido Coge Çofar ao Governador Nuno da Cunha: e da liberdade que lhe deo: e de como se levantou por Rey em Cambaya hum cunhado do Rey dos Magores: e da embaixada que mandou ao Governador.

COncluido o negocio, ou de huma maneira, ou da outra, recolhêram-se os nossos ao galeão do Governador, que em ex-

extremo ſentio a morte de Manoel de Souſa, e tambem a d'ElRey, porque deſejava de o haver ás mãos vivo, porque montára muito ao Eſtado da India, e mandou com muita preſſa buſcar eſtes corpos, que ſe não achàram, e o de Manoel de Souſa não era de eſpantar, porque o pezo das armas o havia de levar ao fundo; mas Soltão Badur ſem ellas não appareceo mais, nem no mar, nem na terra, onde he natural irem ter os corpos mortos pelôs o mar lançar de ſi. E como ElRey era grande feiticeiro, e Mágico (pelos muitos annos que antes de ſer Rey tinha andado pelo Mundo em trajos de Jogue fugido ao pai,) tem os Guzarates pera ſi ainda hoje, que não podia morrer, e que eſtá vivo, e que anda em figura de peixe naquelle rio, que ainda por tempos ha de tornar a reinar, qual outro Artur em Inglaterra em figura de corvo. Antonio de Soto-Maior, e Diogo de Reynoſo entregáram ao Governador Coge Çofar, que elle recebeo humanamente, mandando-o levar á fortaleza, e encarregallo ao Alcaide mór, pera que o curaſſe com grande reſguardo, e o meſmo a Pedralves de Almada, Diogo de Meſquita, e Antonio Correa.

Ao outro dia pela manhã foi o Governador aviſado, que a gente da Cidade amedrontada com a morte d'ElRey ſe paſſava

á

á outra banda; e querendo prover nisso, mandou levar Coge Çofar diante de si, e lhe disse, que cumpria a serviço d'ElRey de Portugal ir quietar aquella gente, porque determinava de favorecer a todos, e sustentallos em paz, e justiça, e que por aquelle serviço promettia de lhe fazer honras, e mercês, e de lhe dar liberdade. E que entre tanto mandasse levar á fortaleza seu filho, que se chamava Marran, aonde estaria honradamente em refens, até ver como elle naquelle negocio servia ElRey de Portugal, e que então lhes daria liberdade a ambos. Coge Çofar se lhe lançou aos pés, agradecendo-lhe a mercê que lhe fazia, promettendo-lhe de o servir muito bem naquelle negocio, e em todos; e logo mandou levar seu filho á fortaleza, que se entregou ao Alcaide mór, que lhe deo casas pera elle, e para alguns criados que levou. E elle se foi á Cidade, levando seguro geral, que lhe o Governador passou, pera todos os moradores della viverem na liberdade em que estavam, e que se lhes não faria aggravo algum, senão muitos favores. Isto he o que achamos por mais averiguado, que aquillo que alguns escrevem, que o Governador soltára Coge Çofar, tomando-lhe a menagem de se não sahir da Cidade sem sua licença; porque parece que se não havia o Governador de fiar tanto daquel-

le

de homem, que cuidasse que lhe havia de guardar palavra, porque bem sabia a pouca fé de todos os Mouros; mas tomou-lhe os refens que dissemos, pera que com mais vigilancia, e cuidado tratasse de ter mão na gente da Cidade, porque se não despovoasse de todo, e pera outras muitas cousas de que tinha necessidade pera a fortificação da fortaleza, e de huma cisterna que determinou logo fazer, que pertendia de haver por ordem, e industria de Coge Çofar, que com o interesse da liberdade do filho se havia de disvelar no serviço d'ElRey de Portugal.

Partido Coge Çofar pera a Cidade, como tinha muita posse, e antre todos os naturaes grande authoridade, e era naturalmente sagaz, e prudente, tal ordem teve naquelle negocio, que não só quietou a todos os que achou ainda na Cidade, mas fez tornar a ella, os que já eram passados á outra banda, tornando a ficar a Cidade em sua antiga prosperidade. O Governador desembarcou aquelle dia á tarde, e se agazalhou na fortaleza, mandando Antonio da Silveira, Fernão de Sousa de Tavora, e o Secretario, com cada hum levar sua companhia de soldados, pera se metterem nos Passos d'ElRey, como fizeram, sem haver contradicção alguma, e puzeram em arrecadação tudo o que se achou de ouro, prata, pe-

dra-

draria, arreios, cavallos, cousas de recamara do Badur, cuja quantidade não achamos em lembrança; mas devia de ser cousa pouca, porque ElRey tinha mandado todos os seus thesouros pera Meca; e antre elles foi o que tinha tomado a Madre Maluco, que mandou á serra, onde tinha sũas mulheres, e as dos seus Capitães polos ter a elles mais seguros, e não se lançarem ao Magor, e mandou-os por seu sobrinho o Mirão, que por ser homem de valor faria aquelle negocio bem. O thesouro que Soltão Badur tomou a Madre Maluco, eram cento e vinte cofres, que cada hum tinha trezentos mil pagodes de ouro, e duzentos e quarenta cheios de moedas de prata, de que quasi não fazia caso. Hia mais hum cofre, que pezava quatro quintaes, que nenhuma outra cousa levava mais que perolas, e aljofar. Hia outro cofre, que levava mil adagas de ouro, e de pedraria; e affirmáram-nos por cousa muito certa ser este o somenos thesouro dos que tinham os antigos Reys de Cambaya, que os tinham tão soterrados, e encubertos, que só a pessoa do Rey, e o Regedor do Reyno sabiam delle.

Deste barbaro soube huma cousa, que mostra bem claro quão grandes eram os thesouros que tinha. Depois de se ver desbaratado do Magor, e estar em Dio forta-

leza inexpugnavel, não se havendo nella por seguro por quão senhoreado, e apoderado estava o medo do seu coração, mandou hum recado ao Grão Turco, em que lhe pedia pera segurança de sua pessoa dous mil Rumes, que queria trazer a soldo em sua companhia. E para que o Turco lhe concedesse o que lhe pedia com facilidade, hia o recado acompanhado de hum muito rico presente, pedindo-lhe muitos perdões de lhe mandar aquella pouquidade, sendo o presente tal, que a valia delle pudéra fazer rico a qualquer Rey a que se dera; porque era huma cabaia de fio de ouro de martélo, lavrada toda de perolas de muito preço, e os botões que a abotoavam eram todos de diamantes engastados em ouro, muito juntos, e de grande valia, tamanhos como grandes tremoços. Mandava-lhe mais huma cinta de ouro, e pedraria muito rica, com hum terçado, e adaga do mesmo feitio, e riqueza, pera não desdizer da obra da cabaia. Mandava-lhe mais huma coroa serrada, como coroa de Imperador, de ouro, e muito rica pedraria; e diziam alguns mercadores que a víram, que só ella valia mais de dous contos de ouro; e a cabaia era de muito mór preço, pela muita quantidade de perolas, que levava, de muito preço, de que á somenos della valia quinhentos pardáos de

ouro; e a mór parte do que ElRey trazia pera seu serviço se passou aquella noite pera a outra banda com suas mulheres. Nos armazens acháram huma grande cópia de artilheria, e armas de todas as sortes, polvora, pelouros, e muitos materiaes pera ella; e na ribeira muita madeira, e navios de toda a sorte, e tantos mantimentos, assim na Ilha, como na Villa do Rumes, que depois de se encherem os armazens da fortaleza, e se prover toda a Armada muito bastantemente, se vendeo huma grande cópia por se não haver mister.

Feitas estas cousas, entendeo o Governador no governo da Cidade, pondo nella os Officiaes á vontade do povo; e proveo os officios da Alfandega, Juiz, Feitor, e Thesoureiro a Antonio da Veiga, e na de Gogalá poz Francisco Pacheco com seus Escrivães, e Contadores, mandando que usassem nellas do costume antigo, não querendo innovar cousa alguma, por não escandalizar o povo; o que tudo fez com conselho, e parecer de Coge Çofar, que por se mostrar agradecido ás honras, e mercês do Governador, o servia em tudo mui promptamente, do que elle estava tão satisfeito, que lhe deo o governo da Cidade, porque Medinarrão já se tinha ido della, mostrando Çofar sua prudencia na quietação, e so-

ce-

cego, com que viviam todos os moradores, correndo sempre em grande amizade com Antonio de Soto-Maior, e Diogo de Reynoso, que o livráram da morte, pelo que lhes ficou tão affeiçoado, que em quanto viveo os nomeou por filhos, provendo-os sempre de dinheiro, e peças muito abastadamente. E chegou a tanto esta obrigação, que commetteo a Antonio de Soto-Maior para casar com sua filha, que viuvára do Tygre do Mundo, que depois casou com hum Esclavonez arrenegado, que tambem veio em companhia do mesmo Coge Çofar, chamado Zinguircan, por outro nome Caracen, que he o que se salvou da fusta d'ElRey a nado. Este veio depois a ter tanta authoridade no Reyno de Cambaya, que lhe deo Soltão Mahamud o titulo de Caracen, que he como Condestabre do Reyno.

Era este homem muito grave, honrado, mui grande amigo de Portuguezes, a quem nós o anno de sessenta e tres, que fomos á Cidade de Baroche, communicámos, estando elle alli por Capitão, e liamos Ariosto, Petrarcha, Dante, Petro Bembo, e outros Poetas Italianos, a que elle era muito affeiçoado, e gostava muito de o nós entendermos. Este nos contou algumas vezes muito particularmente da jornada de Rax Soleimão, em que se elle achou; e desta do Governa-

dor, e morte do Soltão Badur, eſtando nós ainda bem fóra de imaginar que a haviamos de eſcrever, porque então não tratavamos livros, ſenão a eſpingarda.

E tornando á noſſa ordem. Eſtava na quinta do Melique hum Principe chamado Mír Mahamede Zaman, cunhado d'ElRey dos Magores, irmão de ſua mulher, que, como diſſemos, ſempre andou eſperando alguma occaſião pera ver ſe podia metter-ſe em algum daquelles Reynos, tecendo entre aquelles dous barbaros os odios paſſados, cuidando que delles lhe reſultaſſe o que pertendia, que era ver, ſe desbaratado algum delles, lhe ficava a fortuna, abrindo caminho pera ſer Rey, o que então não houve effeito. E vendo agora que com a morte de Soltão Badur lhe offerecia o tempo tamanha occaſião pera ſer Rey daquelle Reyno, por não ficarem filhos ao Rey morto, ajuntando dous mil Magores, que comſigo trazia, metteo-ſe na Cidade de Novanager duas leguas de Dio, e começou-ſe a appellidar Rey do Guzarate. E vendo que pera ſeguramente ſe poder ſuſtentar naquelle Eſtado lhe era neceſſario favor do Governador da India, deſpedio logo hum dos principaes de ſua companhia, chamado Coge Afizamo, por Embaixador ao Governador, com apontamentos das couſas, que havia de tratar com

el-

elle. Este homem chegou á Villa dos Rumes com grande acompanhamento, onde o Governador o mandou buscar pelas fustas da Armada muito embandeiradas, e o recebeo em sala acompanhado de todos os Capitães. O Embaixador, depois de passadas as palavras formaes, propoz sua embaixada na fórma seguinte:

» Que ElRey Mahamede Zaman seu Se-
» nhor lhe fazia a saber, que ao tempo da
» morte de Soltão Badur se achára no Rey-
» no de Cambaya, e que por não haver her-
» deiro, a que por direito aquelle Reyno vies-
» se, vendo que lhe cabia a elle melhor, que
» a nenhum outro Capitão delle, se appel-
» lidára por Rey, e que folgava de estar tão
» perto delle pera tratar sobre suas cousas,
» e fazer novos contratos de pazes, e ami-
» zades. Que lhe pedia, que pois não havia
» Principe, que herdasse aquelle Reyno, que
» lhe parecesse bem que o fosse elle, por fi-
» lho d'ElRey dos Coraçones, e do antigo
» sangue do Grão Tamorlão; e que lhe dés-
» se toda ajuda, e favor, que lhe fosse pe-
» ra isso necessario, porque tambem elle es-
» tava prestes pera conceder todos os parti-
» dos, que fossem justos, e honestos. » O Governador muito graciosamente lhe respondeo, que lhe parecia muito justo o que determinava, porque por todas as vias o Reyno

no lhe eſtava mui bem: que elle eſtava preſtes pera o favorecer em tudo como pedia. E que quanto aos apontamentos, e contratos das pazes, elle Embaixador com os Officiaes d'ElRey de Portugal os determinaſſem, entregando-o logo ao Secretario, Veador da Fazenda, e Ouvidor Geral, que o agazalháram em caſas na fortaleza, que pera iſſo ſe deſpejáram, onde ſe lhe deo todo o neceſſario em abaſtança.

CAPITULO XII.

Que contém os contratos, que o Governador Nuno da Cunha fez com Mir Mahemede Zaman: e de como o Secretario os foi ver jurar por elle: e de como por morte de Manoel de Souſa deixou a Antonio da Silveira por Capitão da fortaleza de Dio: e de hum homem, que trouxeram ao Governador, de trezentos trinta e ſinco annos: e de outras couſas.

AO outro dia ajuntando-ſe os Officiaes d'ElRey com o Embaixador pera aſſentarem os contratos das pazes, dando-ſe huns aos outros ſeus apontamentos, que ſe examináram de parte a parte, e por fim ſe viéram a concluir pela maneira ſeguinte:

» Que tanto que elle Mir Mahamede Za-
» man foſſe pacificamente Rey de Cambaya,
» da-

» daria a ElRey de Portugal pera todo sempre o porto, e Cidade de Mangalor, com todos os direitos, rendas, e jurdição, com dous coces e meio (que he huma legua, e hum quarto) de huma, e da outra banda, com todos os portos, e lugares do mar; com outros dous coces e meio pera o sertão, com todas as Aldeias, Villas, e Lugares, que naquella distancia houvesse, assim, e da maneira que Soltão Badur o possuía.

» Que outro si lhe daria a Cidade de Damão com todas as suas Tanadarias, e aldeias que tivesse até ás terras de Baçaim, assim como dantes eram do Estado de Cambaya.

» Que todos os navios de guerra, e náos, que foram de Soltão Badur, com todas as fazendas, que nellas viessem de fóra tomar os portos de Cambaya, sería obrigado a mandar entregar em Dio.

» Que em nenhum de seus portos poderia elle Mir Mahemede Zaman mandar fazer, nem consentir fazerem-se navios de guerra; e que sómente poderiam fazer náos de carga pera mercadores.

» Que os cavallos que fossem ter a Dio, pagassem os direitos a ElRey de Portugal, assim como se pagavam em Goa. »

Estes sam os apontamentos, que o Embai-

baixador concedéo. Os que lhe concedêram a elle, ſam os ſeguintes:

» Que as moedas todas, que correſſem nas » Cidades, que foram do Reyno de Cambaya, que foſſe da jurdição d'ElRey de » Portugal, e na Ilha de Dio, foſſem cunhadas com os cunhos, e marca delle Mir Mahamede Zaman.

» Que nas ſuas meſquitas, e alcorões de » todas as ditas Cidades, e lugares foſſe elle Mir Mahamede Zaman acclamado por » Rey do Guzarate, como o era Soltão Badur.

» Que os contratos, que eſtavam feitos antre elle Governador, e Soltão Badur, ſobre as náos, e cavallos irem áquella Ilha » de Dio, ficaſſem correndo, e nelles ſe não » innovaſſe couſa alguma: ſómente que as » armas, que vieſſem nas náos, lhas não tomaſſem por virem pera aquelle Reyno.

» Que toda a gente de guerra de Soltão » Badur, que eſtiveſſe em qualquer porto de » Cambaya, que ſe quizeſſe ir pera elle Mir » Mahamede, o pudeſſe fazer livremente, » ſem ninguem lho impedir: » com outros apontamentos, que não ſam eſſenciaes.

Concluidos eſtes Capitulos, ſe paſſáram dous inſtrumentos em Parſeo, e Portuguez, hum pera darem ao Embaixador, e outro pera ficar no Eſtado. E logo o Governador,

pre-

presente o Embaixador, e Antonio da Silveira, Vasco Pires de Sampaio, Ruy Dias Pereira, Gaspar de Sousa, Garcia de Sá, e outros Fidalgos, e Capitães, jurou nos Santos Evangelhos de os cumprir, e guardar em nome d'ElRey de Portugal seu Senhor, muito inteiramente, e de lhe serem guardados por todos os Governadores da India. Deste juramento se fizeram outros dous autos em Parseo, e Portuguez pera se darem ao Embaixador, em que o Governador se assignou, com todos os que presentes estavam. Acabado isto, fez o Embaixador logo alli o mesmo juramento, que lhe foi dado no seu moçafo pelo lingua, obrigando-se a fazer com ElRey a jurar os mesmos contratos, presentes as pessoas que o Governador a isso mandasse. O que tudo se fez com a maior solemnidade que podia ser, desparando-se toda a artilheria, assim da Armada, como da fortaleza, em final de festa, e alegria. Estas pazes, e contratos se apregoáram logo pela Cidade ao som de muitas charamelas, e trombetas.

O Governador mandou logo fazer prestes o Secretario pera ir em companhia do Embaixador á Cidade de Novanager a ver jurar os contratos ao Mir Mahamede; e ao outro dia o despedio, indo o Embaixador muito satisfeito das honras, e mercês que lhe

lhe o Governador fez, levando o Secretario por lingua Marcos Fernandes, e perto de vinte pessoas de cavallo pera seu acompanhamento, levando peças, e brincos curiosos pera dar ao novo Rey. O Mir Mahamede Zaman teve aviso da sua ida, e o foi esperar á quinta do Melique, mandando-o buscar ao caminho pelas pessoas principaes de sua casa, por quem foi levado ao novo Rey, que o recebeo muito bem. E depois de saber da saude do Governador, o mandou agazalhar, e banquetear mui bem. Ao outro dia jurou as pazes publicamente em seu moçafo nas mãos de Cadiçahat, justiça da Cidade de Dio, que o Governador pera isso mandou, o que se fez com grandes solemnidades, e festas ao seu modo, mandando-as logo apregoar por todo o exercito, e na Cidade de Novanager. Disto tudo se passáram instrumentos em lingua Persa, assinados por Mir Mahamede, e pelo Cadi, lingua, e mais pessoas principaes.

Acabado este negocio, em que se gastáram sinco dias, despedio-se o Secretario d'El-Rey, que lhe deo muitas peças, assim pera o Governador, como pera elle, e o mandou acompanhar até á Villa dos Rumes. Dalli se passou á outra banda, e deo conta ao Governador do que ficava feito, o que elle estimou muito; porque se aquelle homem

se

se soubesse conservar naquelle Reyno, ficava o Estado da India muito prospero, e poderoso em terras, e rendas. O Governador foi dando pressa ás cousas de Dio, porque se hia gastando o verão, mandando reformar a fortaleza, e prover os passos da Ilha, pera que não pudessem entrar nella, deixando no rio muitos navios, dando regimentos ás Alfandegas.

E porque a Capitanía daquella fortaleza vagára por morte de Manoel de Sousa, a deo a Antonio da Silveira seu cunhado, que era irmão do Conde de Sortelha Dom Luiz da Silveira, Guarda mór d'ElRey Dom João, a quem deo oitocentos homens pera com elle ficarem, ordenando-lhe Capitães pera lhes darem mezas, deixando-lhe dinheiro pera pagas, e muitos mantimentos, e munições. Na Villa dos Rumes poz João de Mendoça com sincoenta soldados. Esta Villa seu proprio nome he Gogalá; mas depois que a Armada de Mirocen, que o Viso-Rey D. Francisco de Almeida desbaratou naquelle porto, foi ter áquella Ilha, porque a gente della, que era a mór parte Rumes, se agazalhou da outra banda, se ficou chamando do seu nome a Villa dos Rumes: e porque não he razão que passemos por huma monstruosidade de natureza, a contaremos brevemente.

An-

Andando o Governador já pera se embarcar, lhe trouxeram da outra banda hum homem, que se affirmava ser de trezentos trinta e sinco annos, que era de meã estatura, as pernas muito arcadas, bem assombrado, de casta Bengalá, Gentio de nação, mas seguia a seita de Mafamede: tinha naquella idade huma simplicidade espantosa, e com ella dava razão de muitas antiguidades, e alcançou ainda aquelle Reyno em poder de Gentios, pela conta que dava dos Reys Mouros, que todos nomeava com os annos que cada hum reinou. Tinha dous filhos, hum de noventa annos, e outro de doze; e teria outros muitos que lhe morreriam. Affirmava, que sinco vezes mudára os dentes velhos, e lhe nascêram novos; e que outras tantas lhe encanecêra a barba, e se lhe tornára a fazer preta. Esta renovação da natureza não lemos em escritura alguma, que ella fizesse em algum outro homem; porque Adão, que viveo novecentos e trinta annos, e seu filho Seth novecentos e doze; Cão novecentos e dez; Noé, e outros Patriarcas setecentos, seiscentos, mais, e menos; como temos na Escritura Divina, não achamos que vivessem senão via ordinaria da natureza; sem aquella renovação, e reformação.

O Governador folgou muito de ver aquelle homem, e lhe perguntou por muitas cou-

cousas, de que lhe elle deo razão; e antre ellas lhe disse, que todos os Reys antigos que alcançára lhe davam cada mez hum cruzado e meio de tença: que lhe pedia, que pois aquella Ilha viera a seu poder, onde elle tinha quebrada a pobre comedía, lhe fizesse mercê de lha conceder, porque sua idade já não era pera buscar o necessario pera a vida. O Governador lho outorgou de muito boa vontade, mandando-lhe assentar aquelle cruzado e meio por mez por ordinaria no Regimento daquella fortaleza, com o que o velho ficou muito contente; porque naquelle tempo pela barateza das cousas, montava aquelle cruzado e meio mais de oito de hoje; porque o arroz valia a medida a dous bazarucos e meio, e a tres quando caro; o arratel de vaca a quatro: o pão de quatro bazarucos era muito maior que o de dez de hoje; e assim todas as mais cousas. Viveo este homem até o anno de quarenta e sete, porque ainda em tempo do Governador D. João de Castro, depois do cerco de Dio, de seu tempo o víram naquella Ilha, e não soubemos de sua morte, nem pudémos achar pessoas que nos dissessem della. O Governador Nuno da Cunha despachou as cousas de Dio com muita pressa, e em Março se embarcou, e foi tomar Baçaim, aonde deixou Garcia de Sá por Capitão, que o aca-

acabára de ser de Malaca por vir della muito pobre. E provendo Baçaim, e Chaul de munições, e mantimentos, deo á véla pera Goa, aonde depois que chegou despedio os provimentos ordinarios pera Malaca, e Malucó: e com isto se cerrou o inverno.

CAPITULO XIII.

Que dá conta de quem era o Mir Mahamede Zaman, que se appellidava Rey da Cambaya, e de quem sam os Usbeques: e de como se fizeram senhores do Estado de Camarcant: e dos nomes que esta Provincia teve.

QUando tratámos da origem, e principio dos Magores, démos larga conta daquelle grande Chinguiscan, que conquistou as Provincias Sogdiana, Bactriana, Parthea, Persia, e outras, que repartio com seus filhos, dando a de Camarcant á hum chamado Chacatá, e parte da Provincia Turchestan a outro chamado Usbeque, com quem continuaremos. Este Principe teve alguns filhos, com quem por sua morte repartio seus Estados; e os successores pelo tempo em diante os dividíram ainda mais, partindo com filhos, e netos; e de hum só Reyno que era, constituíram muitos, como o de Hircan, Badaxan, Taxcan, Condux, e outros, prezando-

do-ſe todos os deſcendentes até hoje deſte appellido Usbeque. Eſtes Eſtados conquiſtou depois o Grão Tamorlão, e por ſua morte os herdeiros dos Reys, a quem os tomou, lançáram mão do que cada hum lhe pertencia, ficando tudo o mais que poſſuia repartido com dous filhos, e hum neto, por eſta maneira. O Imperio de Camarcant com tudo o que ha dentro dos famoſos rios Oxo, e Jazartes, ficou a ſeu filho mais velho, chamado Mir Mirúxa. A Provincia Coraçone ao filho ſegundo chamado Miraxaroc, que ſeu irmão mais velho depois prendeo, e o ſoltou, dando-lhe o meſmo Eſtado. O Reyno de Balç, e Bochará ficou a ſeu neto, filho de Janguir ſeu filho mais velho chamado Pirmahomad, como muito bem o declara Ruy Gonçalves de Clavijo no ſeu Itinerario. Agora continuemos com eſtes tres ſucceſſores do Tamorlão.

Na Provincia Coraçone ſuccedeo hum filho de Miruxá, por cuja morte em defeito de filhos, ſuccedeo naquelle Eſtado Badur Paxá, por parente mais chegado, que era pai de Hamau Paxá, de quem agora tratamos, que contendeo com Cambaya. Eſte reinou alli poucos annos, porque levantando-ſe-lhe os Patanes com os Eſtados, que tinha derredor do Indo, e Hidaſpes, que ſeus avôs tinham ganhado, como temos dito,

to, acudindo lá, deixou em Camarcant hum parente seu, que era seu Veador da Fazenda, e Can Cahaná de seus Reynos (que he hum titulo supremo, como Condestabre) que se lhe alevantou com aquelle Estado, que nunca mais o Badur Paxá pode cobrar. E por morte do alevantado succedeo hum filho seu chamado Babu Soltan; e por morte deste herdou aquelle Reyno hum filho que tinha, chamado por sobrenome Bosá Cotená, que quer dizer *Bebedor de cerveja*, (porque parece que era amigo de vinho,) em cujo poder se acabou este Estado, como logo diremos, porque he necessario continuar com os outros principados. Por morte de Pirmahomad, neto de Tamur Langar, succedeo no Reyno de Balc, Xaroc seu tio; e não sabemos se em defeito de filhos, se por lho tomar. E por morte de Xaroc ficou o Estado do Coraçone a seu filho mais velho chamado Soltan Hocé; e no de Balc, hum filho segundo por nome Xabeq Can, a quem os Escritores erradamente chamam Xabascan. Este foi tão valoroso, e esforçado Cavalleiro, que determinou de conquistar todos os Estados, que foram do Tamur Langar seu bisavô, e ajuntando hum grande exercito, entrou pela Provincia Coraçone, em que reinava já Bedeat Hocen, filho de Soltão Hocen, de que assima fallámos; e como es-

te

te Bedeat não era menos valoroſo que o Xabeq, ſabendo que lhe entrava por ſeu Reyno; o foi eſperar, e lhe apreſentou batalha, em que o Bedeat foi morto com tres irmãos ſeus, e o Xabeq ſe apoderou do Reyno. Foi eſte perto dos annos do Senhor de 1510, e a mulher do Rey morto fugio com hum filho, e huma filha, (que ambos eram meninos,) e ſe paſſou a Camarcant, onde ainda reinava Badur Paxá, que tambem era neto de Tamur Langar, que o recebeo mui bem, e creou os filhos como ſe foram ſeus; e a filha, como teve idade, a caſou com ſeu filho Hamau Paxá, e o moço, que era eſte Mir Mahamede Zaman, foi-ſe fazendo homem, e de muito grandes penſamentos, e bom cavalleiro.

Morrendo o Badur, ſuccedeo nos Reynos do pai ſeu filho Hamau, que não fez conta do cunhado; e vendo-ſe elle desfavorecido delle, paſſou-ſe a Cambaya a Soltão Badur, onde lhe ſuccedeo o que temos contado. Daqui começou Hamau a ter odio a Soltão Badur, porque lhe recolheo o cunhado, e lho não mandou, mandando-lho elle pedir. E tornando ao Xebeq. Depois que ſe vio ſenhor do Coraçone, ſabendo que na Perſia era novamente alevantado Xá Iſmael, lhe enviou Embaixadores a pedir-lhe, que lhe largaſſe aquelle Reyno, que fora de ſeus

avôs. Xá Ismael como andava favorecido da fortuna, mandou-lhe dizer, que elle lhe levaria a resposta. E ajuntando logo hum poderoso exercito, foi buscar o Xabeq, assim por lhe quebrar sua soberba, como por vingar a morte d'ElRey Bedeat, pelas obrigações que tinha a seu pai Soltão Hocen, que sempre o amou como filho, e lhe deo muito grande ajuda pera subir á Monarquia da Persia. O Xabeq sabendo de sua ida o foi esperar, e encontrando-se nos campos de Maron, vindo a batalha, que foi asperissima, por fim della ficou o Xabeq morto, e o seu exercito desbarado; e o Xá Ismael (segundo alguns Escritores) mandou fazer do casco da cabeça de Xabeq hum vaso guarnecido de ouro, por onde bebia, como já os Boios fizeram da cabeça do Consul Posthumio, quando o desbaratáram em Triana de França. Desta vez ficou o Xá Ismael senhor da Provincia Coraçone, que de então pera cá se ajuntou á da Persia.

Foi esta batalha, segundo a conta de João Maria Angelo (que naquelle tempo vivia, e escreveo as cousas da Persia) junto dos annos do Senhor de 1511; mas pela do nosso João de Barros, na de 1513. Micer Catherino Zeno, que concorreo no mesmo tempo, e escreveo esta batalha, diz, que o Xabeq não morreo, mas que se recolhêra pe-

ra seus Reynos. As Chronicas Persias todas affirmam que morreo ; mas ou fosse agora, ou depois, por sua morte succedeo naquelle Estado Escander Can , que as escrituras não declarão se era filho , se tio , se irmão. Este homem foi muito valoroso , e ganhou os Estados de Hiarcan , Badaxan , Taxcan, Condux, e outros pera a parte do Turchestan, e começou a conquistar o de Camarcant , onde reinava Bosá Corná : e andando nesta empreza , faleceo na entrada deste anno de 1537, em que andamos. Succedeo-lhe seu filho, chamado Abdula Can, que acabou aquella empreza, e se senhoreou de todo o Estado de Camarcant , e de outros muitos, que ha derredor do Oxo , e Jasartes; com o que ficou hum dos mores Senhores do Mundo.

E como era ambicioso de honra, e fama, mudou o nome áquella Provincia (que até então se chamava Zagatai) em Usbequia, e mandou que todos os seus naturaes se chamassem Usbeques: por este nome sam hoje tão conhecidos, e temidos em todo o Oriente, que até os Magores, que sam os mais soberbos homens delle, lhe reconhecem superioridade. Com isto fica bem conhecida a Provincia Usbequia , e confundido o erro dos que fizeram o Xabeq Tartaro, sendo na verdade Chaquatai.

Esta Provincia Coraçone, de que fallámos, affirma-se que foi a antiga Parthia, e seus naturaes os famosos Parthos, tão nomeados de Plutarco, Apiano Alexandrino, e de todos os Escritores Romanos. Estes foram os que desbaratáram o grande exercito de Marco Crasso, matando a elle, e a dez mil Romanos, e cativando-lhe outros tantos, cuja morte exclama aquelle grande Poeta Mena, dizendo:

E vimos a Crasso sangrienta la espada,
De las batallas que hizo en Oriente,
Aquel de quien vido la Romana gente,
Su muerte plañida, mas nunca vengada.

Tomou esta Provincia o nome de Horacanja, que he o seu verdadeiro, (e não Coraçone, como vulgarmente se chama) de Horacan Soltão, neto de Mafamede, que os Persas affirmam estar enterrado na Cidade de Maxet, principal daquelle Reyno.

São os Usbeques homens robustos, espaduados, rostos largos barbaçudos, olhos fogosos, encarniçados, e tão déstros archeiros, que indo correndo a cavallo, assim pera trás, como pera diante, vam derribando as aves nos ares: quando caminham não levam mais que suas armas, e cevadeiras com farinha de trigo, e onde chegam matam vacas, bufaras, e outras alimarias, que comem

tão mal aſſadas, que o ſangue lhes corre pelas ilhargas das bocas, e das farinhas fazem ſeus bolos. E ſe não acham gado, ſangrão os cavallos, e o ſangue miſturado com a farinha, fazem humas papas cozidas com que ſe ſuſtentam, e com que engordão. Pelo que parece ſerem eſtes os antigos Maſagettas, de quem Lucano no terceiro da Pharſalia diz: (Os Maſagettas, que de ſua longa abſtinencia na guerra matam a fome com o ſangue de ſeus cavallos.) E porque eſtes homens não uſam outro mantimento, póde aquelle Rey, cada vez que quer, caminhar com cem mil cavallos, porque eſtes ſe ſuſtentam das hervas dos campos, e das aguas dos rios, com que andam gordos; e ſam tão aturadores do trabalho, que antre dia, e noite andam vinte, e mais leguas. Seguem eſtes homens os Arabios em ſua ſeita, ſobre o que têm com os Perſas grandes contendas, e ſam inimigos mortaes por haverem huns aos outros por hereges, e tem tomado diviſas de ſuas opiniões: os Perſas turbantes vermelhos, a que os Turcos chamam Quizilbax, que quer dizer *os das cabeças vermelhas*: e os Usbeques toucas verdes, a que chamam Iſilbax, a quem o douto Varão Paulo Jovio chama *Cuſelbas*, e *Gaſelbas*, porque lhe não ſouberam dizer a verdadeira etymologia deſtes nomes, ou ap-

pel-

pellidos, que he o em que conſiſte o verdadeiro entendimento das couſas, e no ſaber inquirillas vai tudo.

DECADA QUINTA.
LIVRO II.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como os Grandes de Cambaya alevantáram por Rey Soltão Mamud, e do exercito que mandou contra Mir Mahamede Zaman, que se appellidava Rey de Cambaya: e do recontro que tiveram com os Magores, em que ficáram desbaratados.

SABIDAS as novas da morte de Soltão Badur por todo o Reyno; e depois da morte do Mirão seu sobrinho, que logo lhe succedeo no Reyno, em que não viveo hum anno; e que o Mir Mahamede Zaman se appellidava Rey, e estava em Novanager com hum exercito de Magores, a que em Cambaya tinham odio mortalissimo, ajuntando-se todos os Grandes a conselho assentáram, que era necessario atalhar-se aquelle

le negocio logo em fresco, primeiro que o novo Rey alevantado viesse a cobrar maior poder, porque não viessem todos a ficar debaixo de jugo alheio. E passando-se á Cidade de Amadabá, onde estava Soltão Mamudé, sobrinho de Soltão Badur, filho de hum seu irmão, que era moço de quinze annos, e pondo-o na cadeira Real, o juráram por Rey com grande solemnidade. Feito isto, elegêram logo tres Tutores pera lhe ajudarem a governar o Reyno; estes foram Madre Maluco, genro de Coge Çofar, Driarcan, e Alucan, todos homens estrangeiros, Turcos, e Rumes, que então eram as maiores pessoas do Reyno. A primeira cousa que estes fizeram, foi, quietarem alguns tumultos que havia, e castigarem alguns alevantados, que não quizeram acudir ao seu Rey, deixando as cousas de Mir Mahamede pera depois que o Governador Nuno da Cunha se partisse de Dio, (porque isto foi pouco depois da morte de Soltão Badur,) porque souberam elles os contratos, que elle tinha feito com o Governador; que se não podia deter muito, por causa do inverno que se vinha chegando. Estas novas teve logo o Mir Mahamede Zaman, que as enviou ao Governador, mandando-lhe pedir conselho sobre o que faria naquelle negocio. O Governador Nuno da Cunha lhe mandou dizer

que lhe convinha com essa pouca gente que tinha acudir logo á Cidade de Amadabá, e saltear o novo Rey, primeiro que lhe acudisse o poder; porque elle sabia de certo, que havia divisões, e muitos descontentes da eleição dos Turcos, que começavam a castigar alguns, que haviam por culpados; que estava certo acudirem-lhe, e ajuntarem-se com elle; e que sempre nos Reynos havia homens amigos de novidades, que haviam de folgar de o servirem, com quem lhe era necessario mostrar-se no principio liberal, porque nisto estava virem-se todos pera elle; e que se não descuidassem naquelle negocio, porque depois que os Tutores ajuntassem poder, não lhe sentia remedio.

Este conselho pareceo mui bem ao Mir Mahamede Zaman; e sem dúvida que se o tomára ficára Rey de Cambaya, porque a gente que tinha bastava pera saltear o novo Rey, e apoderar-se da Cidade de Amadabá; mas elle descuidou-se, e deixou-se estar em Novanager em passatempos, como outro Anibal em Capua, pelo que deixou de ser Senhor de Roma, como este do Imperio do Guzarate. Os Tutores, e Governadores do Reyno, depois que deram ordem a muitas cousas delle, e de saberem ser o Governador partido pera Goa, e que não havia de tornar por então a ajudar com gen-

te Portugueza a Mir Mahamede Zaman, com quem se tinha concertado, quando se alevantou por Rey de Cambaya, ajuntando dez mil cavallos, e quinze mil de pé, os dous Regedores Madre Maluco, e Alucan, se partíram com elles mui apressadamente em busca do Mir Mahamede Zaman, e em poucos dias chegáram aos campos de Novanager, de que logo teve aviso o Magor, e houve-se por perdido, conhecendo então o grande erro que tinha feito em não seguir o conselho que lhe dera o Governador Nuno da Cunha. E preparando sua gente, assentou de esperar os Capitães em campo, porque na Cidade facilmente se podia perder, por ser toda aberta, e não ter commodo pera se defender nella. E querendo sahir-se, acharam-se alli já cercados dos inimigos. Mir Mahamede Zaman, que era homem muito animoso, disse aos seus, que não havia já que fazer, senão commetterem os inimigos, e trabalharem por daquelle primeiro encontro os romper, e que os que escapassem se fossem recolhendo pera a banda do Cinde pera aquelle Rey, que tambem era Magor, e muito seu parente, e que dalli fariam o que a fortuna lhes ordenasse.

Com esta resolução se puzeram a cavallo, e de dous mil que eram, fez Mir Mahamede Zaman duas batalhas, huma que elle

tomou, que era de mil e duzentos, e a outra de oitocentos deo a outro Capitão. E sahindo ao campo, levando Mir Mahamede Zaman a dianteira, remetteo com os inimigos como hum leão bravo, e pondo-lhes as lanças com grandes gritos, e alaridos, foi rompendo por elles, partindo-os pelo meio, derribando-lhes daquelle encontro mais de duzentos, sahindo-se ao campo largo com perda de só tres homens; e assim como foram varando, foram caminhando adiante. O segundo esquadrão vendo Mir Mahamede Zaman misturado com os inimigos, que assim como se abríram, se tornáram logo a fechar, havendo-os a todos por perdidos, porque os não víram arrebentar fóra ao campo, e tomando outro conselho, voltáram, e foram fugindo pera a banda de Dio. Os inimigos os foram seguindo, matando, e derribando nelles sem piedade, accrescentando-lhes o esforço o medo que viam levar a homens, a que todos os de Cambaya tiveram tamanho medo. O Mir Mahamede Zaman, tanto que se vio em salvo, e alongado dos inimigos, parou por esperar pelo segundo esquadrão, o que fez muitas horas sem chegar, pelo que o houve por perdido, e de mágoa parecia querer arrebentar, e ajuntando os seus, assim lhes disse:

» Não me consente o animo, e amor, que

» a

» a todos os meus naturaes tenho , valoro-
» sos , e esforçados companheiros meus , que
» os veja a elles em perigo , ficando eu fó-
» ra delle , antes desejo ser o primeiro em
» todos os trabalhos , e riscos : pelo que he
» necessario que tornemos a voltar em busca
» do outro esquadrão , que pois tarda , deve de
» estar em perigo. Vamos , e corramos com
» elles a mesma fortuna , e não vos assombre
» a multidão dos inimigos , que estes sam os
» mesmos , que muitas vezes fugíram só de
» nos ouvir nomear , e ninguem os póde hoje
» fazer esforçados , senão nossa covardia : e
» eu confio que em nos vendo outra vez com
» elles , percão o furor , se o tiverem , por-
» que bem hão de entender de nossa volta ,
» que he pera livrarmos os nossos á custa de
» nossas vidas , que a elles hão de ser bem
» caras ; e não os tenho por taes , que quei-
» ram esperar esta determinação. » A nenhum
dos seus pareceo bem aquillo , dando-lhe ra-
zões taes , e tão frias , que entendeo de seu
temor , que não fariam cousa alguma , e as-
sim triste , e malencónizado foi seguindo seu
caminho pera o Cinde , lembrando-lhe no-
vamente pera mór mágoa sua , que deixára
de ser senhor de hum tamanho Imperio por
seu proprio descuido , e negligencia. E es-
tes deixallos-hemos , porque não sabemos
mais que irem ao Cinde.

. Os do outro esquadrão, que hiam pera Dio, foram sempre fugindo sem fazerem volta; perdendo-se na jornada perto de quatrocentos. Os outros que escapáram, chegáram á Villa dos Rumes, onde estava por Capitão João de Mendoça, que acudio com muita pressa ás portas da Villa; e vendo aquella revolta, e os Magores ao longo dos muros pedindo-lhe favor, e ajuda, (porque já vinha entrando com elles a gente de Cambaya, que começava a encher os campos,) mandou desperar nelles algumas peças de artilheria com que os deteve. Os Magores estavam recolhidos ao longo dos muros, e ferrados ás portas, pedindo que os recolhessem, o que os porteiros fizeram a alguns por hum muito pequeno postigo, porque lhes enchêram as mãos de dinheiro.

Aqui aconteceo hum raro exemplo de amor, que por tal o contaremos, e foi, que trazendo hum destes Magores sua mulher nas ancas do cavallo, moça, e formosa, vendo que por dinheiro recolhiam alguns dentro na fortaleza, chegou-se ao porteiro, e lhe disse, que tudo o que trazia comsigo lhe dava, e que lhe recolhesse dentro sua mulher, porque como a visse livre, não lhe daria cousa alguma do perigo que elle corresse: o que disse com mostras de tanto amor, que venceo aos da porta a quer ella recolher; e

e entregando-lha elle, e apartando-se della com palavras de muitas saudades, sentio ella isto tanto, que indo já entrando tornou a voltar pera fóra, dizendo:

» Nunca Deos queira que te deixe de a» companhar na morte, assim como o fiz sem» pre na vida; o mesmo risco que tu corre» res, quero eu correr, porque em quanto » te vir, todos haverei por pequenos, e sem » ti não quero vida, nem liberdade; » e assim se deixou ficar de fóra sem se querer recolher, por muito que lho elle rogou.

João de Mendoça tinha mandado recado a Antonio da Silveira Capitão da fortaleza, sobre aquelle negocio: elle lhe mandou dizer, que recolhesse na Villa todos os Magores, e que não deixasse chegar ao campo a gente de Cambaya. Elle o fez assim, abrindo as portas a todos. E na entrada houve tamanha revolta com o medo que levavam, que huns por sima dos outros se arremessavam tão desatinadamente, como se os inimigos fossem alcançando-os, estando elles bem apartados, porque a nossa artilheria os fez affugentar; mas o medo da morte lhes fazia parecer que lhes hiam elles dando nas costas. João de Mendoça os recolheo, e agazalhou com muita humanidade, mandando curar a muitos que hiam feridos.

Elles mandáram pedir a Antonio da Sil-

Vei-

veira embarcações pera se passarem a Dabul, que lhes elle logo deo, e foram-se muito satisfeitos do gazalhado, e favor que acháram em os Portuguezes. Madre Maluco, e Alucan vendo os Magores recolhidos, contentando-se com os damnos que lhes tinham feito, tornaram-se pera Amadabá, onde ElRey estava, e com elle andáram todo este inverno visitando seus Reynos, amostrando-se a seus vassallos, que todos lhe acudíram.

Antonio da Silveira vendo o negocio baralhado, lançou mão da Alfandega de Dio, e de todas as rendas da Ilha, que começou a arrecadar pera ElRey, sem achar inconveniente algum, porque ElRey Soltão Mamude andava occupado em outras cousas, que lhe mais importavam, que era quietar seus Reynos, castigar, e reduzir á obediencia alguns vassallos rebeldes, que nas guerras dos Magores não acudíram a ElRey Soltão Badur seu tio. Antonio da Silveira avisou logo ao Governador do que passava, o que já não pode fazer senão por terra, por ser o inverno de todo entrado; pelo que deixaremos agora estas cousas por continuarmos com as de Maluco, por guardarmos em tudo a ordem da historia.

CA-

CAPITULO II.

Das cousas, que este anno acontecêram em Maluco: e da chegada de Antonio Galvão áquella fortaleza: e de como foi buscar os Reys da Liga á Ilha de Tidore, onde lhes deo batalha, em que os desbaratou.

ESTando as cousas da fortaleza de Ternate no peior estado que se podiam imaginar, pelo grande aperto em que os Reys conjurados tinham posto os nossos, defendendo-se-lhes por todas as partes os provimentos, de que totalmente estavam muito faltos, e sem dúvida se perdêram, se Deos naquelle derradeiro estremo não trouxera Antonio Galvão, que sempre teve muito boa viagem, até lançar ferro diante daquella fortaleza, que pera todos os que nella estavam foi hum novo resuscitar, porque realmente se haviam por acabados. Antonio Galvão tomou posse da fortaleza, onde foi recebido com Cruz alçada; e tomando informação do miseravel estado em que aquellas cousas estavam, e de como todos os Reys da Liga estavam na Ilha de Tidore com tão grande poder, que se affirmava terem perto de vinte mil homens, e que estavam conjurados pera commetterem, e escalarem a for-

taleza, pera o que tinham já preſtes muitas embarcações pera paſſarem a Ternate com muito alvoroço de todos, que dos bens dos noſſos tinham já feito grandes repartições. Informado Antonio Galvão de tudo, como era Fidalgo virtuoſo, e em extremo devoto de Noſſa Senhora, encommendou-lhe muito todas aquellas couſas com mui devoto coração. E tomando conſelho ſobre o que faria, foram todos de parecer, que tentaſſem os inimigos com pazes, commettendo-lhes algum modo de ſatisfação; e que quando elles a não quizeſſem acceitar, era neceſſario arriſcar-ſe tudo, porque com guerra lenta não ſe podiam desfazer aquelles inimigos; e que quando elles não ouſaſſem a vir cercar a fortaleza, por ſer chegado ſoccorro da India, com ſó ſe eſpalharem por antre aquellas Ilhas, e lhes impedirem os mantimentos, era a maior guerra que ſe podia recear. Antonio Galvão deſpedio logo hum Embaixador a ElRey de Tidore, que o ouvio diante de todos os Reys da Liga, e elle lhe diſſe: Que Antonio Galvão era chegado áquella fortaleza por mandado d'El-Rey de Portugal, e que deſejava muito de correr com todos os Senhores daquelle Archipelago em paz, e amizade, porque aſſim o trazia muito encommendado por regimento do ſeu Rey: Que lhe pedia por mer-

cê, que deixados os aggravos á parte, (que elle estava prestes pera satisfazer, e emendar,) tornassem á antiga paz, e amizade, porque se não perdesse aquelle tão antigo commercio, de que a todos tinham resultado tão grandes proveitos. Os inimigos como estavam soberbos, e confiados no grande poder que tinham, respondêram despropositos; zombando, escarnecendo, e dizendo grandes opprobrios, e affrontas contra o nome Portuguez tão avorrecido a todos. O Embaixador se recolheo sem conclusão alguma, e quasi que esteve arriscado.

Sabido por Antonio Galvão o que passava, resolveo-se em pôr todo o remedio nas armas, encommendando aquellas cousas a Deos com verdadeiro coração, ordenando logo todas as cousas, que pera isso lhe eram necessarias; porque assentou de ir buscar os inimigos, e dar-lhes batalha. E as primeiras achegas que ajuntou foram procissões, orações, esmolas, e outras obras pias, tudo á custa de sua fazenda, (que estas eram as mercadorias, que este Fidalgo foi fazer á sua fortaleza, de que os de hoje bem se rirão.) E pondo toda a Armada no mar, embarcando as munições que havia, ultimamente se embarcou, entregando a fortaleza a Tristão de Taíde, e fez-se á vela. A Armada que levava eram quatro galeões, que estavam

vam no porto, e algumas corocoras: nestas vazilhas hiam embarcados cento e setenta Portuguezes, e duzentos e trinta da terra, em que entravam alguns escravos dos cassados. Com toda esta frota foi surgir defronte da Cidade de Tidore, salvando-a com sua artilheria, que não deixou de pôr espanto nos inimigos, cûja multidão acudio á praia a dar vista aos nossos com tamanhos alaridos, que puderam pór medo a qualquer outro Capitão, que não fora tão confiado no favor Divino. Surta a Armada, metteo-se Antonio Galvão em huma corocora ligeira, e foi-se chegando á terra pera reconhecer a Cidade, que estava estendida de longo da praia, cercada por detrás de muros, e com huma cava á roda. Na face da praia tinha alguns baluartes muito fortes, e mui bem guarnecidos de gente, e artilheria. Da banda do sertão, hum pouco affastado da Cidade, tinha hum monte, que lhe ficava como padrasto, em cima de quem estava hum Castello roqueiro arrezoado. Antonio Galvão foi notando a Cidade muito devagar, e rodeando a Ilha por toda aquella parte por ver onde acharia melhor disposição pera desembarcar com menos risco, e notou hum lugar commodo pera isso, hum pouco affastado da Cidade. E tomando parecer com os que levava comsigo so-

ſobre o modo de como ſe commetteria a Cidade, aſſentou-ſe, que ſe deſembarcaſſe naquella parte de madrugada, e que foſſem por detrás ganhar o Caſtello, e que depois ſe commetteſſe a Cidade, porque já então eſtariam os inimigos amedrontados com a perda do Caſtello.

Aſſentado iſto, preparou-ſe Antonio Galvão pera o outro dia, que era do Apoſtolo S. Thomé, Padroeiro da India, em cujo dia por ſeus merecimentos fez Deos noſſo Senhor muitas mercês aos Portuguezes, (como pelo decurſo da hiſtoria apontaremos.) Tanto que o quarto dante alva ſe rendeo, embarcou-ſe Antonio Galvão nas corocoras, com cento e vinte Portuguezes, e cento e oitenta Chriſtãos da terra, deixando a mais gente na Armada pera guarda della, que ficou encarregada a huma peſſoa de confiança, com ordem do que havia de fazer; e elle em muito ſilencio foi deſembarcar no lugar determinado, levando muito boas guias pera o encaminharem ao Caſtello. Ao meſmo tempo ſe levou toda a Armada, e com os traquetes ſe foi chegando á Cidade, fazendo moſtras de quererem deſembarcar em os batéis, diſparando toda ſua artilheria. Os inimigos tanto que aquillo víram, acudíram todos á praia pera defenderem a deſembarcação, deſcuidando-ſe de todas as mais partes,

te, de feição, que teve Antonio Galvão tempo de chegar assima ao Castello sem serem sentidos. Era isto já a tempo, que a manhã começava a descubrir.

Os nossos tanto que chegáram assima, commettêram o Castello com muito animo, trabalhando pelo entrar; os de dentro em sentindo que eram Portuguezes, fizeram sinal pera que na Cidade se soubesse, e elles se puzeram á defensão mui determinadamente. ElRey Ayalo de Ternate, que lá andava fugido, ouvindo o sinal, ajuntou hum corpo de gente, e acudio assima a ver o que era, porque não sabiam do que era passado; e chegando ao monte, deo de rosto com os nossos, que estavam mui accezos na briga, e alguns tratavam de quebrar as portas, com quem remetteo Ayalo com grande furor; mas Antonio Galvão acudio alli, pondo-se diante dos seus, e como hum leão pelejava por huma parte, e como prudente Capitão trazia os olhos nos seus, animando-os, e esforçando-os, porque não tivessem tempo alguns de se escoarem, porque a todos via, e notava. ElRey Ayalo andava diante dos seus armado em huma saia de malha, e hum capacete, e com huma espada de ambas as mãos pelejava valorosamente. Antonio Galvão em o vendo, remetteo a elle com huma espada, e rodella, começando-o a ferir de-

no-

nodadamente. Os de Ayalo acudíram alli pera o ajudarem. Os Portuguezes tambem o fizeram ao seu Capitão, travando-se antre todos huma muito aspera batalha, e muito arriscada da parte de Antonio Galvão, porque os inimigos eram muitos; mas quiz Deos que dessem huma espingardada em ElRey, de que cahio, estando já ferido das mãos de Antonio Galvão, e com a raiva da morte se tornou a levantar logo; mas como a ferida era mortal, tornou a cahir, bradando pelos seus, que o recolhessem primeiro, que os cães (que assim chamava aos Portuguezes) espedaçassem seu corpo como desejavam. Os seus vendo-o daquella maneira, o tomáram nos braços, em que lhes logo morreo, e recolheram-se. Os seus em o sabendo se começáram a desbaratar, e largando as armas foram fugindo pera a Cidade, aonde já se sentia o reboliço, e vinha outro corpo de gente em seu soccorro; e encontrando-se com elles, que hiam desbaratados, e os Portuguezes matando, e ferindo nelles, voltáram todos, sem verem quão poucos os nossos eram. Antonio Galvão vendo a vitoria por si, a foi seguindo com grande estrago dos inimigos; e alguns delles, que não pudéram fugir pera baixo, foram-se recolhendo pera o Castello, indo apertados de alguns dos nossos. Os de dentro acudíram ao

çolher, abrindo-lhes as portas; mas foi tamanho o medo, e embaraço, que entráram Portuguezes de envolta com elles, matando e derribando muitos. Os inimigos largáram as portas, e vendo-se perdidos, lançáram-se dos muros abaixo, espedaçando-se huns, e outros cahindo nas maõs dos nossos, que não passavam melhor, porque lhes abriam as entranhas de feição, que poucos escapáram. Antonio Galvão acudio áquella parte, e vendo tamanha mercê de Deos, tomou logo huma muito prudente resolução, que foi mandar dar fogo ao Castello, porque os seus não tivessem esperança de se salvar nelle. E ajuntando todos, lhes disse:

» Ora sus, meus cavalleiros de Christo,
» pois nos elle fez tantas mercês, não arrefeçamos, saibamo-nos aproveitar do tempo, e vamos commetter em fresco a Cidade, porque os inimigos estam com o medo nas entranhas; e agora vendo este incendio hão de acabar de descoraçoar, e não hão de esperar nossa furia, por isso segui-me, que Deos he comnosco.» E tomando a bandeira de Christo a par de si, arremeçou-se pelo monte abaixo como hum trovão, e foi demandar a Cidade ao som de muitas caixas, e trombetas, com grandes gritas de todos os nossos, que com hum novo ánimo hiam seguindo seu Capitão. E en-

entrando por huma parte, foi tamanho o medo dos inimigos, que largáram a Cidade, recolhendo-se pera o sertão, ficando-la com todo o seu rechcio em mãos dos nossos. Antonio Galvão como teve aviso que tudo era despejado, receando-se de algumas desordens dos seus soldados, mandou-lhe secretamente dar fogo, e como toda era de madeira, e palha, começou a arder com grande estrondo, queimando-se dentro nas casas muitas mulheres, e meninos, que não pudéram fugir. E porque foi avisado de huns armazens de mantimentos, e munições, mandou ter nelles grande resguardo, pela necessidade que de tudo isto tinha.

Os batéis, e bantins acudíram logo á praia, onde o Capitão mandou recolher tudo, o que se fez com muita pressa, por haver muitos marinheiros, e servidores. Recolhido tudo, e a Cidade feita em cinza, se começou a embarcar, não deixando de haver antre os soldados alguns desmandos, porque muitos se espalháram pela Cidade a roubar, cativando muitas pessoas, que pelas casas estavam escondidas. Embarcado Antonio Galvão, mandou pôr o fogo a algumas corocoras, que estavam varadas, e a outras embarcações, e a hum junco que estava na Bahia, mandando recolher algumas: o que tudo fez muito á sua vontade, sem ter sobre-

barato dos inimigos. Assim se recolheo com huma tão grande vitoria, qual nunca lemos, nem ouvimos, desbaratando com cento e vinte Portuguezes quatro Reys com vinte mil homens, e em sua propria terra; por onde podemos dizer, que Deos foi o que pelejou em favor deste Capitão, que por sua virtude mereceo alcançar delle tamanha mercê. Chegou Antonio Galvão a Ternate, onde foi recebido com procissão solemne. Os Reys inimigos ficáram tão desbaratados, perdidos, e amedrontados, que em nenhuma parte se tinham por seguros; tratando os da Liga de se irem para seus Reynos, o que não pudéram fazer, porque Antonio Galvão mandou logo huma Armada de coracoras, que rodeáram aquella Ilha, por se elles não sahirem della, porque determinava de consumir a todos dentro, mandando ter grande resguardo, e vigia nos mantimentos pera que lhes não fossem; e assim os poz em tanta necessidade, que mettidos nos matos comião todas as hervas, e cevandilhas da terra. Mas todavia como a necessidade era grande, lá tiveram maneira com que se arriscáram aquelles Reys a embarcarem em embarcações pequenas, porque os nossos não pudéram ter tanto resguardo, que se lhes não sahissem da Ilha muitos, ficando ElRey de Tidore só, e assombrado; desejando occa-

casião pera commetter pazes por se não acabar de perder de todo. Neste estado ficam as cousas de Maluco até tornarmos a ellas.

CAPITULO II.

Da Armada que este anno de 1537 partio do Reyno, de que era Capitão mór Jorge de Lima: e de como Martim Affonso de Sousa foi ao Malavar, e o Governador Nuno da Cunha partio pera Dio.

PElos correios (que na India chamam Patamares) que Antonio da Silveira mandou ao Governador, soube elle o successo das cousas daquella fortaleza de Dio, e de como Soltão Mamude estava pacificamente obedecido por Rey em Cambaya. E entendendo bem, que não havia de querer perder huma tamanha cousa, tão rica, e tão importante, como era a Ilha de Dio, e que estava muito certo querer-se senhorear della, houve que lhe era necessario acudir lá, e prover em muitas cousas de que tinha necessidade, porque por descuido não viesse a acontecer algum desastre; pelo que mandou dar logo pressa a toda a Armada, pera tanto que as náos do Reyno chegassem, se embarcar. Estas não tardáram muito, que na entrada de Setembro não surgissem na barra de Goa tres, de sinco que de Portugal tinham

nham partido, de que era Capitão mór Jorge de Lima, e os outros eram D. Fernando de Lima, e Lopo Vaz Vogado. Das outras duas, que eram a Rainha, era Capitão D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, e da Gallega, Martim de Freitas, que ambos partíram de Portugal com regimento, que fossem demandar a Ilha de Dio, e lançassem gente, e munições naquella fortaleza; porque tanto que ElRey soube, assim por Diogo Botelho, (que foi na *fusta*, como já dissémos no segundo Capitulo do primeiro Livro,) como pelas cartas que Isaac do Cairo levou, que ficava já alli feita, a mandou prover mui bem de gente, artilheria, munições, e armas, de que nestas duas náos mandou huma grande quantidade; e ambas quasi em hum mesmo tempo foram tomar aquella fortaleza, e deitando nella tudo o que levavam, se fizeram na volta de Goa, aonde chegou D. Pedro da Silva da Gama por fim de Setembro.

Depois de Martim de Freitas dar á véla em Dio, foi demandar a costa de Damão, a cuja vista surgio, e se embarcou no batél com huma somma de veludos, e damascos que levava, pera os ir vender a Surrate, por ser huma muito grande escala. Este homem desappareceo neste caminho, sem se saber delle cousa alguma. Muitas pessoas quizeram di-

dizer, que em Surrate o matáram pelo roubar; mas se assim fora, forçado se houvera de saber. Os da náo esperáram todo o mez de Setembro; e vendo que não vinha, nem recado seu, elegêram Bernaldim de Sousa, irmão de Diogo Lopes de Sousa, o Diabo, que alli hia embarcado por passageiro. E dando á véla, chegáram á barra de Goa, estando já o Governador Nuno da Cunha prestes pera se embarcar. Estas náos tiveram muito boa viagem, e chegáram com toda sua gente sã, o que o Governador estimou muito, porque a havia mister. E porque estava já ordenado ir Martim Affonso de Sousa a Cochim a favorecer aquelle Rey, porque lhe fazia a Çamorim guerra, e pera fazer correr a pimenta pera a carga das náos, o despedio logo com quatro galés, e vinte navios; e não achámos de toda esta Armada os nomes, mais que dos Capitães das galés, que a fóra Martim Affonso, eram Manoel de Sousa de Sepulveda, Fernão de Sousa de Tavora, e Martim Correa da Silva.

Esta Armada se fez á véla de vinte de Outubro por diante. No mesmo tempo despachou tambem o Governador as náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim. E porque a Gallega, de que era Capitão Martim de Freitas, estava vaga, deo o Governador a Capitanía della a Ruy Dias Perei-

reira, que aquelles dous invernos passados tinha andado por Capitão nos rios de Goa, fazendo guerra ao Accedecan. Nestas náos mandou ElRey huns apontamentos ao Governador, em que lhe mandava, que nellas lhe enviasse Garcia de Sá prezo em ferros, e lhe socrestasse sua fazenda, porque sendo Capitão de Malaca, batêra moeda sua sem licença, em prejuizo do povo, cousa tanto contra seu serviço: e ainda diziam, que em Portugal o mandára riscar dos seus livros. O Governador vendo a aspereza dos apontamentos, entendendo que foram más informações, que mandáram a ElRey, e como era grande amigo daquelle Fidalgo, quiz remediallo, porque se não perdesse, por estar pobre, e com filhas, e era velho, e de muitos merecimentos. E porque ElRey lhe mandava tirar nova devassa sobre o caso, a encommendou ao Doutor Pero Fernandes, Ouvidor Geral da India, que a tirou por homens que em Goa havia de Malaca, do seu tempo, em que todos testemunháram, que sendo Garcia de Sá Capitão de Malaca, não mandára bater mais que huma moeda miuda, pera o meneio da praça, a requerimento do mesmo povo, porque não havia naquella Cidade senão cruzados, com que se não podiam remediar nas cousas miudas, pelo que viviam com oppressão.

Es-

Esta devassa folgou muito de ver o Governador, e despedio o Ouvidor Geral diante, pera que fosse a Baçaim suspender Garcia de Sá da fortaleza, e escrever-lhe a fazenda como ElRey mandava, e depositalla em mãos de pessoas abonadas, e que a elle o emprazasse pera Goa. Despedido o Ouvidor Geral, logo o Governador se desembaraçou de todos os negocios, e se embarcou pera acudir ás cousas de Dio, levando oitenta navios antre grandes, e pequenos, e não se deteve em cousa alguma, atravessando logo a Dio, porque daquella fortaleza determinava escrever a ElRey, e despedir as vias pera Cochim. Chegado o Governador a Dio, começou a entender nas cousas, que cumpriam á defensão daquella fortaleza; e a primeira, e principal foi, mandar fazer huma formosa cisterna pera recolher agua, porque nenhuma havia dentro na fortaleza. Esta cisterna se começou a fazer de tres naves de esteios formosissimos, a maior, e mais formosa que hoje se sabe no Mundo: he de vinte e sinco palmos de alto, e cada palmo recolhe mil pipas de agua.

Poucos dias depois do Governador, chegou a Dio o Doutor Pero Fernandes com a diligencia de Garcia de Sá feita; porque logo em chegando a Baçaim o suspendeo da fortaleza, e o mandou prezo pera Goa, fazen-

zendo inventario de sua fazenda, e nenhuma outra cousa se lhe achou; senão huma somma de caldeirões, tachos, gamellas, facas, garfos, escudelas, toalhas, e em fim toda a cousa desta sorte do meneio dos galeões, em que sempre andára no serviço d'ElRey, e das mezas em que em terra dava de comer aos soldados: e com isto lhe achou mais suas armas, e cama, e quatro escravos de seu serviço, sem outra fazenda de que se pudesse lançar mão: do que confuso o Ouvidor Geral, lhe tornou a entrégar tudo.

O Governador vendo o inventario, ficou embaraçado, e attonito da pobreza daquelle Fidalgo; e mandando-o trasladar por tres vias, e assim mesmo a devassa, que se delle tirou, enviou tudo a ElRey, escrevendo-lhe muito particularmente sobre este negocio, mostrando-lhe como fora mal informado das cousas de Garcia de Sá, e que pelo inventario veria seu cabedal, que não era outro mais que petrechos de cozinha, e do serviço de muitos soldados, a que sempre dava de comer: e que o suspendêra da fortâleza por S. A. o mandar, mas que o deixára ficar na India, porque entendia que cumpria assim a seu serviço; porque aquelle Fidalgo era velho, de grandes merecimentos, e conselho; e que era necessario andar sempre junto dos Governadores da India

dia pera acertarem no governo della: e que entendia, que não só não era digno de culpa, mas de muita mercê. Esta carta, e os traslados que mandou, foram dados a ElRey, que estimou muito o que o Governador fizera naquelle negocio, escrevendo-lhe em resposta disso, que se houvera por muito bem servido delle, e lhe agradecia o que tinha feito naquelle particular: e a Garcia de Sá escreveo cartas honradas, e teve dalli por diante tanto mais conta com elle, que o metteo logo na terceira succesão da Governança da India, como adiante se verá.

E certo, que escrevendo nós estas cousas, e vendo a mudança que o tempo depois fez nos Fidalgos, e Capitães, pasmamos, e nos parece que está o Mundo em artigo de morte, pelo recolher da roupa que todos fazem, porque não vemos soldados agazalhados senão pelos alpendres dos Mosteiros, comendo da pobre ração dos Frades, que quasi o não tem pera si. E as casas dos Capitães, que eram suas antigas moradas, e enfermarias, e em que costumava a haver os petrechos de seu serviço, (como se acháram a este Fidalgo,) sam já agora tornadas casas de contratações, onde tudo sam fardos, caixas, comprar, vender, e tyrànnizar em suas fortalezas aos pobres dos Portuguezes casados nellas, como se o Mundo se fizera só pe-

pera elles; pois em alguns Governadores, e Viso-Reys não achàram os pobres soldados depois melhor amparo, como se não foram naturaes, e proximos, e não custáram a ElRey muito de sua fazenda em os pôr na India, onde os mais delles acabam á mingoa, pedindo esmolas pelas portas. Desejo de bradar nesta materia, e de gritar aos pés do Rey, que ou remedee isto, ou não mande seus vassallos, que lhe tanto custam a morrerem á mingoa, á vista dos Mouros, e Gentios, que já se compadecem delles mais que nós. Aqui nos cabe muito a proposito (vendo o estado em que hoje a India está) aquella exclamação de Lucano no primeiro da Pharsalia, onde diz: » Mas a causa de » estarem em nosso tempo pelas Cidades de » Italia as casas meio derribadas, e vasias, e » as pedras dos muros cahidas, e espalha- » das, e muitas casas sem moradores, mui- » tas, e mui populosas Cidades quasi deser- » tas, Italia toda montuosa, e tantos annos » por lavrar, dando vozes os campos sem » haver quem os cultive, não es tu, Pirro fe- » roz? nem es Africano Anibal, authores de » tantas perdas, e damnos, que nenhum de » vós-outros teve poder pera suas armas ata- » lharem a tanto: antes a mão Cidadã he a » que vos deo tão penetrante ferida, e a que » foi a causa de tantos males.»

Assim o estado a que hoje a India tem chegado, não foi causa delle poder de algum inimigo, porque até hoje nenhum permaneceo contra elle. Cubiça, e tyrannia foram as que lhe deram tão penetrantes feridas; porque tambem isto foi o que destruio o Imperio Romano, (como diz o mesmo Lucano,) que depois que conquistou o Mundo todo, começando a gostar das riquezas, e adquirillas, logo as boas fortunas deixáram seu lugar ás prosperidades. E já se não conheciam aquellas herdades, que foram lavradas com a rexa do forte Camillo, e que foram abertas com os arados daquelles antigos Curios. Assim tudo isto he já esquecido na India; e aquellas artes com que se ella descubrio, e ganhou, que foram verdade, e liberalidade, tudo he já mudado ao contrario: tanto, que até as náos, que naquelle tempo vinham á India carregadas de soldados, e armas, agora vem cheias de mercadores, e respondentes, que trouxeram a ella delicias, logros, usuras, de que toda a terra está mais cheia que de armas. Deixemos esta materia que magôa, e tornemos a nosso fio.

O Governador foi continuando com as obras da fortaleza com muita pressa, mandando fazer da outra banda da Villa dos Rumes hum formoso baluarte á borda da agua

pe-

pera recolhimento dos Officiaes daquella Alfandega, e huma casa mui grande, e formosa, que entestava no baluarte, pera o despacho das fazendas, correndo Coge Çofar com tudo mui pontualmente. E porque he necessario continuarmos com outras cousas, deixaremos estas por hum pouco.

CAPITULO IV.

Das guerras, que em Ceilão houve antre aquelles dous Reys irmãos: e do soccorro que o Çamorim mandou ao Madune: e de como Martim Affonso de Sousa desbaratou a Armada do Çamorim em Beadalá.

ERa tamanha a ambição do Madune Pandar Rey de Ceitavaca, e assim lhe era máo de soffrer ver seu irmão, ainda que mais velho, igual com elle em Estado, que não se quietava em cuidar, e tratar modos de como lhe daria a morte, e lhe tomaria o Reyno, pera ficar com a Monarquia de toda aquella Ilha. E assim tratou por muitas vezes dar-lhe peçonha, que não veio a effeito, porque tomáram com ella alguns, que pera isso peitou grandemente, que no tormento confessáram a verdade; pelo que dalli por diante trouxe ElRey da Cotta grande resguardo em si, não comendo senão cou-

ſas guizadas por ſua mão. Vendo o Madune que eram deſcubertas ſuas traças, determinou de lhe tomar o Reyno por guerra, e valer-ſe outra vez do Çamorim, deſpedindo em Agoſto paſſado Embaixadores com huma ſomma de dinheiro, e muitas joias de preſente pera o Çamorim, mandando-lhe pedir huma groſſa Armada; pera o que mandava as deſpezas pera o ajudar naquella empreza, offerecendo-lhe alguns portos de mar naquella Ilha. O Çamorim recebeo bem eſtes Embaixadores, e mandou logo por todos os portos do ſeu Reyno negociar todos os navios que houveſſe; e elegeo pera eſta jornada tres Mouros principaes, chamados Paichimarca, a que alguns chamam erradamente Patemarca, e ſeu irmão Cunhale marcá, ambos naturaes de Cochim, naſcidos e creados antre os Portuguezes; e o outro era Aly Abrahem. O Çamorim mandou pagar gente pelo Reyno, e fez oito mil homens pera irem neſta jornada, dando ordem que todos os navios ſe foſſem ajuntar em Panane, onde vivia o Paichimarca. A Armada foi-ſe fazendo preſtes pelos rios, e aſſim como os navios eſtavam pera partir, ſe hiam pera Penane. O Aly Abrahem, que vivia no rio de Pudepatão, ſahio delle com dez navios na entrada de Novembro, e ſendo tante avante como Panane, houve viſta da náo

Gal-

Gallega, que hia pera Cochim; e querendo provar a mão, a foi demandar muito cresspo, e com todos os navios postos em armas, rodeando-a por todas as partes, começando-a a bater rijamente. Ruy Dias Pereira, que era Capitão, negoceou a sua náo mui bem, defendendo-se delles com muito valor, e assim os escandalizáram com sua artilheria, que os fizeram affastar com alguns desaparelhados; o que não foi sem damno, porque de huma pelourada que deram pelo pescoço a Ruy Dias Pereira o matáram, (ainda que alguns dizem, que huma racha de huma taboa, que o pelouro levou, lhe deo pelas guellas que o degollou.) Affastados os parós, a náo foi seu caminho pera Cochim, levando alguns feridos. A Capitanía desta náo deo o Governador a Jurdão de Freitas. Recolhido o Aly Abrahem em Panane, ficáram esperando pelos mais navios que se hiam ajuntando.

Poucos dias depois deste negocio da náo, indo outros nove parós de hum desses rios pera Panane, deram com huma fusta, que hia de Cananor pera Cochim, e commettendo-a à abordárão, e axorárão, matando quantos nella hiam; sómente hum moço de idade de dez annos, (que nella hia com seu pai,) chamado Marcos ficou cativo. Junta toda a Armada em Panane, tanto que passou a Lua

de

de Novembro (em que elles fazem ſuas grandes feſtas) ſahíram daquelle rio. Eram os navios por todos ſincoenta e hum, em que entravam ſinco galeotas latinas de coxia, que jogávam por prôa meias eſperas. Hia toda eſta Armada cheia de muita gente, eſpingardas, arcos, lanças, e com mais de quatrocentas peças de artilheria, e a mór parte della de bronze. E além da gente de armas, que eram oito mil, todos os remeiros levavam arcos, e fréchas debaixo dos bancos em que hiam, pera pelejarem quando foſſe neceſſario.

Eſta Armada toda foi paſſando de longo das náos do Reyno, que eſtavam na barra de Cochim á carga, e foi viſta da Cidade, que ſe metteo em alvoroço, cuidando que quizeſſe pelejar com ellas; mas foi paſſando adiante. E chegando á barra de Coulão, acháram nella huma náo á carga, que tinha ſahido de Cochim, onde ſe fez aquelle anno pera ir pera o Reyno, e chamava-ſe S. Pedro, que foi a mais bem eſcanſada náo, que houve na carreira da India, e durou vinte e dous annos nella; porque no de ſincoenta e nove, que nós partimos do Reyno, tinha ella ido á India, e ficava no rio de Lisboa ſervindo de cabrea pera emmaſtear as outras. Paichimarca vendo a náo ſó, a foi commetter, havendo que nella tinha

pou-

pouco que fazer, e rodeando-a a começou a bater. Nicoláo Juzarte, que era Capitão della, se poz á defensão, tendo a náo mui bem negociada, defendendo-se com muito valor; e de tal maneira tratou os inimigos, (por ter muita, e grossa artilheria,) que lhes desaparelhou muitos dos navios, matando-lhes dentro muita gente. Vendo Paichimarca o damno que recebia, e que a náo era muito forte, affastou-se della, dando-lhe a derradeira salva: e quiz a fortuna, que huma racha de hum páo, que levou hum pelouro, tomasse o Capitão pela sola de hum pé, (que tinha alevantado, e posto no pé do carneiro, na tolda onde estava assentado em huma cadeira mal disposto, donde mandava, e governava tudo,) e abrindo-lho todo, o derribou mortal.

Apartada a Armada, foi Nicoláo Juzarte a Cochim, levado dos seus pera o curarem, mas durou poucos dias. O Doutor Pero Vaz do Amaral, Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, tanto que a Armada passou pelas náos, despedio logo recado a Martim Affonso de Sousa, que sabia que era partido de Goa, pera que se apressasse. Este recado o tomou em Chalé, e dando-se pressa chegou a Cochim, onde desembarcou pera negociar algumas cousas pera passar a Ceilão em busca dos inimigos, que já tinha avi-

aviso da derrota que levava. E indo pela rua direita em huma faca, lhe sahio de huma casa huma mulher viuva Portugueza carregada de dó, (que era mãi daquelle moço Marcos, que pouco atrás dissemos, que os Malavares levavam cativo, que o tinha ella sabido por alguns marinheiros, que se salváram daquelle navio a nado.) E chegando-se a Martim Affonso, lhe lançou as mãos ás redeias do quartáo, tão desconsolada, e com tão vivas, e accezas lagrimas, e suspiros, que parecia que tinha perdido o sizo; e clamando alto, lhe disse: » Senhor, valei» me, que me matáram os Malavares meu » marido, e me levam meu filho Marcos ca» tivo: e pois ides após os inimigos, peço» vos pelas Chagas do Filho de Deos, que » mo livreis, e tragais.» Martim Affonso a consolou, dizendo-lhe, que rogasse ella a nosso Senhor, que lhe désse vitoria delles. Ella lhe respondeo: » A vitoria, Senhor, » Deos vo-la dará; mas vós me haveis de » prometter de me trazer meu filho, porque » vos não hei de largar até me dardes disso » vossa palavra, pera eu ficar alguma cousa » consolada.

Vendo Martim Affonso a confiança que aquella mulher tinha, de lhe elle trazer seu filho, houve-o por muito bom prognostico; e disse-lhe, que se consolasse, que elle lhe

pro-

promettia de trabalhar todo o possivel por lhe trazer seu filho: que rogasse ella a Deos, que o encaminhasse, e lhe désse vitoria dos inimigos. Ella então o largou com grandes benções, e com muitas lagrimas. Martim Affonso se embarcou logo, e foi apôs a Armada do Çamorim, e chegando a Coulão, achou a náo S. Pedro desaparelhada de algumas cousas da batalha passada, e dos da náo soube o que lhe tinha acontecido; e apressando-se chegou ao Cabo do Comorim, onde teve falla de algumas embarcações que achou, e soube que os inimigos faziam seu caminho por dentro pera passarem os baixos de Manar. Martim Affonso de Sousa; porque levava galés, e navios muito pejados, que eram perigosos pera os baixos, com conselho de todos tornou a voltar pera Cochim, pera se negociar em navios pequenos: e esta volta lhe deo a vitoria, porque como Paichimarca tinha já aviso da Armada Portugueza, e trazia espias sobre ella, chegando a Beadalá, foi avisado que se tornára do Cabo do Comori; e parecendo-lhe que fora com receio delle, desembarcou alli, e varou os navios pera os concertar, e alimpar, deixando-se estar devagar.

Martim Affonso de Sousa chegou a Cochim, e deixando alli as galés, tomou alguns navios de remo que achou, e com os que le-

levava perfez vinte e dous, pera onde se mudáram os Capitães das galés, e toda a gente da Armada, que por toda seriam quatrocentos e sincoenta homens. Os Capitães que o acompanháram (aos que achámos os nomes) sam os seguintes:

Fernão de Sousa de Tavóra, Manoel de Sousa de Sepulveda, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida Freire, irmão de D. João de Sande, (a quem na India chamavam o Malavar, por saber muito bem aquella costa, e fallar a lingua,) Miguel de Ayala, João de Sousa Rates, Francisco de Mello Pereira, Francisco Fernandes o Moricale, e o Siqueira; ambos Malavares, naturaes de Cochim, grandes cossairos, e valentes homens, e outros.

Partido Martim Affonso de Sousa com esta Armada ligeira, passou o Cabo do Comori, e foi tomando falla dos inimigos, que soube estarem em Beadalá com os parós varados, e tendas postas em terra; pelo que se apressou, e foi huma tarde apparecer sobre a barra de Beadalá, onde surgio. Os Capitães Mouros vendo a Armada, e notando a pouquidade della, mandáram lançar ao mar trinta navios pera a irem commetter, deixando os outros varados, começando-se a embarcar a gente; e como isto era tarde, anoitecco logo. Martim Affonso de Sousa teve

aquel-

aquella noite conselho com os Capitães, e assentáram, que commettessem os inimigos por mar, e por terra, porque assim alcançariam delles mais depressa vitoria, pelo descuido com que haviam de estar em terra. E assim ordenou Martim Affonso de Sousa ficarem na Armada cento e sincoenta homens com hum daquelles Fidalgos, (e segundo nos parece foi Fernão de Sousa de Tavora,) a quem deo por regimento, que tanto que ouvisse desparar huma camara de falcão, que pera isso levava, commettesse a barra, e pelejasse com os navios que estavam no mar; e elle foi desembarcar em huma ponta abaixo de Beadalá pera os baixos, espaço de meia legua, onde se poz em terra com trezentos homens no quarto d'alva, começando logo a marchar pera a povoação em muito boa ordem. A Armada tanto que o lançou em terra, tornou-se a pôr sobre a barra, aonde se deixou estar esperando pelo sinal; e entolhando-se que lho fizeram, mandou o Capitão mór della levar ancora: e postos em armas commettéram a barra ao som de muitos instrumentos, e bombardadas. E endireitando com os parós, que estavam no mar com alguma gente, os investíram, lançando-lhes dentro muitas panellas de polvora com que os abrazáram. Os Capitães Mouros, que estavam em terra, ouvindo a revolta acudíram

ram á praia a mandar gente nos navios pera elles os soccorrerem.

Estando assim nesta pressa, chegou Martim Affonso de Sousa ao lugar, e com grandes estrondos, gritas, e alaridos commetteo os inimigos, dando-lhes a primeira surriada de arcabuzaria, com que lhes derribáram muitos, envestindo logo com elles ás cutiladas, ficando todos baralhados, e como os tomáram de supito, fizeram nelles grande destruição. Os Capitães Mouros vendo aquillo, cuidando que era outro poder, e outra Armada, começáram a desamparar tudo. O Siqueira pedio licença a Martim Affonso de Sousa pera ir pôr fogo aos parós, que estavam varados, (porque em quanto não ardessem, os Mouros os não haviam de desamparar, e haviam de trabalhar pelos defender.) E dando-lha Martim Affonso de Sousa, lhes foi pôr fogo por algumas partes, que começou a atear nelles com grande braveza. Neste tempo andava a batalha, assim no mar, como na terra, mui acceza; e vendo os Mouros arder os navios, logo desacoroçoáram, e se começáram a retirar.

Estava na tenda de Paichimarca, (que elle mandou armar em hum palmar affastado da praia) o moço Marcos, e ouvindo a revolta, e entendendo que eram Portuguezes, poz-se na porta a esperar o fim da con-

ten-

tenda, porque ainda era escuro, e não se ousava de sahir, e ir pera os Portuguezes, porque receava que o matassem, cuidando que era Mouro; porque tudo quanto via, e ouvia era fogo, espingardadas, e gritas muito pera recear hum homem muito animoso, quanto mais hum menino.

Os Mouros começáram-se a desbaratar, e a fugir, e alguns chegáram á tenda, onde o moço estava, e perguntáram por Paichimarca, e sabendo não estar alli foram passando. Alguns Mouros moços, que serviam o Paichimarca, que estavam na tenda, vendo o desbarato ferráram do moço Marcos pera o levarem comsigo, porque já se queriam tambem pôr em salvo; mas elle lhes escapulio das mãos, e por se temer que alguns Mouros o quizessem levar, determinou-se a se arriscar a huma espingardada, deitando a correr pera onde os Portuguezes andavam, porque já começava a esclarecer, e foi gritando que era Portuguez; e assim foi dar com huns poucos de soldados, que encaráram pera o matarem; mas como elle hia bradando *Portuguez, Portuguez*, quiz Deos, movido das orações das triste mãi, que o ouvisse hum, que foi á mão aos demais, dizendo-lhes, que aquelle era o moço, que o Capitão mór encommendára a todos; porque teve elle tanta lembrança das lagrimas

da mãi, que antes de entrar a povoação, disse a todos, que lhes encommendava muito o filho da viuva de Cochim. E lembrando-lhes a estes soldados, o tomáram nos braços, e o leváram a Martim Affonso de Sousa, que em o vendo foi sua alegria tamanha, que houve que por elle lhe dera Deos aquella vitoria, que se acabou de arrematar manhã clara, assim no mar, como na terra, ficando todos os navios em poder dos nossos.

Paichimarca, e seu irmão, e Aly [illegible] hem vendo tudo perdido, se recolhêram a dous navios ligeiros, em que se acolhêram. Os nossos andavam em terra seguindo a vitoria; e depois dos da Armada renderem a dos inimigos, desembarcáram, e todos em hum corpo já depois da manhã clara deram na Cidade, pondo-lhe o fogo por muitas partes, em que se consumio toda, fazendo todo o mais damno que pudéram pelo favor, e ajuda que deram aos Mouros. Havida esta vitoria, que foi huma das famosas da India, mandou Martim Affonso de Sousa saquear as estancias dos inimigos, onde achéram grandes despojos, principalmente de armas, porque tomáram trezentas espingardas, e mais de duzentas peças de artilheria, muitas munições, e outras cousas. E antre isto se tomou hum sombreiro, que o Çamorim mandava ao Madune: e de todos

dos os sincoenta e hum navios, só os dous se salváram, em que foram Paichimarca, e seu irmão; e os mais delles foram queimados, e os outros recolheo Martim Affonso de Sousa, e os levou comsigo, ajuntando-os á sua Armada.

CAPITULO V.

Das cousas, que mais acontecêram a Martim Affonso de Sousa em todo o resto do verão: e de como passou a Ceilão: e das pazes que aquelles Reys fizeram.

POrque temos muitas cousas que tratar, primeiro que se nos acabe o verão, pareceo-nos bem concluirmos com as de Martim Affonso de Sousa polas contarmos juntas, já que estamos com as mãos nellas. Havida tamanha vitoria, armou alli muitos Cavalleiros, e antre elles foi hum Simão Rangel de Castello-branco, irmão do Doutor Fernão Rodrigues de Castello-branco, homem Fidalgo, cujo Alvará de Cavalleiro, (que lhe alli passou,) está em nosso poder o proprio, de quem nós tirámos as forças principaes deste successo. E parecendo a Martim Affonso de Sousa que era obrigação avisar ao Governador desta vitoria, despedio Miguel de Ayala, Capitão de hum catur, por quem escreveo ao Governador,

e

e ao Capitão de Cochim, a mercê que lhe Deos fizera: e a ElRey de Cochim mandou o sombreiro, que o Çamorim mandava ao Madune. Neste catur mandou embarcar o moço Marcos, entregue a Miguel de Ayala, a quem encommendou muito o entregasse da sua parte a sua mãi. E nesta era de noventa e seis, em que escrevemos isto, vive este homem ainda, e chama-se Marcos Rodrigues, e he casado em Baçaim com huma mulher Fidalga do appellido dos Mirandas, de que tem filhas, que vivem hoje casadas com Fidalgos muito honrados, e bem despachados.

Despedido este catur, logo Martim Affonso de Sousa se negociou, e embarcou pera ir a Ceilão ver-se com aquelle Rey, levando dos navios dos inimigos os melhores, com que reformou a sua Armada, e os mais mandou pera Cochim, e assim foi demandar os baixos já em fim de Fevereiro, que passou muito bem até Manar, e dalli de longo da costa foi demandar Columbo. E deixallo-hemos hum pouco, porque he necessario continuarmos com Miguel de Ayala, que hia com o recado pera Goa.

Este homem chegou a Cochim, e deo ao Capitão as cartas, e a ElRey o sombreiro, que o estimou muito; e assim levou o moço Marcos, e o entregou a sua mãi da parte

te do Capitão mór, dizendo-lhes, que alli lhe mandava seu filho, e que ficava desobrigado da promessa que lhe fizera. A triste viúva foi o seu alvoroço tamanho, que não cria o que via, abraçando-se com o filho, tornando com elle a renovar a dor da morte do pai.

As novas de tamanha vitoria se festejáram em Cochim o melhor que pode ser, que logo se espalháram por todo o Malavar, onde houve hum geral pranto, porque morrêram na batalha mais de tres mil Mouros dos principaes, ficando assim o Çamorim, como os armadores, mui quebrados, porque naquella Armada mettêram todo o cabedal. O Miguel de Ayala, tanto que deo as novas em Cochim, tomando cartas do Capitão, e d'ElRey pera o Governador, partio-se com muita pressa, porque o havia de ir tomar em Dio. E sendo tanto avante como Chalé, encontráram huma galeota de Malavares mui formosa, e cheia de muita, e boa gente, e pondo a prôa no catur do Miguel de Ayala, o envestio, lançando-lhe logo gente dentro. O Miguel de Ayala não levava mais de quinze soldados, que hiam com animo mui alegre da vitoria de Beadalá; e vendo-se entrados dos Mouros, se puzeram com elles ás cutiladas com tanto valor, e esforço, que lhes mostráram logo por obra, que

naquelles quinze homens eſtavam muitos, porque começáram a ataſſalhar nos Mouros braviſſimamente, tendo já o catur coalhado de corpos mortos; mas como os Mouros eram mais de duzentos, huns de dentro, e outros de fóra, perſeguiam os noſſos com todos os tiros que podiam, de que derribáram alguns mortos. Em fim por não recitarmos golpes, a briga durou todo o dia, que houve tamanho eſtrago de ambas as partes, que não ficou nos navios quem os pudeſſe mandar, por todos eſtarem eſtirados, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros vendo-os daquella maneira, ventando o vento bem pera Goa, deram á véla, e tomáram Cananor, onde deſembarcáram ao outro dia os mortos pera lhes darem ſepultura, e os vivos, que não eram mais de ſinco, (em que entrava o Miguel de Ayala) pera os curarem: e quiz noſſo Senhor, que não perigaſſe o Ayala, que não pode paſſar dalli, e o Capitão de Cananor deſpedio o catur com as cartas ao Governador, eſcrevendo-lhe aquelle ſucceſſo. Eſte catur chegou a Dio, e deo as cartas ao Governador Nuno da Cunha, que mandou feſtejar as novas da vitoria com toda a artilheria, e o tornou a deſpedir com cartas pera Martim Affonſo de Souſa, e pera os Fidalgos de ſua companhia, de louvores daquelle negocio.

E

E tornando a Martim Affonſo de Souſa, que hia ſua jornada pera Ceilão, em poucos dias chegou ao porto de Columbo com toda ſua Armada, e alli deſembarcou, e com toda a gente poſta em ordem marchou pera a Cota, pera ſe ver com aquelle Rey, que o recebeo muito honradamente, achando-o já deſapreſſado, e em pazes com o irmão; porque tanto que ſoube do desbarato de Paichimarca, e da chegada da noſſa Armada a Columbo, mandou pedir pazes ao irmão, que lhas concedeo, porque naturalmente era bom homem. Pelo que ElRey da Cota deo os agradecimentos a Martim Affonſo de Souſa, eſtimando muito a conta que com elle tinham os Portuguezes, e de como acudiam a ſeus trabalhos. Martim Affonſo de Souſa, vendo que não havia alli que fazer, tratou com ElRey de ſua ida, e lhe pedio algum empreſtimo pera as deſpezas da Armada, e paga de ſoldados, (porque tinha elle mandado offerecer tudo iſto.) ElRey lho concedeo com muito goſto; mandando-lhe dar quarenta e ſinco mil cruzados, que ſe carregáram por empreſtimo ſobre o Feitor de Columbo, em cuja receita fomos ver eſte dinheiro: e aſſim eſte, como outro muito que depois empreſtou, lhe foi muito mal pago, e ainda hoje ſe lhe deve a mór parte delle, (encommen-

dando ElRey de Portugal muito a ſeus Governadores, que lhe fizeſſem muito bom pagamento.) Martim Affonſo de Souſa ſe deſpedio d'ElRey, que lhe deo peças, e brincos, aſſim a elle, como a todos os Capitães, e fazendo-ſe á véla, ſe tornou pera Cochim, aonde achou as galés, e com toda a ſua Armada formada andou o reſto do verão na coſta do Malavar, fazendo toda a guerra que pode ao Çamorim, tomando ainda outros muitos parós, com que acabou de deſtruir os armadores; e como foi tempo, ſe recolheo a invernar a Goa.

CAPITULO VI.

De como o Governador Nuno da Cunha, por culpas que teve de D. Pedro de Caſtello-branco, Capitão de Ormuz, o mandou deſapoſſar da fortaleza: e de como Dom Fernando de Lima foi com huma Armada ao Eſtreito: e das mais couſas que o Governador paſſou em Dio até ſe recolher.

PElas náos, que vieram em Novembro de Ormuz a Dio, teve o Governador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas, e queixas contra D. Pedro de Caſtello-branco, que eram de qualidade, que lhe pareceo neceſſario pera quietação da terra, (por não haver outro alevantamento como

mo em tempo de Diogo de Mello;) mandallo tirar da fortaleza; porque naturalmente era hum Fidalgo muito forte de condição, e tão vingativo, que não perdoava cousa alguma. E assim estava toda a terra tão escandalizada delle, que foi necessario ao Governador acudir áquelle negocio, e determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandes Ouvidor Geral pera o suspender do cargo de Capitão da fortaleza, e mandallo prezo á India.

E porque por então não havia nenhum provído daquella fortaleza, e o Governador estava muito affeiçoado ao aviso, arte, e primor de D. Fernando de Lima, que nas náos passadas tinha vindo do Reyno por Capitão de huma dellas, como dissemos no Capitulo III. do II. Livro, despachado com Goa, determinou de lhe dar aquella fortaleza, de que poderia tirar aquelle anno cousa com que se pudesse ir pera o Reyno. Era este Fidalgo da creação d'ElRey D. João, sendo Principe, e foi sempre tão limpo, tão grave, e tão cortezão, que era hum dos Fidalgos, em que naquelle tempo se trazia o olho. Casou-se por amores com huma Dama do Paço, que se chamava Dona Francisca de Vilhena, filha do Grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, e de Dona Branca de Vilhena, irmã de Francisco Barre-

reto, que foi Governador da India, que era pobre, e tinha pouco dote: e como ElRey lhe era affeiçoado, deſpachou-o o anno paſſado pera a India com a Capitanía de Goa, por ſer couſa que lhe entrava logo, e com a Capitanía de huma náo. Chegou á India com grande caſa, e ſerviço de ſua peſſoa, porque era muito concertado no tratamento della. Embarcou-ſe logo com o Governador pera Dio, e converſando-o na jornada, vendo ſua arte, aviſo, e mais partes, aſſim ſe lhe affeiçoou, que o governava todo. (E coſtumava dizer em ſua auſencia nas converſações dos Fidalgos, que ſe não converſára D. Fernando de Lima, fora ao Inferno.)

E vendo que ſe abria caminho pera moſtrar quão grande ſeu amigo era, quiz-lhe dar a vantagem deſta fortaleza de Ormuz; porque ainda que não acabaſſe tres annos, ſempre havia de tirar mais que de Goa, porque deſejava de o ver tornar pera o Reyno remediado. E eſtando com elle em converſação, lhe diſſe, que viera enganado de Portugal, porque a Capitanía de Goa não era couſa pera elle, aſſim porque dava de ſi pouco, como por eſtar nella ſempre o Governador da India, e o Capitão ficar com elle muito acanhado, que deſejava de o melhorar, pera que ſe podeſſe tornar pera o Reyno mais cedo, e com mais remedio.

Que

Que elle mandava desapossar D. Pedro de Castello-branco da fortaleza de Ormuz, e que não havia nenhum provído: que elle em nome d'ElRey lhe fazia mercê della, e que poderia ser ficasse servindo tres annos por em cheio. D. Fernando de Lima lhe teve em mercê aquella vontade, dizendo-lhe que a não acceitava, porque não lhe convinha ir desapossar de sua fortaleza hum Fidalgo tão honrado. O Governador parecendo-lhe muito bem aquelle primor, lhe disse: Que elle daria a isso hum talho muito bom, este era, que iria ao Estreito em huma Armada, porque havia novas de galés, e que entre tanto iria o Ouvidor Geral fazer aquella execução em D. Pedro, e o mandaria pera Goa; e que como fosse tempo de se elle recolher do Estreito, fosse invernar a Ormuz, aonde acharia Provisão pera tomar posse daquella fortaleza. D. Fernando lhe disse, que por aquelle modo acceitava. O Governador Nuno da Cunha mandou logo preparar dous galeões, e algumas fustas, com que D. Fernando de Lima se fez á véla entrada de Fevereiro; e de sua jornada adiante daremos razão.

O Governador ficou em Dio dando muita pressa ás obras da cisterna, e renovando muitas cousas da fortaleza, e mandou correr com as obras do baluarte da Villa dos

Ru-

Rumes, dando Coge Çofar aviamento pera tudo; no que correo tão pontual, que disse o Governador a Antonio da Silveira, que a seu filho (que estava na fortaleza reteudo) de quando em quando lhe désse licença pera ir á Cidade visitar sua mãi com alguns homens de sua guarda. E porque entrava já o mez de Março, tempo de se recolher pera Goa, pera prover nas cousas de Malaca, e Maluco, proveo nas da fortaleza, dando a Capitanía do baluarte da Villa dos Rumes a Francisco Pacheco, com o cargo de Juiz de Alfandega, provendo todos os Officiaes della. E o baluarte do mar provoo de artilheria, e munições, cuja Capitanía deo a Antonio de Sousa Coutinho, (hum Fidalgo de Lamego,) dando-lhe trinta soldados. E assinou pera ficarem na fortaleza grande, seiscentos homens, com Capitães pera lhes darem mezas, que foram, Lopo de Sousa Coutinho de Santarem, Gonçalo Falcão, Luiz Rodrigues de Carvalho, Gaspar de Sousa, Manoel de Vasconcellos, Rodrigo de Proença, da obrigação do Governador. E a Capitanía da Armada, que deixava no rio, deo a Francisco de Gouvea, e a Alcadaria mór da fortaleza a Paio Rodrigues de Araujo, e a Feitoria a Antonio da Veiga. Provído tudo muito bem, despedio-se o Governador de todos, e foi-se pe-

ra

ra Goa, aonde proveo nas cousas de Malaca, e Maluco, e em todas as mais; e com isto se serrou o inverno.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo a Cafarcan, que Soltão Badur tinha mandado nos galeões a Meca: e como foi levado com todos os thesouros que levava ao Turco: e da Armada que elle mandou negociar pera mandar á India contra os Portuguezes: e do aviso que ElRey teve della: e do soccorro que mandou.

NO Capitulo setimo do Livro nono da quarta Decada temos dado larga conta de como Soltão Badur mandou pera Meca sua mulher, e seus thesouros, entregues a Cafarcan, porque não tinha ainda de todo perdido o medo ao Magores. Agora he necessario continuarmos com Cafarcan, porque convem assim ao fio de nossa historia. Partido este Mouro com suas náos, foi seguindo sua viagem até á Cidade de Meca, onde desembarcou tudo o que levava, e o Xarife dalli os recebeo bem, dando aposentos á Rainha muito á sua vontade. Alli se deixáram ficar sem receberem aggravo, nem escandalo de pessoa alguma, esperando por recado d'ElRey Soltão Badur até este Abril

pas-

passado, que chegáram as náos de Surrate, por quem tiveram novas da morte de Soltão Badur, escrevendo Coge Çofar a Nacodá Amet, Rey de Zebit, com quem tinha muita razão de amizade, e creação, pedindo-lhe encarecidamente, que persuadisse aos Baxás do Conselho do Turco, que mandasse suas Armadas á India contra os Portuguezes, e que fossem demandar aquella Ilha de Dio, aonde lhe sería muito facil tomar aquella fortaleza, e onde elle esperaria com muita gente, mantimentos, e todos os mais petrechos de guerra pera os ajudar: e que dalli ficavam a balravento de toda a India, pera onde a todo o tempo que quizesse poderiam partir, e fazer guerra ás mais fortalezas dos Portuguezes, que lhes não haviam de poder resistir, e assim os lançariam fóra da India, e ficaria outra vez o commercio antigo em sua liberdade como dantes, e a romagem da casa de Mafamede desimpedida aos romeiros della, cuja devoção estava perdida, pela potencia das Armadas Portuguezas, que tanto em offensa de sua religião tinham tapadas as bocas daquelle Estreito. Por estas cartas se espalhou logo a nova da morte do Badur, tão nomeado por todo o Oriente, até chegar ao Cairo, aonde estava por Governador Soleimão Baxá Eunuco, homem muito velho, que muitos an-

annos servio ao Grão Turco Soleimão de sua camara pera dentro. E quando deo a Governança do Cairo ao outro Soleimão Baxá, General da Armada, que matáram, que era Guarda da sua porta da Camara, lhe deo a este o mesmo officio, e por morte do outro tambem o passou á Governança do Cairo.

Este Eunuco tanto que lhe chegáram as novas da morte do Badur, despedio logo recado ao Xarife da casa de Meca, que lhe mandasse a mulher, e thesouros daquelle Rey, que estavam naquella Cidade, porque era assim serviço do Turco: o que tudo lhe foi levado, indo Cafarcan acompanhando a Rainha. Outros dizem, que o mesmo Cafarcan em sabendo da morte do Senhor, tomára tudo comsigo, e se fora ao Cairo, e dahi á Corte do Turco. Ou fosse de huma maneira, ou da outra, tudo foi levado ao Turco, que já era Celim, por haver pouco que seu pai era morto. Vendo este barbaro tanta pedraria, e ouro, maravilhou-se, e houve, que Reyno donde hum Rey só de sua recamara tirára aquelles thesouros pera mandar a Meca, havia de ser riquissimo daquellas cousas: com o que lhe cresceo a cubiça de o conquistar, accrescentando-lha mais o Eunuco com as cousas que lhe disse, e com a carta de Coge Çofar que lhe mostrou, que ElRey de Zebit mandou, dizen-

do-

do-lhe, que não só seria facil, mandando suas Armadas, fazer-se senhor de hum Imperio tão rico como aquelle, mas ainda lançar fóra da India os Portuguezes, e tornar a casa de Meca á sua antiga devoção.

E como o Eunuco tratava esta materia com tamanha cubiça como o Turco, e desejava de se achar naquella jornada, tratou aquelles negocios com a mãi do Turco, que elle em moço servio, mettendo-a por terceira pera lha dar, dizendo que não queria pera ella mais que as vasilhas, artilheria, e gente, e que todas as mais despezas elle as faria á sua custa. Isto solicitou com tanta instancia, que lhe concedeo o Turco a jornada, despachando-o logo pera ir a Suez fazer prestes a Armada que havia de levar, dando-lhe mil e quinhentos Janizaros de sua guarda, e a artilheria que lhe pareceo necessaria. O Baxá se foi ao Cairo, onde mandou ajuntar muita madeira, e cordoalha, e dalli em camellos se passou tudo a Suez. O Turco mandou com elle pera seu conselheiro o Cafarcan, por homem prático nas cousas de Cambaya. E porque eram necessarios muitos officiaes pera concerto das galés, e gente pera sua chusma, succedendo no mesmo tempo quebrarem-se as trégoas, que estavam feitas antre o Turco, e a Senhoria de Veneza, que se tinham celebrado com

Ba-

Bajazeto os annos de 1500, de que foi author André Griti, Provedor dos Venezianos. E esta quebra das pazes foi este Setembro passado, estando já o Baxá no Cairo, fazendo prestes as cousas pera a jornada; e chegando-lhe as novas a tempo, que estavam algumas galés de Veneza em Alexandria, de que era Capitão Misser Antonio Barbarigo, mandou o Baxá logo a Chiqlierqui, Baxá daquella Cidade, que lançasse mão de toda a cousa de Veneza, que alli estivesse; o que elle fez, lançando mão do Consul dos Venezianos que alli assistia, que era Misser Alinaro Barbaro, e de todas as galés, e gente dellas, e todos mandou metter na Torre das Lanças, donde poucos, e poucos mandou levar a Suez todos os que eram Officiaes, indo em sua guarda Icuf Amede, Capitão mór do mar de Alexandria, que o havia de acompanhar naquella jornada. Antre esta gente se achẩram muitos carpinteiros, calafates, e comitres, que foi todo o apparelho pera aquella jornada, porque sem elles mal se pudéra negociar tamanha Armada. Hum comitre destes Venezianos fez hum roteiro de toda esta viagem, dia por dia, a quem nós em muitas cousas seguimos, porque escreveo como testemunha de vista.

Destas cousas que passáram na Corte do Turco, teve logo ElRey D. João aviso pelas

las muitas intelligencias que nella trazia, pelo que assentou em seu conselho mandar em Outubro algumas náos á India, com aviso ás fortalezas de Ormuz, e Dio, e com gente, e provimentos pera ellas. E com muita brevidade mandou negociar sinco náos, que nos primeiros dias de Outubro fez á véla, de que eram Capitães Diogo Lopes de Sousa, o Traquinas de Santarem, que hia provído da Capitanía de Dio, e levava por regimento, que fosse tomar Goa, e Fernão de Castro pera ir a Ormuz, e Fernão de Moraes pera Dio, pera todos deitarem naquellas fortalezas gente, munições, e artilheria. Das outras duas náos eram Capitães Aleixos de Sousa, e Henrique de Sousa Chichorro, filhos de Garcia de Sousa, que foi muitos annos Provedor do Hospital de Lisboá, e por sua vagante se deo aos Padres Loios, em cujo poder andou muitos annos. Estes dous Capitães hiam pera Moçambique, de cuja Capitanía hia provído Aleixos de Sousa, que era mais velho, porque se receou ElRey que fossem ter a ella algumas galés, e quiz ter provído a tudo. E com serem os Reys de Portugal pobres, provião a India com tão grossas, e amiudadas Armadas; como se vê pelo decurso de nossa historia, porque traziam no coração (primeiro que o interesse) o zelo do serviço de Deos,

Deos, e da propagação de sua Santa Fé, elle lhes dava forças, poder, e cabedal pera tudo.

CAPITULO VIII.

De como o Doutor Pero Fernandes chegou a Ormuz, e desapossou D. Pedro de Castello-branco da fortaleza: e do que aconteceo a D. Fernando de Lima na jornada do Estreito até ir a Ormuz: e do que aconteceo ás náos do Reyno na viagem.

PArtido o Doutor Pero Fernandes de Goa, foi seguindo sua jornada até chegar a Ormuz, e desembarcando em terra, o recebeo D. Pedro de Castello-branco mui bem, fazendo-lhe muitos gazalhados. O Doutor lhe disse: » Não me façais, Senhor, tanta festa, porque não venho aqui a cousas » de vosso gosto. O Governador por culpas » que de vós tem, vos manda desapossar desta fortaleza, como vereis por estas Provisões que aqui estam: por cuja virtude vos » notifico da parte d'ElRey nosso Senhor, » que dentro em vinte e quatro horas vos » sahais desta fortaleza, e vos embarqueis » em huma náo, que alli está no porto de verga dalto pera se partir pera Goa. » Dom Pedro ficou sobresaltado com diligencia tão apressada; mas todavia disse, que estava pres-

tes

tes pera obedecer ás Provisões do Governador. O Ouvidor Geral mandou fazer hum auto da notificação dellas, em que D. Pedro se assinou com elle. Feito isto, mandou D. Pedro logo tirar o seu fato, e embarcallo na náo, e elle no mesmo dia o fez tambem, ficando a fortaleza entregue ao Ouvidor Geral, que ficou devassando, e tirando sua residencia, com que como foi tempo se embarcou pera a India, deixando na fortaleza o Alcaide mór, com regimento pera a entregar a D. Fernando de Lima, com quem he necessario que continuemos.

Partido este Fidalgo pera o Estreito, pera onde o Governador Nuno da Cunha o mandou com huma Armada, foi seguindo sua derrota até haver vista de Monte de Felix na costa da Arabia, aonde se deixou andar esperando as náos de Cambaya, e Achem, mandando hum navio de remo até ás portas do Estreito a tomar falla da terra, e a saber das galés. Este navio tomou humas gelvas, em que cativou algumas pessoas, de quem souberam que em Suez se faziam prestes galés pera em Setembro passarem á India. Com estas novas despedio D. Fernando de Lima hum navio ligeiro ao Governador, que chegou a Goá já em Maio, causando com ellas grande alvoroço na terra. O Governador mandou com muita pres-

sa

ficiar a Armada groſſa, pera que tanto que dellas tiveſſe recado as ir buſcar. D. Fernando de Lima andou por aquella paragem até meado Abril, ſem lhe ir cahir nada nas mãos; e ſendo já tempo, ſe fez na volta de Ormuz. E paſſando por Xael, ſurgio ſobre aquella barra, e mandou tratar com aquelle Rey ſobre o reſgate de trinta Portuguezes, que alli eſtavam cativos, de huma embarcação que deo á coſta, que lhe ElRey deo a troco de roupas, e fazendas, que já pera iſſo levava. E dando dalli á véla chegou a Ormuz em fim de Maio, e tomou poſſe daquella fortaleza pelas Proviſões que achou. Quaſi no meſmo tempo chegou a náo do Reyno, de que era Capitão Fernão de Caſtro, que D. Fernando de Lima recebeo bem, deſembarcando os provimentos, munições, e artilheria que levava; e aos ſoldados ſe ordenáram mezas, e pagáram ſeus quarteis. D. Fernando de Lima ſabendo da certeza das galés, aſſim pelo recado do Reyno, como do aviſo que teve pela fuſta que mandou ao Eſtreito, mandou recolher todos os mantimentos, agua, e lenha que pode, renovando, e fortificando a fortaleza com muita preſſa, achando por todos os Portuguezes que podiam pelejar ſeiscentos, que recolheo dentro na fortaleza, deſpedindo navios ligeiros com recado aos

Xeques de Mascate, Calayate, C..., e por toda aquella costa até o cabo de Rosalgate, pera que estivessem sobre aviso, se as galés fossem pera aquella fortaleza; dando por regimento aos Capitães dos navios, que se deixassem andar naquelle cabo até todo o mez de Agosto, esperando-as, pera que se entrassem naquelle Estreito, lhe levárem diante aviso, ficando mui alvoroçado esperando por ellas, havendo que sería grande boa ventura a sua, se em seu tempo fossem ter áquella fortaleza; mas a morte invejosa de todos os pensamentos honrosos lhe atalhou os seus; porque não havendo tres mezes que estava naquella fortaleza, veio a falecer de humas febres, com grande dor, e sentimento de todos, pelas boas partes, e qualidades de sua pessoa, polo que era muito amado, e respeitado. Seu corpo foi enterrado antre as portas da fortaleza, e seus ossos depois foram póstos na parede antre as mesmas portas, onde hoje estam com humas grades de ferro. Ficáram a este Fidalgo hum filho, e duas filhas. O filho se chamou Dom Diogo Lopes de Lima Pereira, que foi Vedor d'ElRey D. Sebastião; e as filhas, huma se chamava Dona Isabel de Vilhena, que casou com Jorge de Lima; e a outra Dona Maria Manoel, que foi casada com Manoel de Sousa, Aposentador mór d'ElRey. Suc-

ce-

ndo por sua morte na fortaleza Fernando Alvares Sarnache, que andava por Capitão mór naquelle Estreito, por ter huma Provisão do Governador Nuno da Cunha pera isso. Fernão de Castro Capitão da náo do Reyno ficou alli invernando, e em Outubro se partio pera Goa. As outras náos do Reyno tivéram todas muito boa viagem. Fernão de Moraes foi tomar Dio conforme a seu regimento em Abril; e dando-as cartas a Antonio da Silveira, e deitando a gente, e provimentos que levava em terra, voltou pera Goa, onde chegou já em Maio com Diogo Lopes de Sousa o Traquinas, que o Governador recebeo muito bem.

Nestas náos diziam, que tivera o Governador cartas de alguns amigos do Conselho, que sem dúvida no Setembro seguinte lhe mandaria ElRey successor, o que elle sentio tanto, que logo se mostrou triste, e malenconizado, havendo-se por muito offendido, e aggravado d'ElRey, e dos do seu Conselho, tendo elle servido quasi dez annos, com tanta satisfação, e com tamanhas vitórias alcançadas; e agora havendo certeza de galés, quererem-lhe tirar das mãos tamanha honra, e huma occasião, que elle estimava sobre todas as da vida, era-lhe cousa muito pezada, e má de soffrer. E todavia com seu descontentamento começou a pro-

ver os almazens de tudo mui bastantemente, mandando fazer muitas munições, e preparar a Armada, repartindo o trabalho destas cousas pelos Fidalgos, e Capitães, entregando-lhes as náos, e galeões, de que haviam de ser Capitães, pera correrem com seu concerto; mandando que nos almazens, ferrarias, cordoarias se désse tudo o que por seus assinados se pedisse pera correr tudo com mais pressa; visitando elle em pessoa todos os dias as ribeiras, e almazens; e despedio cartas por terra ao Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, pera que lá lhe negociasse com a mór brevidade que fosse possivel toda a Armada, e náos que houvesse, pera que até vinte de Setembro fossem ter com elle, porque esperava de ir buscar os Rumes, e pelejar com elles. As outras duas náos, de que eram Capitães Aleixos de Sousa Chichorro, e Henrique de Sousa Chichorro seu irmão, foram tomar Moçambique, entregando Vicente Pegado aquella fortaleza a Aleixos de Sousa, por huma Provisão d'ElRey que levava, que mandou logo reedificar a fortaleza, e recolher nella mantimentos, e lenha. E porque chegou com muitos doentes, lhes mandou fazer Hospitaes, que os não havia, onde os recolheo, curando-os, e provendo-os muito bem, e exercitando o officio da caridade em todos

os

[illegible] que naquella fortaleza esteve : de feição, que quando sahio della, foi em estado, que estava pera se recolher no Hospital por pobre, porque tudo gastou naquellas obras de caridade, e hospitalidades. Estas eram as veniagas, e mercadorias dos Fidalgos daquelle tempo, de que os deste se rim bem ; mas nós não lhes vemos Morgados, nem contos de juro de tantos milhões de cruzados, como tiram de suas fortalezas, nem sabemos por onde se lhes consumem todos, porque elles não se logram, e muitos na mór cubiça, e sede de ajuntar na sua fazenda, vem huma dor de cabeça, e leva-os primeiro que acabem seu tempo. Por isso veja cada hum o como se negocea, que Deos não dorme, e os brados dos pobres, que não deixam viver em suas fortalezas, chegam aos Ceos. Mas deixemos esta materia, pois he prégar no deserto, e continuemos com as cousas de Dio.

CA-

CAPITULO IX.

Das cousas que acontecêram em Dio, depois do Governador Nuno da Cunha partido pera Goa: e de como Coge Çofar se foi secretamente da Cidade, e se passou a Cambaya, e persuadio áquelle Rey a fazer guerra aos Portuguezes.

EM quanto o Governador Nuno da Cunha esteve em Dio, com tanta prudencia, arte, e manha se houve Coge Çofar em todas as cousas que se lhe encommendáram, (de que o Governador ficou tão satisfeito,) que lhe deixou licença pera mandar huma náo sua pera Meca, pagando naquella Alfandega os direitos, e com obrigação que tornasse áquella fortaleza. Esta náo poz elle logo á carga. O filho de Coge Çofar sempre esteve na fortaleza em refens, e algumas vezes hia á Cidade visitar sua mãi, como o Governador tinha dado licença a Antonio da Silveira. Poucos dias depois delle partido pera Goa, pedio licença pera a ir ver, e lhe trouxeram de sua casa hum formosissimo cavallo, que devia de ter experimentado naquelle negocio pera que o queria, indo com elle alguns homens da guarda. E chegando ao cais da Alfandega, pondo-se á borda da agua, como que estava vendo

das embarcações, apertou as pernás ao cavallo, dandolhe com o chabuco, (que he hum açoute, que todos trazem na mão, com que os açoutam rijamente,) com o que arrancou o cavallo como hum trovão, e arremessando-se ao mar, em breve espaço passou aquelle transito até Gogalá. E como se vio da outra banda, foi-se pera Novanager, e dahi se passou a Cambaya, e foi muito bem recebido d'ElRey, que lhe deo o titulo de Rumecan, que he o maior do Reyno. Antonio da Silveira foi logo avisado de sua fugida, e mandou por huma companhia de soldados levar diante de si Coge Çofar, que foi muito confiado, e lhe deo suas razões, dizendo, que se elle fora em consentimento da fugida de seu filho, não havia de ficar na Cidade com sua mulher, e fazenda, que era muita, nem havia de pôr sua náo á carga com tamanha segurança: que seu filho era homem, e não lhe dava cousa alguma de o deixar a elle em trabalhos, que alli o tinha, e podia fazer delle tudo o que quizesse. Vendo Antonio da Silveira sua segurança, e parecendo-lhe pelas razões que lhe deo, que estava sem culpa, o deixou, pedindo-lhe que corresse com o serviço d'ElRey de Portugal, como tinha por obrigação. Isto fez tambem Antonio da Silveira por não causar alguma alteração na Ci-

Cidade, que estavà quieta, porque se o prendêra estava certo tornar-se logo a despovoar. Coge Çofar era tão sagaz, e assim se soube fingir, que andando negociando fugir daquella Ilha, hia todos os dias á fortaleza apresentar-se ao Capitão, e hia carregando a náo de toda sua fazenda pouco, e pouco, sem fiar sua determinação mais que de si proprio; pelo que nunca o Capitão lhe pode alcançar cousa alguma de seus desenhos, por muitas intelligencias que sobre elle trazia. Coge Çofar foi correndo com a carga da náo, e o dia em que tinha determinado sua fugida, embarcou suas mulheres com tanto segredo, e resguardo, que nunca se soube.

E o dia que se havia de fazer á véla, pedio licença ao Capitão pera ir com o Alcaide do mar desamarralla, que lhe elle deo. De madrugada se embarcou no navio do Guarda, e Alcaide do mar, e entrando na náo recolheo-se com elle pera a camara, onde o fechou, e largando a amarra por mão diferio á véla com vento prospero, e em pouco espaço se alongou da terra. O navio do Alcaide do mar (a que os Mouros chamam Miraba) quiz chegar a bordo, mas não o deixáram, pelo que voltou apressadamente pera a terra, e deo rebate ao Capitão, que em extremo sentio aquelle negocio,

cio, e logo com muita brevidade mandou dar nas casas de Coge-Çofar, aonde não acháram senão cousas que elle não quiz levar. O Capitão mandou tirar grandes devassas, pera saber se ficára na Cidade fazenda sua, mas não achou rasto de cousa alguma, de que ficou magoado; e bem entendeo que havia aquelle homem de dar ainda grande trabalho áquella fortaleza, por sua grande industria, saber, e artificio, como se vio nesta sua fugida, que vendo que se não podia sahir da Ilha, nem passar á outra banda, pelas grandes vigias que nos passos havia, ordenou de se ir por mar, pera o que poz aquella náo á carga pera Meca, pagando direitos das fazendas que nella embarcava pera maior dissimulação.

E tornando a Coge Çofar, tanto que deo á véla foi demandar Surrate, aonde desembarcou sua casa, e despedio a náo pera Meca. E como foi em terra largou o Alcaide do mar com quem teve satisfações, e lhe deo peças de ouro, e brincos, e embarcação pera se tornar pera Dio, como fez, e deo ao Capitão conta de tudo o que passava. O Capitão despedio logo hum navio ligeiro com cartas ao Governador Nuno da Cunha de tudo o que era succedido, affirmando-lhe que Coge Çofar havia de persuadir ElRey a fazer guerra áquella fortaleza, e

que

que sem dúvida aquelle inverno a teria. E assim foi, porque Coge Çofar se passou logo á Cidade de Amadabá, e lançou-se aos pés d'ElRey, que o recebeo bem, e o estimou muito. Coge Çofar depois de se agazalhar pedio a ElRey, que o ouvisse hum dia perante os do seu Conselho, porque tinha algumas cousas de seu serviço que lhe dizer; o que ElRey fez, tendo comsigo todos os seus Capitães. E Coge Çofar levantando-se em pé, e tomando suas salvas, fez a ElRey esta prática.

Falla, que Coge Çofar fez a Soltão Mamude Rey de Cambaya, em que o persuadia a que mandasse pôr cerco á fortaleza de Dio, ajudando-se de huma grossa Armada, que lhe o Turco mandou em seu favor.

» ANtre as partes, que o bom vassallo ha
» de ter, muito poderoso Senhor, a
» principal ha de ser lealdade, e fidelidade
» a seu Rey; e como nelle houver esta vir-
» tude, logo se seguem a ella, amor, zelo
» de seu serviço, esforço, prudencia, segu-
» rança, e todas as mais cousas semelhantes
» a estas; o que tudo falece ao que falta hu-
» ma virtude tão principal, porque logo tem
» odio, e aborrecimento ao serviço do seu
» Rey, logo fica timido, e acovardado, por-
» co-

» co ſeguro, malenconizado, e ſobretudo
» imprudente. E como eu pelas muitas, e
» grandes mercês que tenho recebidas d'El-
» Rey voſſo tio, (cujo ſangue eſtá diante de
» Mafamede, pedindo vingança dos Portu-
» guezes, que debaixo de fé, e amizade o
» matáram,) deſejo de ſe me não enxergar
» ingratidão a ellas, e não ſer tachado de
» desleal, como pertendo moſtrar nos gran-
» des ſerviços que eſpero fazer a V. A. até
» ſacrificar eſta vida, e a de minha mulher,
» e filhos, ſendo neceſſario, com muito goſ-
» to; porque com o direito do Reyno ficaſ-
» tes herdando as meſmas obrigações, que
» lhe todos tinhamos, principalmente eu,
» que me recolheo, honrou, e fez rico. Pe-
» lo que ſe até agora me não vim apreſen-
» tar ante voſſos pés, não foi por haver em
» mim alguma dúvida em voſſo ſerviço, ſe-
» não por deſejar de me deſarreigar de todo
» dos Portuguezes, porque pelos penhores
» que na Ilha de Dio tinha, me era neceſ-
» ſario diſſimular, e fingir-me, até buſcar mo-
» do, como fiz, pera me ſahir della com mi-
» nha mulher, filhos, e fazenda, pera mais
» deſembaraçado, e com mais cabedal ſervir
» Voſſa Alteza, pera o que eſtou preſtes com
» tudo o que tenho, porque pera iſſo traba-
» lhei de o ſalvar. E pois já eſtou em voſ-
» ſo poder, pelo muito que vos devo, como
» a

» a meu Rey, e Senhor, vos lembro as ra-
» zões que tendes pera vingardes a morte
» d'ElRey vosso Tio, e de tornardes a co-
» brar a Ilha de Dio, que he a melhor pe-
» ça de vosso Reyno, e as portas, e chaves
» delle: que em quanto estiver em poder dos
» Portuguezes, vos hão de ter hum pé no
» pescoço, e haveis de perder o trato, e com-
» mercio do Estreito de Meca, com o que
» vossas rendas hão de vir tanto a menos,
» que do mais rico Rey do Oriente fiqueis
» o mais pobre, e fraco delle. E sobre tu-
» do affrontada nossa religião, e impedida
» a romagem da casa de nosso Profeta, por-
» que não tinheis em vosso Reyno outro por-
» to melhor, nem mais continuado, que a-
» quelle de Dio. E se haveis de acudir a es-
» tas cousas, não sei tempo mais accommo-
» dado, e accezonado que este, que a for-
» tuna vos offerece tamanha occasião, como
» he a pouca gente que naquella fortaleza fi-
» ca, a fraqueza della, e de seus baluartes,
» e sobre tudo nenhuma agua; porque a cis-
» terna, que o Governador Nuno da Cunha
» mandou fazer, está ainda imperfeita; e os
» Portuguezes não tem donde beber senão
» dos poços da Ilha, que tanto que lhos to-
» marem, não tem outro remedio senão en-
» tregarem-se-vos: e o inverno he entrado,
» e não podem ser soccorridos de nenhuma

» par-

» parte; e pois tudo está tanto da vossa, não
» dilateis este negocio, porque sem dúvida
» vos será muito facil tornardes-vos a senho-
» rear daquella Ilha, e lançardes della ta-
» manhos inimigos. E pera mais vos assegu-
» rardes neste negocio vos affirmo, que na
» entrada de Setembro tereis em vosso favor
» huma grossa Armada de Turcos, porque
» tenho cartas d'ElRey de Zebit, que se fi-
» cão preparando em Suez com muita pres-
» sa. E espero em Mafamede, que desta vez
» havemos de lançar estes homens fóra da In-
» dia, pera que a navegação della fique li-
» vre, e desembaraçada como dantes. E por-
» que V. A. veja que lhe não aconselho cou-
» sa em que eu haja de ficar de fóra, me of-
» fereço pera esta jornada com mil de caval-
» lo, e tres mil de pé, pagos á minha custa. E
» sobre isto todo o mais dinheiro que for ne-
» cessario, porque tenho muito, e todo have-
» rei por bem empregado no serviço de V.A.»

ElRey o ouvio com muita attenção, e lhe agradeceo com palavras honradas aquellas lembranças, e offerecimentos. E por parecer bem a todos os do Conselho, assentou-se fazer-se logo aquella jornada, elegendo pera ella Alucan, hum dos tutores d'ElRey, e com elle Coge Çofar, com igual mando, que ElRey logo fez do seu Conselho, e lhe fez mercê da Cidade de Surra-

te

te pera elle, e seus filhos, (que Soltão Badur tinha dado a Mostafá Baxá, o que se passou pera os Magores, como já dissemos no Capitulo V. do IX. Livro da quarta Decada.)

Este Mostafá Baxá chamava-se tambem Rumecan, e era General do exercito de Soltão Badur, que tinha começado nella huma muito forte fortaleza pelo rio assima mais de tres leguas, assentada sobre o rio, que defendia a passagem pera a Cidade. Esta fortaleza mandou logo Coge Çofar acabar com muita brevidade. E começou-se logo a fazer ajuntamento de Capitães, e gente, a que se deo pressa pera partirem na Lua nova de Junho. Agora os deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuarmos com as cousas de Ceilão.

CAPITULO X.

Das cousas que acontecêram em Ceilão: e de como o Madune por morte do irmão Reigão Pandar se apoderou de seu Reyno: e de como ElRey da Cota casou sua filha com hum Principe da casta do Sol: e que casta he esta: e porque se chama assim.

MUi magoado ficou o Madune do desbarato de Paichimarca, e da grande amizade, e favor que seu irmão ElRey da

Cota tinha com os Portuguezes; o que lhe era tão máo de soffrer, que morria de puro pezar: e em nenhuma outra cousa trazia o pensamento senão em buscar modos pera matar o irmão, até peitar os de dentro da sua camara pera lhe darem peçonha: o que tentáram algumas vezes, mas foram achados, e justiçados. Estando as cousas neste estado, e o Rey da Cota assombrado do irmão, faleceo o outro irmão Reigão Pandar, sem lhe ficarem filhos; e porque aquelle Reyno vinha de direito ao Rey da Cota, acudio muito depressa o Madune, e entrou na Cidade de Reigão Corlé, que era a cabeça do Reyno, e se apoderou della, e dos thesouros do irmão, ficando com isto mais poderoso que o Rey da Cota. E como o desejo de se ver senhor de toda aquella Ilha era o que o inquietava, tentou logo de metter contra o irmão todo o cabedal, como entrasse o verão, e averiguar logo aquelle negocio, primeiro que tivesse outro soccorro dos Portuguezes. E querendo-se ainda valer do Çamorim, lhe enviou outros Embaixadores, por quem lhe mandou pedir outra Armada, mandando-lhe muito dinheiro pera suas despezas. Esta Armada lhe pedia mandasse na entrada de Setembro, porque já o acharia sobre a Cota. Disto foi logo avisado este Rey; e vendo os riscos em que andava, e que estava sem filho

lho herdeiro, determinou de casar huma filha que tinha, pera que os filhos que della procedessem fossem herdeiros daquelle Reyno; e assim elegeo pera genro hum Principe, que vivia nas sete Corlas, chamado Treava Pandár, que he ao que as historias da India corruptamente chamam Tribuli Pandár; que assim por pai, como por mãi procedia daquella Real geração da casta do Sol; porque não podiam herdar o Imperio de Ceilão, senão os que direitamente viessem desta casta, que os Cingalás tem por divina, como logo diremos: e assim não farão suas sumbaias, nem obedeceráõ a Rey de outra casta, ainda que os matem.

Donde vem os Reys da casta do Sol, e a razão por que se chamam assim.

E Porque nos não fique por darmos razão desta casta do Sol, diremos o que elles disto fabulão, por darem hum honroso principio a seus Reys. Dizem suas Chronicas, (e nós o ouvimos cantar a hum Principe de Ceilão em versos a seu modo, que hum interprete nos hia declarando, porque todas suas antiguidades andam postas em verso, e se cantam em suas festas,) que vivendo os Gentios todos daquella parte do Gange pera fóra, em tudo o que hoje comprende

Rey-

Reynos de Pegú, Tanaçarim, Sião, Camboja, e em todos os mais daquelle sertão, sem Rey, sem leis, nem policia alguma, que os differençasse dos brutos animaes, agazalhando-se por lapas, e covas, comendo hervas, e raizes, sem terem conhecimento de agricultura, nem grangearia dos campos: e que estando aquelles naturaes de Tanaçarim hum dia pela manhã ao nascer do Sol, vendo sua formosura, e ferindo os seus primeiros raios na terra, de improviso a víram abrir, e sahir de dentro della hum formosissimo homem, grave na pessoa, de presença veneravel, e em todas as mais feições differente de todos os homens, a quem acudíram todos os que o víram, admirados daquella maravilha, e com grande humildade lhe perguntáram, que homem era, e o que queria? Ao que respondeo na lingua Tanaçarim, que era filho do Sol, e da terra, e que Deos o mandava áquelles Reynos pera os reger, e governar. O que ouvido por todos, se lançáram pelo chão, e o adoráram, dizendo-lhe, que estavam prestes pera o receberem, seguirem, e acceitarem suas leis, e costumes. Dalli foi levado, e posto em hum lugar supremo, e lhe deram obediencia como a Rey, e elle os começou a mandar, e governar.

A primeira cousa que fez, foi tirallos

dos matos, e ajuntallos em civís conversações, ordenando-lhes povoações, dando-lhes modo, e ordem pera fabricarem casas, e lavrarem os campos; e depois a lhes darem leis suavés, e brandas, com o que se foram achando bem, e a viverem differentemente do que até então. Reinou este Rey muitos annos, e deixou muitos filhos com que repartio seus Reynos, em cujos descendentes andáram mais de dous mil annos, e a todos os herdeiros que succediam lhe chamavam Suriavas, que quer dizer, da casta do Sol. Destes vinha direitamente Vigia Raya, que foi (como já dissemos no Cap. V. do 1. Livro) degradado, povoar aquella Ilha de Ceilão, em cujos herdeiros o Imperio della andou direitamente, e anda até hoje; porque ElRey D. João, que está antre nós que he o verdadeiro herdeiro de toda a Ilha, procede desta casta, e só nesta Ilha de Ceilão se conservou por linha direita de herdeiro em herdeiro; o que não foi nos outros Reynos, onde ella começou, porque todos por tempos foram ter a mãos de tyrannos, e totalmente he extinguida, e apagada; e só em este Rey D. João se conserva hoje, e nelle se acabará, porque não tem filhos, nem netos, como na verdade se acabou. E assim se jactavam todos estes Reys de Ceilão de procederem do Oriente. E assim

ſim elles todos lhe conhecem huma certa ſuperioridade, e lhe mandam pedir ſuas filhas pera ſe caſarem com ellas. Deſta caſta vinha direitamente eſte Principe, que o Rey da Cota caſou com ſua filha, poſto que era desherdado, e pobre. Celebradas as vodas, ficou aquelle Rey tendo com o genro mais algum allivio. E ſendo aviſados da determinação do Madune, fortificáram a Cidade da Cota muito bem, recolhendo dentro mantimentos, e armas. A iſto acũdio Nuno Freire, Alcaide mór de Columbo, com alguns Portuguezes que tinha a ſe lhes offerecer, animando ElRey, e favorecendo-o: certificando-lhe, que o Eſtado da India todo ſe havia de arriſcar pelo ſoccorrerem, e ajudarem, pelo que não tiveſſe receio de couſa alguma, ficando-o ſervindo na fortificação da Cidade com muita diligencia, pelo que ElRey lhe eſtava muito obrigado. E neſſe eſtado ficão eſtas couſas até tornarmos a ellas.

DECADA QUINTA.
LIVRO III.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De hum maravilhoſo prodigio das grandes vitorias, que os Portuguezes houveram dos Turcos, que aconteceo em Dio: e de como os Capitães d'ElRey de Cambaya chegáram áquella Ilha com ſeus exercitos: e do deſaſtre por que ſe ateou o fogo na fortaleza.

PORQUE daqui por diante começamos com o favor Divino a entrar nas grandes guerras, que ElRey de Cambaya Soltão Mamude, ſobrinho do Soltão Badur, (que ſuccedeo ao Mirão ſobrinho do meſmo Soltão Badur, filho de huma ſua irmã, que desbaratou o Magor Mir Mahamede Zaman, que ſe tinha alevantado com o Reno

no tyrannicamente, e appellidava Rey de Cambaya) com o favor das Armadas do Grão Turco fez á nossa fortaleza de Dio, nos pareceo bem não passar por hum espantoso caso, que aconteceo antre os nossos, que parece que foi prodigio das grandes vitorias, que os Portuguezes houveram de todas estas gentes, que foi desta maneira. Huma das Oitavas da Páscoa da Resurreição, todos os moços Portuguezes da fortaleza, que não eram de idade pera tomarem armas, desafiáram os moços da terra, assim cativos, como forros, que tambem não eram de maior idade, pera se darem huma batalha, (cousa muito usada antre os moços de Portugal, os de huma escola, desafiarem-se contra os da outra pera o campo, onde ás pedradas, ou ás pancadas se travam de tal feição, que sahem muitos bem escalavrados.) Assim estes desafiados pera a batalha, ordenáram huns, e outros antre si seus Capitães com seus guiões, e bandeiras, levando os moços Portuguezes na sua a divisa da Cruz de Christo. E juntos todos no terreiro da fortaleza, póstos em dous esquadrões, fazendo seus sinaes, remettêram huns aos outros. E travados em batalha, assim ás pedradas, como ás pancadas, com tamanha furia, e odio, como se foram inimigos de muitos dias, escalavrando-se, e ferindo-se huns aos outros. Mas os moços Por-

Portuguezes (posto que muito menos que os outros) vendo-se feridos, ferráram com elles, e muito mal tratados os arrancáram do campo, e os foram seguindo, bradando: *Vitoria, Vitoria.* Daqui ficou antre estes o odio tão ateado, que onde quer que se encontravam, ou fossem dous, e dous, ou menos, ou mais, travavam brigas, de que sempre havia sangue, e os da terra levavam à peior. E assim havendo-se por affrontados, tornáram a desafiar os moços Portuguezes pera hum Domingo, que no terreiro da fortaleza ordenáram suas tranqueiras mui bem feitas, em que se mettêram, pondo por ellas muitas bandeiras, e mettendo dentro páos, pedras, e algumas armas, e panellas de polvora. Os moços da terra tambem negociando algumas armas escondidamente, e algumas bombas de fogo, e com suas bandeiras arvoradas arrebentáram pelo terreiro com grandes gritas, e remettêram com as tranqueiras, cercando-as em roda, começando-se a travar a batalha de pedradas, pancadas, e com algumas panellas de polvora com tamanha braveza, e estrondo, que parecia já batalha mais que de moços. Mas como os de fóra eram muitos mais, trataram tão mal aos da fortaleza, e assim apertáram com elles, que os tiveram entrados. Os moços Portuguezes crescendo-lhes a furia, arre-

ben-

bentáſſam pelas tranqueiras fóra, e dando nos da terra, os arrancáram do campo muito mal tratados, ficando elles com a vitoria. O Capitão, que eſteve vendo a batalha das ſuas janellas, folgou de ver a colera, paixão, e furor dos moços Portuguezes, que dalli por diante ficáram ſempre ſopeando os outros, onde quer que os achavam, travando-ſe em brigas, ſem haver quem os pudeſſe apaziguar. Durou iſto até o mez de Junho, que os Capitães d'ElRey de Cambaya chegáram áquella Ilha com ſeus exercitos.

Atrás os deixámos no fim do Cap. IX do 2. Livro, fazendo ſeus ajuntamentos de gentes, e petrechos pera virem cercar áquella fortaleza; e tendo tudo preparado, partíram de Amadabá na entrada de Junho. Alucan levava debaixo de ſua bandeira ſinco mil de cavallo, e dez mil de pé; e Coge Çofar mil de cavallo, e tres mil de pé, em que entravam muitos Rumes, e Turcos, gente que elle toda fez, e pagou á ſúa cuſta. Deſta expedição teve logo Antonio da Silveira aviſo, pelo que mandou ordenar as couſas que lhe eram neceſſarias pera a defensão da Ilha, encommendando ao Capitão mór da Armada a guarda do rio com navios, e manchuas, e provendo na fortificação da fortaleza, reformando os baluartes, e fortificando-os muito bem.

An-

Andando nesta occupação, succedeo hum desastre na fortaleza, que esteve a risco de se perder com todos os que nella estavam, que foi, huma noite tomar fogo a povoação com tanta braveza, que parecia que ardia o Mundo. Antonio da Silveira com os Fidalgos, e Cavalleiros que acudíram, foi logo prover nos almazens das munições, com muita gente, e muita agoa pera a defensão do fogo, se lhe chegasse. E deixando tudo provído muito bem, e encarregado aquelle negocio a pessoa de muita confiança, foi-se com toda a mais gente acudir ao fogo, que cada vez crescia mais, por serem as casas ainda então cubertas de palha, e o vento ser muito grande, que foi o que deo o trabalho todo. Os Mouros da Cidade vendo aquellas chammas, cuidáram que a fortaleza toda era consumida nellas, e acudíram com grande alvoroço por fóra a ver se os nossos fugiam do fogo pera darem nelles. Antonio da Silveira com toda a soldadesca trabalháram tanto aquella noite, lançando-se em meio das chammas, em que se muitos queimáram por muitas partes, que á força de braços, depois de durar muitas horas, o apagáram de todo, e não com tão pequeno damno, que se não queimassem sessenta moradas de casas, o que causou em todos muito grande tristeza, e em seus donos dor, e mágoa de

pér-

perda que recebêram, porque se lhes consumiô todo o seu movel sem se salvar cousa alguma. Antonio da Silveira como Fidalgo de bom coração, e muito liberal, supprio alli com seu dinheiro, dando-o a todos pera tornarem a reedificar, e renovar suas casas.

Affirma-se, que começou este fogo em casa de huma mulher solteira, estando em ruim acto; no que parece quiz Deos mostrar sua justiça em castigar aquella offensa, que se lhe fazia em tempo, que elle determinava de fazer a todos os daquella fortaleza tantas mercês, e dar-lhes tantas vitorias, como lhes depois deo. Os Mouros da Cidade despedíram recado aos Regedores de como os Portuguezes ficavam sem terem defensão alguma, por lhes arderem todas suas munições.

Esta nova se deo no Exercito, que se recebeo com grande alvoroço, havendo que tinham pouco que fazer em tomarem a fortaleza. Antonio da Silveira não se descuidava de sua obrigação, assim na da fortificação, como das espias, que todos os dias mandava saber dos inimigos, que gente traziam, e aonde estavam. Mas sempre achou em todas variedade, porque como eram Mouros; nunca lhe fallavam verdade. Antre todas as cousas a que dava pressa, na cisterna a punha mui-

muito maior, porque lhe era necessario recolher agua pera o inverno. No baluarte da outra banda de Gogalá mandou dobrar os Officiaes, porque com muita brevidade se acabasse, e assim em poucos dias sobio em altura de vinte palmos, e a sala que fechava nelle, na de oito.

CAPITULO II.

De como Coge Çofar commetteo o baluarte da Villa dos Rumes, e da grande resistencia que achou nos Portuguezes: e de como se recolheo ferido, e desbaratado: e das cousas em que Antonio da Silveira proveo.

PArtidos os Capitães d'ElRey de Cambaya de Amadabá, chegáram a Novanager duas leguas de Dio já de noite, sem os nossos terem nenhum aviso delles. Coge Çofar como desejava de se acreditar com ElRey, e de toda a honra daquella jornada ser sua, imaginando (pelas novas que lhe deram das nossas munições serem queimadas) que os Portuguezes estariam descuidados, e sem terem com que se defender, determinou de ir ganhar o baluarte da Villa dos Rumes, primeiro que tivessem aviso: e sem dar conta a Alucan daquella jornada, a vinte e seis de Junho, tanto que entrou o quarto dalva,

ca-

caminhando com sua gente, que eram mil de cavallo, e tres mil de pé, tão apressado, que antes que rompesse a manhã chegou á Villa dos Rumes, e entrando por ella, foi logo demandar o baluarte. E posto que os Portuguezes estavam descuidados, não deixáram de ser sentidos de hum que vigiava, que bradou alto: *Mouros*, *Mouros*. A estes brados, os Officiaes da Alfandega, e os outros Portuguezes, que por todos seriam vinte e quatro, que viviam fóra do baluarte, por não estar ainda acabado por dentro, leváram as maõs ás armas, tomando as que pudéram, e foram-se recolhendo pera o baluarte já baralhados com os inimigos. E como o baluarte estava imperfeito, e não tinha serventia, mais que por andaimos, por onde corriam os materiaes pera a obra, arremettêram por elles assima, e alguns pelos dentes das paredes do baluarte, onde a sala havia de ir fechar, e com muito trabalho, e risco de todos se puzeram em sima, perdendo quatro companheiros, que lhe matáram ás espingardadas. Os mais como se víram em sima puzeram-se em defensão, resistindo aos inimigos valorosamente, que por todas as partes trabalhavam pelos entrar, custando esta sua determinação a vida a muitos, porque alguns dos nossos leváram espingardas, que nelles fizeram grande damno.

A

A manhã começou a apparecer, e da fortaleza grande se ver claramente a revolta (posto que já tinham aviso por alguns escravos, que se lançáram a nado.) E ouvindo as espingardadas, que laboravam de parte a parte, Antonio da Silveira mandou logo preparar embarcações pera lhes soccorrer, e embarcou-se com quasi duzentos homens, deixando a fortaleza entregue a Páio Rodrigues de Araujo Alcaide mór. E porque podia ser que aquelle rebate fosse pera na Cidade se dar outro algum, que pudesse fazer mór damno, (ainda que pera passarem á Ilha em alguns passos della estivessem guardas, por serem muitos os lugares por onde se podia passar,) mandou a Lopo de Sousa Coutinho com a sua gente aos muros da Cidade daquella parte, que olha pera o campo, que se fez na dita Ilha. Coge Çofar bem via a pressa que na fortaleza hia pera irem soccorrer o baluarte, porque claramente se via embarcar a gente, pelo que determinou de averiguar aquelle negocio, primeiro que o soccorro chegasse.

E tomando os Turcos, e Rumes comsigo, commetteo a subida do baluarte mui determinadamente: os de sima, que seriam perto de vinte homens, lhes defendêram o passo com grande valor, e esforço; porque com verem que o Capitão se apressava pera

ra os vir soccorrer, se lhes dobrava o animo, e as forças, pelejando como leões, fazendo tal estrago nos Mouros, que os fizeram retirar. Coge Çofar vendo que fugiam, acudio aos affrontar de palayras, fazendo-os voltar, o que elles fizeram, tornando a commetter a subida com a furia, que lhe fazia levar o desejo de se desaffrontarem; mas nem desta vez acháram nos de sima menos resistencia, antes recebêram delles muito maior damno; porque como os Mouros eram muitos, e estavam amontoados, e como brutos queriam subir pelos andaimos, fizeram os de sima nelles mui grandes estragos, porque com vigas, pedras, e outros instrumentos os lançavam delles abaixo feitos pedaços. Coge Çofar, que andava por baixo, animando-os, e fazendo-os subir, não ficou sem seu quinhão, porque hum pelouro perdido de huma espingardada lhe deo em huma mão, que lha cortou toda; e retrahindo-se quasi mortal em braços de homens, cuidando todos os seus que era morto, largáram tudo, e foram pera onde elle estava.

A este tempo chegou Antonio da Silveira ao baluarte, e saltando em terra com toda a sua gente, metteo-se no baluarte, arvorando logo em sima a bandeira de Christo, que logo foi vista de todos. E deixando o combate, se foram recolhendo pera Novanager,

ger, pera onde leváram Coge Çofar, ficando-lhe muitos mortos no campo, e levando muitos feridos, de que depois morreo a mór parte. Antonio da Silveira vendo affastados os inimigos, e o grande damno que os do baluarte lhes tinham feito, achando a todos muito animosos, e banhados em seu proprio sangue, polas muitas feridas que tinham, os abraçou, e o mesmo fizeram todos os da sua companhia, não sem inveja de os verem tão gentís homens. O Capitão mandou os feridos pera a fortalêza pera serem curados, e deitou espias pera saber dos inimigos, que lhe disseram como se recolhêram a Novanager, e que Coge Çofar estava muito mal da ferida. Com isto tratou de prover naquellas cousas com mais cuidado, porque aquella leve affronta, e sobresalto o espertou muito.

E logo mandou dar pressa ao baluarte, e sala, que em breves dias poz em altura de quarenta palmos; e como foi capaz de artilheria, lha poz, e proveo de munições, e mantimentos, e de muitas pipas, e jarros de agua, e confirmou a Capitanía delle ao mesmo Francisco Pacheco, e lhe deo setenta homens, em que entráram todos os que com elle se acháram no feito passado, que como saráram se foram pera elle. A estes desejamos saber os nomes pera lhes darmos nes-

ta escritura os louvores que merecem: mas seja a culpa do pouco caso que até agora fizeram destas cousas na India, e dos poucos curiosos que nella houve.

E tornando ao Capitão, depois de ter provído em tudo o do baluarte, o fez tambem na fortaleza, mandando recolher todos os mantimentos, e lenha que pode. E por ser avisado pôr espias, que na Cidade trazia, que nos Mouros da Cidade havia alguma alteração, e que o dia do fogo houvera antre elles mui grande reboliço, e o mesmo quando se combateo o baluarte, receando que aquelle negocio chegasse a mais, determinou de lhes dar hum grande castigo. E sem dar a ninguem conta de cousa alguma, pelos não avisarem, sahio da fortaleza com trezentos homens, repartidos por tres bandeiras, e deo busca na Cidade a todas as casas, e as armas que por ellas achou mandou recolher, que foram muitas, e prendeo alguns por se ver serem causa de ajuntamentos, e tumultos. E como em os da Cidade poz freio, em aquelle mesmo dia proveo os lugares que o rio, que divide a Ilha da terra firme, tem fracos, e possiveis a serem vadeados, o que tudo se fez sem alteração alguma, porque tinha assentado de a sustentar por causa da agua, porque a não tinha na fortaleza, e dos pôços de fóra se sus-

sustentava. E nos dous baluartes, que ficáram feitos do tempo de Soltão Badur nos passos mais suspeitosos, por serem mais seccos, (que elle mandou alli fazer, quando se recolheo áquella Ilha fugido dos Magores,) em hum delles poz Gonçalo Falcão, e no outro Luiz Rodrigues da Carvalho, Fidalgos honrados, e de muita confiança por seu esforço, e saber, a quem deo gente, artilheria, e munições, que lhe parecêram necessarias. E em outro passo, que era mais estreito, que se chamava Palerim, mas de canal alto, poz Lopo de Sousa Coutinho de Santarem, Fidalgo bem conhecido por seu esforço, e valor, e que neste cerco todo dos Rumes pelejou valorosamente, e depois fez os Commentarios delle em estilo excellente, e grave, e foi o melhor de todos, porque escreveo como testemunha de vista. A este Fidalgo deo duas fustas, huma galeota, e huma barcaça. Pelos mais passos espalhou Francisco de Gouvea, Capitão mór do mar de Dio, e Antonio da Veiga Feitor d'El-Rey.

Provídos os passos, poz o Capitão as mãos na obra da cisterna pera recolher agua, em que se correo com tanta pressa, que nem de dia, nem de noite largavam a obra, sendo os Fidalgos, e todos os mais Portuguezes os acarretadores dos materiaes; e acaban-

bandó-a por baixo, estando ainda aberta por sima, mandou o Capitão começar a deitarlhe agua, pela pressa, e necessidade que se esperava, que se acarretava dos poços da Ilha com todos os bois, que se puderam ajuntar, com seus odres, a que chamam Pacais, e em breves dias recolhêram dentro perto de tres mil pipas de agua. E posto que era prejudicial á saude dos homens recolher-se por então, por estarem os betumes, e argamaças da cisterna fresca, não podia ser menos por não haver outro remedio. E ainda quiz Deos que succedesse aquelle desastre a Coge Çofar, porque o tempo que gastou em se curar, esse tiveram os nossos pera se aperceber de tudo, que d'outra maneira estava certa a perdição daquella fortaleza; porque tanto que os inimigos entrassem a Ilha, não tinham os nossos donde se proverem de agua.

E posto que por então parecia temeridade querer defender huma Ilha tão grande com tão pouca gente, depois mostrou a experiencia, que aquella determinação foi inspirada por Deos; porque em quanto se defendeo, se provêram da Cidade de agua, e lenha. E quanto ao baluarte da Villa dos Rumes, que alguns taxáram a Antonio da Silveira querello defender, essa foi a salvação da fortaleza; porque sabido está quebrarem os inimigos nelle a furia todos aquelles dias,

posto que depois se largasse, ou perdesse; porque se logo lho largáram, e os inimigos todo aquelle tempo batéram a fortaleza, sem dúvida se perdêra, porque com virem da Villa dos Rumes com a soberba perdida, nesses poucos dias que a batêram, esteve perdida, como se verá pelo decurso da historia.

E tornando a Coge Çofar, esteve em se curar todo o mez de Julho; e sendo já são, posto que aleijado, tratou de se satisfazer; e levantando seu campo elle, e Alucan, foram marchando pera Dio. E passando pela Villa dos Rumes, sem ousarem a commetter o nosso baluarte, pelo verem differente, e em melhor estado que da outra vez, assentáram de o deixar, e passarem á Ilha; e assim foram commetter os passos, assentando Coge Çofar o seu arraial defronte do que guardava Lopo de Sousa Coutinho, e nelle assestou tres canhões. Alucan foi adiante com quinze mil homens, e repartio sua gente em algumas partes: huma dellas poz fronteira ao passo de Gonçalo Falcão, e a outra onde Antonio da Veiga, e Francisco de Gouvea tinham os navios, e outra no de Luiz Rodrigues de Carvalho, e alguma gente poz em outros passos, em que fizeram seus valos, e trincheiras, e fortificando-se á sua vontade, como quem estava na sua terra.

CA-

CAPITULO III.

Dos combates, que os Mouros deram aos passos da Ilha: e de como Antonio da Silveira lhe pareceo bem largallos: e de como os inimigos entráram a Ilha, e tomáram os navios dos passos.

DEpois dos Mouros terem prantado suas estancias, e assentado sua artilheria, começáram a bater os passos com grande furia, e terror, fazendo grande damno em todos, principalmente no de Lopo de Sousa Coutinho, porque era mais estreito; e as suas fustas ficavam mais em barreira á sua artilheria; mas como era Cavalleiro, e animoso, não largou hum palmo de seu lugar, antes delle se poz á bateria com os inimigos, matando-lhes alguns, assim de pé, como de cavallo: e o mesmo fizeram pelos outros passos em roda, com tão grande terremoto, que só o terror, e estrondo da artilheria mettia medo, e espanto aos seus, que estavam pelas aldeias apartadas; mas nenhum nos nossos, posto que davam em meio delles aquella multidão de pelouros envoltos em fogo, e fumo, a que estavam costumados.

Esta bateria se foi continuando alguns dias, e cada vez com maior furia; e o em que os inimigos mais tiveram o tento, foi

em impedir o ſoccorro que da fortaleza hia todos os dias aos noſſos; porque Antonio da Silveira, não ſe deſcuidando de ſua obrigação, os mandava muito a miude viſitar, e prover de polvora, munições, e mantimentos por embarcações pequenas, de que algumas fôram mettidas no fundo, e totalmente impedíram aquelles ſoccorros, que pera os que eſtavam nos paſſos foi de grande ſentimento, porque receavam vir-lhes a faltar tudo; e todavia por terra eram provídos o melhor que podia ſer. Os Mouros trabalháram por entulhar algum dos paſſos, pera por elle paſſarem á Ilha; pera o que mandáram trazer das aldeias vizinhas muitos ſervidores pera a obra do entulho, em que começáram a trabalhar de dia, e de noite ao ſom das bombardadas, que de ambas as partes não ceſſavam, levando diante de ſi montes de terra até á borda da agua, aonde melhoráram ſuas eſtancias. Lopo de Souſa Coutinho, Franciſco de Gouvea, e Antonio da Veiga acudíram com os ſeus navios a impedir a obra, ſobre o que ſe travāram algumas eſcaramuças com muito damno, e mortes de ambas as partes, não deixando porém os Mouros de irem melhorando, e eſtreitando os paſſos, até pôrem os noſſos em deſconfiança.

Antonio da Silveira, que cada hora ti-

nha

nha aviso do que lá passava, entendendo mui bem o risco em que todos estavam, e que os inimigos não poderiam deixar de ganhar os passos, e que não havia mais proveito de os querer defender, que perda de homens, e munições, de que depois havia de ter necessidade, e que a principal cousa, por que tratára de defender a Ilha, fora por se prover de agua, e lenha, de que já tinha recolhido huma grande cópia; assentou por conselho de todos os Fidalgos, e Capitães de largar a Ilha, e que a artilheria dos passos se passasse á Cidade, e que trabalhassem pela defender, porque não chegassem os inimigos aos incurralar na fortaleza.

Disto se fez hum termo assignado por todos, que Antonio da Silveira guardou pera sua satisfação: e logo mandou Paio Rodrigues de Araujo com alguns navios pera recolher a gente, e a artilheria, levando huma Provisão do Capitão, em que mandava a todos aquelles Capitães, que logo tanto que aquella vissem largassem os passos, e se recolhessem á Cidade: e que elle Paio Rodrigues de Araujo tomasse huma das fustas de Lopo de Sousa Coutinho, e a barcaça, e as entregasse a Gonçalo Falcão, e a Luiz Rodrigues de Carvalho, pera nellas recolherem toda a artilheria, e munições dos seus baluartes.

Com

Com este recado partio Paio Rodrigues de Araujo aos nove de Agosto, que tanto havia que os Mouros eram chegados aos passos. Paio Rodrigues de Araujo chegou a elles; e mostrou aos Capitães a Provisão, e não podendo fazer outra cousa, tratáram de se recolher. Antonio da Veiga, que andava por Capitão mór das suas galeotas, e de tres navios mais, em vendo o recado saltou em terra, e deixou os navios encommendados aos Capitães com todos os soldados, pera que se fossem pera a fortaleza, e elle por terra se foi, tendo-se-lhe a mal deixar os seus navios; mas devia de ser inadvertidamente, porque este homem em todas as cousas da guerra em que se achou deo sempre muito boa conta de si. Os Capitães dos seus navios vendo-o partido, quizeram-se logo recolher, sendo ainda de noite, e tomando o remo na mão foram com a enchente da maré entrando pera dentro. O vento era mui grande, e o rio andava mui alterado, e passando pela estancia de Coge Çofar, que estava quasi sobre o canal, que não se podia já passar senão pelas bocas das bombardas, em os sentindo descarregáram suas cargas nelles, de que lhe matáram, e feríram alguns marinheiros; os mais descoroçoados não atinando o canal, deram com as galeotas em secco. E como as bombardadas não cessavam,

vam, os soldados atemorizados, sem fazerem diligencia alguma, lançáram-se ao mar, não os podendo os Capitães ter, por muitas cousas que lhes disseram, ora pondo-lhe diante a obrigação da honra Portugueza, ora ameaçando-os que haviam de ser castigados como homens que fugiam da guerra; e não lhes deixando o medo ver a infamia que corriam, se foram a nado pera a outra banda da Ilha, que era perto, e por terra se recolhêram á fortaleza. Os Capitães, que ficáram sós nos navios, não lhes podendo dar remedio, vendo que os inimigos se mettiam pela agua pera os irem demandar, ajuntando a lenha que puderam, pondo a polvora no meio dos navios, e a lenha por derredor, lhe deram fogo, porque não fossem a poder dos inimigos, porque se não lograssem da artilheria: e como o fogo ateou, lançáram-se ao mar, e passáram á outra banda, cumprindo até o cabo com sua obrigação mui to bem; e certo que *folgaramos* de lhes achar os nomes pera o terem *nesta* escritura, porque o mereciam bem. Os inimigos que hiam pela agua demandar os navios, chegáram a tempo, que o fogo andava mui bravo, e como eram muitos, os rodeáram por estarem já em secco, e lançaram-lhe ás mãos tanta agua, que o apagáram, sendo já a mór parte dos navios queimados,

mas

mas ainda lhes tomáram os falcões, e berços.

Deste desastre succedeo outro maior, e foi, que andando Gonçalo Falcão recolhendo as cousas do seu baluarte na barcaça, faltando-lhe por metter nella tres, ou quatro barris de polvora, os soldados que andavam ao trabalho, em vendo o fogo nos navios, foi tamanho o seu medo, que desampararam tudo, e tratáram de se recolherem por terra. Gonçalo Falcão vendo aquelle desatino, e que ficando só poderia ser causa de sua perdição, deixando as cousas da barcaça, acudio a terra, e pedio a todos que o não quizessem desamparar, que vissem que aquillo que queriam commetter era huma cousa tão affrontosa pera homens, que tinham ganhado tanta honra, assim naquelle negocio, como em todo o outro em que se achéram, que bastaria pera ficarem affrontados pera toda a vida: que vissem bem quanto mais honroso sería morrerem em companhia do seu Capitão, que salvar as vidas com tamanho vituperio. E que lhes affirmava, que passado aquelle termo de temor, haviam de desejar antes de ter perdido mil vidas, que viverem com tanta vergonha.

Tantas cousas destas lhes disse, que os tirou de seu proposito, e os fez embarcar; e todavia não quizeram recolher os caixões da

da polvora por muito que Gonçalo Falcão nisso trabalhou, de que enfadado, vendo que era forçado ficarem, mandou-lhes dar fogo, e foram as labaredas tamanhas, que os Mouros da outra banda, que era perto, víram mui bem a barcaça, e que estava muito carregada, e mal aparelhada, a que deram todos grandes gritas, a fim de amedrontarem os nossos; o que lhes não sahio em vão, porque os soldados como se embarcáram amedrontados, tornou a dar nelles o temor; e como o vento não cessava, antes cada vez parecia crescer mais, quiz a desaventura, que assim com os mares, como com o medo dos remeiros, que hiam desatinados, dessem em secco, mas em parte que facilmente se pudéra tirar, se o medo nelles não fora tamanho, que em ella tocando, e em se elles lançando ao mar vergonhosamente, tudo foi hum, sem lhes dar pelas obrigações que Gonçalo Falcão lhes poz diante, deixando-o só naquelle conflicto, de que se não pode valer, porque de todas as partes se vio cercado de ameaços da morte: de huma o vento que esbravejava; da outra os mares que lhe entravam; da outra muitas, e grossas bombardadas, que sobre a barcaça choviam. E vendo que se não podia salvar aquelle navio, contra sua vontade, (por não ir contra a obrigação de Christão,) se lan-

lançou á agua, e se passou á outra banda, triste, e desconsolado, por lhe acontecer aquelle desastre pela falta, e covardia dos seus soldados. Neste navio se perdêram bem dez peças de artilheria grossa, e miuda, e armas, e outras cousas necessarias.

Ainda aqui não cessou o mal, porque parece que estava tudo conjurado neste dia contra os nossos, e foi, que a mesma desaventura aconteceo a Luiz Rodrigues de Carvalho. Este Fidalgo depois de Paio Rodrigues de Araujo lhe dar recado que se recolhesse, lhe entregou pera isso huma galeota, recolheo nella todo o fato do baluarte, e foi remando pera passar pera a fortaleza; mas foi varar em huma restinga, onde tambem o deixáram os seus soldados: e depois que trabalhou quanto foi possivel, por ver se podia remediar aquelle damno, vendo ser tudo em vão por ser só, e os inimigos virem já commettendo a fusta, havendo que era temeridade querer só defendella, lançou-se ao mar, e passou-se á outra banda.

Lopo de Sousa Coutinho tambem se foi recolhendo, e não cessando ainda o vento, e os mares, foi trabalhando até a maré lhe dar de rosto, e começar a vasar, com o que as aguas o foram encostando á outra banda das estancias dos Mouros, até o encalharem em secco, sem lhe valer a força do remo,

nem

nem do braço, em que todos trabalháram bem? E porque receava deixarem-no os soldados, teve nelles grande tento, fazendo-lhes huma honrada falla, que toda redundava em as obrigações de suas pessoas, e nação; e achou a todos mui animosos, e esforçados, e assim se deixou ficar até que amanheceo, e que foi visto dos Mouros, que como andavam contentes das prezas passadas, entráram pela agua hum grande número delles, e cercáram a galeota em roda, trabalhando pela entrarem; mas Lopo de Sousa com os companheiros lha defendêram valorosamente, fazendo nos inimigos grande estrago, ficando elles sem damno seu, nem dos seus. E vendo que não havia outro remêdio mais, que o valor dos braços, trabalháram com elles como leões, sustentando aquella furia até a maré tornar a encher, que o navio começou a nadar, e por lhe o vento servir, deram alguns marinheiros espertos á véla, e foram-se sahindo do perigo, deixando feito nos Mouros hum grande estrago, que seus Capitães sentiram mais, do que foi o gosto das outras vitorias, por haverem por affronta escaparem-lhe tão poucos homens das mãos.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Mouros entráram a Ilha, e Antonio da Silveira largou a Cidade: e de como os Capitães prantáram suas estancias sobre a nossa fortaleza: e de alguns recontros, que os Portuguezes tiveram com elles, de que sempre leváram o melhor.

NA mesma noite que os soldados da companhia de Gonçalo Falcão, e de Luiz Rodrigues de Carvalho desampararam os navios, e seus Capitães, chegáram á fortaleza, e delles soube Antonio da Silveira do desastre acontecido, e perda dos navios, o que sentio em estremo, assim por lhe acontecer aquillo em principio do cerco que esperava, (porque receou amedrontarem-se-lhe os homens,) como pela perda da artilheria, que nos navios tomáram, que eram dez, ou doze peças, com que determinava defender a Cidade; receando tambem Lopo de Sousa Coutinho, que sabia estava em trabalho, e não tinha navios com que lhe soccorrer: e estando nesta grande agonia, chegou elle, o que estimou muito, assim por não ir o damno até o cabo, como pelo preço da pessoa daquelle Fidalgo, que havia de haver muito mister pera os trabalhos que espe-

perava. E ſabendo delle ſeu ſucceſſo, e que os inimigos começáram a paſſar á Ilha, chamou em ſegredo os Fidalgos, e Capitães principaes, e lhes diſſe, que bem ſabiam como eſtava aſſentado em conſelho defender-ſe a Cidade, e que a gente, e artilheria, que eſtava nos paſſos da Ilha, ſe paſſaſſe a ella, que já agora não podia ſer pelo deſaſtre acontecido; e que pera tirar a artilheria da fortaleza pera iſſo, lhe não parecia licito, pela pouca que havia, que lhes pedia lhe aconſelhaſſem naquelle negocio o que foſſe mais ſerviço de Deos, e d'ElRey. Todos votáram, que ſe largaſſe a Cidade, pelos inconvenientes que elle meſmo apontava, e por outros muitos que havia, porque pera defenderem bem a fortaleza lhes faltava ainda muitas couſas.

Eſtando concluindo iſto tiveram rebate, que os inimigos eram chegados ao campo, porque logo paſsáram á Ilha, e Coge Çofar foi dar viſta á Cidade com tres mil de cavallo, e ſete, ou oito mil de pé. Os Mouros della, que com os deſaſtres paſſados ſe tinham alterado, tanto que víram a gente no campo, e conhecêram as inſignias de Coge Çofar, arvoráram muitas bandeiras de ſuas diviſas por ſima do muro, pera lhes darem a entender, que a Cidade eſtava deſpejada dos noſſos. Antonio da Silveira largando

do o conselho, acudio com muita pressa á Cidade, e mandou queimar as galés que estavam varadas na ribeira junto da Alfandega por alguns homens, por se não aproveitarem os inimigos dellas, posto que eram suas, e as tinham alli por estado. E assim mandou por outros alguns homens dar fogo a huns armazens, que estavam cheios de enxofre, e salitre, que se não pode recolher, por não ficar aos Mouros; e como na Cidade andava já grande alvoroço, e alguns dos moradores tomavam armas, foi tamanho o medo dos que hiam áquellas cousas, que pondò-lhe o fogo sem o deixarem atear, se foram recolhendo vergonhosamente, sem deixarem feito cousa alguma, porque o fogo foi logo apagado, e aquellas materiaes ficáram aos inimigos, que depois lhes servíram contra nós.

Vendo Antonio da Silveira que a Cidade andava toda levantada, escolheo cem homens, e elle com elles em pessoa, e entróu por ella dentro, e todos os que encontrou com armas metteo á espada, e mandou enforcar pelas ruas a muitos pera espanto. E correndo a fama do estrago que os nossos hiam fazendo pela Cidade, foram-se todos os moradores pera Coge Çofar, que os recebeo bem, e delles soube o que o Capitão andava fazendo. Antonio da Silveira

co-

como não teve em quem executar ſua furia, mandou prender quatro Gentios mercadores, dos mais ricos, e principaes da Cidade, e os levou comſigo; porque pela ventura ſuccederiam depois couſas que foſſe neceſſario aproveitar-ſe delles, por ſerem ricos, e aparentados, que foram ſempre mui bem tratados, e depois de ſe acabar o cerco foram poſtos em ſua liberdade. E porque já Coge Çofar vinha entrando a Cidade, ſe foram os noſſos recolhendo pera a fortaleza. Coge Çofar como ſe vio ſenhor da Cidade, mandou recado a Alucan, que ao outro dia entrou, e começáram logo a aſſentar ſuas eſtancias por eſta maneira.

Coge Çofar ſe alojou no Mandovim, que he hum lugar como terreiro, que ſerve de recolher os mantimentos; e em hum cais, que lança ſobre o mar, mandou prantar toda a artilheria, que ſe tomou nos noſſos navios, pera dalli baterem o baluarte do mar, e os navios que eſtavam ao cais, em que eſtava Lopo de Souſa Coutinho.

Alucan ſe alojou nas caſas da Rainha mãi d'ElRey Badur, que eſtavam no lugar mais alto da Cidade. E no meſmo dia começou Coge Çofar a bater os navios com muitas, e amiudadas bombardadas, com que logo metteo duas fuſtas no fundo, matando alguns ſoldados que nellas eſtavam, e na

ga-

galeota de Lopo de Sousa deram alguns pelouros, sem fazerem damno. Durou este combate até o meio dia, que cessou, dando os inimigos no arraial grandes gritas de alvoroço, quando mettêram as fustas no fundo. Antonio da Silveira determinou de ver se no que faltava do dia se podia satisfazer nos inimigos, porque de todo se não ficasse sem louvando.

E porque alguns Portuguezes, que pousavam fóra da fortaleza, se recolhêram á chegada dos inimigos com tanta pressa, que deixáram em suas casas a mór parte de suas fazendas; quiz o Capitão mandar recolher tudo, e encarregou a Gaspar de Sousa, que com sincoenta homens fosse dar favor aos donos pera irem buscar sua pobreza. Gaspar de Sousa com os companheiros foram caminhando até ás casas, em que já andavam muitos Mouros espalhados por dentro a roubar, bem descuidados de tal sobresalto, e dando os nossos nelles matáram muitos; e os donos das casas com os moços, e servidores, que pera isso levavam, carregando-se de tudo o que puderam, se foram recolhendo, porque já recresciam os inimigos. Não custou esta cavalgada mais que hum soldado, posto que tambem foram alguns feridos; nisto se passou este dia.

Ao outro tratou Antonio da Silveira de pro-

proves na defensão da fortaleza, e os baluartes de Capitães: e no de S. Thomé poz Gonçalo Falcão com sincoenta soldados; e no que fica sobre as casas do Capitão na entrada da cava poz Gaspar de Sousa com outros tantos; sobre a porta poz Paio Rodrigues de Araujo, que era Alcaide mór. Os mais baluartes, por ficarem sobre o mar, e não terem necessidade de Capitães, deixou com alguns poucos soldados. A Lopo de Sousa Coutinho deo sessenta soldados pera ir todas as manhans dar guarda a muitos escravos, e servidores, que hiam acarretar agua de huns poços, que estavam perto da Cidade, e a desfazer as casas dos Portuguezes que estavam fóra, e recolher a lenha dellas, e pera ficar maior terreiro á fortaleza. Lopo de Sousa continuou esta guarda alguns dias, tendo em todos elles alguns encontros com os inimigos, de que sempre os deixou escalavrados. A quatorze de Agosto, vespera da gloriosa Assumpção de Nossa Senhora, dia em que quiz dar a Lopo de Sousa huma mui honrosa vitoria: e foi desta maneira.

Sahio este Capitão esta madrugada deste tão ditoso dia pera nós a dar guarda aos acarretadores, deixando quarenta soldados com elles, apartou-se com quatorze, e metteo-se por humas ruas, em que achou alguns

Mouros desmandados; e remettendo com elles supitamente, matou alguns, e os mais com muitas feridas os poz em desbarato. Tão cortados foram estes de medo dos nossos, que não paráram senão dentro na estancia de Coge Çofar; e sabendo delles o que passava, despedio quatrocentos homens pera irem vingar aquella affronta. Estes foram dar com os nossos, que estavam em huma rua direita, que hia sahir a hum lugar largo, por onde os inimigos vinham com grandes estrondos, e algazarras. Lopo de Sousa quizera sahir ao largo a pelejar com elles; mas hum Simão Furtado, homem sezudo, e mui bom Cavalleiro, lho atalhou, dizendo-lhe, que aquillo era temeridade, que deixassem entrar os inimigos pela rua em que estavam, e elles se deixassem estar no cabo da mesma rua, porque estava certo apinhoarem-se de feição, que se não haviam de poder menear pela multidão delles, por ser a rua estreita, e que então esses poucos que eram se poderiam melhor ajudar contra elles, como senhores da rua, e que mais desembaraçadamente podiam menear as armas. Lopo de Sousa lhe agradeceo o conselho, e recolheo-se pera o cabo da rua, em que os inimigos começáram a entrar tão soffregos, e apinhoados, que huns sobre os outros chegáram aos nossos, cuidando levarem-nos nas unhas.

Lo-

Lopo de Sousa vendo aquella occasião, appellidando *Sant-Iago*, deo nos inimigos com tanto esforço, que foi fazendo nelles hum muito grande estrago; porque como tinham lanças compridas os nossos, e estavam senhores da rua, meneavam-se nella mui bem, e não faziam senão enforcar ás suas vontades as armas, e muitas vezes varavam de dous em dous, não fazendo mais que tirar, e embeber as lanças nelles. E assim os apertáram tão rija, e cruelmente, que os dianteiros por fugirem á morte, rompêram pera trás com tanto impeto, e força, que cahíram huns sobre os outros, fazendo os nossos nelles muito grande matança. Os que escapáram sahíram ao campo largo, e foram fugindo com tamanho medo, que não paráram senão nas estancias, como se foram após elles quatorze mil homens: e assim desatinados, e sem ordem, huns feridos, e outros sem armas, chegáram a Coge Çofar tão cortados de temor, que não sabiam dar razão do que víram, o que embaraçou a Coge Çofar, porque cuidou que todo o poder dos Portuguezes hia sobre elles. E depois que soube a verdade do que passára, affrontou, e injuriou a todos de palavras, e mãos. Lopo de Sousa ficou na rua, não lhe parecendo razão sahir della, e ir após os inimigos, de cujos corpos ella estava entulhada,

ſem dos noſſos perigar algum, ſó ficáram alguns feridos, em que entrou Lopo de Souſa pela perna eſquerda, e hum pagem ſeu com hum olho perdido, e outro homem com huma eſtocada por huma perna. Com esta tamanha vitoria se recolhêram os noſſos, digna por certo de ser muito celebrada, por tamanha deſigualdade, como a de quatorze pera quatrocentos eſcolhidos, em que entravam Rumes, Turcos, e outras nações brancas, e belicoſas.

Antonio da Silveira recebeo os noſſos á porta da fortaleza com grandes feſtas, e alegrias, dando a todos grandes, e públicos louvores. Lopo de Souſa Coutinho ficou alguns dias impedido por cauſa da ferida, em que encommendou o Capitão a guarda a Gonçalo Falcão, e Gaſpar de Souſa, pera cada hum ſeu dia continuarem nella; e aſſim mandava todos os dias buſcar agua, e lenha, que não queria bulir na da fortaleza, porque não ſabia os trabalhos que ſuccederiam. E porque o tempo já dava jazigo, deſpedio huma embarcação com cartas ao Governador, em que lhe dava conta do eſtado em que aquella fortaleza eſtava, e das couſas que até então eram acontecidas.

Os dous Capitães, a quem era encommendada a guarda dos carretadores, continuáram os ſeus dias ordinarios nellas, tendo

em

em todos elles encontros com os inimigos. E hum, que era o de Gaspar de Sousa, em huma revolta destas houve ás mãos hum Mouro, homem de bom entendimento, que Antonio da Silveira estimou muito; e delle soube que Alucan, e Coge Çofar tinham dezenove mil homens dentro na Ilha, e que esperavam cada dia por huma grande Armada dos Turcos; porque com essa confiança vieram sobre aquella fortaleza, e que andava já no exercito huma voz surda, que havia tres dias que chegára a Mangalor huma náo de Meca, que dava novas ficar já em Adem. Não poz isto espanto em Antonio da Silveira, que logo despedio recado ao Governador, e mandou negociar hum catur ligeiro, em que mandou hum Miguel Vaz bom Cavalleiro, pera que fosse até Mangalor a tomar falla por aquella costa das galés: e com isto se deo mais pressa a agua, e lenha, em cuja guarda tornou a continuar Lopo de Sousa por estar já são. Os inimigos foram batendo o baluarte do mar, e o de Gogalá, de que tambem foram mui bem hospedados, matando-lhes, e ferindo-lhes muita gente nas estancias. E posto que os nossos não recebêram damno, ficáram peior do partido, pela muita polvora que dispendêram, que depois lhes veio a faltar. Os Capitães Mouros vendo quanta gente perdiam

na

na defensão da agua, mandáram lançar nos poços, aonde a hiam buscar, grande quantidade de peçonha, de que logo quiz Deos os nossos fossem avisados primeiro que della bebessem.

CAPITULO V.

Da Armada, que o Grão Turco mandou pera lançar os Portuguezes fóra da India: e da derrota que levou por todo o Estreito: e dos portos, Ilhas, e surgidouros, que tomou até chegar a Adem: e de como o Baxá houve aquelle Rey ás mãos, e o mandou enforcar.

SOleimão Baxá tanto que despedio do Cairo pera Suez os Officiaes, e cousas necessarias pera a Armada que havia de levar, ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer pelas Provincias de Asia, e Ethiopia, ajuntando huma grande somma de ouro, e moeda pera as despezas da jornada, tudo tyrannizado por aquelles póvos, que deixou bem escandalizados. E na entrada de Junho se poz em caminho pera Suez, mandando que se ajuntasse alli toda a gente meado Junho. Chegado áquelle porto, deo pressa á Armada, de que já achou a mór parte no mar, e a primeira cousa que fêz foi despedir navios ligeiros pera todos os portos

tos daquelle Eſtreito de huma , e da outra banda a impedir com grandes penas , que nenhum navio partiſſe pera a India , nem ſahiſſe das bocas do Eſtreito pera fóra , porque naõ foſſem as novas da Armada ás orelhas dos Portuguezes. E aſſim eſcreveo ao Xarife de Meca , que as náos em que Caſarcan fora de Cambaya , as tiveſſe negociadas ; e preſtes pera quando elle chegaſſe as levar comſigo. E tambem eſcreveo ao Governador de Judá , que tres náos , que naquelle porto eſtavam de Amenzoy Mouro , grande Senhor no Cairo , as tiveſſe preſtes , e que elle tambem o ajudaſſe com algumas náos ſuas. Com eſte recado mandáram todos fazer preſtes as náos que lhe pedia , que ſe haviam de ir ajuntar com elle na Ilha de Camarão por todo Julho , ficando o Baxá dando ordem a muitas couſas : e ao tempo limitado chegou a gente que eſperava , que era a ſeguinte.

Mil e quinhentos Janizaros da guarda do Turco ; dous mil Turcos , que mandou fazer pela Tracia ; tres mil homens outros dos pórtos da Natólia , de Damiata , de Alexandria , e de outros , de maneira que iriam por todos ſete mil homens. E tanto que chegáram fez pagas a todos , e repartio pela Armada a gente Veneziana , que ſeriam quatrocentos homens , bombardeiros , comitres , ca-

calafates, carpinteiros: e aos vinte e dous de Junho se embarcou, e se affastou do porto, e foi surgir no porto de Faraó em quatro braças de fundo, lugar apartado de Suez huma legua e meia: alli fez de novo alardo da gente, e Armada. As pessoas principaes, que nesta jornada hiam, são as seguintes.

Isuf Amede Capitão mór do mar de Alexandria, que levava o governo de toda a Armada, por ser o Baxá velho, e não poder correr com as cousas della; Chiclierchy Baxá de Alexandria; Beram Baxá; Mir Mostafá, ambos Capitães dos Janizaros; Mostafá Naxar; outro Beram Baxá Janizaro, a fóra muitos Sangiacos, e Patrões das galés, homens escolhidos antre todos os Janizaros do Turco. Hia tambem Cafarcan em huma galé pera conselheiro do Baxá, por ser muito prático nas cousas de Cambaya. Dalli se fez o Baxá á véla, e seguiremos nesta jornada o roteiro de hum Veneziano, (dos que foram tomados em Alexandria,) que hia por comitre de huma destas galés, que anda impresso em Italiano, e junto ás varias viagens, que recopilou João Baptista Ramusio, que por ser curioso, e nomear muitos portos, e lugares, que não andam nas nossas Cartas de marear, nos pareceo bem seguir-mo-lo aqui, e assim o faremos em al-

gu-

gumas cousas do cerco, que elle conta como testemunha de vista.

Sahida a Armada da ponta de Faraó, foi surgir em hum lugar, que chamam os doze poços de Moysés, tres leguas e meia adiante. Dalli foram tomar Corondollo quatorze leguas de jornada, onde surgíram em doze braças, (neste lugar ferio Moysés com a vara, e abrio o mar pera passar á outra banda.) Daqui atravessáram a costa da Arabia, e foram surgir no lugar de Toor, aonde ha muitos Christãos dos que chamam de Cintura, huma jornada e meia do Mosteiro de Santa Catharina de Monte Sinay: este dia andáram vinte e oito leguas, e nelle estiveram sinco dias. Aos tres de Julho deram á véla, e foram até hum lugar chamado Charas, treze leguas de Toor, e alli surgíram em doze braças. Ao outro dia foram caminhando, e passáram de longo de huma Ilha chamada Soridão, que está affastada da terra firme doze leguas, e por ser por alli tudo limpo, e o vento brando, andáram toda a noite. Ao outro dia amanhecêram defronte de huma grande serra, que está da banda do Abexim chamada Marzoan, que está affastada do lugar de Charas sincoenta e sinco leguas, que tantas andáram em duas noites, e hum dia. Dalli foram navegando á vista da terra do Abexim; e este

dia,

dia, que foram ſeis do mez, andáram vinte e oito leguas, e aos ſete do mez vinte e ſinco, e aos oito vinte e oito. Eſta noite toda navegáram, e andáram outras vinte e oito leguas. Aos nove dias ſe lhe mudou o vento, e acháram huma baixia affaſtada da terra firme oito leguas, e eſte dia, e noite andáram duas, e meia. Aos dez dias foram tomar hum porto chamado Cor, muito deſerto, aonde ſurgíram em fundo de oito braças; aquelle dia andáram vinte e tres leguas. Aos onze de Julho ao meio dia, tendo andado ſete leguas, chegáram á Cidade de Ziden, mui célebre em todo aquelle Eſtreito, huma jornada e meia antes da Caſa de Meca. Tem eſta Cidade hum muito bom porto, de grande eſcala; mas não tem agoas ſenão as de chuva, que recolhem em ciſternas. Hum pouco pela terra dentro eſtá huma muito celebrada Meſquita, em que os Mouros affirmam eſtar enterrada noſſa mãi Eva. Os moradores daqui, e de toda aquella coſta ſam Ethyopios, comem peixe torrado ao Sol, e ſam todos homens magros, e fuſcos, e andam quaſi nús: aqui chegou a Armada com menos ſinco navios, que ſe perdêram por eſſes baixos. Deteve-ſe neſte porto o Baxá quatro dias em fazer agua, e refreſco. Aos dezeſeis de Julho ſe fez a Armada á véla, e andou de noite, e de dia

até

até entrar por antre humas Ilhas deſpovoadas chamadas Atfas, que eſtam cento e ſincoenta leguas de Zidem, e por antre ellas andáram tres dias, e tres noites. (Aqui vem os peſcadores da terra firme, e das outras Ilhas peſcar perolas, que acham em quatro braças.) Aos vinte e dous do mez foram tomar a Ilha do Camarão, aonde a mór parte dos navios de alto bordo eſtavam já eſperando. Aqui deſembarcou o Baxá, e mandou dar querena ás galés, e deſpedio duas fuſtas ligeiras, huma a ElRey de Zebit, e outra ao de Adem, pera que lhe tiveſſem preſtes refreſcos, e agua pera toda a Armada, e ao Rey de Zebit, que o eſperaſſe no porto, e que lhe trouxeſſe os tributos que devia, e lhe vieſſe dar a obediencia como vaſſallo do Grão Senhor. Aqui fez o Baxá alardo da Armada, e achou ſetenta e ſeis vélas, por eſta maneira:

Seis galeaças, a que os Turcos chamam Maonas, dezaſete galés baſtardas, vinte e ſete ſotijs, nove fuſtas, dous galeões, ſeis navios, e outras nove embarcações grandes carregadas de ſalitre, polvora, biſcouto, farinha, pelouros, artilheria, e todas as mais couſas neceſſarias pera tamanha Armada. Aqui em Camarão eſteve o Baxá dez dias, e aos trinta do mez ſe fez á véla, e ao derradeiro tendo andado vinte e oito leguas, che-

chegáram a huma Ilha chamada Tuicce, onde acháram a fusta, que foi com o recado a ElRey de Zebit, que mandava hum presente ao Baxá, de espadas, e punhaes lavrados de ouro, e prata, com alguns rubiis turquescos, e perolas, algumas rodellas, e cofos mui ricos, e outras peças curiosas; e lhe mandou dizer, que fosse fazer a jornada contra os Portuguezes, e que na volta o esperaria pera tudo o que lhe mandava. Disto ficou o Baxá muito enfadado, mas guardou-o pera seu tempo. A Armada foi seu caminho, e ao primeiro de Agosto fôram surgir em duas braças junto da Ilha Bebelmandel, que está na garganta do Estreito, a que os Mouros chamam dos Robõis, que quer dizer dos Pilotos, porque alli os vam tomar os navios, que querem entrar pelo Estreito dentro.

A esta Ilha chegou Affonso de Alboquerque, quando entrou aquelle Estreito, e mandou nella arvorar huma Cruz mui formosa, e lhe poz nome a *Ilha da Vera Cruz*, onde com tão divino marco tomáram os Reys de Portugal ha tantos annos a posse da garganta do mar Roxo: permittirá o Senhor que o Principe D. Filippe, (depois de muitos, e largos annos da vida d'ElRey seu pai do mesmo nome,) quando vier herdar os Reynos de Portugal, mande, e ordene, que

es-

este divino marco passe adiante, e que seja elle o que execute aquella tenção, que o felicissimo Imperador Carlos V. seu Avô poz ao redor de sua divisa das columnas *Plus ultra*, e que fosse aquillo profecia do que em seus dias lhe haja de acontecer, passando nelles aquella columna de nossa Redempção, até se plantar nos montes de Suez, e Sinay, e que faça levantar sumptuosissimos Templos na casa de abominação de Mafamede, pera que no lugar de tanta torpeza se offereçam ao Altissimo Deos muitos sacrificios de louvor.

E tornando á nossa ordem. Ao outro dia, que foram dous de Agosto, se fizeram á véla, e ao terceiro foram surgir em Adem, que está da boca do Estreito pera fóra quarenta leguas. ElRey tanto que a Armada surgio, mandou visitar o Baxá com muito refresco, e peças de presente. Estes Enviados recebeo o Baxá mui bem, e lhe deo cabaias de veludo alto, e baixo, e os despedio com hum salvo conduto do Turco, pera que ElRey fosse seguramente vêr-se com elle. Disto se mandou elle escusar, offerecendo-lhe tudo o de que tivesse necessidade, do que o Baxá ficou muito agastado, e mandou logo destoldar as galés, e pôr toda a gente em armas, e fazer prestes os Janizaros pera desembarcarem em terra, mandando adiante o Cha-

Chachaya a persuadir a ElRey que fosse seguramente vello. O Chachaya se foi ver com ElRey, e depois de muitas práticas que com elle teve, o tomou sobre sua fé, e palavra, com o que o segurou, e foi á galé acompanhado de alguns dos seus principaes. O Baxá o recebeo com muitas honras, e apartando-se com elle com grande fingimento, depois de praticarem algumas cousas, o despedio, dando-lhe duas cabaias mui ricas, lavradas de ouro, e a todos os seus cada hum sua de veludo. E chegando á prôa da galé pera se embarcar, foi levado nos ares pelos Janizaros, e enforcado no penão da verga, e junto delle quatro dos seus os principaes. E logo mandou o Baxá hum Sangiaco com quinhentos Janizaros pera ficarem em guarda daquella Cidade.

Alguns Escritores contão isto de outra maneira, e dizem, que de Zebit mandára o Baxá algumas fustas carregadas de Janizaros fingidos doentes, e que mandára pedir a ElRey de Adem que lhos agazalhasse, e mandasse curar, e que nas padiolas que para isso mandou fazer, em que os desembarcáram, levåram secretamente armas; e que depois do Baxá chegado, vendo que ElRey o não queria ir visitar, mandára desembarcar a gente em terra, e fazer final aos doentes que estavam dentro, que já hiam ensaiados

do

do que haviam de fazer, e que em os de fóra commettendo a Cidade, se levantáram elles com suas armas, e fizeram grande destruição, e que tomáram ElRey, ou se lhes entregára, e o leváram ao Baxá, que o mandou enforcar. O Veneziano, que escreveo esta jornada, a conta da maneira que a nós temos dito, e isso mesmo os Mouros, que desta Armada ficáram em Cambaya, com quem nós communicámos estas cousas, e dizem que não houve taes enfermos.

CAPITULO VI.

Do que o Baxá fez em Adem, e do que lhe aconteceo até chegar a Dio: e de como hum galeão seu foi ter desgarrado á costa do Malavar, e foi tomado por Antonio de Soto-maior: e de como por elle soube o Governador Nuno da Cunha as novas da Armada do Turco: e dos soccorros que de Goa partíram pera Dio.

ENforcado o Rey de Adem, mandou o Baxá a Beran Rumé com quinhentos Janizaros, que se fosse metter na Cidade, o que elle fez sem contradicção alguma; e como estes homens sam crueis, e soberbos, logo começáram a pôr os moradores a sacco, usando deshumanidades espantosas. Os Turcos da Armada ouvindo a revolta na Cida-

dade, acudíram lá, e ajudáram a assolar, e roubar tudo, enchendo-se todos de riquezas, porque estava aquella Cidade recheada de muitas fazendas ricas, por ser aquelle porto mui continuado de todos os mercadores do Oriente. Soleimão Baxá, General da Armada, como era cheio de cubiça, e com ser de oitenta annos, e Eunuco, sem ter ninguem pera quem o haver mister, não havia cousa que o fartasse. E sabendo das grandes riquezas da Cidade, não lhe soffrendo sua ambição, que outrem as lograsse senão elle, desembarcou em terra com os da sua guarda, e foi-se pôr á porta da Cidade, que sahia pera a banda do mar; e a todos os que sahiam por ella pera se recolherem ás galés com suas prezas, os buscava, e todo o ouro, prata, perolas, pedraria, e dinheiro lhes tomou; e assim lhes foi ter ás mãos toda a riqueza da Cidade, ficando odiado com todos os da Armada. Depois de farto se recolheo, deixando a Cidade mui bem provída de tudo; e querendo-se partir, mandou tomar tres náos de Calecut, que alli estavam com suas fazendas, a quem elle tinha dado seguro quando logo chegou, e metteo nellas gente, e munições, mantimentos, e outras cousas, que na Cidade achou. E aos dezenove de Agosto se fez á véla, e foi seguindo sua derrota com tempo muito fresco,

co, e com algumas trovoadas, que lhe desapparelháram alguns navios, e se apartáram seis correndo por onde cada hum pode. Huma galé quasi destroçada foi tomar a enceada de Jaquete na costa dos Sanganes, aonde surgio, e mandáram a bateira a terra a buscar alguns mantimentos, porque todos os que levavam se lançáram ao mar.

Os naturaes dalli, que sam mui grandes ladrões, tomáram a bateira, e matáram todos os que nella hiam, e em algumas cotias foram commetter a galé, rodeando-a por todas as partes, atirando-lhe muitos tiros, e pedradas, (em que sam tão déstros, como os das Ilhas de Malhorca) com que lhes matáram sessenta pessoas. E esses poucos que ficáram, vendo-se perdidos, largáram a amarra, e deram á vela, e por terem vento por si, se foram sahindo.

Das outras vélas que se apartáram, foi hum galeão correndo tormenta quasi perdido, e ferrou os Ilheos de Santa Maria na costa de Canará, antre Baçanor, e Mangalor, aonde havia dous, ou tres dias que era chegado Antonio de Soto-maior por Capitão mór de alguns navios, que tinha sahido de Cananor, aonde estava por Capitão Fernande Anes de Soto-maior seu pai. E ás oito horas de pela manhã houve vista daquella véla, que foi demandar, e reconheceo ser

de Rumes, e tomando as armas a commetteo com grande alvoroço de todos os seus, pera o que não houve mister persuadillos, porque o desejo da honra foi o que os animou. E cercando-o á roda, a batêram fortemente, dando-lhes grandes surriadas de arcabuzaria, de que lhe matáram muita gente; e não lhe soffrendo o coração aquelle vagar, puzeram-lhe as prôas, abordando-a por todas as partes, começando-se huma muito aspera, e rija batalha, mui bem pelejada de ambas as partes; e foi o negocio de feição, que assim afferrados lhes anoiteceo, determinando os nossos de a não largarem até a renderem, ou morrerem; e assim o fizeram, porque com morte da mór parte dos Turcos entráram o galeão já muito tarde, e de alguns, que acháram ainda vivos, soube Antonio de Soto-maior serem da companhia de Soleimão Baxá, que já devia de estar em Dio. E informando-se da Armada, gente, e mais cousas, os mandou logo ao Governador em hum catur muito ligeiro pera delles saber a verdade de tudo. Este navio chegou em poucos dias a Goa, e com as novas que levou, poz toda a Cidade em revolta.

O Governador depois de informado de tudo, foi-se pôr na ribeira, e mandou negociar a Armada, porque logo determinou

de

de ir pelejar com os Rumes. Alguns Fidalgos, e Cavalleiros tomáram o mesmo dia, que a nova chegou, catures ligeiros, e convocando soldados de sua obrigação, sahíram pela barra fóra, e tomáram o caminho pera Dio, e estes foram tres: Fernão de Moraes, Simão Rangel de Castello-branco, e Antonio de Araujo, e Gaspar de Araujo, ambos irmãos de Paio Rodrigues de Araujo, que hiam juntos em hum catur. Cada navio destes levava vinte soldados, e os Cavalleiros principaes que antre elles hiam, a que soubemos os nomes, foram: Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhoz, Tristão da Silva, e Fernão Correa. Destes Capitães só Fernão de Moraes se despedio do Governador, que escreveo por elle a Antonio da Silveira, que estivesse de bom animo, porque elle se ficava preparando pera o soccorrer. E assim logo despedio recado a Martim Affonso de Sousa, que invernou em Cochim, pera que se apressasse com toda sua Armada, porque ficava esperando por elle pera ir buscar os Rumes. E escreveo á Cidade as novas que tinha, pedindo-lhe o ajudassem com toda a gente, e navios que pudessem, representando-lhe a necessidade em que a fortaleza de Dio estava.

E tornando a continuar com Soleimão Baxá, foi seguindo sua derrota, correndo

o mesmo tempo com bem de trabalho, e a cabo de muitos dias foi haver vista da terra na paragem de Mangalor na costa de Dio. E correndo de longo della aos tres de Setembro, foi vista a Armada de Miguel Vaz, que a andava por alli vigiando; e tanto que a vio, notou muito devagar o número, e depois de se certificar deo á véla pera Dio. Da nossa fortaleza foi visto, e logo entendêram que víra a Armada dos Rumes, que os Mouros da Cidade começáram a enxergar de sima das Mesquitas, e os nossos víram acudir pera fóra toda a gente da Cidade pera a verem. Miguel Vaz chegou á fortaleza, e deo ao Capitão as novas da Armada; e não fazendo aquillo abalo algum em seu animo, logo alli escreveo ao Governador huma breve carta, em que se reportava a Miguel Vaz, e o despedio com ella, encommendando-lhe que com a mór brevidade que pudesse, levasse aquellas novas ao Governador. Miguel Vaz se sahio logo pela barra fóra, e como era homem animoso, quiz-se segurar de novo na cópia dos navios pera fallar pontual, pois o Capitão se reportava na carta a elle. E tomando o remo na mão, foi-se pôr ao mar por descubrir a Armada, que hia de longo da terra á véla, buscando o pouso pera surgir, e esteve muito á sua vontade, notando-a, e contando as vélas. Os Tur-

Turcos enxergáram aquelle navio ao mar delles, e sahindo-lhe doze galés ligeiras, o foram demandar. Miguel Vaz deo á véla por ser o vento bom, e foi-se engolfando: as galés mettêram o bastardo, e tomáram o remo, indo-o seguindo muito apressadamente, e entrando-o muito. Isto tudo se via mui bem da fortaleza, e houveram que o navio não poderia escapar, o que em estremo sentiam, tendo-o por perda notável se tal fosse, e por ruim prognostico em principio do cerco que esperavam. Miguel Vaz, que era homem muito esperto, e bom Cavalleiro, foi com grande segurança animando os marinheiros, e lançando-lhes dinheiro a todos pera trabalharem com mais vontade, e elles assim o fizeram de feição, que se desfaziam.

E como Deos nosso Senhor tinha os olhos naquella fortaleza, e não a queria desamparar, permittio que depois de muitas horas que o seguiam, no tempo em que já cuidavam que o tinham nas mãos, nesse lhe encalmasse o vento, com o que o navio que era pequeno teve tempo, e mais occasião pera usar do remo muito mais desembaraçadamente, e assim se foi sahindo das galés muito á sua vontade. Os Turcos magoados de assim lhe escapar das mãos, lhe atiráram com algumas esperas, cujos pelouros deram por derredor da fusta, que se hia escoando

com

com vento galerno, e com o remo muito bem. Os Turcos tornáram-se pera a Armada, que já estava surta defronte das Mesquitas grandes. Miguel Vaz vendo-se já desapressado, deo folga aos marinheiros, animando-os, e louvando-os, e dando-lhes do seu dinheiro, e assim o deixaremos ir seu caminho pera continuarmos com as cousas de Dio.

Alucan, e Coge Çofar, tanto que víram a Armada surta, embarcáram-se cada hum em seu navio, e foram por fóra da Ilha da banda do Ponente a visitar o Baxá, que os recebeo com muitas honras, e delles soube o estado em que a nossa fortaleza estava, facilitando-lhe sua tomada, pedindo-lhe artilheria, e munições, e que se deixasse estar, e descançasse, que elles lha entregariam. O Baxá festejou muito aquellas esperanças, dando-lhes os agradecimentos da vontade, e desejo que mostravam ao serviço do Grão Senhor.

CA-

CAPITULO VII.

De como os Janizaros desembarcáram em terra, e saquedram a Cidade: e da vista que deram á nossa fortaleza: e de hum espantoso cometa que se vio no Ceo: e de como a Armada esteve perdida naquelle pouso, e se passou a Madrefaval.

EM quanto os Capitães d'ElRey de Cambaya se detivéram na galé, fallando-se os Janizaros huns com os outros, tomáram as bateiras, e outras embarcações, e desembarcáram em terra por vezes setecentos delles, e foram á Cidade, e com a desordem, e braveza com que costumam fazer suas cousas, a entráram, e mettêram a sacco, roubando, e escalando o melhor della, e tomando as mulheres, e filhas aos naturaes, deshonrando-as, e tratando-as mal, não lhes escapando os aposentos do Alucan, que tambem foram estragados, levando-lhe toda sua recamara de ouro, prata, arreios, e tudo o mais de valia, que mandáram pera as galés. E porque vinham tão arrogantes, que cuidavam que elles sós bastavam pera tomar a nossa fortaleza, a foram commetter, pondo-se derredor dos muros ás espingardadas, e ás fréchadas; e commettendo as portas, cuidávam que as levassem nas mãos, mas em bre-

breve espaço foram desenganados, porque os nossos das primeiras surriadas lhes derribáram sincoenta logo mortos, e lhes feríram mais de cento, do que ficáram tão escandalizados, e amedrontados; que com a soberba perdida se foram recolhendo, custando porém esta breve vista as vidas de seis dos nossos, e vinte feridos. O Baxá sem saber o que hia na Cidade despedio Alucan, e Coge Cofar.

Estes chegáram á Cidade, que a acháram posta em pranto, e então souberam o destroço, que os Janizaros andáram por ella fazendo até chegarem a suas casas, onde acháram tudo escalado, e roubado. Alucan entendendo que peior haviam elles de ficar da vinda dos Rumes, que os Portuguezes, (porque bem sabia delles quão bem costumavam a defender suas cousas, e que por fim do negocio havia o Baxá de se querer satisfazer nelles;) não querendo aguardar alli mais, passou-se á outra banda, e tomou logo o caminho de Amadabá, levando a mór parte da sua gente, indo tão escandalizado, que por toda a parte por onde passava hia mettendo em odio com os Turcos; e o mesmo fez com ElRey, a quem deo conta do que passava, affirmando-lhe, que os Portuguezes daquella feita lhe haviam de defender seu Reyno; porque se elles não es-

tiveram naquella Ilha, sem dúvida se haviam de fazer senhores della, e dalli pouco, e pouco de todo o Reyno do Guzarate. Mas que elle sabia mui bem, que assim haviam de ficar escandalizados das mãos dos Portuguezes, que quando bem escapassem, sería destroçados, affrontados, e com a soberba perdida.

O mesmo diz que o Baxá surgio, chegou a elle huma fusta, que ElRey de Cambaya lhe mandou cheia de refresco, porque em tendo as primeiras novas, a despedio pera o ir tomar aonde quer que o achasse; tudo isto passou este dia.

E tanto que anoiteceo, ás dez horas víram todos ir correndo pelo ar hum cometa, á maneira de trave de fogo, que foi da banda da Cidade até parar sobre a Armada dos Turcos, aonde se esteve desfazendo em labaredas. Foi isto visto de todos com geral espanto, mas com differente agouro; porque os nossos o tiveram por sinal de lhes Deos fazer muitas mercês, e os Rumes a notáram a muito ruim prodigio; e o Baxá que de sua natureza era acovardado, ficou com receios, e desconfianças. A esta sorte de cometas (segundo Plinio, e outros Authores) chamam os Gregos Docci, que quer dizer, trave, pelo parecer que com ella tem. Outro semelhante a este se vio tambem desfazer sobre

bre a Armada dos Lacedemonios, quando foram vencidos no mar, e perdêram o Imperio de Grecia.

E tornando á nossa historia, tão escandalizados ficáram os Gentios da Cidade, das cruezas, e deshumanidades dos Turcos, que muitos delles se passáram á outra banda, e outros se recolhêram debaixo dos muros da nossa fortaleza. Disto foi avisado o Baxá, e despedio ao outro dia hum Capitão com o seu Chachaya com dous mil homens pera quietarem aquella gente, porquê de todo se não despejasse a Cidade, no que se fez pouco, porque ficáram todos tão amedrontados, que se não quizeram mais fiar dos Turcos, e poucos, e poucos se passáram á outra banda, ficando a Cidade quasi deserta.

Antonio da Silveira não estava descuidado na fortaleza, antes de dia, e de noite, sem tomar repouso, tratava de se fortificar, e repairar o melhor que podia, mandando prover o baluarte da outra banda de todas as munições, e cousas que lhe parecêram necessarias, porque receou que depois que os Turcos desembarcassem, o não pudesse fazer; e mandou alevantar a ponte, que ficava sobre a cava, e tapar as portas de pedra, e cal. O mesmo mandou fazer no baluarte do Gogalá, porque tivessem menos cousas que guardar. E mandou reformar o baluarte do mar,

mar, de que era Capitão Antonio de Sousa Coutinho, a quem deo quarenta soldados; e de sorte proveo tudo, e em tudo, que quando os Turcos desembarcáram, já não havia que fazer.

O Baxá esteve surto defronte da Mesquita até os sete dias do mez, em que lhe deo huma tormenta do Sul tão brava, que esteve a Armada de todo perdida. Os nossos, que da fortaleza viam a braveza do mar, e o trabalho em que estavam, pediam a Deos com grandes orações, que crescesse a tormenta, e que os Turcos perecessem nella; e houve pessoas, que fizeram grandes votos pera isso. Os batéis dos galeões, que hiam da terra carregados de gente, foram comidos das ondas, sem escapar huma só pessoa; e em toda a Armada crescia o trabalho, porque tambem o tempo era cada vez maior. As galés desemmasteárão, e recolhêram dentro a appellação, tendo já todas as postiças quebradas, e a mór parte dellas os esporões; e estavam em estado, que não apparecia dellas mais que os cascos. Os galeões perdêram algumas ancoras, e alijárão a mór parte do que traziam: durou a tormenta vinte e quatro horas. E tanto que o vento acalmou, receando-se o Baxá de outro perigo, (porque naquelle se vio de todo perdido,) levou-se com toda a Armada, e foi-se pera

ra Madrafaval, que he pouco mais de finco leguas de Dio, pera dentro da enseada, pera alli espalmar, e concertar as galés, que ficáram de todo destroçadas, e á véla foi passando á vista da fortaleza, mas affastado por se recear da artilheria, e a foi salvando por ordem. Antonio da Silveira lhes mandou responder, deitando-lhe dentro nas galés alguns pelouros grossos, pera que vissem o com que os haviam de hospedar. Chegados a Madrefaval, ao entrar do porto se lhe perdêram quatro náos de vitualhas. O Baxá desembarcou em terra, e mandou armar tendas, e despejar as galés pera se concertarem.

Alli foi ter com elle Coge Çofar, e tratáram ambos o modo que se havia de ter no sitiar da nossa fortaleza, e assentáram, que, porque a Armada não podia entrar em Dio, pelo risco que corria da artilheria da fortaleza, e baluarte do mar, que mandassem cercar o Castello de Gogalá, e que depois de tomado se passasse por alli toda a gente, artilheria, e petrechos necessarios pera o cerco. Com esta resolução mandou o Baxá desembarcar a artilheria, que estava nas quatro Máonas, (a que nós chamamos Galeaças,) que eram tres basaliscos, seis espertas, que encarregou a Beran Baxá Janizaro, com mil e quinhentos Turcos pera ir em com-

companhia de Coge Çofar a cercar, e bater o Castello de Gogalá, em quanto elle mandava reformar a Armada. Este mesmo dia chegáram alli huma náo, e huma galé das que desapparecêram no caminho, e ao entrar da barra deram no banco, em que se perdeo a náo, que hia carregada de polvora, munições, e outras vitualhas, e a galé se tirou, e concertou.

CAPITULO VIII.

De como ElRey D. João tratou de mandar á India o Infante D. Luiz seu irmão, pelas novas que teve de Constantinopla, da Armada que o Turco mandava: e das revoltas que houve no Reyno, sobre ElRey querer obrigar os Morgados ao acompanharem: e de como o Infante desistio da jornada, e foi eleito D. Garcia de Noronha por Viso-Rey, e da Armada, que levou no anno de 1538: e de como ElRey houve Bullas do Papa pera fazer Bispado a Igreja de Santa Catharina de Goa, e do primeiro Bispo que se sagrou.

DEpois de ElRey D. João despedir em Outubro a Armada que dissemos, por ter novas de galés, lhe chegou recado certo da cópia da Armada, que o Turco mandava preparar em Suez, e dos grandes aper-

ce-

cebimentos, que em Constantinopla se faziam pera aquella jornada. Isto metteo grande alvoroço em todo o Reyno, e algum temor em ElRey, que neste tempo estava em Evora, onde havia sinco, ou seis annos que residia, por estar affeiçoado á terra, e se achar nella bem; pelo que se não sabia sahir della; de que todo o Reyno estava escandalizado pelos muitos gastos, que os Fidalgos faziam em seguirem a Corte. A's novas das galés, que corrêram por todo o Reyno, acudíram muitos Fidalgos a se offerecerem pera aquella jornada, a que ElRey determinava de acudir com mui grosso poder, porque naquelle negocio estava perder-se, ou ganhar-se a India. E pondo estas cousas em conselho, houve alguns de parecer, que mandasse o Infante D. Luiz seu irmão; porque tanto que os homens o vissem embarcar, todos haviam de folgar de o acompanhar. Outros dizem, que o mesmo Infante se offereceo; como quer que fosse, ElRey o declarou pera a India com quarenta náos, e oito mil homens. Com isto todos os Fidalgos de sua Casa, que tinhão posse, mandáram com muita pressa tomar náos por Villa do Conde, pelo Porto, por Aveiro, e por outros lugares, começando-se a fazer prestes, com o que se metteo todo o Reyno em revolta. ElRey mandou chamar mui-

tos

tos Fidalgos velhos, e ricos pera irem com o Infante seu Irmão, e quiz obrigar os Morgados ao acompanharem, como costumava a fazer aos soccorros de Africa. A isto acudíram os pais aggravando-se d'ElRey. Dos primeiros chamados foi D. Pedro Deça, de Santos, que se escusou com dizer, que elle não possuia cousa alguma da Coroa, e se alguma cousa tinha, que bem lha podiam tirar. ElRey escandalizado o mandou riscar dos seus livros. Pela mesma maneira se escusáram outros, ainda que mais suavemente. E todavia insistindo ElRey em mandar os Morgados, aggraváram seus pais pera a Meza da Consciencia, aonde allegáram de sua justiça. Era Presidente della o Bispo de Coimbra D. Fr. João Soares, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, que fora Mestre do Principe seu filho, que com os Deputados pronunciou, que ElRey não podia obrigar os Morgados a ir á India; porque como aquella terra fora descuberta pera commercio, e trato, não tinham os Morgados obrigação de acudir a ella; e que só aos lugares de Africa, por serem fronteiros, os poderia obrigar. Vendo ElRey aquillo, desistio da ida do Infante, (posto que diziam os praguentos, que a Rainha Dona Catharina, e o Conde da Castanheira foram a causa principal de sua ficada,) allegando inconveni-

nientes de grandes gastos, e despezas, que o Reyno não podia supprir, e do titulo que se havia de dar ao Infante: e que aquillo era quasi separar a India da jurdição do Reyno, com outros que nós sendo moço ouvimos na Guarda-roupa do Infante, aonde nos creámos de idade de dez annos até elle falecer.

Em fim, desistindo ElRey deste negocio, tratou em seu Conselho o que faria no soccorro, e provimento das cousas da India, e que Armada mandaria; e assentou-se, que fossem quatro mil homens em doze náos, e que provesse a India de hum Fidalgo velho com titulo de Viso-Rey, porque folgassem muitos Fidalgos, que desejavam de se achar no negocio das galés, de o acompanhar; o que pela ventura não quereriam fazer a nenhum Capitão mór. E que com os Turcos ouvirem, que era chegada á India huma Armada grossa, com hum homem intitulado por Viso-Rey, causaria nelles o espanto, que sohia causar aos inimigos do povo Romano, quando se elegia Dictador. E que bem podia ser, que só esta fama os fizesse alevantar do cerco, que tivessem posto em qualquer das fortalezas da India. Isto pareceo bem a ElRey; e lançando os olhos a todos os Fidalgos do Reyno, satisfez-se muito de D. Garcia de Noronha, (assim pelas

par-

partes, e qualidades de sua pessoa, e pelas mostras que tinha dado de seu saber, e esforço em todas as cousas em que se na India achou em companhia de Affonso de Alboquerque seu tio, como pela grande pessoa que tinha,) porque era hum dos maiores homens do Reyno, e por ser muito cheio de cans, que sempre sam muito respeitadas; porque naquelle tempo era homem perto de setenta annos, que só esta era a taxa que todos lhe punhão, o que a ElRey pareceo melhor que tudo, porque só pertendeo buscar homem, que soubesse mandar, e a que todos folgassem de obedecer, porque pera pelejar todos os Portuguezes o faziam muito bem.

Trislão da Cunha, pai do Governador Nuno da Cunha, que ainda vivia, vendo que ElRey desistia da ida do Infante, e que elegia outro homem por Viso-Rey da India, o sentio muito, e aggravou-se a ElRey de satisfazer a seu filho tão mal, tantos serviços como lhe tinha feito, em perto de dez annos que na India o servia; e que quem lhe tinha dado as fortalezas de Dio, e Baçaim, tambem lhe dera as galés dos Rumes, se passassem á India, porque elle confiava de seu filho que estaria já no mar com hum muito grosso poder pera os ir buscar; e que não parecia justiça, que a Armada que elle

com tanto ſuor havia de ter negociada, foſſem outrem a tomar-lha, e roubar-lhe com ella a honra, que eſperava da vitoria dos Turcos; e mais quando ſeu filho o não tinha deſervido em couſa alguma. ElRey, diziam, que deſejára bem de ſatisfazer aos aggravos de Triſtão da Cunha; mas já que não podia, conſolou-o, e quietou-o com palavras ſatisfatorias á honra de ſeu filho, como Principe muito Chriſtão, e que deſejava de não aggravar ſeus vaſſallos. E aſſim foi dando grande preſſa á Armada, com que correo o Conde de Caſtanhéira, que era Veador da Fazenda.

Vendo ElRey que já tinha provído a India de novo Capitão no temporal, o quiz tambem fazer de outro no eſpiritual, pela neceſſidade que na India havia delle, pelo muito que creſciam as couſas de noſſa Religião Chriſtã, porque o Biſpo D. Fernando Vaquéiro, da Ordem de S. Franciſco, que ElRey mandára á India o anno de trinta e dous na Armada do Doutor Pero Vaz do Amaral, (como na quarta Decada fica dito no Liv. VIII. Cap. II.) falecêra o anno de trinta e quatro, eſtando em Ormuz, aonde jaz enterrado na Igreja da fortaleza, na parede da Capella mór, aonde tem huma pedra com duas vaccas, que eram ſuas armas. E porque a India eſtava em neceſſida-
de

de do Prelado, quiz prover nisso, e supplicou já o anno passado ao Summo Pontifice Paulo III, que lhe concedesse fazer Arcebispado a Sé do Funchal, e Bispados as Igrejas S. Salvador do Cabo Verde, Sant-Iago da Ilha de S. Thomé, e Santa Catharina de Goa, mandando-lhe consentimento pera que lhes pudesse applicar de suas rendas quinhentos cruzados a cada Bispo pera as suas mezas, e pera as ordinarias das Dignidades da Igreja de Goa, com que só continuaremos.

Cem cruzados ao Adaião, quarenta ao Arcediago, e outros tantos ao Chantre, Thesoureiro, Mestre Escola, e trinta cruzados a cada Conego, que haviam de ser doze: o que tudo lhe concedeo o Summo Pontifice per suas Bullas Apostolicas, com privilegio pera os Reys de Portugal poderem apresentar os Arcebispos, Bispos, e todas as mais Dignidades, Vigairarias, Beneficios, como Mestre que era da Ordem da Cavalleria de nosso Senhor Jesus Christo. E que os limites da Diocese de Goa começassem, e se acabassem, e fossem instituidos, e julgados desdo Cabo de Boa Esperança até á India inclusivè, e da India até á China com todos os lugares assentados, assim nas terrás firmes, como nas Ilhas achadas, e por achar, em que os Reys de Portugal tivessem fortalezas, e morassem Portuguezes, e

Christãos, annexando assim este Bispado, como os de S. Thomé, Cabo Verde, ao direito da Metropolitana do Funchal, como se vê mais largamente nas Bullas, que andam no Tombo da Sé de Goa, aonde nós vimos isto.

ElRey com estas Bullas nomeou pera Bispo de Goa hum D. Francisco de Mello, homem Fidalgo, que foi sagrado em Lisboa com grandes ceremonias. E por falecer este verão em que andamos, supplicou ElRey novos Breves, por cuja virtude nomeou pera Bispo de Goa hum Frade da Ordem do Glorioso Padre S. Francisco, chamado Dom João de Alboquerque, Castelhano, Varão Apostolico, e virtuoso, da Provincia da Piedade em Portugal, a quem por virtude de outro Breve lhe deo ElRey por Coadjutor, e futuro successor outro Religioso da mesma Ordem, chamado Fr. Vicente, homem virtuoso, e muito bom Letrado, a quem mandou fazer prestes, e lhes deo despezas, e todas as cousas necessarias pera sua embarcação.

E porque pera a cópia da gente, que ElRey queria mandar, hia faltando muita, passou huma Provisão, e perdão geral, em que havia por perdoados todos os casos, (tirando o da Fé, e lésa Magestade,) e todos os degredos, ou por tempo limitado,

ou

ou pera sempre, a todo o homem, com tanto que se embarcasse naquella Armada pera a India. Esta Provisão se publicou por todo o Reyno, a que acudíram muitos homens a se registarem; e porque ainda com isso não enchia a cópia, mandou ElRey por todas as cadêas, e prizões do Reyno, que todos os homens, que estivessem prezos, degradados, e ainda sentenciados á morte, se levassem ás prizões de Lisboa, pera dalli se embarcarem pera a India, commutando aos sentenciados á morte em pena de degredo perpétuo pera aquellas partes; e aos de degredos perpétuos em tres annos; e aos de tres, e quatro, que lhos perdoava, embarcando-se pera a India.

Antre muitos que acudíram a este Edicto geral, foi hum Fidalgo chamado Manoel de Mendoça, que estava degradado por nove annos pera os lugares de Africa, por matar hum homem, de que ElRey estava mui escandalizado. Este acudio á Corte com dous irmãos seus, João de Mendoça, e Diogo de Mendoça, offerecendo-se a ElRey pera aquella jornada, o que elle estimou muito. E pedindo-lhe o Manoel de Mendoça perdão do seu degredo, não quiz ElRey, mas disse-lhe, que pois todos tres hiam á India, que se repartisse por elles o tempo do degredo, e que andando todos tres na India

dia tres annos, lhe havia por suppridos os nove, e que lhes faria mercês, pelo que lhes beijáram a mão, e se fizeram prestes.

O Conde da Castanheira deo tal pressa á Armada, que meado Março a fez á véla, e ElRey a foi lançar fóra. Era esta Armada de onze náos, em que hiam de vantagem de quatro mil homens, muito dinheiro, armas, munições, artilheria, e todas as mais cousas necessarias, e muitos, e muito honrados Fidalgos contentes, e satisfeitos, porque a todos fez ElRey mercês de dinheiro, fortalezas, cargos, ordenados, e outros despachos, porque entendia bem quão necessario era homens contentes pera a guerra.

Os Capitães, que nesta jornada hiam nas náos, eram Bernaldim da Silveira o Dragão, que hia despachado com a fortaleza de Dio, (com quem se embarcáram todos os homiziados, e degradados, e todos os mais condemnados á morte, que se tiráram das cadêas do Reyno,) João de Sepulveda, filho de Diogo de Sepulveda, Fidalgo Castelhano, que em Portugal casou com huma mulher Fidalga, do appellido dos Sousas, da Casa do Prado. Este Diogo de Sepulveda havia já sido Capitão de Çofala, e da mesma fortaleza tambem o filho hia provído. D. João de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, a quem ElRey

da-

dava a fortaleza de Ormuz, que elle não quiz acceitar, dizendo-lhe, que lha não tinha merecido, que como lha merecesse, então lhe faria mercê della, o que ElRey estimou muito, e lhe fez mercê de quatrocentos mil reis de tença em cada hum anno, em quanto andasse na India; D. Francisco de Menezes, filho de D. Henrique de Menezes, irmão do Marquez de Villa-Real. Este D. Francisco era hum dos melhores, e mais bem acondicionados Fidalgos, e das melhores partes que havia em seu tempo, ou ao menos nenhum lhe precedia em cousa alguma, hia despachado com a fortaleza de Baçaim; D. Christovão da Gama, que hia provído da fortaleza de Malaca, era filho de D. Vasco da Gama, o primeiro Conde Almirante; D. Garcia de Castro, que levava a de Goa; Luiz Falcão a de Baçaim; Ruy Lourenço de Tavora a mesma fortaleza; D. João Deça a de Goa; Francisco Pereira de Barredo, que já tinha sido Capitão de Chaul.

Os Fidalgos aventureiros que se embarcáram nesta Armada, os de que pudemos saber os nomes, sam os seguintes: D. Alvaro, e D. Bernardo de Noronha, filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha; D. Martinho de Sousa, filho de D. Jorge de Sousa; Dom João Manoel, de alcunha o Alabastro, por ser

ſer muito gentil-homem, filho de D. Nuno Manoel, e irmão de D. Fradique Manoel. Eſte D. João tinha mais de hum conto de renda, e por hum deſgoſto que teve ſe embarcou contra vontade dos irmãos, e parentes; D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atougia; D. Antonio de Noronha Catarraz; Fernão da Silva, Commendador, e Alcaide mór de Alpalhão; D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, a que depois na India chamáram o Alfenim, por ſer muito mimoſo, e limpo de ſua peſſoa, e foi ſempre tamanho na India, e lhe tiveram todos tanto reſpeito, que em ſua auſencia o nomeavam todos os Fidalgos pelo Senhor D. Diogo; D. João Maſcarenhas; Franciſco Lopes; e Pero Lopes de Souſa, ambos irmãos; D. João Henriques; D. Duarte Deça; os tres irmãos Manoel, João, e Diogo de Mendoça; D. Jorge de Menezes, que depois ſe chamou Barroche, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. E por Veador da Fazenda geral da India, o Doutor Fernão Rodrigues de Caſtello-branco, que lá tinha já ſido Provedor mór dos Defuntos, e Ouvidor Geral, que fez depois em Lisboa humas caſas junto de Noſſa Senhora da Graça, que agora ſam do Commendador mór D. Diniz de Alencaſtro.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo na jornada a esta Armada até chegar a Moçambique: e de como se perdeo o galeão de Bernaldim da Silveira o Drago: e de como dalli despedio o Viso-Rey Henrique de Sousa Chichorro com cartas a ElRey; e de como o Viso-Rey chegou a Goa, e das cousas em que logo proveo.

DAda a Armada á vela, foi seguindo sua derrota, não lhe faltando a variedade, e inconstancia dos tempos, que soem haver em tão comprida viagem, em que desappareceo a náo de Bernaldim da Silveira o Drago, em que hiam todos os homiziados, que o tempo comeo, o que pareceo permissão Divina, de toda esta Armada não se perder outra senão ella, porque como levava muitos homens condemnados á morte por casos graves, e feios, parece que quiz Deos nosso Senhor fazer justiça delles, já que em Portugal se não fizera, porque não se houve por servido ainda neste negocio, que era de sua honra, (pois hiam a pelejar por sua Santa Fé contra seus inimigos,) de homens tão abominaveis, e crueis como alguns que alli hiam. Todas as mais náos chegáram a Moçambique, e o Viso-Rey foi muito festeja-

do

do de Aleixos de Sousa Chichorro, que alli estava por Capitão, mandando agazalhar todos os doentes das náos, que eram muitos, em casas, e ramadas, que pera isso mandou ordenar, curando a todos, e dando-lhes todo o necessario do seu dinheiro, como fez aos doentes de todas as náos, que em seu tempo alli foram ter, porque em todos os seus tres annos o mór emprego que fez foi nestas, e outras obras de caridade, e misericordia, em que gastou tudo o que aquella fortaleza lhe deo, pelo que sahio della tão pobre, como adiante se verá. O Viso-Rey mandou dar muita pressa á aguada das náos, e a outras cousas necessarias, porque determinava de se partir logo.

E porque achou alli a náo, em que fora por Capitão Henrique de Sousa Chichorro, como atrás temos dito no Cap. VII. do segundo Livro, querendo mostrar-se agradecido ao agazalhado, que lhe seu irmão Aleixos de Sousa Chichorro fez naquella fortaleza, determinou de o mandar com novas a ElRey de sua chegada, porque como elle estava escandalizado do mesmo Henrique de Sousa, por certas palavras que disse ao partir do Reyno, que depois ElRey soube, porque o mandou riscar de seus livros, quiz o Viso-Rey dar-lhe esta jornada pera se reconciliar com elle, escrevendo-lhe largamente

do

do ſucceſſo da viagem, e de como chegára à Moçambique com todas as náos, ſalvo a de Bernaldim da Silveira o Drago, de que não havia novas, e que ainda alli não achára nenhumas dos Rumes, e que a India eſtava de paz, e quieta, e que ſe partia entrada de Agoſto, dando por regimento a Henrique de Souſa, que ſe partiſſe dalli na entrada de Novembro, como fez, e chegou ao Reyno a ſalvamento. E não achámos lembrança ſe tomou ainda as náos que haviam de partir aquelle anno pera a India; mas ſabemos que ElRey eſtimou muito as novas do Viſo-Rey, e perdoou a Henrique de Souſa, e o tornou a mandar aſſentar em ſeus livros.

O Viſo-Rey deo á véla entrada de Agoſto, e foi ſeguindo ſua derrota até á barra de Goa, onde foi ſurgir a doze de Setembro com nove náos, porque a de João de Sepulveda por má navegação foi-ſe encoſtar a Sacotorá, onde as aguas a leváram, e por cauſa dellas ſe deteve alli tanto tempo, que por não ſer já monção pera paſſar á India, foi invernar a Ormuz. As novas da chegada do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha ſoáram logo por Goa, e os Fidalgos, como he muito antigo na India, largando o Governador Nuno da Cunha, foram logo á barra a viſitallo. Nuno da Cunha ſentio muito

to o aggravo que lhe ElRey fez, e por cartas de seu pai Tristão da Cunha soube o que com elle passára sobre aquelle negocio, e assim se malenconizou, que nunca mais o víram alegre, e todavia mandou visitar o Viso-Rey. Os Vereadores da Cidade acudíram a dar-lhe os parabens de sua chegada, e a saber quando havia de ser sua desembarcação, porque lhe queriam ordenar recebimento. Elle lhes agradeceo muito aquelle desejo, dizendo-lhes, que não era tempo de detenças, e que ao outro dia havia de desembarcar; pelo que elles se foram pera terra, e fizeram com muita brevidade as cousas que convinham pera o receberem.

O Governador, como dissemos, ficou malenconizado, e quasi só, por se irem todos os Fidalgos ao Viso-Rey; e alguns, que se davam por muito seus amigos, e parentes o acompanháram. E pedindo-lhe hum destes licença pera ir visitar o Viso-Rey, lhe respondeo: *Ide, Senhor, e fallareis com o mais avisado doudo, que nasceo em Portugal.* Isto disse o Governador assim, porque era verdade ser elle muito discreto, e avisado, como por aquella soltura, e encadarroamento de fallar que tinha, que he quasi natural nos mais dos Noronhas, e em muitos outros que o fazem por arte. (E tantò o tinha este Viso-Rey por natureza, que se

con-

conta delle, que andando negociando a Armada pera ir buscar os Rumes, nestes primeiros dias que chegou, entrando hum Domingo na Sé, a tempo que os Clerigos estavam nos Kyries da Missa, que se dizia de canto de orgão com grande vagar, e ouvindo lá cantar *Kyrie*, *Kyrie*, virando pera o Coro, disse alto: *Queria eu que fosseis vós aos Rumes*, e mandou dizer a Missa rezada, e foi-se á ribeira.) Passados os dous dias, entrou o Viso-Rey em Goa, e foi recebido da Cidade mui bem, e o Governador lhe entregou a India, e toda a Armada, que tinha já de verga d'alto, que eram perto de oitenta vélas, em que entravam quarenta grossas, galeões, náos, e caravellas, e as demais galés, e fustas; e assim lhe entregou os armazens cheios de muita artilheria, munições, e mantimentos, como quem tinha tudo feito pera si, porque determinava de ir buscar os Rumes, e pelejar com elles.

A primeira cousa que o Viso-Rey fez, foi despedir logo João de Cordova, Capitão de hum catur, com cartas a Antonio da Silveira, em que lhe fazia a saber de sua chegada, porque ainda não havia novas de serem os Rumes em Dio, (por não ser ainda chegado o Miguel Vaz com as novas certas das galés.) E assim despedio D. Pedro de Castello-branco em alguns navios com

car-

cartas pera a Cidade de Cochim, em que a avisava de sua chegada, e das novas que havia dos Rumes, dando-lhe conta de como se ficava negociando pera os ir buscar, pedindo-lhe que pera as despezas da Armada o quizessem ajudar com algum dinheiro, assim do povo, como dos orfãos, emprestado, pera o pagar dos primeiros rendimentos do Estado: e assim alguns escravos pera as chusmas das galés, que se lhes tornariam como se acabasse a jornada, ou lhos pagariam se nella morressem: levando D. Pedro regimento pera ajuntar toda a Armada d'ElRey, e navios de partes, que houvesse em Cananor, e Cochim, e que por todo Outubro fosse com elle. O Viso-Rey ficou continuando com os provimentos da Armada, repartindo os navios que achou pelos Fidalgos, que foram em sua companhia, ficando os mesmos que foram nas náos, nas que hiam ordenadas pera ficarem na India, de que hiam só quatro declaradas pera a carga da pimenta, que eram as mais velhas, visitando o Viso-Rey em pessoa todos os dias a ribeira das Armadas, e os armazens a pé, porque este he o verdadeiro officio, e obrigação dos Viso-Reys.

Pouco depois chegou o catur de Miguel Vaz, de quem o Viso-Rey soube a grande Armada, que ficava sobre Dio, e o que lhe acon-

acontecêra, e informando-se delle muito miudamente, o tornou o outro dia a despedir com cartas pera Antonio da Silveira, em que lhe affirmava, que muito cedo sería com elle. Neste catur mandou embarcar D. Duarte de Lima pera ir ver o estado em que a fortaleza estava, e lhe tornar a dar razão do que visse, em quanto se elle negociava. Partido este navio, começou-se o Viso-Rey a embarcar, e poz fóra do banco toda a Armada de alto bordo, e fez alardo da gente que havia de levar, e achou quasi número de seis mil homens, toda gente limpa, e alvoroçada pera se ver com os inimigos ás guedelhas. Por fim do mez de Setembro chegou Martim Affonso de Sousa na galé bastarda com alguns navios; mas o Viso-Rey deixou pera si o galeão S. Diniz, (que Nuno da Cunha tinha muito bem negociado pera sua pessoa,) dando a dianteira da Armada a Martim Affonso de Sousa, como Capitão mór do mar, pera quem se passáram muitos Fidalgos seus parentes, e amigos, e affirmava-se que tinha na sua galé mais de duzentos homens.

O Viso-Rey embarcou sua pessoa pera esperar o recado de Cochim, e de Dio, e despedio sinco navios de remo, de que eram Capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Pacheco, Francisco Mendes

des de Vasconcellos, e Antonio Mendes de Vasconcellos, pera que se fossem metter em Dio, mandando metter nos navios muitas munições. Com estes Capitães se embarcáram alguns Fidalgos, e Cavalleiros seus parentes, e amigos desejosos de ganharem honra. Assim mesmo despedio o Viso-Rey Lourenço Botelho por Capitão mór de quatro navios pera se ir pôr na ponta de Dio, onde as náos de Ormuz costumavam a ir demandar, pera as avisar, e fazer voltar pera Goa. E juntamente com elles despedio Luiz Coutinho por Capitão mór de seis navios de remo, pera se ir pôr na enceada de Cambaya a defender que da costa de Baçaim, e Damão não passassem mantimentos pera a Armada do Turco. E com isto deixaremos as cousas de Goa pera continuarmos com as de Dio.

CA-

CAPITULO X.

De como os Turcos assentáram suas estancias sobre o Castello da Villa dos Rumes: e da grande, e espantosa máquina que ordenáram pera o commetterem pela banda do mar: e de como Antonio da Silveira lha mandou queimar: e dos nossos navios que chegáram áquella fortaleza.

DEsembarcada a artilheria dos Turcos, como dissemos no fim do Cap. VII deste terceiro Livro, foram Beran Baxá, e Coge Çofar caminhando muito devagar por causa da artilheria, que era grossa, e do caminho que era de arêa, em que as carretas se affogavam; e porque lhes não pareceo possivel levarem os basiliscos, os deixáram, e só tres peças, (que não eram tão pequenas, que não lançassem pelouro de ferro coado de cento e sincoenta livras,) com essas foram caminhando, ficando as outras pera mais devagar. E aos dez dias do mez de Setembro chegáram á Villa dos Rumes, e plantáram suas estancias sobre aquelle Castello, fortificando-se á sua vontade.

Francisco Pacheco, Capitão do baluarte, tanto que vio os inimigos, não lhe mettendo medo sua multidão, tratou do que convinha á sua defensão, mandando logo ta-

par as portas da ſerventia da ſala (por não occupar nellas gente) reformando-ſe por dentro o melhor que pode. Ao outro dia derão os inimigos moſtra aos noſſos, a modo de aſſalto, aſſim pela banda da terra, como do mar, chegando-ſe ao Caſtello com algumas eſcadas pera o commetterem; mas de cima, que eſtavam já preſtes, e deſejoſos de os deſenganarem, os ſalváram com ſua artilheria, e arcabuzaria de feição, que lhes fizeram perder o orgulho com que hiam, affaſtando-ſe mais depreſſa do que chegáram, com alguns menos, que deixáram de levar por não perderem outros. Os Turcos vendo o damno que recebêram naquella primeira moſtra, bem entendêram quanto lhes havia de cuſtar aquelle negocio, ſe por aſſaltos o quizeſſem concluir, porque ſe queriam poupar pera a fortaleza grande.

E praticando os Capitães o modo que naquillo teriam, ſem lhes cuſtar muito, aſſentáram, que ſe fabricaſſe huma máquina ſobre huma grande barcaça, que eſtava na Cidade, pera que cheia de materiaes peçonhentos, com a preiamar ſe encoſtaſſe ao Caſtello, e lhe deſſem fogo, pera que com o fumo ſe affogaſſem os noſſos, e perdeſſem o tino; e que então os commetteſſem por aſſalto, e que facilmente ſeriam entrados. Coge Çofar mandou logo á Cidade dar

ordem áquella fabrica, e sobre a barcaça, que atravessáram com grossas vigas, armáram no meio della hum Castello tão alteroso, como o da Villa dos Rumes, que mandáram encher de salitre, enxofre, rama verde, bosta, e outras immundicias fedorentas; nisto gastáram alguns dias: e tanto que se acabou, mandáram surgir a barcaça com quatro amarras no meio do rio pera esperarem as aguas vivas, que vinham cedo, pera mais á sua vontade abordarem o Castello.

Esta máquina diabolica foi vista da nossa fortaleza tanto que surgio; e entendendo Antonio da Silveira o effeito pera que se faria, determinou de a mandar queimar, o que encarregou á Francisco de Gouvea por ser homem muito determinado pera todos os negocios, e tomando duas fustas com os soldados que escolheo, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros, esteve prestes, e de noite na entráda do quarto da modorra, sahio ao longo da couraça com a enchente, no mór silencio que pode, por não serem sentidos dos inimigos, que não pode ser, pelas muitas vigias que em todas as partes tinham, e logo começáram a chover sobre as fustas pelouros tão apressados, e com tamanho terremoto, e estrondo, que parecia que se desfazia a terra, e o mar em tro-

vões, e relampagos. Francisco de Gouvea sem se espantar de cousa alguma foi passando avante por todas aquellas carrancas até chegar á barcaça, a que mandou muito devagar pôr fogo por todas as ilhargas, estando dentro alguns Mouros, que nella ficáram pera a vigiarem, que por adormecerem não sentíram os nossos, senão quando já o fogo ateava, e deitando-se ao mar se passáram á terra. Tanto que o fogo deo naquelles fedorentos materiaes, começou a arder com tanta braveza, que parecia que o Mundo se consumia em labaredas, o que tudo se via com grande gosto, e alvoroço dos nossos, e muito maior mágoa, e pezar dos inimigos. Francisco de Gouvea como era Cavalleiro, e pontual, não se quiz recolher até de todo se não desfazer a barcaça em cinza, chovendo todo aquelle tempo sobre elle nuvens de pelouros mortalissimos; e sendo tudo consumido, se recolhêram os nossos pera a fortaleza, aonde foram mui bem recebidos de todos.

Ao outro dia, que foram treze de Setembro, chegáram quatro navios á barra, os tres de Fernão de Moraes, Simão Rangel, e o dos Araujos, que deixámos partidos de Goa, e o quarto era de Pero Vaz Guedes, sobrinho de Simão Guedes, Capitão de Chaul, que chegando alli estes navios

vios, mandou em sua companhia o sobrinho com aquelle navio carregado de mantimentos, e munições pera ir ver o estado da fortaleza, e lhe tornar com novas della. Estes navios causáram grande alvoroço em todos, e Antonio da Silveira recebeo os que nelle hiam com muitas honras. E vendo a carta de Simão Guedes, em que lhe pedia lhe mandasse depressa o sobrinho com recado do estado em que estava, logo lhe respondeo, e o despedio, mandando-lhe cartas pera o Governador, (porque ainda não sabiam da chegada do Viso-Rey.) Fernão de Moraes, que levava ordem do Governador Nuno da Cunha pera ver a fortaleza, e lhe tornar com recado, porque queria saber delle a certeza, por ser hum homem de muita authoridade, dando conta disto a Antonio da Silveira, lhe pedio elle quizesse alli ficar, porque tendo-o por companheiro, não sentiria tanto os trabalhos, porque aquelle era o tempo, em que elle tinha necessidade de seu esforço, e conselho; e que pera satisfação do Governador bastavam cartas suas. Fernão de Moraes o fez assim, e despedio a fusta, por quem ambos escrevêram ao Governador muito largamente, de tudo o que era succedido até então. Antonio da Silveira repartio aquelles Fidalgos, que chegáram de novo pelos baluartes fronteiros ao campo, aonde Si-

mão

mão Rangel teve todos os ſoldados que levou, dando-lhes meza á ſua cuſta, porque foi de Goa pera iſſo muito bem negociado.

Eſte meſmo dia veio á fortaleza Franciſco Pacheco, Capitão do Caſtello de Gogalá, em huma pequena almadía, a ver-ſe com o Capitão, e ordenar algumas couſas, que cumpriam á ſua alma, e conſciencia pelo riſco em que eſtava. E depois de fazer tudo, querendo-ſe tornar, o embargáram os Officiaes d'ElRey por certa quantia de dinheiro que lhe devia, apertando com elle que o pagaſſe primeiro que ſe foſſe. Franciſco Pacheco tomado daquella deſordem, lhes diſſe palavras affrontoſas perante o Capitão, e foi tamanha ſua paixão, que diſſe ao Capitão, que aquillo era caſo digno de ſe caſtigar, e que ſe o não fizeſſe, que proveſſe o baluarte de Capitão, porque elle o não queria ſer. Antonio da Silveira ſoffrendo-lhe ſua paixão, com muita brandura lhe diſſe, que viſſe o que fazia, que aquillo não convinha á ſua honra, e que não perdeſſe o credito que tinha cobrado por huma couſa em que tão pouco hia. E com iſto lhe diſſe outras palavras de amigo, que a colera lhe não deixou entender, antes virando as coſtas ſe foi. Lopo de Souſa Coutinho, que ſe achou preſente, ſe offereceo ao Capitão pera ſe ir pera o baluarte, o que lhe elle

agra-

agradeceo muito ; mas não acceitou , porque deſejava de Franciſco Pacheco não perder de todo com elle o credito : porque aos Cavalleiros tão honrados , e que tanto ſe arriſcam pela honra de Deos , e de ſeu Rey , hão os Capitães , e Governadores de ſoffrer muito , e tratar de temperar com brandura , e não damnar de todo com paixão , como fez Antonio da Silveira , que buſcou todos os meios , pera que eſte homem ſe não deshonraſſe , pedindo a Fernão de Moraes , que era ſeu amigo , que o temperaſſe , o que elle fez de feição , que cahio na conta , e foiſe reconciliar com o Capitão , que o deſpedio com palavras de muita honra pera o baluarte , encommendando-lhe algumas couſas , principalmente que como tiveſſe neceſſidade , lhe fizeſſe ſinal pera o ſoccorrer como pudeſſe.

DECADA QUINTA.
LIVRO IV.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como os Turcos começáram a bater o baluarte de Gogalá: e de como Lopo de Sousa Coutinho foi saber o estado em que estava: e da vista que a Armada inimiga deo á nossa fortaleza: e do desastre que aconteceo nos baluartes: e da constancia, e grande fortaleza que teve huma pobre mulher na morte de dous filhos que lhe matáram.

TAnto que os Turcos víram desfeita, e queimada a grande máquina com que esperavam ganhar o baluarte por assalto; desenganados de o poderem fazer senão por bateria, lha começáram a dar tão furiosamente, que os pelouros varavam o Cas-

Castello por sima de parte a parte, fazendo as pedras que cahiam das ruinas grande danno nos nossos, matando alguns, e ferindo aos mais. Francisco Pacheco andava provendo tudo com muito animo, esforçando, pelejando, e repairando com muita presteza as partes derribadas, e damnificadas. Os companheiros pelejavam todos com grande valor, sem fazerem conta das feridas que tinham, fazendo com sua arcabuzaria grande emprego nos inimigos, porque como davam em meio delles, nunca perdiam tiro. Antonio da Silveira, tanto que ouvio a bateria, mandou favorecer os do baluarte com sua artilheria, e como viam da fortaleza as estancias dos Mouros claramente, fizeram nelles muito grande estrago. Os Capitães Mouros vendo o damno que tinham recebido, affastáram-se cessando a bateria. Francisco Pacheco fez logo curar os feridos, e lançar os mortos ao mar com a vasante da maré, porque não havia onde os enterrar, e toda a noite passáram em grande vigia. Por esta maneira foram continuando os Mouros a bateria com dobrada furia, sinco dias continuos, em que o baluarte ficou quasi desfeito por sima, e todos os que nelle estavam feridos de muitas feridas por rostos, braços, pernas, cabeças, das cousas que os pelouros ao passar do baluarte derribavam

so-

ſobre elles, mas nem com tudo iſto perdiam o animo, nem deixavam os lugares, antes com muita vigilancia, e cuidado gaſtavam de dia em pelejar, e de noite em vigiar, e repairar, tão alegres todos, que parécia que tinham a vitoria nas mãos.

Paſſados os ſinco dias chegou a Dio o catur de João de Cordova com as cartas, e novas da chegada do Viſo-Rey, que encheo a todos de mui grande alvoroço. O Capitão mandou logo embandeirar a fortaleza, e ſalvar as novas com muitos tiros. No baluarte foi viſto aquelle alvoroço, e como não ſabiam o que era, ficáram em grande confusão; mas todavia bem entendêram pelo que víram, que eram boas novas, e reſpondêram de lá com outra ſalva, e com outras bandeiras. Antonio da Silveira vio as cartas do Viſo-Rey, em que lhe certificava ficar-ſe fazendo preſtes pera o ſoccorrer, e as amoſtrou a todos pera os animar. O Viſo-Rey eſcreveo a alguns Fidalgos dos que alli eſtavam, como he obrigação, pois eſtavam ſervindo, e cercados: ſó a Fernão de Moraes deixou de eſcrever, ou por eſquecimento, ou por lhe parecer ſería voltado pera Goa, do que elle ficou quaſi affrontado, e logo mandou fazer preſtes o ſeu navio pera ſe embarcar, o que lhe Antonio da Silveira quiz eſtorvar como amigo,

go, ſobre o que ſe apaixonáram, dizendo Fernão de Moraes, que pois ſe lhe tinha tão pouco reſpeito, que não queria mais ficar naquella fortaleza, nem ſervir ElRey. E depois de o Capitão ver que o não podia tirar de ſua paixão, lhe diſſe, que ſe foſſe muito embora, que ſem elle defenderia a fortaleza. Fernão de Moraes ſe embarcou, e ſe foi.

Antonio da Silveira deſejou de mandar aos do baluarte as novas do Viſo-Rey, e a ſaber o que lá era paſſado, porque até então não tinha recado algum. Lopo de Souſa Coutinho ſe lhe offereceo pera iſſo, e ſe embarcou no catur de João de Cordova com alguns parentes, e amigos, levando algumas munições pera lhe metter dentro, e as couſas neceſſarias pera os feridos; e eſperando pela maré da noite, tanto que eſteve meia cheia, ſe affaſtou do cais muito caladamente, e ſe foi pôr na veia da agua, pera que ella o foſſe levando, porque não boliſſem com os remos, por não ſerem ſentidos, e aſſim foi governando ao ſom della. Mas todavia como os Mouros tinham mui grande vigia, foram ſentidos, e por todas as eſtancias ſe levantou huma grande grita, e começáram a varejar o navio com a artilheria, derredor de quem cahiam tantos pelouros, que parecia ferver o rio, que eſtava mui-

muito brando, e ſocegado, ſem que pela bondade de Deos receberem damno algum. Lopo de Souſa Coutinho foi paſſando avante até pôr a prôa ao pé do Caſtello; e bradando alto chamou por Franciſco Pacheco, que logo acudio pela muita vigia que tinha. Lopo de Souſa por ſer a noite eſcura lhe diſſe quem era, e ao que hia, dando-lhe as novas do Viſo-Rey, e perguntando-lhe como eſtava, e o que era ſuccedido os dias paſſados. Franciſco Pacheco, e todos os companheiros ouvindo as novas do Viſo-Rey, deram grandes gritas de alvoroço, e contou Franciſco Pacheco tudo o que lhe tinha acontecido até então, e como lhe tinham mortos ſeis companheiros, e eſtava com todos os mais feridos, e que os pelouros varavam o Caſtello todo, mas que comtudo iſſo eſtava muito bem. Lopo de Souſa lhe pedio mandaſſe abrir as portas, porque lhe queria deixar algumas munições que levava pera o meſmo Caſtello, e ficar por ſeu ſoldado acompanhando-o. Franciſco Pacheco lhe deo os agradecimentos, dizendo-lhe, que não podia ſer, porque a porta eſtava tapada de pedra, e cal, e por os Mouros terem impedida a ſerventia da praia pera a ſala com grandes vallos. Que ſe recolheſſe embora, que não tinha neceſſidade de couſa alguma por então, mais que do favor de

Deos:

Deos : que pediſſe ao Capitão da ſua parte , que lhe ſoccorreſſe em algum eſtremo grande , ſe nelle ſe viſſe , porque logo lhe faria ſinal. Neſte dialogo gaſtáram mais de huma hora , porque como eſtavam longe , e a artilheria dos inimigos não ceſſava , o eſtrondo della lhes apagava muitas vezes as palavras na boca , pelo que ſe não entendiam bem , e foi-lhes neceſſario repetillas tantas vezes até que ſe entendeſſem. Lopo de Souſa Coutinho ſe deſpedio delle , e tomando o rêmo o foi apertando rijamenta pera a fortaleza , ſeguindo-o hum grande número de pelouros , que ſobre elle foram ſempre chovendo até entrarem pela porta da couraça. O Capitão , e todos os Fidalgos o foram receber , e o leváram nos braços com muitas palavras de louvores ; e preſentes todos , contou tudo o que paſſára com Franciſco Pacheco , e como todos os do Caſtello eſtavam tão animados , que lhes tivera inveja. Antonio da Silveira , e todos feſtejáram muito aquellas novas.

Franciſco Pacheco com as do Viſo-Rey ficou tão ufano , que em amanhecendo mandou embandeirar o Caſtello , e diſparar toda a artilheria nas eſtancias dos inimigos , tangendo , bailhando , foliando , e fazendo outros ſinaes de alegria , chamando pelos Mouros , dizendo : *Ah cães , que logo virá*

o Viso-Rey com huma grossa Armada, e a todos vos ha de metter a banco das suas galés. Este alvoroço não causou pequeno aballo nos Turcos, por quem logo se espalháram as novas da chegada a Goa de hum novo Riso-Rey, com grande poder, e que ficava embarcado com huma grossa Armada mui poderosa pera ir áquella fortaleza, o que em todos metteo hum geral medo, e espanto.

Antonio da Silveira despedio ao outro dia o mesmo navio com cartas ao Viso-Rey de tudo o que era passado, e no navio mandou embarcar alguns doentes que estavam mal, pera os lançar em Chaul. Nesta embarcação determinou Manoel de Vasconcellos mandar sua mulher. Era este homem hum Fidalgo honrado, natural da Ilha da Madeira, casado com huma Dona mui nobre, chamada Isabel da Veiga, com quem se passou a viver áquella fortaleza, assim pela bastreza da terra, como por humas tenças que alli tinha. E vendo os trabalhos que ao diante se esperavam, pedio á mulher que se embarcasse naquelle navio pera Goa, o que nunca pode acabar com ella, dizendo-lhe: » Que » nunca Deos quizesse, que ficando elle em » trabalhos, e perigos, estivesse ella ausente » delles, e fóra delles, porque todos os em » que se visse em sua companhia, haveria por » pe-

» pequenos, e por penas, e tormentos to-
» dos os descanços fóra delle: Que houvesse
» por bem ficasse ella alli, ao menos pera ser
» sua enfermeira, quando tivesse disso neces-
» sidade. E se pelo perigo em que via aquel-
» la fortaleza a queria mandar fóra della,
» que quando ella fosse tão mofina, que el-
» la corresse risco, e o matassem a elle, que
» ella então não queria mais viver. Mas por-
» que não tivesse muitas cousas de que se
» temesse, que ella era contente, que elle
» mandasse pera Goa huma filha que tinham
» de antre ambos ao avô da menina, pai da
» Isabel da Veiga; porque se Deos fizesse al-
» guma cousa daquella fortaleza, e lhe acon-
» tecesse por seus peccados alguma desaven-
» tura, que huma tenra idade a não con-
» demnasse. » Isto disse com tanta força de lagrimas, que o convenceo, e desistio de sua determinação, ficando esta matrona em todo aquelle cerco fazendo cousas dignas de serem celebradas, como o faremos pelo decurso da historia adiante em seu lugar.

Os Turcos foram proseguindo na bateria do Castello tão continuo, e com tanta furia, e força, que derribáram toda a sala por terra, e todos os altos do Castello, matando, e ferindo muitos dos de dentro. E o que foi peior, que cegáram toda a artilheria, que já não laborava; mas nem com

isso deixavam os nossos de empecer aos inimigos com tudo o que podiam. E assim se tinham tão satisfeitos dos damnos que delles tinham recebido, que lhes tinham mortos mais de quinhentos homens. Antonio da Silveira mandava as mais das noites huma almadía pequena com hum homem pera ir saber o estado do baluarte, mandando algumas vezes dizer a Francisco Pacheco, que se estava em perigo, largasse tudo, e de noite pela calada se sahisse do baluarte de longo do mar, e que dalli se lançasse a nado, e que em duas vogas seriam nelle, já que não tinham embarcações pera os mandar recolher, e que nisto perigasse quem perigasse, porque do mal sempre se havia de escolher o menor. A isto lhe mandou responder, que estavam tão bem, que assim estivessem elles lá na fortaleza. Este conselho se o elle então tomára, não chegára o mal ao que depois chegou, e fora-lhe muito facil recolher-se a nado, como lhe o Capitão mandava dizer.

O Baxá, que estava em Madrefaval, tanto que lhe chegáram as novas do Viso-Rey, logo se levou com toda a Armada, e foi demandar a nossa fortaleza, pera ver se podia averiguar aquelle negocio, primeiro que o Viso-Rey chegasse. E aos vinte e oito de Setembro appareceo á vista da fortaleza com

as

as galés a fio, indo diante a de Icuf Amede, todas toldadas, e formosamente embandeiradas com seus estandartes, e galhardetes de côres, que lhes arrojavam até baixo; porque este dia mostráram todas as suas carrancas, determinando de dar a primeira salva á nossa fortaleza. E assim a fio foram todas passando, salvando-a huma, e huma, e fazendo-se logo á banda. Antonio da Silveira acudio ao baluarte de Antonio de Gouvea, aonde toda a artilheria inimiga despa-rou por ficar sobre a barra, e mandou embandeirar toda a fortaleza, e salvar a Armada com sua artilheria, porque vissem os Turcos o gosto, e o banquete com que os esperava; mas permittíram os peccados dos homens, que os bombardeiros desattentadamente carregassem as bombardas com polvora de espingarda, e não podendo soffrer a força della, arrebentáram dous formosos basaliscos, hum de metal, e outro de ferro, que era fechado com muitos arcos de ferro, que espalhando-se em pedaços, fizeram em todos os que achâram á roda hum grandissimo estrago, ficando logo alli quatro homens feitos pedaços, e feridos dez com muitas feridas. E não parando aqui o mal, tambem no baluarte S. Thomé, e em outros, arrebentáram sinco pessas, ainda que menores, que tambem fizeram mui grande damno.

Os Turcos tanto que ouvíram arrebentar as peſſas, dalli da Armada déram huma grande grita, e aſſim foram paſſando devagar, e dando ſua ſalva. Mas iſto não foi tanto a ſeu ſalvo, que lhes não metteſſem huma galé no fundo, e lhes não ficaſſem outras deſapparelhadas de maſtos, e vergas, recebendo os noſſos muito maior damno da ſua propria artilheria, que da dos inimigos, porque lhe não matáram mais que hum mancebo de menos de vinte annos, que tinha ſua mãi na fortaleza, em cuja morte ſe moſtrou o grande valor, e animo da triſte, e deſconſolada mãi; e foi deſta maneira.

Havia na fortaleza huma mulher Portugueza, viuva, que ſe chamava Barbara Fernandes, que fora ama de Manoel de Noronha, natural da Ilha da Madeira; eſta tinha dous filhos, mancebos de grande valor, e mui esforçados Cavalleiros. O mais velho ſe chamava Luiz Franco, e eſtava no baluarte da Villa dos Rumes: o outro ſe chamava Chriſtovão, era de dezenove até vinte annos, eſtava com a mãi na fortaleza. Eſte eſtando hum dia no muro com ſuas armas, lhe deo hum pelouro de eſpera pola barriga, que atiráram de huma galé, que o eſpedaçou todo. Foi trazido ainda fallando, e aſſim o lançáram nos braços da mãi, que o recebeo nelles, dizendo-lhes o pobre moço: *Mãi*

mi-

minha, veja eu, vos peço, primeiro a confissão, que vossas lagrimas; porque temo, que a dor que vos vir padecer, me seja impedimento á breve despedida, e partida de minha alma. A velha, e desconsolada mãi sustentando com as mãos as espedaçadas entranhas do filho, com o rosto quieto, e sereno, e os olhos enxutos, (sendo ella só a que por boa razão, entre os muitos que na casa estávam, havia de padecer a dor, e tormento, que as palavras do filho nella causavam, sem romper em gritos, e brados ao Ceo, que hum moço naquelle estado em que este estava, costuma causar na mãi,) lhe respondeo: *Filho, da necessidade que tens de Confessor me peza, que de tua morte; a esperança que me fica do bom lugar que tua alma possuirá, ma fará soffrer bem: encommenda-te a Deos, e esforça-te em morrer conforme com sua santa vontade, que só isso bastará pera eu ficar muito consolada.* Desta maneira se animáram, e consoláram hum ao outro, dando a triste mãi animo ao filho, pera que soffresse bem a arrebatada, e apressada morte, e a si mesma pera lha poder ver receber. Confessou-se o ditoso mancebo, que este he o nome, que merecem os que acabam tão gloriosamente, com muito grandes mostras de dor, e arrependimento de seus peccados, e assim pas-

ſou deſta vida a gozar dos grandes, e infinitos bens da outra, cujo fim foi recebido da triſte mãi com tão inteiro, e igual animo, que os que a vinham conſolar, hiam alegres, e contentes de a verem tão inteira, e conforme com a vontade de Deos, em caſo que de força havia de ſentir, e cortar muito. E porque a dor do filho morto não paraſſe aqui, aconteceo que logo ao outro dia ſeguinte ſe perdeſſe o baluarte da Villa dos Rumes, onde o outro filho mais velho eſtava, pera que com a perda do outro filho ſe lhe dobraſſe a mágoa de os perder ambos; pois ambos eſtes deſaſtres, e deſaventuras, que acontecêram a eſta valoroſa matrona, ſoffreo ella com huma nova, e deſuſada, e ainda incrivel fortaleza, e igualdade de animo, ſem romper nem em palavras de dor, nem em lagrimas de compaixão, nem em exclamações mulheriz, que em outros caſos menores coſtuma a haver. Exemplo foi eſte merecedor de perpétua memoria, e de andar eſcrito no Mundo com hum muito ſubido, e alevantado eſtilo, que nos a nós falta, com que moſtraſſemos a todos os que o viſſem, que não ſó Roma, e Grecia creáram mulheres famoſas, pois tambem as houve no noſſo Portugal, mas faltou quem perpetuaſſe ſua memoria, e o valor de que uſáram; porque não he menos digna della eſ-

ta

ta mulher, que aquella Archelonyde, que os Gregos engrandecem tanto; porque dando-lhe novas, que seu filho Brasidas era morto na guerra, perguntára, sem se turbar, se morrêra pelejando; e dizendo-lhe que sim, ficára consolada. A esta mulher chama Plutarco Argelona, pois esta ainda não vio espirar-lhe o filho nos braços feito pedaços do cruel pelouro, cômo vio esta nossa Portugueza; porque as chagas do filho era muito certo causarem-lhe bem differente mágoa, e sentimento, que a da Grega, que não vio o filho com os olhos, porque as cousas ausentes, ainda que sejam asperas, sentem-se menos que as presentes. E vós, ó nobre matrona, já que o tempo, e o descuido Portuguez vos não satisfez os merecimentos de vossos filhos, ao menos não perdereis de todo a memoria de vossa cristandade, e varonil constancia, porque já esta vos ficará nesta minha historia, ainda que em estilo tão rude, e grosseiro, mas por vós, e por outros muitos feitos semelhantes, espero venha a ser acceito a todas. As galés depois de darem sua salva, foram surgir no primeiro pouso, que tomáram defronte da Mesquita grande, onde se deixáram estar.

CA-

CAPITULO II.

Do grande assalto, que os Turcos deram ao baluarte de Francisco Pacheco: e do valor com que dous homens o defendêram: e de como hum soldado chamado Antonio Falleiro foi á fortaleza com huma carta de Francisco Pacheco: e das ruins suspeitas, que deste homem se concebêram.

EM quanto durou a salva na Armada, não deixáram os Turcos de continuar com a bateria do Castello da outra banda, porque determinavam de lhe dar hum assalto, em que esperavam de concluir aquelle negocio; pelo que dobráram a bateria pera fazerem caminho por onde o commettessem, e não desistíram della até quasi Sol posto, em que acabáram de arrazar a sala, e hum grande pedaço da frontaria do baluarte, soffrendo os de dentro aquelle dia toda aquella tempestade de tiros, e pelouros, com que lhe matáram perto de quinze companheiros; e feríram quasi todos os mais, mas com muito grande damno, e estrago dos inimigos, porque tambem alli ficáram mais de duzentos estirados. Os Mouros ao outro dia vendo a nossa artilheria de todo cega, e que lhes não podia fazer nojo, e o baluarte arruinado todo, e que por aquella parte por on-

onde a parede da ſala enteſtava nelle, lhes deixára huns dentes pelo muro aſſima, como huma eſcada muito bem feita, por onde podiam ſubir muito á ſua vontade, não quizeram perder tempo, encommendando o aſſalto aos Janizaros: deſtes ſahíram ſetecentos dos vallos, com huma bandeira vermelha mui grande deſenrolada ao ſom de ſeus inſtrumentos; e como homens, que tinham a vitoria nas mãos, e que cuidavam que os noſſos eſtariam taes, que ſe não pudeſſem defender, remettêram ao baluarte, e começáram a ſubir pelos dentes, e ruinas da parede, ſendo favorecidos dos debaixo com a arcabuzaria, e fréchas, com que jogavam em roda viva, porque os de dentro ſe não pudeſſem aſſomar á defensão daquelle lugar.

E como aquella parte, onde a parede hia reſponder aſſima, não era capaz de mais que de dous homens, por ſer hum recanto; os primeiros que ſe alli puzeram eſſes ficáram em ſua defensão, e a defendêram tão valoroſamente com duas lanças de fogo nas mãos, com que fizeram tamanho eſtrago nos inimigos, que ſe não pode imaginar de dous homens, porque as lanças de fogo derribavam os que chegavam, e eſtes levavam outros apôs ſi até cahirem em baixo, em ſima daquella multidão de inimigos, huns com pernas quebradas, outros com braços, e cabeças,

ças, porque aquelles dous esforçados solda-
dos com as mãos, com os pés, e com tu-
do offendiam aos inimigos; porque depois
que se lhes gastáram as lanças, lançáram so-
bre os debaixo huma somma de panellas de
polvora, com que abrazáram os que estavam
ao sopé, e com os pés derribavam sobre os
que hiam subindo grandes pedras, e cantos;
que estavam póstos por alli pera o mesmo ef-
feito, estando os mais de dentro cevando-os
com panellas de polvora, e com lanças de
fogo, com que não davam vagar aos Tur-
cos pera poderem subir, nem descer, senão
em trambulhões até o pé do muro, onde tu-
do eram labaredas das panellas de polvora.
Os Janizaros haviam pela maior affronta,
que nunca passáram, dous homens sós faze-
rem nelles tamanho estrago, e damno, e de-
fenderem a subida a tantos, e tão experi-
mentados Janizaros, e tão vitoriosos em tan-
tas guerras na Europa; e determinando de
acabarem aquelle negocio, ou morrerem to-
dos na demanda, tornáram a commetter a
subida, como homens offerecidos á morte,
onde a acháram muito certa, porque logo
tornáram a voltar pelos ares sobre os mais,
porque aquelles dous esforçados Manlios so-
bre o alto Capitolio defendiam valorosa-
mente aquella subida, sem quererem tomar
hum pequeno de repouso, nem largar o lu-
gar

gar a outros companheiros, que lhes pediam se recolhessem a curar, (por estarem ambos feridos de muitas fréchadas, e espingardadas, porque todos os debaixo acertavam nelles seus tiros, como aquelles que estavam por alvo, sem lhes dar daquelle granizo de pelouros, e fréchas, que sobre elles cahiam, cousa alguma.) O Capitão Francisco Pacheco chegou a elles, e lhes pedio, que quizessem partir com elle huma pequena daquella honra, em quanto elles se curassem, e que logo lhes tornaria o lugar; mas elles sem darem pelos rogos do seu Capitão, embebidos na batalha, não faziam senão callar, bracejar, e derribar nos inimigos, sendo aquillo causa de se lhes vasar mais o sangue, que a furia, e a colera lhes não deixava sentir. Da fortaléza se via mui bem o assalto, e as maravilhas que faziam aquelles dous soldados; e por não haver embarcações, em que os fossem soccorrer, estavamse todos debatendo, desejando de se lançarem a nado pera se irem achar com seus companheiros naquelles tão honrosos trabalhos, e perigos.

E certo, que esta foi a mór affronta, em que Antonio da Silveira se vio, e todos os mais Fidalgos, e Cavalleiros com elle em todo o decurso do cerco, porque lhes rebentáram os corações dentro nos peitos de pe-

pezar, de verem ſeus amigos em perigos, e não lhes poderem valer; mas de lá com as vontades, deſejos, e com os meneios os ajudavam. Antonio da Silveira os mandou favorecer com a artilheria, já que com o mais não podia, deſparando-a nas eſtancias dos inimigos, e ao pé do baluarte, matando-lhes muitos. Os Turcos eſtavam paſmados de verem o desbarato, e eſtrago, que ſós dous homens tinham feito na melhor, e mais eſcolhida gente que havia antre os Janizaros da guarda do Turco, cuja ſoberba lhes fazia parecer, antes de commetterem o aſſalto, que nem toda a gente que eſtava na fortaleza grande lhes poderia defender aquella entrada, e como attonitos, e paſmados eſtavam com os olhos póſtos nas couſas, que aquelles dous homens faziam. Durou eſta contenda até que o Sol ſe poz, que os inimigos a ſeu pezar deixáram ſua porfia, recolhendo-ſe a ſeus vallos, desbaratados, e deſtroçados de dous homens ſós.

Franciſco Pacheco como ſe vio deſapreſſado, mandou-os recolher, e curar muito bem, e foram tirados dalli nos braços de todos com grandes louvores. Muito trabalhámos por ſaber os nomes deſtes dous valoroſos, e esforçados ſoldados, ſó de hum delles o ſoubemos, que ſe chamava Antonio Pinheiro, mancebo de vinte e ſinco annos,

nos, filho de hum Cavalleiro de Faro; o nome do outro não achámos, porque o descuido, ou a inveja o tem posto em esquecimento, não sendo suas obras senão pera viverem eternizadas na memoria dos homens, com titulos tão bem merecidos, como aquelle celebrado dos Romanos Marco Manlio, a quem deram o sobrenome de Capitolino, por defender o Capitolio aos Francezes, não sendo batido, nem arrazado com canhões, e bazaliscos medonhos, nem perseguido de tantas nuvens de pelouros, e fréchas como estes. E ainda que em nós não haja o estilo, e eloquencia de Tito Livio, vós, meus valerosos soldados, e outros a quem o descuido Portuguez tem sepultados nas trévas do esquecimento, trabalharemos por vos tornar a resuscitar nesta nossa historia, porque veja o Mundo, que não faltáram antre Portuguezes, Manlios, Torquatos, Corvinos, Scevolas, Decios, nem Oracios, mas faltáram até agora favores, honras, e mercês, que sam as cousas que fazem resuscitar os engenhos, e habilidades, que antre todas as outras nações foram sempre tão favorecidas, e estimadas.

E tornando á nossa historia. Esta mesma noite, estando os do baluarte de Gaspar de Sousa na fortaleza grande vigiando, sentíram chamar debaixo; e perguntando o que era,

era, respondeo hum homem, que era Antonio Faleiro, que hia do baluarte de Gogalá, e levava huma carta de Francisco Pacheco pera o Capitão. Este homem andára já em Africa, e sabia bem a lingua Arabia. Deo-se disto recado ao Capitão, que o mandou recolher por huma escada de corda, e o esperou com todos os Capitães, e Fidalgos, e chegado a elle, lhe deo huma carta cerrada, que mostrava ser de Francisco Pacheco, e no lugar de sobrescrito dizia, que podiam dar credito a tudo o que Antonio Faleiro de sua parte lhe dissesse, e dentro lhe dava brevemente conta de algumas cousas succedidas antes do assalto, e mostrava ser feita havia tres dias. O Capitão não lhe soube bem aquelle negocio, e disse ao Faleiro, que podia livremente dizer ao que hia alli perante todos, e fazendo-o assim, disse desta maneira:

» Senhor, eu sou mandado da parte de » todos os do baluarte de Gogalá a te fazer » a saber, como o Capitão Francisco Pache» co fica em artigo de morte, de huma gran» de enfermidade, que ha dias que tem. » A isto lhe atalhou Lopo de Sousa Coutinho, dizendo: Que, porque dizia aquillo, se elle havia menos de quatro dias que fallára com elle, e o víra muito são, e bem disposto? Antonio Faleiro ficou embaraçado, e vendo

do que corria riſco ſua verdade, diſſe: » Que
» ainda que o ouvíra fallar já eſtava muito
» doente, e que pera morrer hum homem,
» não havia miſter mais de hum momento,
» quanto mais tres, e quatro dias. » E proſeguindo
ſeu recado, diſſe: » Que nos com-
» bates paſſados lhe tinham já mortos vinte
» companheiros, e que todos os mais eſta-
» vam feridos de muitas, e grandes feridas,
» e que todas as munições eram já gaſtadas,
» e o que peior era, que eſtavam ſem agua,
» porque as pipas em que a tinham ſe lhe
» fora a mór parte, e que o Caſtello eſtava
» todo arrazado, e com a artilheria cega de
» todo, e ſem poder laborar, por onde já não
» havia outro remedio mais, que irem todos
» morrer no exercito dos inimigos, ao que
» eſtavam determinados tanto que amanhe-
» ceſſe, porque já que haviam de morrer,
» queriam que foſſe de huma morte honra-
» da, e digna de eterna memoria. E que eſ-
» tando com eſta determinação vigiando el-
» le Antonio Faleiro o quarto da prima a
» huma bombardeira, víra paſſar hum Mou-
» ro, a quem fallára em lingua Arabia, e
» lhe diſſera, que pera que era tanta crueldа-
» de, e tantas mortes; que ſe buſcaſſe algum
» meio honeſto pera ſe evitar tanto damno,
» porque todos os Portuguezes eſtavam de-
» terminados a morrerem ſobre a primeira
» pe-

» pedra, ou derradeira daquelle baluarte,
» que os Turcos não haviam de ganhar sem
» lhes custar a mór parte de sua gente. E que
» a isto lhe respondêra o Mouro, que iria
» fallar com seus Capitães, e que logo tor-
» naria com a resposta, com que não tardá-
» ra, e lhe dissera da parte de Coge Çofar,
» que lhe mandasse o Capitão hum homem
» de credito pera com elle praticar sobre al-
» gum modo de concerto; e que elle Anto-
» nio Faleiro fora eleito pera isso, e lan-
» çado logo fóra pela bombardeira, e fora
» levado a Coge Çofar, e aos Capitães Tur-
» cos, que lhe disseram, que se se entregas-
» sem todos á mercê do Baxá, que era ma-
» gnanimo, liberal, e grandioso, usaria com
» elles de muita clemencia, e misericordia.
» Ao que o Faleiro respondêra, que os Por-
» tuguezes não costumavam a se entregar se-
» não com muito grandes seguranças das vi-
» das, e liberdades, ainda que cada hum
» delles soubesse passar mil vezes pelos fios
» da morte. E que nenhum partido, nem
» esse, nem outro haviam de acceitar, sem
» se dar primeiro conta ao Capitão da for-
» taleza; no que elles consentíram, e o des-
» pedíram, dizendo-lhe, que até o outro dia
» lhes levasse a resposta, e que a isso o man-
» davam os do baluarte, que agora visse el-
» le o que deviam fazer.»

An-

Antonio da Silveira, e todos os mais deitáram sobre este negocio differentes juizos, concebendo ruim opinião do Faleiro; mas como aquillo eram suspeitas, não se segurάram nellas. E pedindo áquelles Capitães que o aconselhassem naquella materia, foram todos de parecer, que pois não podiam ir ajudar, e favorecèr aos do baluarte, que não era licito, que homens que estavam fóra do perigo, obrigassem a outros a morrerem; que pois elles estavam no risco, escolhessem o melhor partido que entendéssem, conforme ao estado em que estavam. Disto se fez hum termo, em que todos assignáram, que se deo ao Faleiro pera o levar por resposta, sem se lhe escrever nada mais, e o despedíram. Este homem, segundo depois se soube, teve alguns tratos secretos com os Mouros, e affirmava-se, que por tres vezes fora fallar com elles escondidamente, sem nunca os do baluarte suspeitarem cousa alguma; e não se soube na verdade o que se passou, porque como todos os do Castello foram depois falsamente mortos, não houve quem a dissesse. E esta he a razão, porque cuidamos que o nome de hum daquelles dous valorosos soldados, e de outros sinco (de que adiante fallaremos) ficáram em esquecimento, porque não houve quem os dissesse.

CA-

CAPITULO III.

De como os do baluarte da Villa dos Rumes se entregáram a partido aos Turcos: e de como João Pires com sinco companheiros foram mortos em defensão da bandeira de Christo, e lançados no mar: e de como seus corpos milagrosamente foram aportar á fortaleza.

PArtido Antonio Faleiro com o assento que se tomou, chegando ao Castello, o mostrou a Francisco Pacheco, e aos companheiros todos, a quem Francisco Pacheco pedio, que lhe dessem seu parecer naquelle negocio. E praticando tudo antre elles, e apresentadas as difficuldades que havia pera se poderem defender, pela falta que havia de tudo, e pelo pouco remedio que da fortaleza lhe podiam dar, assentáram, que se tratasse da segurança das vidas, que era necessario pouparem pera ajudarem a defender a fortaleza grande, em que estava toda a importancia do negocio. Sobre o modo que se nisso teria debatêram, e deo cada hum seu parecer, não se conformando todos; porque huns diziam, que morressem antes alli como Cavalleiros, que entregarem-se como covardos, porque pera se defenderem não estavam tão impossibilitados, que não

ti-

tiveſſem ainda alguns mantimentos, e agua; e que poſto que de todo lhes faltaſſe, que os homens podiam viver ſete dias ſem comer, e que neſſes ſoccorreria Deos, e poderia chegar o Viſo-Rey. Outros foram do parecer de Franciſco Pacheco, que era, que ſe o Baxá lhes concedeſſe as vidas, e os deixáſſe ir livremente pera a fortaleza, que lhe entregaſſem o Caſtello, que niſſo hia pouco, porque não era perder mais que paredes quebradas, que com a chegada do Viſo-Rey ſe tornariam a cobrar; e que no diſcurſo do cerco, eſtando elles na fortaleza, ſe poderiam bem ſatisfazer nos inimigos daquella quebra. Eſtes vencêram os mais, e lógo deſpedíram Antonio Faleiro com o recado a Coge Çofar, que eſtava aguardando por elle, e lhe deo conta do que era paſſado, affirmando-lhe, que ſe não deixaſſem ir os Portuguezes do Caſtello pera a fortaleza, que nenhum outro partido haviam de acceitar. Neſte tempo amanhecia já, pelo que o detiveram, e deſpedíram recado ao Baxá do que ſe faria. O Baxá mandou logo a reſpoſta, e com ella hum formão, ou ſalvo-conduto, chapado, e ſellado com a chapa, e ſello do Grão Turco, em que em ſeu nome concedia as vidas aos que eſtavam no baluarte da Villa dos Rumes, e que os deixaria ir livremente pera a fortaleza, ſem

damno, nem defeito algum em ſuas peſſoas. Chegado o formão, o levou Antonio Faleiro a moſtrar a Francisco Pacheco, que lhe pareceo neceſſario ir elle em peſſoa ver-ſe com Coge Çofar, como fez, e ambos aſſentáram, que lhe entregaſſe o Caſtello, e que ſe foſſe pera a fortaleza, indo todavia elle Franciſco Pacheco primeiro ver-ſe á galé com o Baxá, e dar-lhe a obediencia como rendido, e que todos os companheiros ſe poriam da outra banda da Cidade, e que de lá ſe poderiam ir pera a fortaleza livremente.

Aſſentado iſto ao primeiro dia de Outubro, havendo vinte que ſuſtentavam o cerco, ſahio-ſe Franciſco Pacheco da fortaleza com alguns companheiros, e Coge Çofar o encaminhou pera o Baxá, mandando com elle hum Sangiaco. Franciſco Pacheco, e alguns, que com elles foram, ſe embarcáram com grande dor, e mágoa de ſeus corações, por ſe verem chegados ao mais infelice eſtado, em que hum peito valoroſo ſe podia ver. Franciſco Pacheco foi mettido em hum batel pera ir ao Baxá, e com elle hum Gonçalo de Almeida ſeu parente, e o Antonio Faleiro pera lingua. Chegados á galé, foi Franciſco Pacheco levado ao Baxá, diante de quem ſe preſentou com hum roſto tão deſcontente, que bem moſtrava a dor, e mágoa que levava no coração de ſe ver

che-

chegado áquelle estado; e humilhando-se honestamente, lhe apresentou o seu salvo-conduto, pedindo-lhe que o cumprisse como era obrigado por lei da guerra, e o deixasse com todos seus companheiros passar pera a fortaleza. O Baxá o recebeo com muita honra, e lhe mandou dar logo huma formosa cabaia, e lhe confirmou o salvo-conduto, com condição, que se não iriam pera a fortaleza, em quanto durasse o cerco, e que estaria na Cidade em casas, que lhe mandaria dar até ver o fim daquelle negocio. Com isto o tornou a mandar a Coge Çofar, com ordem que os puzesse na Cidade com grande resguardo, e vigia. Francisco Pacheco vendo que em parte lhe quebravam os partidos com que se entregára, arrependeo-se do que tinha feito, porque receou mais mal. A alguns homens daquelle tempo ouvimos dizer, que Francisco Pacheco se negociára mui mal nesta entrega, porque já que se não quizera recolher, como lhe Antonio da Silveira tinha mandado dizer, pudéra preitear-se com os inimigos, com condição, que lhe puzessem huma fusta ao pé do baluarte pera se embarcarem nella, e que levantassem o campo de sobre o Castello em quanto o faziam, e que assim segurava a vida de todos, porque tudo lhe haviam os Turcos de conceder, pelo que lhes impor-

tava haver aquelle Castello ás mãos, e o principal pela muita gente que sobre elle perdiam, porque pera Turcos, e Mouros, que per natureza sam falsos, e fementidos, ha mister grandes cautelas.

E tornando á nossa ordem. Em quanto Francisco Pacheco se foi apresentar ao Baxá, ficáram os Portuguezes, que com elle se sahíram no exercito, e alguns ainda ficáram na fortaleza. Os Janizaros, soffregos do sacco do Castello, não aguardando que se destapassem as portas, ajuntando-se quatrocentos delles, remettêram com as paredes, e pelos dentes dellas huns, e outros por traves, que encostáram, subíram assima com grandes estrondos, e remettêram logo com a bandeira de Christo, (que ainda estava arvorada em sima do Castello,) e a deitáram no chão, e naquelle lugar puzeram huma vermelha muito grande com as insignias do Grão Turco. Os nossos, que estavam ainda no Castello, vendo aquelle desprezo feito áquella insignia de nossa Redempção, movidos da honra da sua Religião, sahíram seis, de que era cabeça João Pires, homem de mais de sessenta annos, mui grande Cavalleiro, e como doudos remettêram com os Turcos, e levando João Pires a bandeira de Christo nas mãos, a tornou a pôr no seu lugar, e deitou pelo chão a dos Turcos,

de

de que elles tomados acudíram a iſſo, e começáram a ferir nos ſeis, e elles com grande animo nelles, ateando-ſe huma muito aſpera, e muito deſigual briga, inſiſtindo os Portuguezes, tanto em terem a ſua bandeira em ſeu lugar, que com lha arrancarem tres vezes, outras tantas a tornáram a arvorar, fazendo ſobre iſto maravilhas nas armas, não lhes deixando ver aquelle grande zelo da honra de Deos o notavel, e certo perigo a que ſe punhão contra tantos, e em parte, que não podiam ter ſoccorro humano, andando antre os Turcos como leões bravos (do que elles meſmos eſtavam paſmados.) Os da fortaleza grande bem viam aquelle alevantar, e abater, ora de huma, ora de outra bandeira, mas não ſabiam o que ſeria, porque não tinham novas do que era paſſado, pelo que eſtavam em grande confusão. João Pires, e os mais andavam mui accezos na batalha contra os Turcos, de que tinham mortos alguns; mas todavia andavam já todos com muitas feridas, ferrados ſempre na bandeira de Chriſto, pera que eſtiveſſe arvorada, do que envergonhados os Janizaros, (vendo que ſó ſeis homens lhes davam tanto que fazer,) carregáram todos ſobre elles, e os apertáram tanto, que os ataſſalháram, o que elles antes quizeram, que vêrem com ſeus

olhos

olhos tamanha offensa feita á Cruz de Christo.

Mortos estes seis animosos, e esforçados Cavalleiros, a bandeira dos Turcos foi logo arvorada sem se mais mudar, (o que se notou da fortaleza,) mas como não sabiam o que lá hia, não o souberam determinar. Os Mouros como ficáram escandalizados daquelles Cavalleiros, e Martyres de Christo, lançáram os seus corpos da Torre abaixo da banda do mar, enchendo a maré; cousa maravilhosa! que querendo logo Deos mostrar quão acceito fora diante delle aquelle grande amor, e zelo de sua honra, no mesmo instante que os corpos tocáram na agua, refreando o mar seu curso, indo pera sima com grande furia, tornou logo com outra tamanha a descer pera baixo, que levou aquelles corpos juntos até os pôr todos na porta da couraça; e depois de os ter juntos neste lugar seguro, tornou a maré a continuar o seu curso ordinario. Era isto a hora de meio dia. Foram aquelles corpos vistos de sima do baluarte, e acudindo Antonio da Silveira, os mandou recolher dentro, notando todos o milagre tão evidente, sem saberem o que tinha acontecido. Dalli foram levados á Igreja com grande honra, e enterrados todos juntos em huma cova defronte do Altar mór da Capella pera fóra; e de

crer

crer he, que ſuas almas ſubiriam triunfantes diante da Divina Mageſtade, aonde receberiam a glorioſa coroa de Martyres. E ſe he verdade (como os Doutores affirmam) que não ſó a pena faz o martyr, ſenão tambem a cauſa, (porque pera ſer perfeita razão de martyrio não baſta morte, mas tambem vontade,) logo pois tudo iſto concorreo neſtes noſſos Martyres de Chriſto. Com muita razão os podemos nomear por eſſes, e mais quando tão claramente moſtráram morrer por honra de ſua Fé. E nós tambem nomeáramos a todos eſtes ſeis neſte lugar, ſe lhes acháramos ſeus nomes, ſobre o que trabalhámos bem. A eſtes deſcuidos já não ha remedio, mas trabalharemos de os emendar em noſſos tempos, com ſegurarmos, que todo o que merecer nome na hiſtoria, o não perca neſta noſſa.

E tornando a continuar com Antonio Faleiro, ficou na galé com o Baxá, muito ſeu mimoſo, e logo em ſe ſahindo Franciſco Pacheco, lhe mandou o Baxá, que eſcreveſſe huma carta em ſeu nome, que o meſmo Baxá notou, e mandou a Coge Çofar que foſſe ter com Franciſco Pacheco, e lha fizeſſe aſſinar, e fizeſſe ir a bom recado até defronte da fortaleza ao meſmo Antonio Faleiro, e que levaſſe a carta a Antonio da Silveira, e fallaſſe com elle; e o perſuadiſ-

ſe

ſe a lhe entregar a fortaleza, e que nas promeſſas não foſſe avaro, mandando a Coge Çofar, que eſtiveſſe preſente ás práticas pera ſer teſtemunha dellas. Foi couſa eſpantoſa, que logo na fortaleza ſe começou a dizer, (ſem haver quem tal ſoubeſſe,) que Franciſco Pacheco havia duas, ou tres noites que hia fallar com os ditos Capitães Turcos, e outras particularidades deſta qualidade, que depois ſe affirmáram ſer aſſim, como foram adivinhadas.

CAPITULO IV.

Que contém o theor de huma carta, que o Baxá eſcreveo a Antonio da Silveira, em nome de Franciſco Pacheco: e do que paſſou na falla que teve com Antonio Faleiro: e da reſpoſta que lhe deo: e de como os Turcos aſſentáram ſuas eſtancias, e começáram a bater a fortaleza.

EStando Antonio da Silveira muito triſte, e malenconizado todo aquelle dia, ſem ſaber o que era ſuccedido no baluarte, mais que entender-ſe eſtarem os Turcos ſenhores delle, ſem ſaber o como, ao outro dia, que foram dous do mez de Outubro ás dez horas do dia, appareceo á viſta da fortaleza Antonio Faleiro em meio de quatro Janizaros, veſtido em huma cabaia de eſcar-

carlata, com muitos alamares de fio de ouro, e na cabeça turbante a modo Turquesco; e bradando aos do baluarte de Gaspar de Sousa, disse, que trazia huma carta de Francisco Pacheco pera o Capitão, que logo mandou por hum daquelles Janizaros, que chegou ao pé do baluarte, e a atou a hum cordel, que de sima lhe lançáram, e tornou-se a affastar. Gaspar de Sousa a mandou ao Capitão, e elle ficou á falla com o Falciro, que lhe disse, que Francisco Pacheco, e Coge Çofar estavam alli perto esperando pela resposta, e alli lhe contou o modo de como se entregáram, e de como o Baxá os recebêra com honras, engrandecendo muito sua authoridade, prudencia, liberalidade, e outras partes, que elle não tinha, contando-lhe o grande poder que trazia, dizendo-lhe, que o bom sería entrarem tambem em algum partido com elle, e entregar-lhe aquella fortaleza, porque não era possivel poder-se defender a tantos, e tão poderosos canhões, e ferozes basiliscos; e que o Baxá estava apostado a fazer tudo o que lhe o Capitão pedisse. Gaspar de Sousa tanto que aquillo ouvio, logo entendeo que era velhaco, e que fora nos tratos, o que todos suspeitáram delle, e com muita paixão, e colera lhe disse, que era hum fraco, traidor, e covarde, e que dissesse ao Baxá, que onde

de víra elle hum Capitão como Antonio da Silveira, que tinha huns testiculos tamanhos como os de hum touro, entregar a fortaleza, que tinha em seu poder, a hum Eunuco, como mulher, fraco, sem fé, nem palavra; e que se mais lhe dizia sobre aquillo alguma cousa, que o mandaria espedaçar com hum camello: com isto se callou. A carta foi levada ao Capitão, que a não quiz abrir, senão presentes todos os Fidalgos, e Capitães, de que se encheo toda a casa, e mandando-a ler, sem a querer tomar na mão, víram que dizia assim:

» Senhor, forçado da necessidade me en-
» treguei ao Baxá Soleimão, com seguran-
» ça das vidas, e liberdades, de que nos pas-
» sou hum salvo-conduto com o sello do
» Grão Turco, contentando-se com lhe lar-
» garmos o baluarte, e que lhe fossemos á
» sua galé dar a obediencia, o que fiz, e
» levei comigo Antonio Faleiro, e Gonça-
» lo de Almeida, e elle nos fez muitas hon-
» ras, e mercês, e nos tornou a confirmar
» o salvo-conduto, com condição, que nos
» não iriamos pera a fortaleza, em quanto
» o cerco durasse; porque como determinava
» de se não levantar de sobre ella sem a to-
» mar, não queria que a fossemos ajudar a
» defender. Este homem traz muito grande
» poder, e tem mandado desembarcar gran-
» de

» de ſomma de baſiliſcos, e outras peças groſ-
» ſiſſimas; e informado da pouca gente que
» eſtá neſſa fortaleza, e da falta da aguá, e
» mantimentos, e munições, deſejava de não
» chegar ao cabo com a guerra, e de haver
» algum meio pera eſcuſar tanto damno: pe-
» lo que, Senhor, vos peço hajais bom con-
» ſelho, e que lhe entregueis eſſa fortaleza
» com toda a artilheria, que elle vos dará
» embarcações, em que todos vos poſſais ir
» pera Goa livremente. »

Antonio da Silveira tanto que ouvio fallar na entrega da fortaleza, não deixou ir mais por diante a carta, (porque ainda era maior;) e perguntando aos que eſtavam preſentes, que era o que diziam áquillo? reſpondêram todos a huma voz, que ſobre a mais pequena pedra daquella fortaleza perderiam mil vidas, ſe tantas tiveſſem. Antonio da Silveira com grande alvoroço os abraçou a todos, e logo na meſma carta (que não quiz que lhe ficáſſe) mandou reſponder o ſeguinte:

» Pera Capitão, que tanto me engrande-
» ceis, houvera de cumprir comvoſco me-
» lhor o ſalvo-conduto, que vos paſſou dos
» partidos com que vos entregaſtes; mas não
» me eſpanto de ſer falſo, e mentiroſo; quem
» tem por lei, e natureza não guardar ver-
» dade. De vós ſim, que tão livremente me
» acon-

» aconselhais huma cousa tão longe da que
» eu tenho em meu coração, porque não só
» cuido de lhe defender esta fortaleza, mas
» de o ir desbaratar dentro em seus exerci-
» tos. E vós não sejais mais ousado a me es-
» crever semelhantes cousas, porque a to-
» dos os que vierem com vosso recado, man-
» darei espedaçar ás bombardadas. » E cer-
rando a carta, lha mandou lançar do baluar-
te abaixo, e foi levada a Antonio Faleiro,
que se foi ajuntar com Coge Çofar, e com
Francisco Pacheco, e todos se foram á ga-
lé, e levaram a resposta ao Baxá, que se
houve por muito affrontado das palavras com
que o tratavam. E assim com aquella ira man-
dou metter a banco das galés a Francisco Pa-
checo, e a todos os mais que foram da Vil-
la dos Rumes, que seriam perto de sessen-
ta pessoas, em que entravam alguns Chri-
stãos da terra.

As novas desta carta do Baxá corrêram
pela fortaleza; e não só na gente nobre, mas
ainda na popular, até nas mulheres causou
tamanha ira, e furor, que desejavam de irem
commetter os inimigos dentro em suas estan-
cias. O Baxá mandou logo trazer toda a ar-
tilheria, que tinha deixado em Madrefaval,
que foi trazida com grande trabalho de mui-
ta gente da terra em juntas de bois, e foi
passada á Ilha em grandes barcaças, e o car-

go

go de Meſtre do Campo deo a Icuf, e o da artilheria a Hamede Baxá com dous mil Turcos; e a Coge Çofar com toda ſua gente, que eram treze mil homens, deo o cargo de General ſobre elles, porque elle ficava na ſua galé, aſſim porque era muito velho, como porque era muito covarde, e não ſe queria pôr a algum riſco. Icuf aos quatro de Outubro plantou ſua artilheria ſobre a fortaleza de mar a mar em ſeis lugares, por onde poz as peças todas por eſta maneira.

Na ponta da terra, que fica defronte donde hoje eſtá ſituada a Igreja de S. Domingos, (e onde ſe vê hum formoſo pyramide, que alli ſe poz depois pera memoria, que ſerá pouco mais de trezentos paſſos pela eſquadria,) puzeram huma colubrina, que lançava pelouro de ferro coado de pezo de ſeſſenta e ſinco libras, e dous pedreiros, hum de pelouro de trezentas libras, e o outro de duzentas, hum paſſavolante, e huma colubrina de pelouro de cento e ſincoenta libras, hum baſaliſco mui grande, duas aguias, dous leões, e outros canhões pequenos.

Em outro lugar, que fica naquelle alto, que eſtá ſobre o jogo da bola, a pouco mais de oitenta paſſos da fortaleza, puzeram dous baſaliſcos, hum paſſavolante, duas aguias, dous leões, e outros canhões menores, e hum temeroſiſſimo quartão pera com elle arrui-

ruinar a cisterna, que levava pelouro como hum fardo de arroz.

Adiante pera a banda do mar, defronte do baluarte S. Thomé, asseftáram dous basaliscos, duas aguias, hum salvo, hum mortarro de quatrocentas libras de pelouro, e outros canhões.

Naquella parte, em que depois se fundou a Ermida de Nossa Senhora, que era o lugar da forca, plantáram dous basaliscos, duas aguias, hum espalhafato, huma colubrina de cem libras de pelouro, e outros canhões; e assim por esta maneira corrêram com as outras duas estancias até cingirem toda a frontaria da fortaleza, de sorte, que em todas estas estancias havia cento e dez peças de artilheria, sem se bolir em alguma das galés, porque toda esta vinha de sobrecellente nos galeões. Por estas seis estancias se repartíram quatrocentos bombardeiros, Esclavonezes, Ungaros, Venezianos, e de outras nações. E depois que se fortificáram, e fizeram seus repairos, bastiães, e mantas, assentáram seus exercitos entre estas estancias, e a fortaleza, naquella parte onde está o jogo da bola, que ficava mais baixa, de sorte que por sima delles jogava toda a artilheria daquella parte, e alli se fortificáram de vallos, trincheiras, e cavas, o que tudo fizeram aquella noite com perda, e damno

de

de muitos dos seus, porque dos nossos baluartes, em o sentindo, desparáram nelles toda a noite sua artilheria.

Ao outro dia pela manhã se víram todas as estancias plantadas, e fortificadas com muito boa ordem, e com ellas começáram logo a dar a primeira salva á fortaleza com tamanho estrondo, e terremoto, que parecia que o Mundo se desfazia em coriscos, e trovões, eclipsando-se o Sol com a escuridade, e espessura das nuvens do fumo, com que deixáram de se ver huns aos outros. Os pelouros faziam pelas ameias do muro tão grandes terremotos, que parecia que todos os Cycoples infernaes estavam nellas martellando; mas nada destas carrancas espantou os nossos, porque desprezando tudo, acudiam à repairar com muita presteza algumas partes arruinadas, respondendo-lhes tambem com sua artilheria, que se desparou em todas as estancias, em que lhes matáram, e feríram muitos. Antonio da Silveira, como Capitão animoso, corria a todas as partes, pera ver com o olho o de que tinham necessidade pera logo mandar prover. No baluarte de Gaspar de Sousa (por onde os Turcos tinham determinado de dar o assalto, por estar fóra da cava) puzeram elles muita força, batendo-a de tres estancias, porque determinavam de o arrazar, porque es-

este de nenhum outro través podia ser soccorrido, e ajudado, senão fosse do baluarte do mar, de que era Capitão Antonio de Sousa. Este Capitão tanto que vio começar a bateria, mandou apontar todas as peças no exercito inimigo, que lhe ficava pela banda do mar hum pouco descuberto, começando-o a bater rijamente, fazendo-lhe muito grande damno. Os Turcos acudiram logo áquellas partes, e fizeram repairos pera não serem por alli tão offendidos.

A bateria foi-se continuando naquelle baluarte de Gaspar de Sousa, em que se descarregou aquella tempestade, e multidão de basiliscos, salvagens, leões, aguias, com que lhe arrazáram (nesta primeira mostra) todos os altos, ameias, e contra ameias, cegando-lhe as mais das peças, que era o que elles pertendiam, quebrando-lhe hum camellete em muitos pedaços, e a boca a hum formoso leão. E não querendo desistir daquelle negocio até não derribarem todo o baluarte pelo chão, mandáram revezar a bateria, alternando-a duas vezes, assim aquelle dia todo, como a noite seguinte, em que por conta dos de dentro atiráram duzentas e quarenta bombardadas. Em todo este tempo não houve poderem tomar os nossos hum pequeno de repouso, porque repartidos todos pelo trabalho, acudíram a repai-

rar

rar, e reformar as ruinas, que eram muitas.

Ao outro dia tornáram á bateria pela mesma ordem, em que acabáram de arrazar o baluarte até o entulho, ficando as peças de artilheria todas cegas, e elle descuberto por todas as partes, quebrando-lhe mais hum salvagem de ferro, e outras peças miudas. Entendendo Antonio da Silveira, que por aquelle baluarte pertendiam dar-lhe o assalto, deo ordem a todos os Capitães das outras estancias, que no tempo do commettimento o mandassem soccorrer com a melhor soldadesca que tivessem. E logo mandou acarretar pera o pé do baluarte muita madeira, e pedra pera o fortificar, e renovar, provendo de muitas lanças de fogo, panellas de polvora, e de outros petrechos de guerra pera sua defensão, pondo por todo elle muitas tinas cheias de agua, e ordenou pipas, e cestões cheios de terra, que se puzeram á roda do baluarte pera repairo. Os inimigos vendo que só em dous dias puzeram aquelle baluarte naquelle estado, ficou-lhes esperanças de o arrazarem de todo, e mandáram continuar a bateria, e bater a cortina do muro com oito peças juntas, o que se fez por mais sinco dias continuos, em que derribáram huma grande parte do muro, que hia fechar no baluarte S. Thomé,

que ficou de feição, que se via a fortaleza toda por dentro, e o través do baluarte foi tambem derribado por algumas partes, e cegas as peças que delle jogavam. Daquella parte do baluarte, que se derribou, cahio tanta pedra, e caliça pera fóra, que lhe ficou hum entulho que chegava até sima, por onde muito bem se podia subir. Ficava esta rotura do muro muito perto do baluarte de Gaspar de Sousa, que acudio a repairar tudo o melhor que pode, com muito grande risco, e trabalho de todos.

Esta noite chegou á fortaleza o catur de Miguel Vaz, em que vinha D. Duarte de Lima, que foi recolhido pela couraça, e recebido do Capitão com grandes honras. Delle soube como o mandava o Viso-Rey ver o estado em que aquella fortaleza estava, porque com a certeza do que lhe dissesse, se havia de abalar, porque ficava já no mar com huma muito poderosa Armada. Com isto ficáram todos muito alegres, e toda a noite passáram em festas, e folías. E a outro dia se embandeirou a fortaleza, assim pera darem a entender aos Mouros o pouco que os temiam, como porque soubessem que esperavam pelo Viso-Rey.

CAP.

CAPITULO V.

Do primeiro assalto, que os Turcos deram ao baluarte de Gaspar de Sousa, e do que nelle passou.

VEndo Antonio da Silveira o baluarte de Gaspar de Sousa arrazado, acudio ao fortificar com huma grossa parede pela banda de dentro, que logo começou a fazer com muita pressa de noite. Isto foi sentido dos inimigos, que por não darem tempo aos nossos de se repairarem, batêram toda a noite o baluarte, fazendo nelle grande damno, matando, e ferindo alguns dos nossos, que andavam na fabrica da parede; porque os muitos pelouros que choviam sobre o baluarte, não davam lugar pera se correr com a obra. Mas Antonio da Silveira, que com o seu grande entendimento andava traçando modos pera contra os ardís dos Mouros, mandou, que com muito silencio se corresse alli com a obra, e que no panno se batesse com muitos picões, e se fizesse grande estrondo, pera que os inimigos acudissem ao som das pancadas, pera assim darem algum folego aos que corriam com a obra da parede; o que lhe não sahio em vão, porque como a noite era muito escura, e elles não viam aonde atiravam, assesta-

tavam as peças da artilheria ao tom do trabalho dos picões, e assim ficáram correndo com muito silencio na obra da parede, que começou a crescer, indo-a fabricando pela borda do baluarte de pedra, e barro, e aquella noite a puzeram em altura de hum homem, e tão larga, que com huma escada que fizeram pera a serventia, ficava tomando a terça parte do baluarte, com que ficou por então seguro, e defensavel.

Ao outro dia tanto que amanheceo, que os inimigos víram a obra feita, ficáram como pasmados, e sem embargo disso determináram de dar aquelle dia hum assalto pela rotura do muro, e delle encommendáram a dianteira a setecentos Janizaros debaixo das bandeiras de Beran Can, e Mamede Can, que em dous esquadrões foram remettendo com o muro. Os dianteiros, que começáram a subir pelas ruinas, foram sincoenta Janizaros armados de todas as armas. No mesmo tempo se começou a bateria em toda a fortaleza pera divertirem os nossos, e para ficar aquella parte mais fraca, e com menos esperança de soccorro. Os dianteiros com grande ousanía, e arrogancia commettêram a subida, havendo que daquella feita levariam a fortaleza nas unhas; mas Gaspar de Sousa deixando o baluarte provído, tomou alguns companheiros, que pera isso escolheo,

e acudio áquella parte com algumas lânças de fogo, e panellas de polvora, e chegando os Janizaros a pôr as mãos no muro; dando nelles, os fez virar de pernas assima, levando após si outros. Os Capitães Turcos, que estavam ao sopé do muro, vendo vir aquelles, mandáram outros; e assim foram cevando aquelle lugar, porque como se vazavam dos que os de sima derribavam, logo se enchia de outros, que parecia que á porfia hiam buscar a morte, que lhes não tardava mais, que em quanto o ferro Portuguez lhes não chegava.

Os Turcos vendo a grande resistencia, que nos de sima achavam, começáram a perder o brio, e soberba com que alli chegáram, (porque haviam que tudo se lhes desampararia em elles chegando.) Isto lhes sahio bem ao revés; porque os de sima, quanto mais dos inimigos recrescião, tanto mais se lhes dobrava o animo, forças, e alento. Gaspar de Sousa deo aqui huma grande prova de seu muito valor, e esforço, porque em quanto durou o assalto, sempre se apresentou no maior perigo diante de todos os seus, fazendo taes obras, que obrigava a todos ao imitarem. D. Duarte de Lima (que tinha chegado aquella noite) quiz ser testemunha de tudo pera informar de vista ao Viso-Rey; e posto diante de todos, fez cou-

ſas bem dignas de ſerem mui particularizadas, o que a noſſa hiſtoria não ſoffre; porque ſe de todos o houveramos de fazer, ſem dúvida, que pera cada hum dos que neſte cerco ſe acháram, houvera miſter muitos Capitulos, e por iſſo não faremos mais que nomeallos; porque pelo decurſo do cerco ſe verá bem a gloria, que ſe deve a cada hum, e a todos.

Antonio da Silveira chegou áquella parte acompanhado de alguns Fidalgos, que o ſeguiam; (que elle chamava pera ſe aconſelhar nas couſas arduas,) e foi paſſando por todos pera ſe pôr no lugar da defensão, porque lhe não ſoffria o animo ver os ſeus em perigo, e elle ficar de fóra; mas os que hiam com elle o detiveram, dizendo-lhe; que não era aquella ſua obrigação, e que lhe não haviam de conſentir arriſcar-ſe a perigo algum, porque nelle eſtava o remedio daquella fortaleza; e que em quanto o viſſem vivo, pelejariam todos com as tripas em huma mão, e com a eſpada na outra; o que ſería ao contrario, ſe lhe aconteceſſe deſaſtre. Antonio da Silveira deteve-ſe então no baluarte, provendo dalli nas couſas neceſſarias. Os noſſos, que eſtavam ao encontro com os inimigos, fizeram nelles tamanho eſtrago, que de já não poderem os Turcos ver tanto, arrancáram do exercito com to-

todo o poder, e chegáram a favorecer os seus com tamanho estrepito, e ruido; que atroavam os ares, com que espantavam as aves do Ceo.

Aqui foi a revolta muito grande, porque os inimigos como magoados trabalhavam por entrarem a fortaleza; e os nossos, como quem em sua defensão estava seu remedio, faziam maravilhas pola não deixarem entrar. Alli acudíram de refresco Lopo de Sousa Coutinho, Manoel de Vasconcellos, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, e pedíram aos que estavam no lugar da defensão, que descançassem hum pouco, que elles ficariam alli até tornarem, o que alguns não quizeram fazer, e outros quasi por força, por se irem curar de muitas feridas que tinham. Em fim os nossos tratáram os inimigos de feição, que quantos mais subiam, tantos mais tornavam a voltar feitos pedaços, levando outros até baixo apôs si. Durou este assalto até o meio dia, que se retiráram os inimigos pasmados de verem tão poucos homens fazer tamanhas maravilhas, blasfemando de Mafamede, havendo que elle era o que os castigava por mãos de tão poucos.

Os nossos vendo-se desalivados, recolhêram os feridos, que eram muitos, custando só as vidas a dous. O Capitão mandou repai-

pairar aquelle lugar com muita presteza, no que trabalháram o que restou do dia, e toda a noite, sem tomarem repouso. Os Mouros cheios de ira, e furor do máo successo passado, tornáram a redobrar a bateria naquelle lugar pera o acabarem de arrazar, insistindo em que por alli haviam de entrar a fortaleza; e assim o batêram, que tornáram a deitar por terra tudo o que se renovou. Aquella noite pedio Antonio da Silveira a D. Duarte de Lima, que se tornasse com o recado do que víra ao Viso-Rey, pois esperava por elle, pera que se apressasse, escrevendo-lhe huma breve carta, em que se reportava a elle. D. Duarte de Lima se embarcou contra sua vontade, porque desejou de ficar na fortaleza, e com grande vigia nas galés, sahio pela barra no quarto da modorra, e foi seguindo seu caminho.

Ao outro dia pela manhã chegou á Armada huma das náos, que eram desapparecidas, em que vinha o Armiraglio, que trazia muitas vituálhas. Com sua chegada, por lhe fazerem festa, quizeram os inimigos dar outro assalto á fortaleza, e assim sahíram de seus exercitos com suas bandeiras desenroladas, e remettêram com a quebrada do muro, por onde começáram a subir, como homens magoados, e desesperados a receberem a morte das mãos dos de sima, que os

el-

esperáram com muito animo pera lha darem, e assim os escandalizáram este dia, que a pezar seu os fizeram affastar, com tanto, ou maior damno que o passado. E por não particularizarmos tanto, que enfastia, tres vezes commettêram este dia o assalto, achando de cada huma maior desengano nos nossos; e assim tornáram á sua bateria, cousa que os de dentro mais sentiam, que os assaltos, porque nelles não faziam mais que matar, e derribar nos inimigos, com tanto gosto, que elle lhes fazia parecer o perigo muito leve; mas na bateria andavam occupados no repairar, e renovar, sem poderem tomar por suas mãos vingança de quem lhes dava aquelles trabalhos.

CAPITULO VI.

Do grande medo que deo no Baxá, tanto que soube que o Viso-Rey ficava pera o ir buscar: e da contagiosa enfermidade, que deo em todos os da fortaleza: e do valor, com que as molheres acudíram aos trabalhos da fortificação.

O Baxá, que estava no mar, tanto que entrou D. Duarte de Lima na fortaleza, (pelo alvoroço que nella houve, e por tambem os nossos lho dizerem de noite de sima do muro,) soube logo de como o Viso-

ſo-Rey ficava no mar pera o ir buſcar, pelo que ſe paſſou daquelle porto, (porque tambem nelle os Noroeſtes lhe davam trabalho,) e ſe foi pera a outra parte da terra firme da banda de Gogalá, porque ficava mais abrigado. E como era homem fraco, e acovardado, mandou afferrolhar logo todos os Chriſtãos, e paſſou-ſe da galeaça em que eſtava pera a galé baſtarda, por ſer muito ligeira, e mandou-lhe tirar o toldo, e véla, que era todo quarteado, diviſa pera ſer conhecido no mar, e mandou-a guarnecer de vélas brancas, porque ſe não ſoubeſſe em qual das galés eſtava, deixando a ſua bandeira, e diviſa na galeaça, e mandou guarnecer as galés todas de arrombadas, e padezes fortes, porque ſe vieſſe a Armada do Viſo-Rey, (que elle não determinava de eſperar,) eſtaria preſtes aſſim pera fugir, como pera pelejar, quando mais não pudeſſe.

E porque não ficaſſe trabalho algum, que os da fortaleza não paſſaſſem, ſobreveio em todos huma geral enfermidade da boca, e gengivas com tamanha inchação, e dores, que nem o arroz molle podiam maſtigar, e era mui grande laſtima de ver, e ouvir os gritos, e ais das dores que padeciam. Eſte mal ſe cauſou da agua, que bebiam da ciſterna, que por neceſſidade ſe recolheo nella, com o betume, e cal ainda freſca, o que

que a corrompeo de feição, que causou este mal tamanho em todos mui grande espanto, e medo, porque se viam huns aos outros como mortaes, com as bocas abertas, estilando hum humor peçonhentissimo, como se foram mordidos de nocivas biboras, sem comerem, dormirem, nem tomarem repouso algum; mas todavia nos rebates acudiam todos com hum fervor, e animo, que lhes fazia esquecer as dores que tinham.

E como em todas as baterias matavam, e feriam aos da fortaleza, começava a faltar gente pera o trabalho da reformação das ruinas, do que movidas as mulheres todas, com hum zelo honroso Portuguez, ordenáram tomar á sua conta o trabalho manual das obras, pera que ficassem esses poucos homens, que havia desoccupados, pera a defensão da fortaleza. As authoras desta obra tão heroica foram Isabel da Veiga, e huma Anna Fernandes. A Isabel da Veiga, (que he a de quem já fallámos no Capitulo I. do IV. Livro, e que se não quiz ir pera Goa, quando seu marido Manoel de Vasconcellos a mandava, foi filha de hum Cidadão de Goa nobre, chamado Francisco Ferrão, que foi Juiz da Alfandega de Goa em vida; foi casada com este Manoel de Vasconcellos, homem Fidalgo, de antre quem ficou no Mundo grande posterida-

de,

de, e ampla geração; porque tiveram eſtas filhas, Dona Luiza de Vaſconcellos, que foi caſada duas vezes; a primeira com Diogo de Meſquita, de quem neſta quinta Decada, e na quarta fallámos muitas vezes, que foi Capitão de Çofala, de quem naſcêram Manoel de Meſquita, caſado na India, que faleceo ſem lograr a fortaleza de Chaul, de que era provído, e Dona Iſabel de Vaſconcellos, que tambem foi caſada duas vezes, como ſua mãi, huma com Ruy Dias Cabral, filho de Fernan de Alvares Cabral, de que não houve filhos; e a outra com Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, Camareiro mór, que fói do Cardeal D. Henrique. De antre eſtes naſcêram muitos filhos, e filhas, que ſam vivos. A ſegunda vez foi Dona Luiza, caſada com Pantaleão de Sá, filho de João Rodrigues de Sá do Porto, que foi Capitão de Çofala, de que houve huma filha, que eſtá caſada em Portugal, que ſe chama Dona Barbara de Menezes, com Lourenço de Mello, filho de Chriſtovão de Mello, e de huma filha do noſſo João de Barros, a que chamavam Dona Catharina. As outras duas filhas, que Iſabel da Veiga teve de Manoel de Vaſconcellos, foram Dona Catharina, caſada com Pero de Meſquita, e Dona Joanna com Diogo Lopes de Meſquita de Guimarães, que foi Capitão de Maluco.

A

A outra Matrona Anna Fernandes, que se ajuntou com esta pera governarem as outras, foi casada com hum Fernão Lourenço, Christão velho, professor da Cirurgia. Estas appellidando todas as mais, com seus vestos nas cabeças mui alegres, e contentes, começáram a carretar a pedra, terra, madeira, e outros materiaes pera as obras, e repairos, que se faziam, que logo foram cresçendo muito, sentindo-se já dalli por diante menos a falta dos doentes. Este serviço faziam todas com huma presteza, e alegria, que dobrava os animos a todos. E não contente Anna Fernandes com este exercicio, começou a exercitar outro de muito grande caridade, que era, a todos os feridos, que se hiam curar a sua casa com seu marido, ella com suas proprias mãos lhes alimpava as feridas, e fazia os fios, concertava os unguentos, e ainda os agazalhava em sua casa, e lhes fazia as dietas, e dava as suas conservas, e mimos, com tanto amor, como se todos foram seus proprios filhos. E não satisfeita ainda disto, sem tomar repouso, tanto que era noite, e que os agazalhava, sahia-se de casa encostada a hum bordão, (porque era velha, e pejada,) e hia correr todas as estancias, e baluartes, animando a todos, lembrando-lhes suas obrigações, e fazendo-os estar promptos á vigia. E ainda pas-

passou mais adiante, que todas as vezes que havia assaltos, acudia á parte em que pelejavam, e com hum animo varonil se mettia em meio de todos, animando-os, e persuadindo-os a pelejarem pela Fé de Christo. Algumas vezes acertou de ver pelejar alguns floxamente, e chegando-se a elles, os reprehendeo, e esforçou; e vendo huma vez, ou duas, que se hiam huns esc[illegible]ndo, e sahindo-se da batalha, com ira, e menencoria os tomou pelos braços, e affrontando-os com palavras mui honradas, os fez tornar a seus lugares. E assim trazia o olho nestas cousas, que nada deixava de ver; e tamanho medo, e respeito lhe tinhão já todos, que em ella chegando no tempo da briga, e levantando a voz, se mettia em meio delles, chamando-lhes filhos, e Cavalleiros de Christo: assim trabalhavam todos por lhe parecerem bem, e de se arriscarem nos lugares mais perigosos, como se pelejassem diante do seu Rey, que os houvesse de galardoar.

Tinha esta Matrona hum filho de dezoito annos na fortaleza, chamado Francisco Mendes, muito bom Cavalleiro, e que sempre pelejou bem: andando ella neste assalto visitando os baluartes, o achou morto de huma espingardada pela cabeça, muito inteira, e constante o tomou nos braços, e o recolheo; e como se acabou a bri-

ga,

ga, lhe fez dar ſepultura com huma ſegurança, e ſoffrimento, que eſpantou a todos, não deixando de continuar com ſeu piedoſo exercicio, encubrindo a dor, e mágoa, que em ſeu coração tinha, por não entriſtecer a todos, que a amavam como mãi. Deſta maneira ficáram eſtas Matronas continuando no trabalho de noite, e de dia, e em qualquer parte que por ellas chamavam pera alguma neceſſidade, logo acudiam com todo aquelle feminino eſquadrão, carregadas todas de materiaes, e de todas as mais couſas neceſſarias.

CAPITULO VII.

De como os Turcos melhoráram ſuas eſtancias até as pôrem á borda da cava.

Escandalizados os Turcos dos aſſaltos paſſados, determináram de não levarem mão da bateria, até não arrazarem de todo o baluarte de Gaſpar de Souſa, pera entrarem por elle na fortaleza, no que puzeram toda ſua induſtria, e poder. E aſſim foram continuando a bateria com grande terror, e eſpanto alguns dias, em que tambem derribáram a Igreja, que eſtava no meio da fortaleza no mais alto lugar della, que era hum edificio muito arrezoado de tres naves, com huma torre ſobre a porta, tão alta, e quaſi tamanha, como a antiga de S. Vicente de

fó-

fóra em Lisboa, que se descubria toda de fóra muito bem, e tudo arrazáram, e derribáram, no que accrescentáram nos Portuguezes maior odio, e ira, desejando de vingar aquella offensa feita ao Templo dedicado ao Altissimo Deos. Daquella estancia, que os Mouros tinham sobre o jogo da bola, (de que tambem batiam todos aquelles dias o baluarte de Gaspar de Sousa,) desparáram aquelle temeroso quartáo, que tinham assestado por esquadria no lugar da cisterna, que estava a cargo de Roque de Navaes, hum Cavalleiro honrado, que mandou com muita diligencia armar sobre ella alguns andaimos fortissimos, pera que os pelouros embaçassem primeiro nelles, que déssem na abobada, o que foi parte pera se não arrombar de todo, posto que alguns pelouros lhe deram, de que recebeo algum damno. O baluarte de Gaspar de Sousa foi batido de tres partes com tanta furia, que lhe arrazáram toda aquella parede, que os nossos tinhão fabricada. A isto acudio logo Antonio da Silveira, e mandou edificar outra mais forte pela banda de dentro, que tomava tanto do baluarte, que já lhe não ficava mais, que hum terço delle, em que se recolhessem.

A este serviço acudio com muito fervor aquelle feminil esquadrão carregado de pedra,

dra, barro, terra, agua, madeira, não lhes impedindo esta obra nem a grande quentura do Sol, de que ellas não resguardavam seus delicados carões, nem o sereno, e escuridão da noite, nem os grandes, e medonhos coriscos, e tempestades da artilheria, cujos pelouros lhes zonião, e assoviavão pelas orelhas, sem ellas mudarem passo, nem largarem o serviço. Antonio da Silveira receando que lhe tornassem a derribar aquella parede, e que o baluarte se perdesse, ordenou de fabricar pela banda de dentro huma torre á maneira de Cavalleiro pera defensão da fortaleza.

Nesta obra (que foi muito proveitosa) se puzeram as mãos com muita diligencia; e porque começou a faltar pedra, mandou o Capitão derribar algumas casas, o que se fez com muita presteza, acarretando as mulheres a pedra, e madeira dellas, com o que a obra foi crescendo de feição, que em poucos dias se poz na altura do baluarte, com o que elle ficou seguro. Foi esta fabrica tão necessaria, e importante, que parece que Deos moveo o coração do Capitão pera a ordenar; porque sem dúvida, ella foi a principal parte da defensão da fortaleza, e de os inimigos a não entrarem. Em quanto durou este trabalho, nunca Antonio da Silveira se apartou do baluarte, onde era sua es-

tancia, e onde estava sempre de dia, e de noite ao pé delle, assentado em huma cadeira armado, mandando, e governando tudo; e sempre com a bolça aberta cheia de dinheiro, que despendia muito liberalmente por todos; e assim deo tanto, que lhe veio a faltar, e soccorreo-se á prata de seu serviço, que toda cortou em pedaços, com que fazia as pagas sem pezo, nem conta. Esta foi huma das grandezas, que se notáram em Cesar, que mandava pagar aos soldados ás mãos cheias de dinheiro, mandando que cada hum mettesse a mão em huma alcofa, que estava cheia delle, e que tomasse tudo o que elle pudesse levar, porque dizia, que de outra maneira o enganariam na conta.

Os Turcos vendo derribada a segunda parede, e o baluarte tão damnificado, que já se podia commetter, determináram de melhorar suas estancias, até as pôrem sobre a borda da cava, pera o que ordenárão grandes balas de algodão, e huns fardos grandes de couros crús dobrados, muito redondos, e compridos, cheios de terra. Depois de tudo isto feito, huma noite os foram rolando, indo detrás delles os Janizaros, amparados por amor da nossa artilheria, e arcabuzaria; porque os nossos tinham tamanha vigia, que em sentindo aquelle rumor, despararam pera aquella parte toda a muni-

ni-

nição, com que lhes matáram, e feríram muitos. Todavia elles foram por diante até chegarem a dous fornos de cal mui grandes, que os nossos tinham feito perto da cava pera a obra da fortaleza, que por descuido ficáram em pé, cujas paredes ficavam sobre a terra, altura de hum homem. E pondo aqui os fardos, entulháram os fornos com muita presteza, e de hum ao outro fizeram logo huma grossa parede de terra, e pedra, com o que ficava hum grande, e formoso repairo, e por sima delle puzeram as balas de algodão, sobre o que armáram huns cavallos grandes de madeira, forrados de couros crús, que pera aquillo tinham feitos, com o que ficou aquella estancia quasi tão alta, como aquelle baluarte, apartado delle a largura da cava. Estes cavallos tinham muitas seteiras pera jogar a sua artilheria, e com muita arte, e industria fizeram algumas profundas cavas pera a serventia desdo exercito até alli, por onde se serviam de huma parte pera a outra, sem serem vistos dos nossos, e por ellas trouxeram algumas peças de artilheria, que plantáram contra o baluarte, e por fóra desta estancia abríram outra muito formosa, e larga cava.

Esta obra se fez toda esta noite, e ho outro dia seguinte, em que recebêram assás de damno dos nossos, que não estavam descui-

dados, antes huns pelejando, e outros fortificando, tambem gastáram todo aquelle tempo. Os Turcos tanto que acabáram as estancias, começáram a bater o baluarte de Gaspar de Sousa com grande furia, e continuação. Tinhão os nossos arvorada huma formosa bandeira em sima da Torre nova, que o Baxá vio da galé, e mandou dizer a todos os bombardeiros do exercito, que o que lha derribasse lhe daria liberdade, e sessenta cruzados, e hum vestido. Com este interesse lhe atiráram muitos, e hum delles, que era Esclavonez, aos tres tiros deo com ella em baixo, ao que os Turcos deram grandes gritas, e fizeram muitas festas. A bateria foi-se continuando, até derribarem toda a parede, que de novo tinham feita, e parte do mesmo baluarte, cuja terra, caliça, e pedra, que cahio pera fóra, fez hum entulho tão alto, como o muro, por onde não podiam bater no vivo, e todos os tiros embaçavam. Vendo Coge Çofar aquillo, mandou trazer das aldeias vizinhas muita gente inutil, por quem mandou furtar o entulho por baixo, sem amparo algum, e por força, e ás pancadas os faziam chegar ao trabalho, em que a mór parte pereceo, porque a espingardaria de sima se empregava nelles bem á vontade, sem se perder tiro. Os Turcos, em quanto se isto fazia, não desis-

ſiſtiam da bateria dos outros baluartes, o que não fizeram a ſeu ſalvo, porque do baluarte do mar lhes fizeram ſempre muito damno, porque os varejavam por huma ilharga do exercito, e todavia o baluarte de Gonſalo Falcão ficou tão arrazado, que por ſima ficou deſcuberto todo ſem amparo algum.

CAPITULO VIII.

Do grande, e geral aſſalto, que os Turcos deram á fortaleza: e dos eſpantoſos caſos, que nella acontecêram.

POſtos os baluartes no eſtado em que diſſemos, determináram os Turcos de dar á fortaleza hum geral aſſalto. E hum dia pela manhã ſahíram de ſuas eſtancias com todas as bandeiras deſenroladas, e remettêram com o baluarte de Gaſpar de Souſa, cuidando que daquella feita ſe concluiſſe aquelle negocio. Os Janizaros, que eram os dianteiros, começáram a ſubir pelo entulho com grande determinação, e ſoberba, que ſe lhes quebrou tanto, que os de ſima lhes pudéram chegar, e alcançar com o ferro, com que os cortáram de feição, que muita parte delles tornáram de pernas aſſima feitos pedaços, e abrazados das muitas panellas de polvora, que ſobre elles lançáram. A bateria neſte tempo não ceſſava nas outras par-

partes pera divertirem os noſſos. Gonçalo Falcão andava em ſima do ſeu baluarte, que eſtava todo arrazado, e deſcuberto, mandando-o repairar, e fortificar; e como tinha alli ſeu fim limitado, o tomou hum pelouro de huma bombarda pela cabeça, que logo lhe fez em pedaços. A morte deſte Fidalgo foi muito ſentida de todos, pelas muitas partes que tinha, de conſelho, esforço, e liberalidade, que em todo o tempo pudéra fazer muita falta, quanto mais naquelle, em que tanta neceſſidade tinha de homens daquella qualidade, porque nelles traziam todos os mais os olhos, e elles os faziam ouſados, e confiados. No baluarte de Gaſpar de Souſa foi a referta grande, porque os Turcos hiam ſubindo com grande determinação, huns pelas quebradas das paredes, e outros pelo entulho, até chegarem a experimentar o damno, que em ſima lhes eſtava apparelhado, porque os noſſos aſſim os eſcandalizáram, como aos primeiros.

Os Capitães Turcos vendo aquelle eſtrago, remettêram ao baluarte com todo o poder, lançando os Janizaros armados de armas brancas diante, que envergonhados de verem tantos dos ſeus tornarem do mais alto feitos pedaços, deſeſtimando a morte, a foram buſcar á porfia, travando-ſe huma cruel batalha, em que os do baluarte ſe víram

ram em grande rifco, e aperto. Difto fe deo logo rebate a Antonio da Silveira, que eftava no feu lugar governando, e provendo a tudo; e fabendo o trabalho em que eftavam, mandou todos os que trazia em fua companhia, que acudiffem lá, e o mefmo fizeram dos outros baluartes muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que com hum grande odio, e defejo de vingança fe puzeram ao encontro dos inimigos, começando a cortar por elles fem piedade; mas como eram muitos, não lhes fazia falta os que lhes matavam, porque logo fe tornavam a encher os lugares de outros folgados, renovando-fe o furor, e ira em todos; porque huns por fubir, e outros por lhe defender a fubida, faziam maravilhas, não tanto a falvo dos noffos, que naquelle conflicto lhe não mataffem quatro, e feriffem os mais delles; e antre eftes deram a hum João da Fonfeca, muito bom Cavalleiro, huma efpingardada pelo collo da mão direita, que lhe varou tudo o fangradouro, ficando-lhe o braço dependurado; e como elle eftava com aquelle animo, e furor, não fazendo cafo da ferida, nem lha entendendo os que eftavam detrás delle, porque eftava diante de todos, mudou com muita prefteza huma adarga, que tinha pera aquelle braço, e tomando a efpada com a mão efquerda, fez

com

com ella taes cousas, que se lhe não sentio o defeito do outro braço, que elle trabalhava por encubrir, acudindo de quando em quando com a mão esquerda a levantallo pera sima, porque tinha os ossos quebrados, e com o pezo da adarga lhe cahia ao longo da perna; e nunca esta falta se lhe enxergára, se se lhe não sahíra, e víra o muito sangue, que delle corria, de que estava o chão todo cheio.

E como aquelle lugar, em que pelejavam, não era capaz de mais que de doze, ou treze pessoas, tinham muitos, que estavam de fóra, o olho no que se faria pera o tirarem, e se pôrem em seu lugar. Duarte Mendes de Vasconcellos, que estava detrás delle, vendo-lhe correr tanto sangue, e entendendo quão mal ferido estava, e que só o espirito, e confiança o detinha alli, puxando por elle, lhe pedio se quizesse ir curar, porque assás tinha dado prova de seu muito grande valor, e esforço, porque sería perda muito grande acontecer-lhe algum desastre por dissimular com as feridas, que depois lhe não faltaria tempo, e lugar, em que mostrasse seu valoroso animo. João da Fonseca fez tão pouco caso daquillo, que sem lhe responder, nem fazer mudança alguma, foi continuando na briga com tanto furor, que fez pasmar a todos: certo, que parecia que

quan-

quanto mais ſangue delle ſe vaſava, tanto mais lhe creſciam as forças, e o animo. Duarte Mendes como eſtava deſejoſo daquelle lugar; e todavia era grande mágoa ver hum tão valoroſo mancebo tão arriſcado, por ſe não querer ſahir da batalha, tornou a puxar por elle, e a lhe rogar, que não quizeſſe inſiſtir naquella porfia, ainda que tão honroſa, que ſe foſſe curar, que elle lhe guardaria o lugar até tornar. João da Fonſeca virando o roſto, lhe diſſe: *Pedis-me, Senhor, bem grande ſem-razão; ſe eu tenho eſte braço eſquerdo ſam, e poſſo com elle menear eſta eſpada, como hei de deixar o lugar, em quanto nelle não perder a vida?* E tornando á ſua defensão, não pelejava com furor de homem, que queria defender aquelle lugar, ſenão como quem parecia que ſe queria lançar dalli em meio dos inimigos, pera de mais perto tomar delles vingança do odio que lhes tinha, e ſatisfazer-ſe da dor da ferida. Todavia chegou áquelle tempo Lopo de Souſa Coutinho, que vendo tão honrada porfia, pedio a João da Fonſeca que ſe foſſe curar, porque elle tinha já ganhado tanta honra, que não havia couſa alguma mais que deſejar; e que a maior que tinha havido naquelle cerco, era a muito honroſa inveja, que todos lhe ficavam tendo. João da Fonſeca vendo-

do-se importunado, e tendo respeito a Lopo de Sousa, sahio-se do lugar, em que se metteo Duarte Mendes, que trabalhou tudo o que pode por se não sentir nelle sua falta, fazendo taes cousas elle, e todos, que tinham pasmados os inimigos, em que tinham feito tamanho estrago, que já os mais delles commettiam a subida mais froxamente.

Sentindo isto Antonio da Silveira, (que a todos os momentos era avisado de tudo o que se passava,) mandou a Lopo de Sousa Coutinho, que com a gente que pudesse ajuntar, se descesse á cava pelo baluarte São Thomé, e que fosse por fóra dar nos inimigos, que elle confiava em Deos, que havia de alcançar huma grande vitoria. Lopo de Sousa ajuntou logo trinta e sinco soldados, e por escadas de cordas se lançáram na cava pera aquella parte, que olha pera o mar, donde não podia ser visto dos inimigos, e com huma resoluta determinação, arrebentou pela boca da cava fóra, dando *Sant-Iago* nos Mouros, que estavam ao sopé do muro do baluarte da porta, bem descuidados de tamanha ousadia; e com tão grande estrondo os commetteo, que parecia que dava sobre elles hum grande esquadrão, começando a sentir em suas carnes o ferro dos nossos: e sem o medo lhes deixar ver o pequeno número delles, desampararám o lu-

lugar, e foram fugindo pera as estancias. Os que estavam em sima do entulho commettendo a entrada, tanto que ouvíram em baixo o estrondo, e víram o desarranjo com que os seus fugiam, sem fazerem discurso algum mais, que aquelle que o medo, e desejo de salvarem as vidas lhes representou, sem verem o risco a que se punham, se lançáram dalli abaixo, vindo muitos espetar-se nas lanças dos nossos, e os mais que escapáram foram tão amedrontados, que dentro em suas estancias não perdêram ainda o medo que levavam, ficando o baluarte desapressado. Lopo de Sousa Coutinho tornou-se a recolher á cava sem damno algum, com grande gloria, e honra daquelle feito, e mandou dizer ao Capitão, que lhe parecia bem haver de contínuo guarda naquella cava pera impedirem aos inimigos, que com pequenos assaltos não inquietassem os nossos; porque posto que então lhes fosse necessario commetterem com maior poder, e isto fosse mór perigo, e risco pera os nossos, todavia resultaria hum effeito de muita importancia, que era ficar-lhes então mais tempo pera se fortificarem, e que elle se offerecia pera ficar na cava. O Capitão pondo aquelle negocio em conselho, assentou-se ser muito necessario, e que todos os dias ficasse hum Capitão na cava, e que de noite se reco-

lhe-

lhesse á fortaleza, porque de dia estavam nella seguros, porque era muito alta, e os inimigos não podiam chegar á borda della pera os empecerem, que não fossem logo desbaratados dos de sima do muro. Com esta resolução mandou dizer o Capitão a Lopo de Sousa Coutinho, que lhe agradecia muito aquelle conselho que lhe dera, e que fosse elle o que começasse aquella guarda: com o que Lopo de Sousa se deixou ficar todo aquelle dia com agua, e biscouto, que de sima lhe lançáram, e como anoiteceo se recolheo á fortaleza. Ao outro dia teve outro Capitão a guarda, e assim foram continuando, pondo-se os nossos na boca della, que era mais estreita, e poucos homens podiam defender a entrada, que os nossos tinham sempre occupada com as lanças enrestadas aos quartos. E quando havia alguma cousa, lhe faziam de sima sinal; e daqui lhes sahiam muitas vezes de través, e sempre os escandalizavam, como adiante se verá, de feição, que se refreáram em seus assaltos, e os nossos ficáram tendo mais algum folego, pera se poderem fortificar, e remediar suas necessidades.

CA-

CAPITULO IX.

De algumas cousas notaveis, que acontecêram aos que vigiavam a cava: e de alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de como mináram o baluarte de Gaspar de Sousa.

Continuando-se esta ordem da guarda da cava, succedeo ser hum dia de Simão Furtado, que com oito soldados se poz nella; antre estes se metteo hum moço de dezenove annos, criado de Lopo de Sousa Coutinho, Gallego de nação, e muito pequeno de corpo, mas terrivel, e indiabrado, chamado João; este levava sua espada, e espingarda. Estando assim, deram de sima aviso, que alguns Mouros estavam favorecendo aos trabalhadores, que furtavam o entulho do baluarte; e arrebentando Simão Furtado com os seus companheiros pela cava fóra, deo nos inimigos como hum raio, derribando dos primeiros golpes alguns; os mais cortados do medo fugíram, sem verem o pequeno esquadrão, que os punha em desbarato. O moço João, depois que desparou a espingarda em hum Mouro, arrancou da espada, e remetteo com outro, que era hum façanhoso homem de corpo, com quem apertou tão rijamente, que lhe fez virar

rar as costas, (porque tambem seus companheiros já hiam fugindo.) O moço o foi seguindo ás cutilladas, e assim o perseguio, que com o desatino, que levava do medo, foi tomando o caminho do mar pera a banda do cais da fortaleza, que lhe ficava mais perto que o exercito, e o moço sempre após elle até se metter pela agua, por onde o Mouro se metteo, e entrou tanto por ella, que lhe deo pelo pescoço; e como o Mouro era homem grande, chegou até parte, que o moço lhe não pode chegar, e com a raiva, e desejo que levava de o ferir, mettido na agua quasi até o pescoço, se desfazia em golpes, que cortavam pela agua. De sima do muro foi visto o trabalho em que estava; e conhecendo-o Lopo de Sousa, lhe bradou: *Estocadas, estocadas, João.* O moço conhecendo a voz do amo, encolheo o braço, e lhe atirou algumas estocadas, mettendo-se com a furia tanto pela agua, que perdeo o fundo, e indo-se-lhe os pés, ficou todo mergulhado, (sem largar nunca a espingarda da outra mão, nem a espada.) O Mouro vendo-o submergido, vio-se sobre elle pera o affogar, havendo-o os de sima do baluarte já por perdido; mas elle tornou a surdir assima quasi affogado; e sentindo o Mouro afferrar delle, (não perdendo o animo naquella hora, e trabalhoso transe,) enco-

colheo o braço, e dèo-lhe duas, ou tres estocadas pela barriga. O Mouro com a dor da morte o largou; e o moço, que já tinha tomado pé, lhe deo tantas, até que o acabou de todo. E vendo-se desalivado delle, sahio-se da agua banhado todo no sangue do Mouro, e com a espada em huma mão, e a espingarda na outra, se foi recolhendo pera a cava, seus passos ordinarios, e muito seguro, chovendo sobre elle nuvens de espingardadas, que os Mouros lhe atiravam, sahindo-o a recolher Simão Furtado, que já se tinha apartado dos Mouros, deixando feito nelles grande estrago. O moço foi chamado assima á fortaleza, e Antonio da Silveira o levou nos braços, dizendo-lhe palavras, e gabos de muitos louvores.

Este feito admirou a todos, e assim não lemos, nem ouvimos que acontecesse outro semelhante a Gregos, nem a Romanos; porque fora delles mais celebrado, e em mais volumes, e com mais cópia de palavras amplificado, do que o nós fazemos aos nossos naturaes, como o faz Tito Livio ao seu Corvino, que matou hum Francez em desafio em campo raza, e chã, sendo ajudado de hum corvo, que lhe perseguia o inimigo; mas nós tratamos as cousas singelamente, como succedêram, porque ellas mesmas ficáram sendo o louvor de quem as obra. Este mo-

ço ſe chamou depois João Gil, de alcunha o Pequeno, porque o era, como já diſſemos, e viveo depois muitos annos caſado em Dio, rico, e abaſtado, aonde o nós alcançámos, e communicámos alguns invernos, que invernámos naquella fortaleza, ſendo Viſo-Rey da India o Conde do Redondo: a eſte João Gil ouvimos contar eſtas couſas, e outras deſte cerco.

E tornando ao noſſo fio. Ao outro dia, depois que iſto paſſou, coube a vigia da cava a Manoel de Vaſconcellos, que com trinta homens ſe metteo nella, e de madrugada ſahio aos inimigos, que começavão a acudir á obra do entulho; mas como elles já eſtavam prevenidos, não o pudéram os noſſos fazer tão encubertamente, que não foſſem ſentidos, pelo que os achăram já preſtes, travando-ſe antre elles huma aſpera briga, de que os noſſos ſe recolhêram com maior damno, porque lhe matáram Chriſtovão de Souſa, mancebo Fidalgo de grandes penſamentos, e que promettia de ſi mui grandes eſperanças, que primeiro que o mataſſem vingou bem ſua morte, fazendo maravilhas, como até então tinha feito em todo aquelle cerco. Manoel de Vaſconcellos enfadado do ruim ſucceſſo que teve, negóciou-ſe pera ſe ſatisfazer; e na mór força do dia, eſtando os inimigos deſcuidados, deo ſobre elles, vingan-

gando-se bem da perda passada, e depois de fazer nelles grandes damnos, recolheo-se a seu salvo.

Os Turcos affrontados daquelles assaltos, vendo que não só defendião os Portuguezes a sua fortaleza, mas que ainda lhes hiam dar em seu exercito, determináram de lhe dar ao outro dia hum geral assalto, pera o que se preparáram toda a noite; e em rompendo a manhã, arrebentáram com todo seu poder, e cercáram a fortaleza á roda; mas os Janizaros todos commettêram o baluarte de Gaspar de Sousa com grandes gritas, e estrondos, começando a subir pelo entulho até chegarem aonde os de sima lhe alcançáram, achando nelles a resistencia acostumada, e desenganando-os bem com morte de muitos. Era este dia da guarda da cava de Lopo de Sousa Coutinho, que já de madrugada estava dentro; e sentindo os inimigos dar o assalto, arrebentou pela cava fóra, e deo nos que estavam ao sopé do baluarte, tão de supito, que o não víram, senão depois que sentíram os fios de suas espadas, baralhando-se com os inimigos, fazendo todos os nossos maravilhas. E andando Lopo de Sousa como hum leão, lhe deram huma bombardada do baluarte do mar, (que em todos os assaltos varejava de lá os Mouros,) mas quiz Deos que o tomou em sos-

laio por huma efpadoa , que a foi roçando , e o pelouro paffou adiante , e deo em tres foldados dos feus , de que cahíram mal feridos. Os mais , vendo Lopo de Souſa ferido , e os companheiros , recolhêram-nos com muita preffa pera a cava , e foram alados á fortaleza pera os curarem.

Os Turcos ficáram efte dia bem efcalavrados , e todavia houveram feu confelho de profeguirem a bateria até arrazarem o baluarte , porque os affaltos lhe cuftavam muito , e affim a tornáram a continuar mais quatro dias , mettendo nelles todo o refto da artilheria em todas as eftancias , e defta vez arrazáram todos os apofentos do Capitão , ao que elle acudio logo , mandando fazer por dentro hum novo contra-muro. Ifto pafmava aos inimigos , porque em derribando alguma coufa , ao outro dia a viam repairada , e feita de novo , como fe nunca recebêra damno.

A principal coufa , por que quizeram os Turcos continuar com a bateria mais aquelles quatro dias , foi , porque pertendêram minar nelles o baluarte de Gafpar de Soufa , pera o que tinham preftes as coufas neceffarias ; e ao outro dia de noite trouxeram humas grandes traves , com huns olhos , que as furavam de parte a parte , ao direito huns dos outros , que com muita prefteza encoftá-

tárãm ao baluarte alamborados pera fóra, e logo lhe passáram pelos olhos alguns barrotes, que se fechavam nas pontas por não se affastarem as traves, e por sima dellas pregáram grossos taboões, pera lhe ficarem como mantas, e nos pés fizeram fortes repuxos, porque não corressem pera trás; e pera se segurarem dos que lhes sahiam da cava, lhes entupíram aquella mesma noite a boca com muitas balas de algodão forradas de couros crús.

Feitas as mantas, nesta noite foram logo mettidos muitos officiaes de minas debaixo, pera trabalharem seguros dos tiros de sima, e começáram a pór as mãos á obra com muita presteza. Antonio da Silveira tanto que ao outro dia vio as mantas encostadas ao baluarte, bem entendeo que o minavam, pelo que mandou Gaspar de Sousa, que com setenta homens se mettésse na cava, e désse hum assalto nos inimigos pera os embaraçar; e com elle mandou algumas pessoas, que tinham conhecimento de minas, pera que em quanto durasse a briga, se mettessem dentro nellas, e as medissem, pera saber sua altura, e onde lhe respondiam. Gaspar de Sousa muito alvoroçado, escolheo parentes, e amigos pera aquelle feito, que era muito honroso, ainda que arriscado, e repartio por todos lanças de fo-

go, bombas, panellas de polvora, e saquiteis de couro cheios dellas. E tanto que entrou o quarto d'alva, metteo-se na cava, repartindo pelos companheiros as cousas, que haviam de fazer, pera que se não embaraçassem. A huns deo cuidado de queimarem as ballas de algodão, que entupiam a boca da cava; a outros o reconhecerem as minas; a outros de derribarem, e desfazerem as mantas, e estes todos hiam afforrados, e levavam muitos escravos, e servidores pera os ajudarem; porque em quanto elle pelejava com os Mouros, tivessem elles tempo pera fazerem o que tinham a cargo.

CAPITULO X.

De como Gaspar de Sousa commetteo os inimigos, e os nossos reconhecêram a mina: e do desastre, por que Gaspar de Sousa foi morto: e de como hum soldado morreo de puro medo: e dos assaltos, que os Turcos deram á fortaleza, e de outras cousas.

EStando os nossos na cava prestes pera o assalto, sendo meado o quarto d'alva, tomou Gaspar de Sousa sincoenta escolhidos antre todos, deixando os mais em guarda dos que haviam de reconhecer as minas, e queimar as ballas; e arrebentando por sima do teleixo, que vai de longo do mu-

muro, deo nos inimigos, que estavam nas estancias sobre a cava. E tomando-os descuidados de tal sobresalto, entrou os bastiães, matando logo as vigias, e com tanta pressa, e furia foram passando avante, matando, e derribando nos Mouros, que puzeram todos em fugida, pondo-se com isto todo o exercito em revolta, porque os nossos poucos de tal maneira fizeram nelles hum tão cruel estrago, que parecia que era outro poder tão grande como o seu. Os Portuguezes, que tinham as outras cousas a cargo, tiveram bem de tempo pera as executarem, porque huns arremettêram com as ballas, e rompendo-as por partes, lhes mettêram polvora, e deram fogo, com que começáram a arder; outros entráram nas minas, e as medíram muito á sua vontade; e os outros desfizeram com muita pressa as mantas, com que deram em baixo, e lhes puzeram fogo. Gaspar de Sousa, depois que fez o assalto muito devagar, havendo-se por satisfeito do damno, que tinha feito nos Mouros, e tambem por vir já amanhecendo, foi-se recolhendo, indo já os inimigos recrescendo sobre elle, tendo-lhe sempre o rosto, indo elle detrás dos seus por se não desmandarem.

E como o desarranjo dos soldados da India he mui grande por totalmente carecerem da disciplina militar, e da principal par-

te della, que he a obediencia, deixáram-se ficar tres delles atrás, por fazerem fortes aos inimigos. Gaspar de Sousa tanto que o soube, voltou só pera os recolher, mandando aos seus, que fossem devagar com as espingardas no rosto; e elle chegou a hum portal velho, que fora do antigo muro, onde os seus soldados pelejavam, e já os não achou; porque se tinham recolhido por detrás de hum pedaço de parede. Gaspar de Sousa não os vendo, tornou a voltar, mas achou-se rodeado dos inimigos, que tinham dado a volta á parede após os soldados, que já eram recolhidos, e dando com elle, o commettêram mui determinadamente. Gaspar de Sousa com huma espada, e rodela, com o rosto sempre nos Mouros, que o perseguíram bem, se foi recolhendo o melhor que pode, pelejando valorosamente, havendo por affronta virar-lhes as costas, e quiz antes que o matassem, que verem-no fugir, podendo-o elle fazer com honra sua. Os inimigos cada vez recresciam mais sobre elle, que hia fazendo maravilhas. Do muro bem viam o trabalho em que estava, e o favorecêram com alguns tiros. Os Mouros foram-no apertando de feição, que vendo-se tão perseguido, remetteo com os de diante com tão grande furia, que os fez voltar, derribando alguns, levando-os com aquelle im-

ne-

peló até fóra do portal, sahindo elle com aquelle furor de envolta com elles ao largo. Aqui o rodeáram por todas as partes; mas assim se fazia temer a todos, que não ousando a lhe chegarem, o perseguiam com tiros de arremeço, de que o feríram em algumas partes, e por detrás o acossáram tanto até lhe jarretarem as pernas, e cahir morto, depois de ter feito cousas, que se esperavam de seu valor, e esforço. Isto tudo foi visto do muro com grande mágoa, e dor de todos, por perderem nelle hum dos principaes defensores daquella fortaleza. Os seus soldados não víram isto, porque estavam já na boca da cava ás lançadas com outro tropel de Mouros, que os foram perseguindo.

Morto Gaspar de Sousa, logo lhe cortáram os Turcos a cabeça, os pés, e as mãos, e o tronco do corpo lhe deitáram na praia por se vingarem nisso dos grandes damnos, que delle tinham recebido, porque pelas armas o conheciam já, e por triunfarem desta vitoria, havendo-a pela maior que alli alcançáram, lhe mettêram a cabeça em huma lança, e a leváram arvorada por todo o exercito. E posto que neste recontro se perdesse hum varão tão assinalado, todavia foi hum dos maiores, que os nossos tiveram mais em damno dos inimigos, de que morrêram mais de cento, e lhes desmancháram as mantas,

e queimáram as ballas, em que o fogo andou com muita braveza quatro dias. Antonio da Silveira ſentio em eſtremo a morte de Gaſpar de Souſa; e ſabendo dos que foram reconhecer as minas pela medida dellas, que chegavam já ao meio do baluarte, tomando a medida da altura, mandou logo com muita preſteza fazer outras contraminas com ſeus repairos, e repuxos muito fortes, e por dentro mandou desfazer a mina, e entulhar o lugar por onde hia com huma muito groſſa parede de pedra, e cal, o que tudo ſe fez logo. E mandou recolher o corpo de Gaſpar de Souſa por homens, que a iſſo ſahíram de noite pela couraça, e lhe deram muito honrada ſepultura com muitas lagrimas de todos. Não dizemos a geração deſte Fidalgo, porque a não ſoubemos: ſua morte, (e de todos os outros, que morrêram na guerra, e as enfermidades, e a falta, que ſe começava a ſentir de todas as couſas, e ſobre tudo verem quanto tardava o ſoccorro de Goa, e que das fortalezas de Baçaim, e Chaul os não ſoccorriam com couſa alguma, porque não ouſavam a tirar nada de ſi, que tambem ſe receavam dos Turcos,) e todas eſtas couſas tinham mettido tamanhos medos, e deſconfianças em alguns homens, que andavam como paſmados, principalmente em hum chamado João da Nova, havido por mui-

muito bom soldado, e que sempre o víram pelejar muito bem.

Este havendo a fortaleza por perdida, parece que imaginando na morte, lá lhe correo hum humor frio, e malenconico pelas veias de tal feição, que ficou como homem tonto, e pasmado; e esquecido de tudo sem armas, como homem assombrado, andava pelos baluartes persuadindo a todos, que se entregassem aos Turcos a partido, e que grangeassem as vidas, porque a fortaleza estava em estado, que se não podia defender. Disto zombavam todos, entendendo que aquillo era malenconia, e já o não deixavam entrar nas estancias, do que o triste com grande dor, e tristeza, de lugar em lugar andava solitario, cuidando na agonia da morte; e chegou isto a tanto, que veio a cahir em cama, resfriando-se-lhe de todo o calor natural, e espirito vital; e em poucos dias morreo, entendendo-lhe mui bem os Medicos sua enfermidade, applicando-lhe os remedios necessarios a ella, que eram esforçallo, e animallo, affirmando-lhe que já vinha o Viso-Rey, e que os Turcos se embarcavam, o que nada aproveitou, porque tinha já o mal tomado tamanha posse do coração, que não deixou obrar alguma cousa destas.

Este caso foi ainda mais espantoso, que

o

o daquelle Ditamo soldado d'ElRey Antigono, que sendo muito enfermo, aborrecendo-lhe a vida pelas dores que passava, todas as vezes que entrava nas batalhás, fazia tamanhas façanhas, que espantava a todos, pondo-se sempre na dianteira nos móres riscos, como quem não estimava a vida; pelo que ElRey o veio a estimar tanto, que o mandou curar como sua propria pessoa, e assim foi curado, que veio a sarar de todo, e gostando da saude, assim estimou por ella a vida, que quanto primeiro a arriscava pela enfermidade, tanto depois a poupava, e resguardava; com o que ficou tão acovardado, que publicamente fugia das batalhas, e se regelava de medo todas as vezes que as via romper.

Tornando á nossa historia: Os Túrcos foram continuando sua bateria asperrimamente, fazendo muitas ruinas por mais partes, principalmente no baluarte, que foi de Gaspar de Sousa, que o Capitão deo a hum Cavalleiro muito honrado, chamado Rodrigo de Proença, que era da obrigação de Nuno da Cunha, que trabalhou muito por se não sentir nelle a falta do Capitão passado. Este dia, que foi o derradeiro dos quatro da bateria, acabáram de arrazar este baluarte até o entulho, ficando todo desabrigado, e sem defensão; e os Portuguezes re-

colhidos detrás da derradeira parede, que tinham feita, com o que ficavam só com hum terço do baluarte, e ainda delle derribado muita parte, ficando só da altura de hum homem até os peitos. Os Turcos vendo o baluarte naquelle estado, sahíram de suas estancias com as bandeiras estendidas, e o commettêram, entrando logo em sima, porque se lhe não pode defender, ficando daquella feita senhores das duas partes delle, e antre elles, e os nossos aquella pequena parede, que os Turcos commettêram com grande determinação: mas os nossos lha defendêram mui bem, porque como o que ficava aos Mouros não era capaz de muita gente, quasi pelejavam iguaes: mas tinham muita vantagem nos soccorros, porque em lhes matando hum Mouro, se punham logo outros, o que os nossos não podiam fazer. Aqui fizeram os Portuguezes grande destruição nos inimigos. A refesta foi crescendo muito, e pela fortaleza correo a fama do baluarte estar pelos Turcos, com o que muitos descoraçoáram. Antonio da Silveira não perdendo ponto de seu animo, o mandou soccorrer com gente das outras estancias, provendo-se de armas, e cousas necessarias, animando a tódos com grande segurança, e confiança. E porque isto era já de noite, e os inimigos não deixavam de porfiar sobre

a entrada da parede, que lhe os nossos com grande valor defendiam, sem lhes lembrar repouso, nem quererem dar lugar a outros de refresco, e a escuridão era grande, e o estrondo, e bramidos muitos, mettiam grande medo, e causavam espanto na fortaleza.

E porque alguns se hiam retrahindo do baluarte de medo, e se passavam pera os outros, foi Antonio da Silveira avisado; e receando que aquillo fosse causa de sua perdição, mandou com muita pressa tirar tres, ou quatro degráos antresachados da escada, que hia pera aquelle baluarte, que era de madeira, porque os que fossem fugindo, déssem por elles abaixo de focinhos pera os haver ás mãos, e castigar pera exemplo dos outros, como fez a alguns. Isto lhe foi mui grande remedio, porque de vergonha o deixáram de fazer. Esta noite foi pera todos os da fortaleza de mór trabalho, e confusão, que todas as que houve em todo o decurso do cerco, porque sempre estiveram com as armas nas mãos pelejando com os Turcos, que por huma parte apertavam com os nossos, e pela outra trabalhavam em fazer huns valos naquella parte do baluarte, que lhes ficava pera sua defensão, cavando o entulho pera isso, o que se não fez sem muita perda, e damno seu; porque os nossos como estavam á lerta com a espingardaria não fa-

faltam senão derribar nelles, e com as panellas de polvora abrazallos. Neste trabalho, e conflicto passáram a noite toda.

CAPITULO XI.

De hum novo, admiravel, e nunca visto ardil de fogo, que os nossos inventáram pera se defenderem: e dos assaltos que houve: e do soccorro que chegou de Goa.

AO outro dia tanto que amanheceo, mettêram os Turcos todo o resto por entrarem as paredes; mas achá ram os nossos tão espertos, como se toda a noite repousáram, rebatendo-os com grande valor, e esforço, matando, e ferindo muitos. Foi este commettimento medonho, cruel, e espantoso, porque parecia que se desfazia o Mundo em gritos, prantos, estrondos. E assim com a barbara vozaria dos Turcos, como com os clamores, e misericordias, que as mulheres, e meninos (que acudíram áquella parte) pediam a Deos pelas ruas. Os Turcos apertáram muito com os nossos, e esteve a cousa arriscada a se perder, se Deos (que ainda não queria desamparar aquella fortaleza) não inspirára no coração de hum daquelles homens hum novo fervor, e conselho, que vendo tudo tão perigoso, bradou alto, por fogo, e por lenha; e correndo es-

ta voz pela fortaleza, em muito breve ef- paço acudio aquelle exercito feminino carregado de tudo isto.

E tomando os nossos a lenha, a puzeram sobre a parede que os dividia, que era muito larga, e pondo-lhe fogo, começou a atear com grande estrondo, com o que os Turcos se affastáram pera fóra por não poderem soffrer suas labaredas. Vendo os nossos quanto aquelle remedio aproveitava, mandáram levar muita lenha, com que foram cevando o fogo, e assim com este novo artificio se defendêram doze dias, o que foi unico remedio daquella fortaleza, cujo author merecia não ser esquecido no Mundo, como este foi; porque nem Lopo de Sousa Coutinho, que se achou presente, e escreveo este cerco, nem João de Barros, que tambem o fez separado, nem outros escritores, nem os homens, que se nelle acháram, (que alcançámos muitos a quem o perguntámos,) dam razão do seu nome. E se não foi voz do Ceo, (porque se em todas as cousas da India faltáram milagres, fora tudo acabado,) devia de ser algum homem apagado, e não conhecido, como se este negocio não bastára pera dalli em diante vir a ser honrado, e nomeado no Mundo, em que não faltáram sempre estas miserias, e descuidos; porque daquelles Lacedemonios tão politi-

cos

cos Jemos, que dando no Senado hum homem (que devia de ser tão apagado como este) outro conselho em grande prol, e utilidade daquella Republica, lançando-o fóra, mandáram ao mais honrado daquelles Senadores, que o tornasse a recitar com as mesmas palavras, como se elle fosse o author delle, havendo por vituperio seguirem o conselho de homem de baixa sorte, como se não fora aquillo hum furto manifesto, e encubrir a virtude alheia, que he hum dissimulado vituperar, porque sempre se deve diante dos grandes do Mundo mais premio, e lugar ás virtudes, e ao valor ganhado por proprio braço, que ás herdadas dos avôs, como disse ElRey Antigono áquelle mancebo mal acostumado, que por muito nobre, diante delle queria preceder aos outros. E posto que deva muito a Deos o que nasce nobre, porque nelle resplandecem sempre mais as virtudes, quando são em igual gráo do outro não tão bem nascido, todavia nem por isso devem de deixar de ser louvadas, e engrandecidas neste, como este nosso Portuguez, que deo hum tão proveitoso conselho; e seja quem quer que for, não perderá nesta nossa historia o preço de sua virtude, todas as vezes que lhe ficáram em obrigação de restituição os homens daquelle tempo, que de proposito lho encubríram.

E

E porque nos vem aqui a pelo, não deixaremos de estranhar a desconfiança (a que não sei outro nome) dos Governadores, e Viso-Reys da India, que por não chamarem aos conselhos públicos homens, que não sam Fidalgos, se arriscão muitas vezes a desacreditar; porque muitos Cavalleiros, e homens nobres ha na India, que não foram peior nascidos, que alguns destes Fidalgos, que tem mais experiencia, e discursos nos negocios todos, e que seu parecer póde aproveitar muito ao serviço de Deos, e d'El-Rey; porque, que razão ha pera dar o Fidalgo de quatro dias na India seu voto nas cousas arduas, que se offerecem de Malaca, Maluco, Ceilão, e dos Estreitos, se nunca víram mais que a Armada do Malavar; quando ha Cavalleiros honrados, e velhos, que as víram, e tratáram, e que de tudo podem dar muito boa, e certa informação? E posto que alguns Viso-Reys, como cada dia costumam, os mandem chamar sós pera tomarem seu parecer, o meu sería, que lho não dem, nem lhe respondam a proposito, pois lhe negam o lugar em público, que lhes a idade, esforço, experiencia, e honra tem dado.

Tornando a nosso fio. O fogo foi continuando, e o grande ardor delle fez retirar os Turcos, e largarem o baluarte, man-

dando das estancias atirar ás fogueiras, em que deram muitas bombardadas, que levávam os tições por esses ares, donde tornavam a cahir sobre os Portuguezes, tratando-os mal; mas pela necessidade em que estavam, não sentiam tanto as chagas, nem largavam o lugar, trazendo tanto tento no fogo, que assim como as bombardadas o desfaziam, assim o tornavam logo a renovar. E já se não contentáram de o sustentar em sima da parede, mas ainda o deitáram da banda de fóra pera a parte em que os Turcos estávam, cevando-o de ordinario, pera o que fizeram grandes bicheiros de ferro, com que lhes chegavam a lenha, e desta maneira se foram sustentando, ainda que com muito trabalho.

Antonio de Sousa, Capitão do baluarte do mar, não se descuidava de sua obrigação, antes estava tanto á lerta, que todas as vezes que os inimigos subiam pera o baluarte, empregava nelles toda a munição, porque lhe ficavam em descuberto, fazendo nelles tal estrago, que de escandalizados determináram os Turcos de o commetterem por mar, e ganharem-no, porque depois lhes seria mais facil o negocio da fortaleza. Pera esse commettimento mandáram preparar muitas barcaças, e entre tanto viráram pera elle todos os basiliscos, e canhões da-

quellas estancias que o descubriam, e lhe deram todo hum dia huma espantosa bateria, com que lhe derribáram a parede da couraça, e a serventia da porta, que se logo repairou com muita pressa. E primeiro que commettessem o baluarte do mar, (em quanto durou a bateria, por não estarem aquelle dia ociosos,) determináram de ver se podiam acabar de ganhar o baluarte do fogo, em que já tinham os dous quinhões, e para isso se armáram alguns de armas inteiras com çapatos de ferro, pera pôrem os pés seguramente por sima do fogo, e com mascaras de aço por causa das labaredas, levando outros bicheiros de ferro, que mandáram fazer, como os que os Portuguezes tinham, pera com elles espalharem o fogo. E assim com muito grande determinação commettêram a entrada, deitando muitos artificios de fogo sobre os nossos pera o affastarem da parede, e com os bicheiros começáram a affastar o fogo pera os armados passarem; mas os nossos assim os escandalizáram, que passando pelo fogo, lhe deitáram em sima muita polvora com que abrazáram muitos, começando-se a retrahir, e os bicheiros de parte à parte a laborar, huns espalhando o fogo, outros ajuntando-o, e applicando-lhe cada vez mais lenha, com o que as labaredas eram cada vez maiores.

Mui-

Muitas vezes se encontravam huns bicheiros com os outros, travando-se, e embaraçando-se: e por esta razão huma vez hum homem, chamado João Rodrigues, (homem quasi agigantado, que naquelle negocio dos bicheiros tinha trabalhado mais que todos,) este ganchando o seu bicheiro com outro dos inimigos, em que estavam afferrados quatro, ou sinco, tão fortemente puxou por elle, que os trouxe a todos arrastões, dando com elles sobre a fogueira, de que sahíram bem escaldados.

E por não particularizarmos os casos, que aqui acontecêram, (que foram tantos, e tão grandes, que pera cada hum havia mister hum Capitulo,) dizemos aqui em somma, que este foi o mais bem commettido, e defendido dia até então, fazendo os Portuguezes todos tamanhas cousas, que era espanto; porque alli acudio toda a força da fortaleza, revezando-se na briga, e no trabalho, por assim tomarem mais alento. Antonio da Silveira em pé, junto da escada pera o baluarte, via com seu olho tudo o que se nelle fazia, e os que subiam, e desciam, trazendo homens, que não faziam mais que repartirem munições pelos que pelejavam.

As mulheres não descançavam de acarretar lenha, no que andavam tão prestes, e continuas, que nem de dia, nem de noite

tomavam hum pequeno de descanço. Os Mouros, perdida de todo a confiança, recolhêramse de já não poderem aturar, nem soffrer as muitas cousas, com que os nossos os derribavam. Neste combate morrêram quatro Portuguezes, e ficáram vinte e sinco feridos, em que entráram Francisco de Gouvea, Manoel de Vasconcellos, Duarte Mendes, e Rodrigo de Proença, que lhe deram huma fréchada pela boca, e outros a que não achámos os nomes, a quem nem cansaço, nem as muitas feridas foram parte pera se recolherem, porque alli se mandavam curar, e alli se deixavam ficar. Já neste tempo eram mortos quarenta homens, e estavam sessenta feridos, e faltavam munições, e muitas outras cousas necessarias, pelo que havia grandes desconfianças na fortaleza.

Mas como Deos nas móres necessidades soccorre a seus servos, quando mais atribulados estes seus estavam, chegáram áquella fortaleza os navios, que tinham partido de Goa, de que eram Capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco Mendes de Vasconcellos, Antonio Mendes seu primo, e Martim Pacheco, que depois que deram á vela, sem se deterem em cousa alguma, foram haver vista da outra costa aos vinte e sete de Outubro, e indo demandar Dio ao Sol posto, houveram vista da Armada Turquesca, e

del-

della tambem foram viſtos; mas como já hia eſcurecendo, e os Turcos não puderam diviſar bem quantos navios eram, e tinham por novas, que o Viſo-Rey ficava pera partir, houve o Baxá que ſeriam aquelles navios da ſua dianteira, pelo que ſe começou a preparar, e toda a noite eſteve com grande temor, e vigia.

Os Capitães dos navios tanto que anoiteceo, tomando o remo em punho, foramſe deſviando da Armada, e entráram em Dio muito a ſeu ſalvo. Da couraça grande foram viſtos, e perguntando que navios eram, deram-ſe a conhecer, pelo que com grande alvoroço deram recado ao Capitão, que acudio a recebellos, mandando-lhes abrir a porta da couraça pequena por onde entráram, e foram levados nos braços de todos com grandes feſtas, e alegrias. Antonio da Silveira ſem ſe apartar dalli, mandou recolher dentro todas as munições, e mantimentos que traziam, e alguma artilheria miuda, e eſcrevendo huma breve carta ao Viſo-Rey, em que lhe pedia o ſoccorreſſe em todo caſo com a mór brevidade que pudeſſe, tornou a deſpedir os navios entregues a ſeus mercadões, porque não viſſem os inimigos pela manhã o pequeno ſoccorro que lhes viera. E pera os mais embaraçar, mandou de madrugada embandeirar a fortaleza, e fazer

zer muitas folías, como homens contentes, e alegres, e que tinham já o soccórro dentro. Os Turcos ao outro dia pela manhã vendo aquellas mostras, entendendo que era soccorro que lhes viera, e não vendo no rio navios alguns, tendo de noite vistos aquelles; ficáram embaraçados, havendo que a cópia dos navios era maior do que de noite enxergáram, e que depois de lançarem gente dentro na fortaleza, se tornáram a partir. Com esta mágoa ficáram por então sem saberem o que era.

CAPITULO XII.

De como D. Duarte de Lima chegou com as novas de Dio ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha: e das Armadas que despedio em seu soccorro: e do grande assalto que os Turcos deram ao baluarte do mar.

DOm Duarte de Lima deo-se tanta pressa no caminho, que em poucos dias chegou a Goa, e deo ao Viso-Rey as cartas de Antonio da Silveira, e o informou do que víra, e do estado em que a fortaleza de Dio ficava, pelo que com muita pressa despedio Antonio da Silva com quarenta navios ligeiros, com regimento, que visse se se podia metter em Dio sem risco algum, e que quando não, de noite se puzesse á vis-

ta da Armada do Turco, e lhe fizesse grandes carrancas de bombardadas, e fuzís, porque cuidassem que era a sua dianteira, com o que poderia ser se recolhessem, e que de tudo o que succedesse o avisasse por hum navio muito ligeiro, e que de Chaul até Goa teria navios por paragens, pera que em poucos dias tivesse rebate. Antonio da Silva se fez á véla, e dos Capitães que o acompanháram, só de poucos achámos os nomes; mas porque de todo se não esqueçam, diremos os dos que vieram á nossa noticia. D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, D. Martinho de Sousa, Dom Duarte de Lima, o que veio de Dio, Fernão de Moraes, Antonio Fernandes de Siqueira, Mattheus Pereira, Gaspar Moniz, Francisco Martins, Jeronymo de Figueiredo, Alvaro de Siqueira, Francisco de Siqueira o Malavar, e outros. Em algumas lembranças achámos, que D. Manoel de Lima foi em alguns navios diante, mas não sabemos o que lhe succedeo.

Seguindo Antonio da Silva sua jornada, de Chaul despedio Francisco de Siqueira o Malavar, por ser muito ligeiro o seu navio, e elle grande homem do mar, pera que fosse entrar em Dio, e por elle escreveo huma carta a Antonio da Silveira de sua ida, pedindo-lhe o avisasse do modo, o como, e

e quando poderia entrar naquella fortaleza, encommendando ao Siqueira notasse muito bem a Armada. O Viso-Rey tanto que despedio esta Armada, o fez logo a outros vinte e quatro navios de remo, de que fez Capitão mór Jorge de Lima, com regimento, que se estendesse com elles dos Ilheios queimados até Chaul, pera lhe mandar todos os dias recado da Armada dos inimigos. Nestes navios cuido eu que foi D. Manoel de Lima, e que Jorge de Lima o apartou com sete, ou oito navios pera andar de Chaul até Baçaim; e elle com os mais se estendeo de Chaul até os Ilheos queimados, tendo de dous em dous em paragens.

Partidos estes navios, despachou o Viso-Rey as náos do Reyno pera irem a Cochim tomar a carga, que eram quatro, as mais pequenas, e velhas, porque as outras de maior porte tinha mettidas na sua Armada, que eram as principaes forças della. Nuno da Cunha (segundo nos disse hum Fidalgo bem honrado) se offereceo ao Viso-Rey pera o acompanhar na jornada, de que elle o escusou, porque queria toda a honra pera si; o que visto por Nuno da Cunha, lhe pedio huma náo boa pera se embarcar, porque o tinha assim promettido a seu pai Tristão da Cunha, que lhe elle negou, dizendo, que quando lhe fizera aquelles cumprimentos,

não

não estava cercado de Turcos, como então se via. Sobre isto tiveram algumas razões, de que Nuno da Cunha ficou desgostoso, e se embarcou pera Cochim, aonde se negociou pera o Reyno; e das náos, que estavam á carga, escolheo huma, que era de Vicente Gil, pequena, mas mui boa de manhas. E porque adiante havemos de tratar de sua viagem, o deixamos até lhe caber seu lugar, porque he necessario tornarmos a Dio, que está em aperto.

Os Turcos, depois de entrado o soccorro que dissemos, não deixáram de continuar com a bateria do baluarte do mar, até lhe acabarem de arrazar a couraça. Ao outro dia seguinte, que foram vinte e nove do mez, em que tinham determinado de lhe dar o assalto, arrebentáram da Cidade com sincoenta embarcações, em que hiam perto de mil e quinhentos Turcos, cujo Capitão era Mamede Can, e com grandes estrondos de tambores, trombetas, e outros instrumentos barbaros remettêram com o baluarte pela parte da couraça, que olha pera dentro do rio. Antonio de Sousa vendo aquillo, preparou-se o melhor que pode, acudindo áquella parte com trinta companheiros, que tinha mui animosos, e todos com grandes desejos de mostrarem já aos inimigos a vontade que lhes tinham, repartindo-se pelas partes mais necessarias

cessarias com muitas lanças de fogo, panellas de polvora, e outros instrumentos mortaes. Da fortaleza grande foi visto passar aquella frota contra o baluarte; e como lhe passava perto, e a geito, desparáram nella muitas bombardadas, que deram em meio dos navios, mettendo-lhes no fundo duas barcaças, e matando-lhes nas outras muita gente. A Armada passou avante até pôr a prôa no baluarte, que de maré vasia fazia naquella parte hum releixo, que tambem estava entulhado até sima com a caliça, e pedra da parede, que com a importuna bateria foi derribada naquella parte. Este lugar sería capaz de duzentos homens, que logo saltáram nelle, commettendo a subida do baluarte, que lhe era muito facil na opinião, mas muito difficultosa na obra dos nossos. Das barcaças atiráram muitas bombardadas pera despejarem aquelle lugar, que estava roto, e desabrigado, por onde subíram alguns em sima; mas os nossos, que ficavam com elles já amparados, arrebentáram como trovões com as lanças de fogo accezas, e aos primeiros botes deram com os Turcos em baixo bem queimados, e escalavrados, sendo Antonio de Sousá o dianteiro, que com o seu grande animo pelejava, e esforçava aos seus, que assim trabalhavam de o satisfazer, que já se não contentavam de lan-

çar os inimigos fóra de sua casa, senão ainda desejavam de se baldearem com elles em baixo, pera satisfazerem nelles sua ira. Os Turcos affrontados do successo, tornáram a commetter a subida, accendendo-se mais a furia da batalha, não cessando a bateria das barcaças, que nos nossos fez muito damno, porque pelejavam descubertos, e não se queriam recolher pera dentro, e assim os Turcos tornáram a cavalgar em sima do baluarte; mas Antonio de Sousa affrontado daquelle negocio, remetteo com os seus soldados, que andavam como leões raivosos, e a pezar dos Mouros, com grandes estragos os tornáram a lançar em baixo, e após elles muitas panellas de polvora, de que abrazados se recolhêram ás embarcações mais depressa do que elles saltáram em terra; e tomando o remo em punho, se foram affastando, porque começáram a chover sobre elles bombardadas, e espingardadas, assim do baluarte, como da fortaleza grande; com o que lhe matáram muitos.

Os Turcos, sendo já affastados, e em parte, que lhes não chegavam os tiros, tornáram a cuidar quão grande vergonha, e affronta era fugirem de tão poucos homens, sendo elles tantos, e os mais escolhidos em todo o exercito; e voltando outra vez com a furia, que lhes fazia levar tamanha affron-

ta

ta pera a ſatisfação della, com determinação de ou morrerem todos, ou ganharem aquelle baluarte; e deſembarcando outra vez nelle, commettêram a ſubida como deſeſperados; mas os valoroſos ſoldados com as lanças de fogo de refreſco, ſe mettêram no meio delles, e de tal maneira os abrazáram, e eſcaldáram, que tornáram a dar com elles em baixo, tão eſcandalizados, e tão maltratados, que determináram de ſe tornarem antes com ſua mágoa, que experimentarem outra vez o ferro, e braço Portuguez. E aſſim ſe embarcáram mui apreſſadamente, dando-lhes da fortaleza grandes apupadas pera os envergonharem; mas o medo que levavam era tal, que não curáram de mais, que de ſalvar as vidas.

E ſendo já de fronte da Cidade, fóra de medo, tornou Mamede Can a cahir em quão affrontado ficava daquelle negocio, que lhe tanto foi encommendado, e que lhe baſtava pera o damnar com o Turco, com quem eſtava muito bem acreditado; e correndo as embarcações todas, fez a todos huma breve falla, em que lhes lembrava as obrigações, que tinham por Janizaros da guarda do Grão Senhor, e que aquella affronta ficava ſendo em vituperio de ſua nação; porque, que razão haviam elles de dar a fugirem a menos de trinta homens, ſendo elles tantos, e tão

eſ-

escolhidos? que lhes pedia tornassem por sua honra, porque era muito melhor morrerem, que viverem tão affrontosamente; e com isto os fez voltar. Chegados outra vez ao baluarte com nova soberba, e furor, querendo-o commetter, quiz Deos guiar hum pelouro de hum berço pera o Mamede Can, que o tomou pelos peitos, e o derribou logo mortal. Os seus, que hiam mais por vergonha que por honra, tornáram a voltar com grande pressa, não querendo experimentar terceira vez a ira dos nossos, indo após elles muitos pelouros de bombardadas, que da fortaleza lhes atiráram, dando-lhes outras gritas, e apupadas; e assim se recolhêram á Cidade com muitos mortos, e feridos.

E porque das barcaças, que se arrombáram com as bombardadas, andavam alguns Mouros sobre a agua, que não pudéram tomar as embarcações por causa da corrente da maré, mandou Antonio da Silveira alguns homens em huma almadía, pera que lhe tomassem alguns vivos, pera delles saber alguns avisos: estes soldados matáram todos os que acháram no mar, recolhendo só dous. Antonio de Sousa, tanto que os Mouros se recolhêram, mandou os mortos á fortaleza pera os enterrarem, e aos feridos pera os curarem; e antre estes hia hum Fernão Penteado, homem nobre, e muito bom Caval-

lei-

leiro, que hia ferido na cabeça, e Antonio Manhoz com hum braço quebrado, e Fernão Correia com outras feridas, que todos pelejáram muito valoroſamente.

CAPITULO XIII.

Do grande, e perigoſo aſſalto, que os Turcos deram ao baluarte do fogo: e de hum honroſo, e eſpantoſo feito, que fez Fernão Penteado: e de outro muito notavel, e gracioſo, que fez huma daquellas mulheres: e da morte que os moços da fortaleza deram a hum eſcravo, por huma palavra que diſſe em favor dos Mouros.

COm o ruim ſucceſſo do baluarte do mar, ficáram os Turcos mui quebrantados, e cheios de ira; e querendo-ſe vingar de tantas affrontas, tanto que as embarcações ſe recolhêram, ſahíram de ſeus exercitos com todo o poder, ſuas bandeiras deſenroladas, e com grande eſtrondo de inſtrumentos, e gritas, remettêram com o baluarte do fogo, por onde ſubíram com grandes terremotos, pondo-ſe os que couberam nas duas partes, que eſtavam por elles, e á porfia commettêram as paredes, em que os noſſos já os eſperavam com as forças tão inteiras, como ſe nunca tiveram trabalhado; acudindo huns ás fogueiras, deitando-lhes le-

lenha, e ſuſtentando-lha com os ſeus bicheiros; outros com ſuas armas, e eſpingardas, com que empeciam bem aos inimigos; e outros com panellas de polvora. Os inimigos pela meſma maneira, huns ſe occupavam em eſpalhar o fogo, outros em pelejarem ás eſpingardadas, e em fim todos de huma, e outra parte em trabalharem: huns por ganhar aquellas paredes; outros pelas não perderem, ſobre o que ſe baralhou a couſa de feição, que tudo o que ſe via, e ouvia eram coriſcos, e labaredas, e incendios, vozes, bramidos, e tudo o mais huma repreſentação do inferno.

Antonio da Silveira eſtava em ſeu lugar provendo tudo, mandando reforçar o baluarte com mais gente, acudindo alli aquelles Capitães, que chegáram de Goa de refreſco, tomando os lugares mais perigoſos, obrando todos couſas dignas do valor Portuguez. E tudo foi neceſſario, porque os Turcos pelejavam com deſeſperação, apoſtados todos a morrerem daquella feita, ou concluirem com aquella fortaleza; e aſſim ſe mettiam pelo fogo como barbaros, ſem ordem, nem conſideração, o que tudo era muito differente nos Portuguezes, que pelejavam com muita confiança, ſegurança, e ordem; porque com ſerem tão poucos, aſſim eſtavam repartidos por ſeus lugares, que nem

os

os que pelejavam com as espingardas embaraçavam aos das panellas de polvora, nem os dos bicheiros tinham quem os estorvasse; e assim faziam cousas tão grandes, e admiraveis, que em pouco espaço puzeram os inimigos em desconfiança, porque lhes tinham tantos mortos, e abrazados, que os vivos lhes era necessario pera pelejarem por sima dos que estavam estirados, acabando-os de matar. Aqui foi a revolta tamanha, que parecia que se entrava a fortaleza; e o reboliço por ella foi tal, que chegou esta voz a casa de Fernão Lourenço, marido daquella boa Anna Fernandes, que estava curando os feridos, que áquella hora chegáram do baluarte do mar; e sendo ouvido por Fernão Penteado, (que estava aguardando que se acabasse de curar outro pera o elle fazer tambem,) e perguntando o que era, dizendo-lhe que se entrava o baluarte, não lhe soffrendo o coração, e animo Portuguez estar alli, sahio-se pela porta fóra com huma alabarda nas mãos, e subindo ao baluarte, passou com grande furia por todos, até se pôr no lugar da batalha, em que começou a fazer maravilhas, apresentando-se no maior perigo, até que lhe deram outra cutilada pela cabeça, que o obrigou a ir buscar o remedio pera ambas. Chegando a casa do Cirurgião, achou-o occupado na cura

ra de outros homens, porque não tinha hora vaga; e como o negocio do baluarte esteve desta vez mui arriscado, e nelle cresciam os gritos, e alaridos cada vez mais, e pelas ruas andavam correndo mulheres, e meninos, pedindo misericordia a Deos com grandes gritos, e prantos; dando isto outra vez nos ouvidos de Fernão Penteado, affirmando-se, que o baluarte era perdido, (fervendo-lhe o coração no peito, porque estava alli ocioso, havendo que o lugar da briga era o mais seguro, e descançado,) sem esperar pela cura, tornou a lançar pela porta fóra, e entrando no baluarte, passou ao lugar da briga, que estava no mais arriscado ponto em que se nunca vio, (por terem os Turcos espalhado o fogo, e já pelejavam sobre a entrada da parede,) e como senão tivera cousa alguma, começou a pelejar como hum leão por hum grande espaço, até que a fortuna invejosa do valor de seu braço, ordenou, que lhe déssem por elle huma lançada, que de todo o inhabilitou pera mover as armas; e sendo-lhe necessario recolher-se, o fez com muita tristeza, e mágoa de seu coração, por ser a ferida por parte, que não podia tomar della satisfação; e foi demandar a casa do mestre, onde se curou de tres feridas, que eram todas bem perigosas, de que sarou. Mas o

que o ferro, e o fogo não pudéram acabar, o fez a agua; porque depois deste cerco passado, morreo este valoroso soldado affogado em huma fusta, que se perdeo. E posto que não chegou a ter satisfação de seus merecimentos, dar-lha-hemos nós nesta nossa historia, com o deixarmos conhecido ao Mundo, em quanto elle durar; porque estes são os galardões, que os varões famosos mais pertendêram que todos, que os Filosofos antigos houveram pelos maiores premios, que a virtude podia ter, como sentia Bruto, escrevendo a Cicero, dizendo assim: » Que » cousa ha melhor, que a memoria dos bons » feitos, posto que os illustres animos não » vão tanto apôs os premios, e louvores, » quanto apôs a virtude; porque ainda que » muitos por sua grandeza de animo não » procurassem gloria, nem por isso deixá- » ram de a alcançar, porque depois lhes veio » com maior vontade: e bem se sabe, que » nenhuma virtude recebe tantos louvores, » como a Fortaleza. »

E tornando a nosso fio. A briga no baluarte hia crescendo cada vez mais, com grandes damnos de parte a parte; mas da dos inimigos foi o estrago tamanho, que não o podendo soffrer, se lançáram do baluarte abaixo, pasmados do que víram, deixando aquelle lugar entulhado dos corpos dos seus

mor-

mortos, levando a mór parte dos que escapáram bem grandes sinaes das mãos dos nossos, de que não morrêram mais de dous, ficando porém quarenta mal feridos. Já neste tempo não havia mais de duzentos e setenta homens sãos pera poderem pelejar, porque sincoenta eram já mortos, e havia mais de setenta feridos, e aleijados, e sobre tudo isto havia já falta de polvora, de espingarda, e de chumbo.

Passado o combate, (porque até então não houvera tempo,) mandou Antonio da Silveira levar diante de si dous Turcos, que foram tomados no mar, de quem soube tudo o que quiz; e lhe affirmáram, que no exercito havia grande medo da Armada do Viso-Rey, e que eram mortos na guerra quasi oitocentos homens, e que passavam de mil os feridos, e que o Baxá determinava de metter todo o resto por ganhar aquella fortaleza, primeiro que o Viso-Rey chegasse. O Capitão depois de informado de tudo, entregou os Turcos a certas pessoas, pera que de noite lhes fossem dar fundo no mar, e foram por entre tanto recolhidos em humas casas.

Pela fortaleza se divulgou logo tudo o que os Turcos disséram, e que o Baxá não se havia de alevantar de sobre a fortaleza sem a tomar. Isto foi sabido pelas mulheres, que

 an-

andavam ao trabalho; e passando huma dellas pela porta das casas, em que estavam os Turcos, (e foi a tempo, que de dentro sahia hum soldado,) e perguntando-lhe ella pelos Turcos, e pelo que o Capitão mandava fazer delles, lhe respondeo o soldado zombando, pela sentir com paixão: Que os Turcos estavam dentro, e que o Capitão os mandava soltar livremente. Ella ouvindo aquillo, cheia de ira, e de paixão, entrou pela porta dentro como douda, e encontrou Francisco de Gouvea, que estava todo abrazado em vivo fogo, (porque foi hum dos homens que neste dia, e em todos se abalizou bem, não se sahindo do baluarte, senão queimado dos pés, mãos, rosto, e de todo o mais corpo, ficando tal, e tão desfigurado, que o não conheciam.) E neste estado, que pudéra achar piedade na mais deshumana féra, que no Mundo houvera, a não achou nesta mulher, que com a furia que levava, cuidando que era hum dos Turcos, alevantando huma gamela que trazia nas mãos, remetteo com elle pera lhe dar com ella na cabeça, dizendo: *Ah perro inimigo, e vivo has tu de tornar daqui? Sabe que ás minhas mãos has de morrer, tu, e essoutro perro como tu.* E querendo descarregar o golpe, elle se lhe affastou o melhor que pode, dizendo-lhe, que na outra casa de-

de dentro tinha os Turcos. Ella cuidando todavia que elle era hum delles, e que a enganava, tornando a remetter a elle pera lhe dar, lhe disse: *Ah cão, queres-me enganar? Olhai como espivita o Portuguez, pois sabe que nada te ha de valer, que te hei de fender esta gamela nessa cabeça*; e sempre lhe dera com ella, segundo Francisco de Gouvea estava fraco, se áquelle tempo não acudíram alguns homens, que lho tiráram das mãos, dizendo-lhe quem era. Ella vendo aquillo, com a mesma paixão com que estava, se sahio pela porta fóra, e ajuntando muitas das companheiras, se foi ao Capitão, e com aquella furia, e colera com que estava contra os Turcos, lhe disse: *Como mandais vós, Senhor, dar vida a huns inimigos, que tanto tem trabalhado por nos beber o sangue? Se tal he verdade, eu, e estas minhas companheiras, que neste cerco temos tamanho quinhão, como todos os homens, o não havemos de consentir, antes os havemos de espedaçar com nossas mãos, por isso mandai que no-los entreguem.* O Capitão pasmado de ver aquelle animo, ira, e furor em peitos fracos, e medrosos per natureza, havendo que até a ella tinha em seu favor, muito alegre, e rizonho lhes respondeo, que se quietassem, porque elles não ficariam com vida, e que

já

já tinha mandado, que os lançassem no mar.

Que mais espantoso caso se vio, que este nestas nossas Portuguezas? Por estas com muita razão se póde dizer, o que disse aquella Lacedemonia á outra Espartana, chamando-lhe mulher; que era verdade que as Lacedemonias sós mereciam esse nome, pois ellas sós pariam homens. Quanto mais honrada paixão foi esta, que a daquellas Romanas, que foram convocadas pela mãi do moço Papyrio, que por não descubrir o segredo do Senado á mãi, que apertava com elle que lho dissesse, lhe disse, que se tratára aquelle dia se casariam os homens com duas pera a multiplicação da geração, e que ficára por determinar. Do que indignada a mãi, ajuntando as outras Matronas, entráram no Senado com grandes clamores, e brados, dizendo aos Senadores, que quando aquillo houvesse de ser, que antes ordenassem, que as Romanas tivessem dous maridos.

Outro caso semelhante ao passado de ira, e paixão, aconteceo aos moços da fortaleza, que tambem andavam acarretando cousas pera os repairos, e fortificações, não se escusando cativo, nem livre de dez annos pera sima. Quiz a má fortuna de hum daquelles escravos, que dissesse hum dia: *Se*

es-

estes Turcos foram homens, e souberam o estado, em que esta fortaleza está, já a houveram de ter tomada. Os moços Portuguezes em ouvindo isto, dando-lhes a ira, e a paixão, largando os cestos, remetêram a elle, levando-o logo nos ares pera o matar; e assim chegáram aonde estava o Capitão, a quem contáram o caso, requerendo-lhe, que logo o mandasse justiçar, pois tivera tamanho atrevimento, e pera que outro não fosse ousado a fallar, nem imaginar outra semelhante cousa. O Capitão espantado de ver naquella tenra idade hum zelo tão honroso, louvou-lho muito, e lhes disse, que se recolhessem, e lhes deixassem o moço, que elle o mandaria castigar. Os moços descontentes daquella resposta, como hiam cegos da paixão, sem fazerem discurso, nem consideração, todos a hum tempo remettêram ao escravo com páos, e pedras, e em breve espaço o desfizeram em pedaços, sem o Capitão lhe poder valer; e tomando o corpo nos ares, o leváram com grandes gritas á couraça, e o lançáram no mar. Este caso admirou a todos, mas tambem os encheo de alegria, por verem que até nos meninos crescia o animo, e furor contra os Turcos, o que lhes dava bom agouro, porque haviam que todas aquellas cousas eram movidas por Deos, que os queria ani-

animar, esforçar, e dar confiança neſtes trabalhos.

Pouco depois chegou Franciſco de Siqueira o Malavar, que Antonio da Silva mandou com a carta ao Capitão, que ſe alegrou muito por ſaber que tinha o ſoccorro tão perto, e logo o tornou a deſpedir, eſcrevendo-lhe, que de noite commetteſſe a entrada, e que Franciſco de Siqueira o guiaria, ficando alli dez, ou doze homens que hiam no catur, que na meſma noite ſe tornou a ſahir pera fóra.

DECADA QUINTA.

LIVRO V.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Do ardil de que os Turcos uſáram pera verem ſe podiam tomar os da fortaleza deſcuidados: e do grande, e geral aſſalto que lhes deram: e dos raros, e eſpantoſos caſos que nelle acontecêram.

VENDO os Turcos que por força não podiam entrar a fortaleza, e que todas as vezes que a commettiam lhes cuſtava muito, determináram de ver ſe por ardil podiam fazer alguma couſa, que lhes foſſe de mais effeito. E aſſim deitáram logo fama, que ſe embarcavam, por haver novas do Viſo-Rey; e de dia ſe começáram a recolher ás galés, pera verem ſe os noſſos ſe deſcuidavam pera tornarem a voltar, e commet-

metterem a fortaléza com maior força. Antonio da Silveira vendo a preſſa com que os Turcos ſe embarcavam, entendeo-lhes logo ſeu deſenho, e naquelle pouco tempo, que lhe davam de folego, mandou reformar os lugares mais perigoſos, pondo mais aſtucia, e diligencia no do fogo, mandando accreſcentar a parede, que cortava o baluarte, e pôr nella todos os petrechos neceſſarios pera o aſſalto, porque tiveſſem os ſoldados tudo á mão. E aſſim mandou acarretar muitas traves das caſas pera as fogueiras, de que nunca levâram mão, e a artilheria do baluarte S. Thomé mandou apontar pera eſte, na parte por onde os Turcos haviam de ſubir. E a Antonio de Souſa, Capitão do baluarte do mar, mandou recado, pera que eſtiveſſe ſobre aviſo. Os Turcos depois de embarcados, ſe affaſtáram as galés pera fóra, como que ſe queriam fazer á véla; e tanto que a noite eſcureceo, (porque eſtava a Lua em conjunção de quarteirão da creſcente, que dava claridade até meia noite,) tornáram-ſe pera a terra, onde deſembarcáram, e ſe paſſáram á Ilha, mettendo-ſe em ſeus exercitos em muito ſilencio. Alli ſe preparáram pera o aſſalto, que havia de ſer de madrugada, por eſta maneira.

Tres mil Turcos repartidos em tres bandeiras. A primeira de Icuf Amed; a ſegunda

da de Beran Baxá; a terceira de Baxá Mamede, que haviam de commetter o baluarte do fogo; e Coge Çofar com os mais Capitães de Cambaya com a gente Gusarata, haviam de commetter as mais estancias á roda, pera divertirem os nossos.

Estando prestes nesta ordem, hum pouco antes de romper a manhã, arrebentáram de suas estancias, e com huma barbara confusão, e borborinho remettêram com o baluarte do fogo, e com as casas do Capitão, arvorando logo nellas muitas escadas, por onde começáram a subir com grande determinação.

Os Portuguezes, que estavam álerta, acudíram com muitas panellas de polvora, que lançáram sobre os inimigos, pera com as labaredas verem as partes por onde commettiam, que muito claramente víram, e notáram. A parte que foi commettida com mais instancia, e em que os Turcos arvoráram mais escadas, foi no muro que corria do baluarte do fogo pera o de S. Thomé, em que havia tres, ou quatro partes derribadas, e abertas da bateria.

E pela mesma maneira se arvoráram outras escadas no muro, que corria por baixo dos aposentos do Capitão, porque determináram de lhe entrar pelas janellas, e varandas. Antonio da Silveira, que de tudo

do foi avisado, mandou Gonsalo Vaz Coutinho, e Antonio Mendes de Vasconcellos, que acudissem ao muro antre os baluartes; e a Francisco Mendes de Vasconcellos, e Manoel de Vasconcellos mandou, que se fossem metter nos seus aposentos com a gente de suas obrigações; e das outras estancias mandou vir todos os soldados pera aquellas duas partes, que eram as mais perigosas. Os Capitães Turcos commettêram cada hum sua parte; Icuf Amede, que levava huma formosa bandeira branca, e vermelha, começou a subir pelo baluarte do fogo, arvorando logo o seu Alferes a bandeira sobre elle, enchendo-se aquelles dous terços do baluarte dos mais escolhidos delles, que commettêram as paredes com grande determinação.

Rodrigo de Proença, que estava prestes pera os receber, acompanhado da melhor gente da fortaleza acudio alli; e vendo os inimigos apinhoados, e soffregos pelas cavalgarem, deitáram em meio delles muitas panellas de polvora, que os abrazou a todos, fazendo-os affastar. E sendo-lhes máo de soffrer aos nossos soldados, verem o estendarte Turco arvorado no seu baluarte, como senhor delle, crescendo-lhes o furor, arrebentáram perto de trinta, e deram comsigo das paredes abaixo no meio dos inimigos,

gos, como leões famintos, que desejavam dos comerem aos bocados, começando a matar, e ferir nelles cruelissimamente; e chegando hum delles ao Alferes Turco, o matou, dando com a bandeira pelo chão. Os Janizaros vendo aquella affronta, afferrando della, a tornáram a arvorar; mas o mesmo soldado, que era valoroso (a que tambem não achámos o nome) tornou a endireitar com elles ás cutiladas, ferindo muitos, e trabalhou por chegar outra vez á bandeira, porque se não jactassem, que a tiveram levantada naquelle lugar sem lhes custar muito. Aqui cresceo a referta, porque todos se baralháram huns com os outros, e quasi que chegáram ás punhadas, por ser o lugar pequeno, e os inimigos muitos; e tanto apertáram os Portuguezes com elles, que com morte de muitos os lançáram do baluarte em baixo, abatendo-lhes a bandeira a seu pezar. Mas como os contrarios eram muitos, e todos os daquella primeira batalha estavam ao pé daquelle baluarte, tornáram logo a subir outros de refresco, que acháram os nossos tão encarniçados, que lhes não dava cousa alguma de subirem todos. Alli se travou huma muito cruel, e desigual batalha, em que os deixaremos, porque he necessario continuarmos com as outras estancias.

A

A ſegunda batalha, de que era Capitão Beran Baxá, que hia arvorar ſuas eſcadas nos apoſentos do Capitão, achou já tal defensão, e guarda, que com a eſpingardaria lhes derribáram muitos; e tanto que huns cahiam com as eſcadas, chegavam logo outros pera as levantarem, que hiam pelo meſmo caminho. E tal manha tiveram os noſſos neſte jogo, que em quanto huns deſparavam, outros carregavam, porque não ficaſſe momento vaſio aos das eſcadas pera chegarem com ellas ao muro, ſobre o que morrêram tantos, que houveram por ſeu partido largarem-nas, e deſiſtirem daquelle lugar, e aſſim voltáram pera ſe ajuntarem com os que pelejavam no baluarte do fogo. Aqui ſe accendeo mais a crueza; porque os Mouros como deſeſperados, punham todas ſuas forças em ſe ſenhorearem de todo daquelle baluarte, os Portuguezes o meſmo pelo defenderem, porque niſſo eſtava a ſalvação da fortaleza, e aſſim retiniam os golpes, accendiam as chammas, atroavam os gritos, e bramidos de tal maneira, que tudo era huma confusão.

Coge Çofar andava com treze mil homens do ſeu terço, favorecendo os que ſubiam, franqueando-lhes as eſtancias com tantas nuvens de fréchas, que eſcureciam o Sol, que já começava a naſcer.

E

E certo, que bem se podia dizer naquella hora pelos nossos, o que respondeo Leonides aos seus, commettendo os Parthos: (dizendo-lhes que as fréchas eram tantas, que encubriam o Sol) Pois, filhos, que máo he, disse elle, que pelejemos á sombra dellas? Os Turcos estavam taes, que não receavam a morte a troco de se satisfazerem das quebras passadas; mas cada vez se achavam mais embaraçados, porque parecia que de seu furor, e bravêza nasciam aos nossos novas forças pera lhes resistirem.

O damno de ambas as partes era grande; porque ainda que da dos Portuguezes era muito menos, sentia-se tanto mais conforme a quantidade, porque tanta falta lhes fazia hum, como aos Mouros cento: porque no lugar que cahia, entravam outros dobrados; e no que cahia da parte dos Portuguezes, não podia entrar mais que outro, assim pela estreiteza do lugar, como pelos poucos que já havia. E chegou a cousa aqui a tanto, que mandou o Capitão a Gonsalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Vaz Pacheco, Antonio Mendes de Vasconcellos, Francisco Mendes, Luiz Rodrigues de Carvalho, Antonio da Veiga, Lopo de Sousa Coutinho, Paio Rodrigues de Araujo, Simão Rangel de Castello-branco, e a Manoel de Vasconcellos, que estavam reparti-

dos

dos pelas outras estancias, que acudissem áquelle baluarte, onde estava metida toda a potencia dos inimigos. Chegados estes Fidalgos a elle, tomáram todo o trabalho sobre si, fazendo nelle o que lhe pedia o valor de quem eram.

Rodrigo de Proença, Capitão do baluarte do fogo, deo neste dia mostras de hum valoroso Cavalleiro, e prudente Capitão; porque quando era necessario, pelejava como soldado com grande valor; e quando cumpria, mandava, e governava como astuto Capitão, acudindo de tal maneira ás necessidades, que em gritando hum por polvora, e panellas, já as alli achava; por lanças de fogo, ás mãos as tinham; em fim, tudo estava tão bem negociado, que nada faltava a seu tempo. O Capitão ao pé do baluarte, onde estava vendo, e governando tudo, dalli cumpria tanto com sua obrigação, e trazia tantas intelligencias, que nada se fazia sem seu conselho, mandando ter muito tento nos feridos, que logo mandava recolher, e curar com muito cuidado. A briga cada vez se accendia mais, e o damno crescia dobrado; más nem com isso as forças enfraqueciam nos nossos; porque quando parecia que tudo estava mais arriscado, o tornavam a segurar com o estrago que faziam nos inimigos, e com o que cada hum

via

via fazer ao que tinha a par de si, lhe crescia huma tão honrosa inveja, que se desfaziam todos em colera, ira, e braveza.

Neste tempo, em que a cousa estava em balanço, se leváram quatorze galés, e se chegáram a huma estacada, que estava perto da fortaleza, e dalli a começáram a bater com grande furia, que logo os nossos lhe quebráram; porque Francisco de Gouvea, Capitão do baluarte de sobre a barra, lhes mandou tirar com algumas peças, e foram tão bem empregadas, que lhes metteo huma galé no fundo, e lhes desapparelhou as mais das outras. Antonio de Sousa, Capitão do baluarte do mar, tambem os escandalizou com a sua artilheria bem. No baluarte da briga hia cada vez o mal em maior crescimento, porque os inimigos trabalhavam por arvorarem outra vez a sua bandeira nelle, e os nossos por lha derribar, e abater; sobre o que faziam de ambas as partes grandes cousas. Neste conflicto deram huma ferida a Martim Vaz Pacheco, de que cahio logo morto, tendo bem mostrado seu esforço. Gabriel Pacheco, seu primo com irmão, que estava a par delle, imitando-o nas obras, vendo-o daquella maneira, como o amava muito, desejando de vingar sua morte, avorrecido já da vida, saltou entre os Mouros com huma espada, e rodela, com que a

huma, e a outra parte foi ferindo, derribando, e destroçando a todos os que pódia alcançar, tomando bem grande satisfação da morte do parente. E como não fugia aos perigos, antes onde eram maiores, alli se arremeçava, deram-lhe duas feridas no rosto, de que lhe corria muito sangue, do que lhe elle deo pouco, antes lhe accrescentava a furia, e braveza, com que andava como leão, que os inimigos sentiam bem em suas carnes. Hum dos nossos, que estava junto delle, vendo-o tão maltratado, lhe pedio, que se recolhesse a curar, porque assás tinha feito, e que lá lhe ficava tempo, se escapasse dalli, pera tomar vingança daquellas offensas. *Não quero eu* (lhe respondeo elle) *poupar a vida, quando eu vejo a do homem, a que tanto quiz, perdida, que parece que me está pedindo vingança de sua morte; e pois somos companheiros tantos annos na vida, razão he que o sejamos tambem aqui na morte.* E fazendo seu officio, se metteo pelos inimigos como leão raivoso, fazendo nelles grande destruição, até que lhe deram huma espingardada, de que cahio morto a par do parente, cumprindolhe nisto a fortuna bem seus desejos, que tanto trabalhou por ficar naquelle lugar.

Dos dous baluartes S. Thomé, e do mar, que ficavam de huma parte, e da outra da-

quel-

quelle do fogo, em quanto o assalto durou, sempre varejáram os inimigos, que estavam apinhoados ao pé delle, em quem fizeram mui grande, e notavel estrago. Neste tempo, em que matáram estes dous Fidalgos parentes, se subio hum soldado em sima de huma parede do aposento do Capitão, e com sua espingarda começou a derribar nos Mouros muito á sua vontade, sem o verem; e vendo andar hum Mouro, que na louçainha do trajo se differençava dos outros, e como Capitão andava governando a gente, ficando-lhe a tiro, apontou nelle, e quiz sua ventura, que o tomou pelos peitos, derribando-o logo morto. E em cahindo, chegou hum Mouro pera o levantar, e carregando o soldado a espingarda depressa, tornou a apontar nelle, e acertou tambem o segundo tiro, que derribou o outro morto sobre elle; e acudindo outros pera o levarem, tornou o soldado a desparar outra vez, e derribou o terceiro, ficando alli todos estirados por salvarem o seu Capitão. O que era muito differente dos nossos, porque cahia o parente, e ó inimigo aos pés do outro, sem haver quem tivesse mais tento, que nas mãos com que pelejavam, fazendo alguns o fincapé em seus corpos, como aconteceo a hum Fernão de Affonso, homem de mais de setenta annos, muito bom Ca-

valleiro, que aſſim deſta vez, como de todas as mais, tinha pelejado como ſe fora de trinta, que cahio aqui de muitas feridas, e como os mais eſtavam occupados em ſua defensão, curando pouco do bom velho, em lugar de o levantarem, o acabáram de atropelar, porque naquelle tempo toda a caridade, que ſe quizeſſe uſar neſta parte, podia vir a ſer crueza pera todos; porque cada hum cuidava que ſó em ſeu braço eſtava a defensão daquella fortaleza, e como eſſe, pelejava ſem dar mais fé de outra couſa.

Em huma guarita do baluarte S. Thomé, que eſtava derribada, ſe metteo tambem hum ſoldado, e dalli com ſua eſpingarda matou muitos Mouros; e ao tempo que no baluarte do fogo creſcia a referta, e crueza ſobre a bandeira dos Mouros, huns pela alevantarem, e outros pela abaterem, quiz a ventura deſte ſoldado, (a que tambem lhe roubou o deſcuido Portuguez eſta gloria, com lhe eſconderem o nome,) que apontando no Alferes, o derribou logo morto, e a bandeira cahio pelo chão, a que os noſſos deram grandes gritas, e os Mouros começáram a afloxar. O que viſto pelos noſſos, apertáram tanto com elles, que os lançáram do baluarte abaixo.

CA-

CAPITULO II.

De como as outras duas batalhas commettêram o baluarte: e dos casos, que acontecêram a alguns dos nossos; e de como os inimigos se retiráram desbaratados.

DEsbaratados estes da primeira batalha, de que era Capitão Iſuf Amed, com muito grande damno seu, acudio Beran Baxá, Capitão da segunda, e remetteo com o baluarte pera vingar a affronta feita aos seus; e como chegou de refresco, e com mil Turcos, e Janizaros folgados, tornou-se logo a pôr em sima, ainda que com grande perda sua, e logo arvoráram quatro bandeiras de seda em grandes asteas de lanças, e em sima humas maçans douradas muito grandes, e bem lavradas, de que pendiam muitos cordões com borlas brancas de algodão muito fino. Estas quatro bandeiras mandou o Califa de Meca ao Baxá, que foram santificadas ao seu modo na casa de Mafamede, e tocadas em sua sepultura, concedendo mui grandes, e geraes perdões a todos os que em sua defensão morressem, promettendo-lhes da parte do falso Profeta, que alcançariam vitoria naquella jornada contra os Portuguezes; e assim as estimavam, e tinham em tão grande veneração, que nunca

as

as quizeram tirar, e desenrolar, senão este dia, (que haviam que havia de ser o ultimo de seus trabalhos,) e que sem dúvida daquella feita por sua virtude ganhariam aquella fortaleza.

Arvoradas as bandeiras, remettêram os Turcos com as paredes, que os nossos defendiam, a que se tinham já recolhido, (onde ainda durava o fogo, de que se teve sempre grande cuidado,) lançando sobre os nossos huma grande somma de artificios de fogo, e outros infinitos tiros de arremeço, zarguncho s, lanças, pedras, e outras cousas, com que feríram, e abrazáram alguns, que assim ardendo não faziam mais, que chegar ás tinas da agua a se refrescar, e tornar a seu lugar, onde logo eram outra vez tostados, e assados, ficando alguns taes, que se não conheciam. Os Mouros, que estavam debaixo, que não cabiam no baluarte, despediam pera dentro da fortaleza tantas nuvens de fréchas, que era cousa espantosa de ver, porque todas as lanças dos nossos estavam empenadas, e alguns com as mãos encravadas nellas, e outros pelos rostos, cabeças, braços, e em todas as mais partes de seus corpos. E certo, que foi aquelle hum espectaculo piedosissimo de ver, porque huns cahiam pedindo confissão; outros abrazados corriam ás tinas da agua; outros bradavam,

que lhes desencravassem as mãos ; outros , que lhes tirassem as fréchas do rosto , e cabeças , porque lhes faziam impedimento pera a briga ; outros gritavam por panelas de polvora , por lanças de fogo , e por outras cousas semelhantes ; e com tudo isto faziam todos tamanhas maravilhas , quaes se não podiam esperar de muitos homens sãos , quanto mais de tão poucos , e tão cruelmente feridos.

Aqui esteve a cousa tanto em balanço , que todos os que de fóra a viam , houveram tudo por acabado. O Capitão sobre quem carregava tudo , governava todas as cousas sem perturbação , e com grande animo , não se affastando do pé da escada , donde despedia pera sima toda a gente que podia , tendo mui grande conta com as munições , que não faltassem , no que andavam occupadas aquellas honradas Matronas , com que he razão que continuemos em todo o tempo , pelo muito que aqui merecêram. Isabel da Veiga , e Anna Fernandes , cujos annos , e idades eram já mais pera repouso , que pera aquelles trabalhos , subidas ambas ao baluarte , mettidas no meio dos que pelejavam , alevantando as vozes esforçavam a todos.

Aqui Anna Fernandes com hum fervor christianissimo , arrancou de hum devoto

Crucifixo, e arvorando-o no ar, disse: *Ah filhos, que aqui tendes quem vos ha de dar a vitoria: ponde os olhos neste Senhor, que delle vos ha de vir todo o soccorro: pelejai, Cavalleiros de Christo, esforçados Capitães, e soldados seus, com muita confiança contra vossos, e seus inimigos, que aqui tendes comvosco aquelle, que defende, e guarda todas as Cidades, e lugares daquelles, que pelejam por sua Fé Sagrada, e Catholica.* Isabel da Veiga tambem pela sua parte fazia outro tanto, tão seguras ambas, e constantes, que nada lhes dava dos pelouros, e das fréchas, que lhes hiam zonindo pelas orelhas. E se algum dos nossos cahia ferido, ou morto, chamavam pelas companheiras, que acudiam logo, e os tiravam dalli por não estorvarem aos vivos. Os nossos, que estavam accezos na peleja, vendo a figura de Christo arvorada, e ouvindo as palavras daquellas animosas Matronas, de repente se lhes accendeo hum novo furor em seus animos, e corações, com que começáram a fazer cousas não esperadas de homens, que tanto tinham soffrido, e que estavam tão escalavrados, porque antre todos não havia já hum são.

Antonio da Silveira, posto que não tinha como elles os trabalhos dos braços, tinha os do animo, e do vigilantissimo cuida-

dado, porque o tinha repartido por muitas partes, provendo todas de tal feição, que nunca faltou cousa que se pedisse, e de que se tivesse necessidade. Neste exercicio andavam as mulheres, e alguns homens muito velhos, a quem particularmente era dado o cuidado de recolher os feridos, e de os mandar curar, provendo o Capitão logo aquelles lugares de outros sãos, se os havia; e antre estes feridos, que se tiravam, (e muitos quasi por força,) se foram tambem sahindo alguns de pequenas feridas, que foram vistos de Anna Fernandes, que com grande colera, e paixão os tomou pelos braços, e os tornou a seu lugar, dizendo-lhes que pelejassem, que as feridas não eram de perigo; e assim como aos que faziam maravilhas louvava, e engrandecia com palavras de amor, chamando-lhes filhos, e Cavalleiros de Christo, assim aos que sentia fracos, e medrosos os affrontava, e reprehendia, de maneira, que huns por honra, e outros por vergonha, e medo desta honrada velha, pelejavam até morrerem sem mudarem o pé de hum lugar; mas destes houve poucos, porque todos fizeram tão heroicas proezas, que não ha cópia de palavras com que se possam particularizar. E assim acontecêram em todo este cerco casos mui raros, e nunca ouvidos, como hum nesta mesma briga.

Es-

Estando hum soldado nosso pelejando com sua espingarda com grande fervor, tendo mortos muitos Mouros, e despendida toda quanta munição tinha bem á sua vontade, e tendo lançado huma carga de polvora na espingarda, foi á bolça buscar pelouro, e não no achando, como estava accezo naquelle furor, magoado de se lhe acabarem os pelouros, e não ter com que desparar aquella carga nos inimigos, levou a mão com grande colera á boca, e pegou de hum dente, (que devia de lhe bolir,) e com tanta força puxou por elle, que o arrancou, e metteo na espingarda por pelouro, com que atirou aos inimigos. Caso he este por certo pera se engrandecer, e louvar com melhor, e mais alto estilo que este nosso, em que nos pareceo melhor (pois o tempo deixou tão valoroso soldado com outros taes em esquecimento) contar o caso assim como passou, porque elle por si se realça, e engrandece.

Rodrigo de Proença, que neste dia fez cousas bem dignas de se celebrarem, vendo o aperto em que estava, se poz diante de todos, fazendo bem o officio de soldado, porque o estado em que via aquelle negocio o fez esquecer da obrigação de Capitão, porque entendeo que alli convinha mais pelejar, que mandar; mas a fortuna invejosa do seu esforço, ordenou, que em ale-

vantando a vizeira de hum elmo, que tinha pera resfolegar hum pouco, endireitaſſe huma frécha por alli dentro, que o tomou por hum olho; e outra logo pela boca, de que cahio mortal. Aqui acudio a boa Anna Fernandes, e o mandou tirar com muita preſſa pera lhe darem remedio, que lhe não aproveitou, porque logo morreo. No meſmo inſtante deram outra fréchada a Antonio Mendes de Vaſconcellos, que o tomou pela garganta, de que tambem logo cahio morto. Aqui declinou a batalha contra os noſſos, porque eſtes homens, e outros, que já alli eſtavam eſtirados, eram os que ſuſtentavam o pezo della.

Neſte perigoſo tranſe chegou João Rodrigues, (de quem já fallámos no Cap. XI. do quarto Livro, que travou do bicheiro dos inimigos,) que trazia aos hombros huma jarra de polvora de eſpingarda, que levava perto de huma arroba, e como era homem mui grande, e forçoſo, foi paſſando por todos os que pelejavam, dizendo-lhes, que lhes deſſem caminho, porque alli levava o com que aquelle negocio ſe havia de concluir. E paſſando adiante de todos, chegou ao lugar dos inimigos, e levantando a jarra com as mãos, deo com ella antre elles, recolhendo-ſe pera dentro. A jarra em dando no chão, fez-ſe logo em pedaços, e

to-

tomando o fogo de muitos morrões, que levava accezos, levantou aquellas labaredas ardentissimas, em cujo meio ficáram logo vinte Mouros abrazados, e mais de cento foram voando por esses ares; e as quatro diabolicas bandeiras foram desfeitas em cinza. A isto deram os nossos huma grande grita, e os inimigos se foram retrahindo, com o que cobrando os nossos novo animo, (quando já estavam mais desconfiados,) deram sobre os Mouros, que hiam já em desbarato, e os deitáram do baluarte abaixo, e sobre elles lançáram muitas panelas de polvora, que se foram desfazer antre os que estavam apinhoados ao pé do baluarte, em que fizeram grandes incendios, e destruição. As mais destas panelas foram lançadas por João Rodrigues, que era homem muito bracciro, e foi hum dos que neste cerco merecêram mais; e daqui lhe ficou o appellido de João Rodrigues Panelas de polvora, pelo que foi muito conhecido. Viveo depois muitos annos, casado em Goa, e ElRey lhe deo por este serviço os cargos de Guarda dos Contos de Goa, e Thesoureiro dos restes, pera elle, e pera seu filho Martim Rodrigues Panelas de polvora, que nesta era de noventa e seis, em que isto escrevemos, vive, homem honrado, que imita á verdade, e bondade de seu pai. Neste tempo, em que

se

ſe começava a declarar a vitoria pelos noſſos, quiz Deos que do baluarte do mar, e do de S. Thomé acertaſſem alguns tiros no meio daquelle cardume de inimigos, em que fizeram tamanha deſtruição, que de todo ſe houveram por desbaratados.

A terceira batalha, de que era Capitão Baxá Mamede, vendo o deſtroço que era feito na gente da companhia de Beran Baxá, foi-lhe neceſſario ſoccorrer-lhe, e commetter os noſſos, o que fizeram com menos confiança, pelo grande eſtrago, que víra fazer em tantos dos ſeus. E ſubindo ao baluarte, já os noſſos os não quizeram eſperar detrás das paredes; porque vendo a mercê que Deos lhes tinha feito, e fazia, ſahíram das paredes, e dando nos Mouros como leões bravos, ferindo, e matando nelles bem á ſua vontade, os lançáram fóra com pouco goſto delles. Na dianteira dos Mouros pelejava Caracen, (que já démos a conhecer no Cap. IX. do Liv. I. que era caſado com a filha de Coge Çofar, que foi mulher do Tigre do Mundo,) que como homem animoſo, e esforçado, ſe quiz aſſinalar, e avantajar de todos, indo acompanhado de alguns Janizaros que eſcolheo. E remettendo com os noſſos, achou logo o deſengano daquella confiança, porque a poucos golpes cahio aſſim de feridas, como de abra-

za-

zado em fogo, e em estado, que o recolhêram os seus. Depois viveo este Mouro até o anno de oitenta e tres, com grandes sinaes deste fogo nas mãos, pernas, e rosto, cousa de que elle se muito jactava, conversando os Portuguezes, de que depois foi muito amigo. A falta deste homem, e o verem-no levar daquella maneira, fez grande temor, e poz em grandes desconfianças aos que estavam ás mãos com os nossos, pelo que se começáram a retirar com grande pressa: o que visto pelos nossos, começáram a appellidar *Vitoria, vitoria*, tocando-se logo todos os instrumentos, assim pera animarem a todos os da fortaleza, como pera descoraçoarem mais os inimigos. Durou este combate quatro horas, ficando já os nossos desalivados; porém não com tão pequeno damno, que não morressem quatorze, ficando mais de duzentos feridos, e queimados. Dos inimigos passáram os mortos de quinhentos, e de vantagem de mil os feridos.

CA-

CAPITULO III.

De como o Baxá mandou recolher os ſeus, e ſe embarcáram: e dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez pera ſe defender, cuidando ſer ardil, como da outra vez: e de como Franciſco de Siqueira o Malavar tornou com recado de Antonio da Silva: e da deſaſtrada morte de Antonio da Veiga.

LEvadas as novas ao Baxá daquelle ſucceſſo, ficou como ſem ſizo, e fóra de ſi; e vendo quanto lhe tinha cuſtado aquella jornada, e que cada vez lhe ſuccedia peior, e que cada dia podia arrebentar alli a Armada do Viſo-Rey, e que já não tinha poder pera a eſperar, por ſer a mór parte de ſua gente morta naquella guerra, e conſumidas todas as munições, e ſobre tudo ſentir já huma alteração, e mudança em Coge Çofar, com quem havia pouco tivera humas razões ruins, e palavras, o dia que chegáram á fortaleza as novas, que o Viſo-Rey ficava pera partir, dizendo-lhe, que era falſo, e que o enganára, porque lhe tinha elle affirmado, que o Viſo-Rey não ſe havia de abalar de Goa, nem o havia de ir buſcar: e como Coge Çofar era mui recatado, e via o ruim ſucceſſo, que as couſas do Ba-

xá hiam tendo, conhecendo a ſua maldade, e falſidade, receando-ſe que o quizeſſe levar ao Turco, pera deſcarregar ſobre elle as culpas do pouco, que fizera no cerco, andava já retirado, e apartado ſem ir á ſua galé. Via mais o Baxá, que os naturaes andavam alterados, e não acudiam com os mantimentos como coſtumavam, o que era verdade; porque ou de eſcandalizados pelas avexações, e affrontas, que os Turcos lhes tinham feitas, ou induzidos de Coge Çofar, eram todos auſentes. Iſto tudo entendido do Baxá, logo o meſmo dia, primeiro que anoiteceſſe, mandou a ſeus Capitães que ſe recolheſſem, e que tiveſſem tento em ſi; porque a gente não os acabaſſe de desbaratar, e lhes tomaſſe a artilheria, o que elles logo começáram a fazer no que reſtava do dia, paſſando logo á outra banda toda a artilheria que pudéram, e algumas peças muito grandes deixáram entregues a Coge Çofar, pera dar conta dellas todas as vezes que lhas pediſſem.

Diſto foi logo Antonio da Silveira aviſado; e receando que pudeſſe aquillo ſer algum ardil, ou invenção, como da outra vez, toda aquella noite não quietou, nem repouſou, mandando fazer preſtes de novo as couſas, que havia pera ſe defenderem, ſe o tornaſſem a commetter; mas não achou nos al-

ma-

mazens polvora alguma, por ſer toda gaſtada, nem havia já em toda a fortaleza mais de quarenta homens, que ſe pudeſſem repartir pelos baluartes.

Pelo que, vendo tamanha pobreza, ſoccorreo-ſe a Deos, e mandou tirar a polvora, que eſtava já carregada em quatro bombardas groſſas, de que ſe enchêram quarenta panellas de polvora, que ſe repartíram pelas eſtancias, que mandou guarnecer de muitas pedras, que arrancáram aquellas Matronas honradas. Eſtas vendo o perigo em que a fortaleza eſtava, e a pouca gente que havia pera ſua defensão, acudíram todas com hum animo, e valor ſobrenatural, repartindo-ſe pelos baluartes, pera ſupprirem a falta dos homens, armando-ſe algumas dellas em armilhas, e coſſoletes, com lanças, e alabardas nas mãos, muito alegres, e contentes, determinadas a morrerem na defensão daquella fortaleza, veſtindo-ſe todas pera iſſo dos mais ricos, e galantes trajos, que tinham. O meſmo fizeram todos os homens, pondo-ſe de plumas, e louçainhas, e os que as não tinham, as pediam a outros, querendo neſte dia (que havia de ſer o derradeiro) moſtrar o goſto que tinham de morrerem pela Fé de Chriſto. Os feridos, que eſtavam em ſuas camas, ſabendo o que por fóra hia, e do apparelho que todos faziam,

os mais ſe mandáram levar por ſeus eſcravos aos baluartes, porque aquelles lugares haviam por mais ſeguros. Antonio da Silveira muito contente, e alegre com eſte pobre apparato, que tinha feitó pera eſperar os inimigos, gaſtou toda a noite em viſitar as eſtancias, animando, e esforçando a todos, e dando alguns rebates falſos, em que ſempre os achou em ſeus lugares mui apparelhados, e apercebidos pera reſiſtirem aos inimigos.

Eſta noite, que foi a derradeira do mez de Outubro, por huma parte parecia a mais medonha, que ſe podia imaginar, e por outra em certo modo muito cheia de alegria, pela muita que todos tinham na determinação com que eſtavam; e acabou de os alegrar Franciſco de Siqueira o Malavar, que na entrada do quarto d'alva entrou pela barra dentro, porque depois que ſe fez á véla com as cartas de Antonio da Silveira, (como atrás diſſemos no Cap. XII. do IV. Liv.) foi tomar Antonio da Silva na coſta de Baçaim pera atraveſſar a Dio, e dando-lhe as cartas, o deſpedio logo, mettendo-lhe dentro vinte homens, e o mandou com outra carta a Antonio da Silveira, em que lhe dizia, como hia já atraveſſando; dando-lhe por regimento, que o eſperaſſe á viſta da Armada dos Turcos, pera o aviſar

ſar do modo em que eſtava. O Siqueira voltou tão depreſſa, que ao ſegundo dia entrou por aquella barra, e mettido pela couraça, deo a carta ao Capitão, e lhe affirmou, que ao outro dia ſería Antonio da Silva naquella fortaleza, o que poz grande alvoroço em todos; e mettendo-lhe a gente dentro, tornou logo a voltar, antes que amanheceſſe, e affaſtado das galés ſe deixou eſtar, donde lhes enxergava os penões, eſperando por Antonio da Silva. Vindo a manhã, que foi do dia de Todos os Santos, o mais alegre, e formoſo pera todos, que nunca víram; porque já não ouviam eſtrondos de bombardas, nem viam labaredas de polvora, nem eſcadas arvoradas pelo muro, nem aquelle terror, e eſpanto, que tantos dias havia que viam, e ouviam. Nem viam já os inimigos, porque eram embarcados, e as galés eſtarem recolhendo a artilheria com muita preſſa, e ferverem os Turcos na embarcação. Tudo iſto viam os noſſos com os olhos, e não o criam de alvoroço.

Coge Çofar, tanto que os Rumes ſe embarcáram, recolheo-ſe com a ſua gente pera os primeiros alojamentos, em que ſe deixou ficar aquelle dia, em quanto ſe recolhia a artilheria, que lhe ficava entregue, que com muita preſſa fez paſſar da outra banda. O dia paſſou-ſe todo em verem reco-

lher os inimigos ; e tanto que anoiteceo , deſejou Antonio da Silveira mandar fóra alguma gente pera derribarem os baſtiães , e trincheiras de junto dã cava , e pera darem hum toque nas eſtancias de Coge Çofar , porque entendia quão medroſo havia de eſtar , ſó pera o quebrantar. Eſta ſahida lhe pedio muito de mercê Antonio da Veiga , Feitor da fortaleza , que em todos os rebates , e perigos deſte cerco foi ſempre dos primeiros , e deo de comer á ſua cuſta a muitos homens. O Capitão lha concedeo , dando-lhe vinte e ſinco ſoldados , dos que haviam ſãos , em que entravam os que levou o Siqueira. E fazendo-ſe preſtes no quarto d'alva , ſe lançou na cava , e em muito ſilencio foi demandar as eſtancias dos inimigos ; e commettendo-as por huma parte com grande determinação , as entráram , fazendo nos inimigos hum grande eſtrago , porque os tomou bem deſcuidados. O arraial foi todo poſto em revolta , porque cuidáram que era o poder maior , pondo-ſe todos em desbarato. Antonio da Veiga , depois que fez aquelle negocio muito á ſua vontade , e ſem lhe cuſtar couſa alguma , foi-ſe recolhendo pera a boca da cava , onde achou muitos ſervidores , que o Capitão pera aquillo deitou fóra , e dando nas eſtancias de ſobre a cava , em breve tempo as deſmanchou , e poz por terra.

Em

Em quanto ſe iſto fazia, hum dos ſeus ſoldados tomou o caminho da cava pera a banda do mar, e ſubindo aſſima, foi demandar hum baſtião, que os Turcos tinham naquella parte, que achou deſpejado, com ſua bandeira ainda arvorada, que com a preſſa deixáram alli os Mouros; e achou mais hum formoſiſſimo leão de metal poſto em ſeu repairo, e tomando a bandeira, tornou-ſe pera Antonio da Veiga, a quem deo conta de tudo o que vio; e como já tinha feito tudo ao que fora, recolheo-ſe pera a fortaleza, e deo conta ao Capitão do que deixava feito, e da bombarda, que o ſoldado achára no baſtião, pedindo-lhe licença pera a ir recolher. O Capitão ſe eſcuſou, com lhe dizer, que pois os Turcos alli a deixáram, devia de ſer arrebentada, e que ella alli eſtava ſempre, e que a todo tempo ſe recolheria; que ſe era pera moſtrar valor, e esforço, aſſás tinha já dado de ſi baſtantes provas; que não houveſſe por honra ir ganhar o que não era defendido de alguem. Antonio da Veiga não ſatisfeito daquellas razões, o tornou a importunar de feição, que lhe concedeo a jornada.

Depois de todos jantarem com grande regozijo, eſcolheo Antonio da Veiga vinte companheiros, e veſtindo-ſe muito galante de plumas, e medalha, ſahio pela cava, e foi

foi demandar o lugar , em que o leão eſtava , e chegando a elle , vio que era arrebentado ; e ſem embargo diſſo determinou de o recolher , fazendo-o arraſtar pelos ſervidores até á borda da cava , pera dar com elle em baixo. Mas como não ha fugir á morte , e ella o eſperava naquelle lugar , pera onde ſe elle fez tão gentil-homem , quiz Deos (que he o que tudo move) que chegaſſe áquelle tempo hum Mouro a hum alto , que eſtava dalli a mais de trezentos paſſos , pera ver o que os noſſos faziam ; e vendo-os eſtar no trabalho do leão , deſparou huma eſpingardada a montão , ſem lhe parecer que podia lá chegar , e endireitando o pelouro com Antonio da Veiga , que eſtava no meio de todos os ſeus ſoldados , e ſendo mais pequeno de corpo , que todos elles , e tomando-o pela cabeça , o derribou logo morto. Os ſeus ſoldados vendo tamanho deſaſtre , o tomáram em os braços , e o recolhêram pera a fortaleza , onde foi enterrado honradamente com grande mágoa , e dor de todos. Eſte caſo ſentio muito o Capitão , aſſim pela perda daquelle homem , como porque foi áquelle negocio contra ſua vontade , e goſto. Deſtes caſos acontecêram alguns na fortaleza pelo decurſo do cerco , que ſe notáram bem. Hum ſoldado mancebo muito luſtroſo , e gentil-homem , eſtando hum dia de hum

hum, aſſalto naquelle baluarte do fogo, pelejando muito bem, acaſo ſe ſahio dalli, e ſe foi pera o pé da eſcada, onde eſtava o Capitão, (devia de ſer a lhe levar algum aviſo,) e eſtando bem ão pé do baluarte, foi hum pelouro perdido apôs elle, e lá em baixo lhe deo pela cabeça, de que logo cahio morto, eſcapando elle, em quanto eſteve em ſima, no meio daquellas eſpeſſas nuvens de pelouros, e fréchas, que ſobre o baluarte cahiam; e tornando aos Turcos, foram recolhendo ſuas couſas, e provendo-ſe de agua, e mantimentos. E aqui os deixaremos por continuarmos com Antonio da Silva.

CAPITULO IV.

De como Antonio da Silva chegou á viſta da Armàda do Turco: e de como o Baxá cuidando ſer a Armada do Viſo-Rey, lhe foi fugindo: e de como a noſſa Armada entrou em Dio: e do que aconteceo ao Baxâ na jornada.

TAnto que Antonio da Silva deſpedio o Siqueira Malavar, (como diſſemos no Cap. III. do Liv. V.,) foi logo atraveſſando o Golfo, e àos ſinco dias do mez de Novembro houve viſta da terra, e juntamente do Siqueira, que eſtava á viſta das galés, e delle ſoube o eſtado da fortaleza, e de co-

como o Baxá eſtava recolhido, e com a Armada affaſtada pera de todo ſe ir; e por ſer iſto ſobre a tarde, foi-ſe detendo pera de noite commetter a barra. Alguns navios da ſua companhia, que ſe adiantáram, foram haver viſta da Armada, e tomando as vélas, tornáram-ſe ao Capitão mór, o que não quizeram fazer D. Martinho de Souſa, e Dom Luiz de Taíde, que hiam com elles, antes deſviando-ſe da Armada, tomando o remo em punho, foram demandar a barra de Dio, por onde entráram á boca da noite. E ſurgindo á couraça, deram rebate aos da vigia, que logo deram recado ao Capitão, que acudio, e os recolheo por ella, fazendo-lhes grandes feſtas. Delles ſoube como Antonio da Silva ficava á viſta dos inimigos, com o que todos os da fortaleza parecia que reſuſcitáram, e aſſim paſſáram toda aquella noite em feſtas, folías, e outros paſſatempos de alegria, ſem quererem repouſar. Antonio da Silva deixou-ſe eſtar ſobre o remo, e tanto que o Sol ſe poz, ſe foi chegando á viſta da Armada, de que logo foi viſto. E como o dia ſe hia eſcurecendo, não diviſáram os Turcos mais que huma quantidade de navios, ſem ſe determinarem em o número, nem no porte. Antonio da Silva, tanto que de todo eſcureceo, mandou deſparar toda a artilheria da Armada muitas vezes, aſſim

pe-

pera animar aos da fortalêza, como pera metter terror, e eſpanto nos Turcos. Depois de os noſſos darem ſuas ſalvas, ficáram ſobre o remo, mandando fazer toda a noite muitos fuzís, e accender pela Armada muitos faroes. E como a noite era eſcura, parecia que o mar ſe desfazia em fogo; e ainda pera mór eſpanto, ſuccedeo na meſma conjunção hum Eclipſe da Lua, que fez parecer aquellas carrancas mais medonhas. E como o Baxá de ſeu natural era fraco, e medroſo, ouvindo aquelle terror da artilheria, vendo a multidão dos fuzís, e ſobre tudo o Eclipſe, que tomou, e notou por muito ruim agouro, tendo por certo, que aquella ſería a Armada do Viſo-Rey, fez ſinal a toda a Armada, que ſe levaſſe; o que fez com tanta preſſa, que deixáram em terra todos os doentes, e feridos, que ſeriam perto de quatrocentos, de que vivêram muitos, que ficáram a ſoldo d'ElRey de Cambaya, que tanto que ſoube aquella deshumanidade do Baxá, os mandou buſcar a todos, e os curou com muito grande cuidado.

E porque não fique hum louvor, que hum deſtes diſſe dos Portuguezes, o contaremos, por ſer dito de boca eſtranha, e de inimigo, o que contava muitas vezes Caracen. Eſtando ElRey de Cambaya hum dia praticando com eſtes Turcos, e perguntando-

do-lhes pelos ſucceſſos da guerra, e ſe os Portuguezes eram tão esforçados como ſe dizia, reſpondeo hum delles: *Sabei, Senhor, que elles ſó são dignos de trazerem barbas no roſto.*

E tornando ao Baxá, affaſtado da terra, deo á véla, tirando cada galé tres bombardadas, e com o terrenho foram paſſando a ponta de Dio, e coſteando a coſta da outra banda. E parece que aquellas ſalvas, que o Baxá mandou dar com a artilheria, devia de ſer por entreter o Viſo-Rey, que cuidava que eſtava alli, pera com iſſo lhe moſtrar o alvoroço com que o eſperava, pera ter tempo de ſe fazer á véla, e foi ſeguindo ſua derrota, com que logo continuaremos.

Antonio da Silva deixou-ſe eſtar até o quarto d'alva, mandando vigiar as galés pelo Siqueira Malavar, que as vio fazer á véla. Coge Çofar tanto que ouvio as bombardadas no mar, e vio os fogos, folías, e feſtas, que ſe faziam por toda a fortaleza, parecendo-lhe que era a Armada do Viſo-Rey chegada, logo deo fogo a todo o arraial, e paſſou-ſe á outra banda com muita preſſa. Antonio da Silva, tanto que começou a eſclarecer a manhã, tomando o remo, entrou em Dio com toda a ſua Armada formoſamente embandeirada, ſalvando a

for-

fortaleza com toda a artilheria, e com muitos instrumentos, assim de guerra, como de paz, e alegria. Antonio da Silveira mandou embandeirar os baluartes, e desparar algumas peças de artilheria; e para receber Antonio da Silva com maior apparato, mandou abrir a porta da fortaleza, que estava tapada de pedra, e cal, e nella o esperou com todos os que haviam sãos.

Antonio da Silva pojou no cais com toda a sua Armada, e logo desembarcou com os Capitães, Fidalgos, e toda a mais gente da Armada, postos em armas, mui galantes, e custosos. No cais o esperou o Capitão, onde se abraçáram todos com grandes mostras de alegria, levando o Capitão Antonio da Silva, e aos mais dos Fidalgos pera sua casa, e aos outros mandou aposentar pela fortaleza. Aquelle proprio dia escrevêram ambos os Capitães ao Viso-Rey tudo o que passava, despedindo logo o Siqueira Malavar, como testemunha de vista, pera o informar do que víra.

Partido o Siqueira, ao outro dia foram os Capitães ver as estancias dos inimigos, mandando recolher logo dentro toda a pedra, madeira, e cal, que acháram, e aos moradores da Cidade mandáram recado, que se não bolissem, e estivessem seguros em suas casas, porque nenhum mal receberiam. Ficá-

cáram estes Capitães ambos correndo em amizade alguns dias, mas logo se perturbáram, começando a ter differenças sobre pontos bem pouco substanciaes; porque Antonio da Silva dizia, que os Turcos tanto que víram a sua Armada, logo se embarcáram, e se foram fugindo. Antonio da Silveira, que não havia tal, porque havia sinco dias que estavam embarcados pera se irem, desbaratados de suas mãos, o que atissavam homens amigos de desavenças.

E deixando estas cousas, que não paráram mais que em arrufos, primeiro que tratemos da jornada do Visc-Rey, nos pareceo bem darmos razão da do Baxá, que hia seguindo sua derrota. Depois de correr a costa de Pór, e Mangalor, atravessou da ponta de Jaquete, e aos vinte e sete do mez de Novembro foi tomar Acer, hum lugar d'El-Rey de Dofar na costa de Arabia em dezeseis gráos e meio do Norte, pouco mais de cem leguas antes de Adem. He este lugar secco, e esteril; são os moradores daqui Ethiophagis, e mantem-se de peixe secco ao Sol. O Rey de Dofar, tanto que soube estar alli a Armada surta, mandou prender quarenta Portuguezes, que alli estavam fazendo suas mercadorias, e os mandou de presente ao Baxá, com outros refrescos da terra, por se lisonjear com elle, ao menos

por-

porque lhe não fizesse mal. O Baxá os estimou muito, e os mandou afferrolhar pelas galés. Aqui se deteve tres dias, em que lançou fama, que deixava a India tomada, e os Portuguezes todos mortos; e depois de tomar agua, e lenha, se fez á véla, e aos dezeseis de Dezembro foi surgir no porto de Adem, onde se deixou estar de vagar, provendo em muitas cousas, pondo alli por Baxá Mir Mostafá, torto de hum olho, com quinhentos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças de artilheria, e de muitas munições, e mantimentos.

Aqui mandou o Baxá cortar a cabeça a Cafarcan, porque não dissesse ao Grão Turco suas covardias, e velhacarias. E quem ler esta jornada no roteiro daquelle Italiano, que já dissemos no Cap. VII. do Liv. II., (que anda impresso, e junto ás varias viagens, que recopilou Misser Baptista Ramusio) achará que diz, que mandára neste porto de Adem o Baxá chamar hum Turco, que já fora Christão, arrenegado, *homem de grande conta*, e Patrão de *huma galé*, e lhe mandára cortar a cabeça, do que se murmurára em toda a Armada, por se recear de elle o mexiricar com o Grão Turco. E diz mais, que este arrenegado estivera já a soldo d'ElRey de Adem, e depois se achára em Dio no tempo, em que ElRey de Cambaya

baya foi morto pelos Portuguezes; e que a Rainha mulher do Rey morto persuadida delle, se embarcára pera Meca com grande quantidade de ouro, e que por força a levára ao Cairo, e dalli a Constantinopla, e que o Turco pelo ver prático nas cousas de Dio, o mandára por Patrão de huma galé nesta jornada pera conselheiro do Baxá. E como o Veneziano, que fez aquelle roteiro, lhe não hia cousa alguma em averiguar aquellas cousas, não fazia mais, que escrever o seu roteiro, dia por dia, e as cousas que via, e ouvia. E pelo que temos contado da jornada de Cafarcão, e da Rainha, e de como o Turco o tornou a mandar com o Baxá, fica bem claro ser elle o que mandou aqui matar.

Oito dias esteve a Armada em Adem, e deixando alli cinco fustas pera serviço da fortaleza, deo o Baxá á véla, e embocando as portas do Estreito, foi correndo a terra firme; e entrando por antre ella, e a Ilha de Camarão, surgio da outra banda della, em hum lugar chamado Cubit Sarif. Aqui mandou o Baxá desembarcar algumas peças de artilheria de campo, e dous mil homens, e foi em pessoa contra Coja Amede, Rey de Zebit, porque da outra vez não fora a seu chamado. E sendo a meio caminho, tendo aviso os de Zebit de sua ida, desampará-

ram

ram o seu Rey, e a sua Cidade, e os mais delles se passáram ao Baxá. ElRey vendo-se desamparado dos seus, tomou por melhor remedio (que lhe foi bem ruim) ir-se apresentar ao Baxá, cuidando que achasse nelle o que não tinha, que era alguma piedade. E assim o foi esperar ao caminho, com huma touca atada ao pescoço, em sinal de culpado, e escravo, e lançado a seus pés lhe pedio perdão, e misericordia; mas como elle não tinha alguma, lhe mandou logo alli cortar a cabeça. E chegando a Zebit, achou a Cidade despejada, e mandou logo pregoar pelas aldeias, seguro geral a todos, e que fossem receber soldo, que lho pagaria. A isto acudíram duzentos Abexins, que eram da guarda do Rey morto; e chegados ao Baxá, logo alli os mandou fazer em pedaços pelos Janizaros. E deixando alli Mostafá Naxar por Baxá, com quinhentos homens, se tornou pera a Armada. Chegado á praia de Cobit Sarif, mandou tirar nella todos os Christãos Portuguezes, e da terra, que eram mais de cem pessoas, e a todos mandou cortar as cabeças, narizes, e orelhas, o que tudo fez salgar, e mandou de presente ao Grão Turco diante pelo Cacaya, porque cuidassem que deixava feitas grandes cruezas nos Portuguezes. Esta Cidade de Zebit he arrezoada, e todos seus Termos á roda são

fer-

fertiliſſimos, e freſquiſſimos, de muitos, e bons jardins, e hortas, por cauſa das muitas fontes de agua excellentiſſima, que por alli ha. E em toda eſta parte de Arabia Felix não ha couſa mais freſca, que eſta Cidade, e a de Sanáa, trinta leguas ao ſertão, de quem em outro lugar fallaremos, em que ha todas as frutas da Europa. O que mais paſſou a Armada do Turco não nos convem, e por iſſo a deixaremos.

CAPITULO V.

Do que fez o Viſo-Rey, tanto que lhe deram novas da fugida dos Turcos: e de como Martim Affonſo de Souſa ſe embarcou pera o Reyno: e do que ſuccedeo na jornada a Nuno da Cunha, e faleceo no caminho: e de como ElRey o mandava levar das Ilhas prezo em ferros.

PArtido Franciſco de Siqueira o Malavar pera Goa, que levava as novas ao Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, de como as galés eram recolhidas, em poucos dias chegou á barra de Goa, onde já o achou com toda a Armada preſtes, eſperando recado certo de Antonio da Silva. E indo demandar o galeão, em que o Viſo-Rey eſtava, lhe deo as cartas que levava, e as novas do que paſſava na fortaleza de Dio; era iſto

no

no quarto d'alva. O Viſo-Rey com aquelle alvoroço mandou, que ſe déſſe rebate por toda a Armada, e logo da gavia do ſeu galeão ſe tocou hum clarão, que claramente dizia ponte de prata. E correndo logo as novas pela Armada, ficáram todos mui malenconizados, e triſtes, porque deſejavam de provar a mão com os Rumes, pera o que eſtavàm tão alvoroçados, que ſe desfaziam, e não ſabiam qual havia de ſer a hora, em que o Viſo-Rey os havia de ir buſcar. E ſabendo agora que eram idos, começou a haver grandes pragas, e murmurações por toda a Armada contra o Viſo-Rey, porque os andava entretendo, e enganando, com lhes dizer cada dia que logo hia, e que elle os metteria em meio dos inimigos; e que ſe elle não viera do Reyno, que Nuno da Cunha os houvera de ir buſcar, e que nenhuma galé houvera de tornar a Suez, com outras couſas, que a ſoltura dos ſoldados da India lhes fazia dizer. Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, com ſuas dilações, e artes fez alevantar o inimigo.

Martim Affonſo de Souſa ſe foi logo ao Viſo-Rey, e lhe pedio licença pera ir com algumas galés, e navios de remo apôs os inimigos, que como hiam fugindo, eſtava certo irem deſordenados, e que eſperava em Deos ſer de muito effeito, e fazer

nelles huma grande preza. O Viso-Rey lha não concedeo, dizendo-lhe, que era escusado, porque quando elle chegasse a Dio, já os Rumes haviam de ser na costa da Arabia, e que não faria mais que perder tempo. Vendo Martim Affonso de Sousa o que o Viso-Rey lhe negava, lhe pedio licença pera se ir pera o Reyno, que lhe elle logo deo, por ficar aquelle lugar de Capitão mór do mar vasio, pera o dar a seu filho D. Alvaro; e despedido do Viso-Rey, se embarcou pera Cochim em alguns navios ligeiros, e chegou em poucos dias, achando as náos de viagem de verga d'alto, e se embarcou em huma dellas em companhia de Nuno da Cunha, com quem continuaremos agora.

Partido de Cochim, foi seguindo sua derrota com bom tempo, e depois de ter dobrado o Cabo de Boa Esperança, adoeceo de humas febres, e camaras, de que veio a falecer. Foi sua morte muito sentida de todos; e abrindo-se seu testamento pera verem o que mandava fazer de si, achou-se nelle huma verba, em que mandava, que morrendo no mar, fosse seu corpo lançado a elle com algumas camaras de falcão, que mandava se pagassem a ElRey, porque pela hora em que estava, que de nenhuma outra cousa lhe era em encargo, nem satisfação, em todo o tempo que governou a India;

dei-

deixando declarado por ſeu teſtamenteiro, no mar a João de Paiva ſeu Veador, que era Capitão da ſua náo, Cavalleiro honrado, e de grande ſua obrigação; e hum Vicente Paes (de que já fallámos no Cap. VIII. do I. Liv., que hia na meſma náo, e era pagem de Nuno da Cunha) nos diſſe, que ſe achára á cabeceira da ſua cama, quando faleceo, e que eſtando em paſſamento, fizera hum termo, que todos cuidáram ſer o derradeiro; e tornando a abrir os olhos, repetíra hum pouco entoado aquellas palavras do Romano: *Ingrata patria, oſſa mea non poſſidebis*, que tão eſcandalizado hia do ruim galardão, que lhe deram de dez annos de ſerviço de Governador da India, e de fazer nella tres fortalezas, Chalé, Baçaim, e Dio, e iſto ſem elle ainda ſaber; que tinha chegado a couſa a tanto, (e pela ventura, que foſſe a cauſa a inveja,) que o mandavam eſperar nas Ilhas Terceiras, com hum grilhão muito grande, pera com elle o deſembarcarem pera o Caſtello de Lisboa, e dalli o paſſarem pera a porta de Manſos em Santarem, que ElRey tinha mandado preparar pera elle, que aquelles eram os triunfos, com que eſperavam de o receber por tantas victorias, quantas alcançou em todo o Oriente. E aſſim foi; porque chegando a ſua náo ás Ilhas Terceiras, achou alli Antonio Cor-

rea de Barem, que andava por Capitão mór de huma Armada, esperando por elle, e entrando na náo pera o prender, sabendo ser morto, lançou os grilhões, que pera elle levava, no seu João de Paiva, e a todos os mais criados tambem prendeo, e repartio pelas náos. E chegando a Portugal, foram desembarcados, e levados ao limoeiro de Lisboa, onde estiveram alguns mezes. A isto acudíram os filhos, e parentes de Nuno da Cunha, e foram fazer suas queixas a El-Rey, levando-lhe a mostrar o testamento, em que vio a clausula delle, em que declarava, que lhe pagassem as camaras de falcão com que o lançáram ao mar, porque de outra cousa lhe não era em obrigação. E como era Rey muito Christão, e temente a Deos, e que aquellas cousas tinha mandado fazer por algumas muito ruins informações, que alguns lhe deram delle, (e pela ventura por lhe tomarem o lugar,) mandou que se soltassem todos os seus. Este he o officio da inveja, fazer da virtude peccado, e fingir vicios, onde os não ha, buscando sempre o peior pera reprehender, e vituperar, escondendo o bem com huma dissimulação Farisaica, só por se fingirem melhores aos Reys, fundados em suas puras pertenções. E assim ficão estes sendo como Cratero, hum daquelles dous amigos de Alexandre, que

o

o não amava ſenão como a Rey, ſó pelas mercês que delle eſperava; mas o outro, que era Epheſtion, não o amava ſenão como Alexandre, porque he muito differente o amor da peſſoa ao do officio; e aſſim eſte lhe fallava verdades ſem intereſſe, como amigo, e não o liſongeava por Rey como Cratero. E pela ventura, que por faltarem Epheſtiões aos Reys, vem a faltar os galardões aos homens, como a eſte Governador, cujos feitos não luzíram em ſeus filhos, porque he muito antigo, pagarem-ſe grandes merecimentos com grandes ingratidões. Foi Nuno da Cunha caſado duas vezes: a primeira com a filha de Fernão Nunes da Silveira, ſenhor de Terena, que era neto de Diogo de Azambuja, de que houve huma filha, que foi Condeça de Portalegre: a ſegunda vez caſou com huma irmã do Conde de Sortelha D. Luiz da Silveira, Guarda mór d'El-Rey, e irmão deſte Antonio da Silveira, que era Capitão da fortaleza de Dio, quando houve eſte primeiro cerco, de quem houve todos os mais filhos legitimos que teve.

CA-

CAPITULO VI.

Das cousas, que neste tempo succedêram em Ceilão: e de como o Madune tornou a fazer guerra a seu irmão Rey da Cota: e da Armada que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha lhe mandou de soccorro, e elle partio pera Dio.

HE necessario pera inf͡iarmos bem a historia, tocarmos hum pouco Ceilão de passagem. Andava o Madune traçando em sua fantasia novos modos pera destruir o irmão de todo, o que quiz fazer por guerra pera o acabar de consumir. E assim, tanto que Martim Affonso de Sousa se foi daquella Ilha, tornou a solicitar o Çamorim pera outra Armada, que lhe elle negociou, encarregando outra vez aquella jornada a Pachi Marcá. ElRey da Cota foi logo avisado daquelles apercebimentos, e despedio logo recado ao Governador Nuno da Cunha, pedindo-lhe o ajudasse, e favorecesse, pois era vassallo d'ElRey de Portugal, porque estava muito arriscado a perder aquelle Reyno. Este recado deram ao Governador Nuno da Cunha em Junho passado, pelo que logo despedio Patamares (que são correios) por terra a S. Thomé, aonde vivia Miguel Ferreira, Cavalleiro muito honrado, e que sa-

ſabía das couſas de Ceilão melhor, que todos os que então havia na India; pedindolhe por cartas, que ajuntaſſe toda a gente, e navios que pudeſſe, e que foſſe ſoccorrer aquelle Rey, por ficar de lá mais á mão; e que todas as deſpezas que fizeſſe, elle as pagaria muito bem. E que quando lá não houveſſe gente, e navios pera aquella jornada, que tanto que o verão entraſſe, ſe foſſe pera Goa, que elle o aviaria.

Eſtas cartas foram dadas a Miguel Ferreira, que armando alguns navios, tanto que o verão entrou, partio pera Goa, porque em S. Thomé não havia cabedal pera aquella jornada. E dando-ſe preſſa, chegou á Cidade de Goa o dia que o Viſo-Rey teve as novas da fugida das galés; porque poſto que hia com tenção de em Cochim fazer mais navios, e gente, em chegando áquella Cidade, que achou novas da Armada do Turco eſtar ſobre Dio, lhe pareceo mais neceſſario acudir lá com aquelles navios que levava, que não ir a Ceilão, porque a todo tempo ſe podia fazer aquelle negocio.

O Viſo-Rey recebeo muito bem Miguel Ferreira, porque já delle tinha informação; e vendo que era neceſſario acudir a Dio, e que era forçado ſoccorrer tambem a Ceilão, e eſtava pera ſe partir ao outro dia, poz aquellas couſas em conſelho, e aſſentou-ſe,

que

que era muito justo, e necessario soccorrer áquelle Rey, porque se não viesse a perder o commercio daquella Ilha; e que se dessem a Miguel Ferreira quatrocentos homens, e vasilhas pera elles. Concluido isto, porque Miguel Ferreira não podia partir pera Ceilão, senão em fim de Janeiro, o deixou em Goa negociando, passando-lhe todas as Provisões que lhe pedio.

Feito este negocio, se fez o Viso-Rey á véla com toda a Armada, que era de vinte e dous navios grossos, nove galés, dez galeotas latinas, e outros muitos navios de remo, a fóra sincoenta, que tinha mandado diante. Os Capitães que foram nesta jornada, são os seguintes.

O Viso-Rey no galeão S. Diniz, Dom Francisco de Lima no galeão S. João, Dom João Deça em S. Bartholomeu, Balthazar da Silva no Camorim pequeno, D. João Lobo em S. Bernardo, D. Jorge Tello em Sant-Iago, Pero de Taíde Inferno em S. Boaventura, Antonio de Lemos nos Reys Magos, Vasco da Cunha em outro galeão, Francisco Pereira de Berredo na náo Cisne, Gaspar Pereira em outra náo, Ruy Lourenço de Tavora na náo Santa Clara, Luiz Falcão na Garça, D. Garcia de Castro na náo Fieis de Deos, D. Christovão da Gama na náo Santo Antonio, D. Paio de Noronha

no

no galeão Bufara, D. Manoel de Menezes na náo S. Bartholomeu, Christovão de Mello, Francisco de Bairros, Manoel de Mello, Diogo de Sousa em caravellas, D. Alvaro filho do Viso-Rey, João de Mendoça, D. João de Castro, Diogo Lopes de Sousa, Manoel de Sousa, Fernão de Lima, Pero de Lemos, D. João Manoel Alabastro, e João de Sousa em galés. Os Capitães das galeotas latinas eram Bernaldim de Sousa o Diabo, D. João Mascarenhas, Francisco Pereira, D. Tristão de Soto-Maior, D. Francisco de Menezes, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, (a que cá na India puzeram o sobre alcunha de Alfenim, por ser muito affidalgado, e muito brando,) Francisco de Sá de Menezes o dos Ocolos, Fernão de Sousa de Tavora, e D. Antonio de Noronha o Catarraz. Os Capitães de fustas, e bargantis, Francisco de Noronha, D. Diogo de Vasconcellos, Alvaro de Mendoça, Tristão de Taíde, Martim Vaz Pacheco, Duarte Pereira, Fernão Rodrigues, Gaspar de Sousa, Fernão de Castro, João Zuzarte Tição, Luiz Xira Lobo, D. Pedro de Menezes, Francisco Freire, Jorge de Mello Soares, Jorge de Vasconcellos, João de Sepulveda, Manoel Rodrigues Coutinho, Leonel de Lima, Francisco de Ilher, Gaspar

Vaz,

Vaz, Triſtão Fogaça, Gaſpar Rodrigues, Simão da Coſta, Baſtião de Faria, Miguel Vaz, Franciſco Alvares, Filippe Rodrigues, Jacome Triſtão, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, a que não achámos os nomes. Dada á véla com toda eſta Armada, foi correndo a coſta com terrenhos, e virações, e tanto avante como Dabul lhe deo huma tormenta muito grande, a que chamam a Vara de Choromandel, com que toda a Armada eſteve perdida, correndo os navios pequenos por onde melhor pudéram, acolhendo-ſe ás enceadas, e rios que pudéram alcançar. Os navios groſſos, por não poderem correr, foi-lhes forçado ſurgirem. D. Alvaro de Noronha na galé baſtarda, que era velha, abrio-ſe-lhe toda, e com muito trabalho foi demandar a barra de Dabul, e entrando por ella, achando os mares mui ſoberbos, encapelláram ſobre ella, e a encoſtáram ſobre a coroa de arêa do banco, onde encalhou, ficando D. Alvaro, e os mais pegados ás poſtiças; e ſempre ſe perdêram todos, ſe D. Chriſtovão da Gama, Capitão da náo Santo Antonio, que eſtava ſurto na boca da barra, lhe não mandára acudir com o ſeu batél, contra vontade dos Officiaes, e por força, que os trouxe todos pera a ſua náo. E ao meſmo tempo, indo João de Souſa Rates, Capitão da galé eſpinheiro, já ala-

alagado de todo, em prepassando pelo mesmo D. Christovão, vendo elle o perigo em que a galé hia, mandou-lhe com muita pressa lançar alguns viradores grossos, que permittio Deos que os da galé afferrassem, e dando-lhes volta ao másto, atrepáram-se por elles á náo, onde se baldeou toda a gente, ainda que com a pressa se perdêram alguns homens, que cahíram ao mar. D. Christovão correo neste negocio como Fidalgo muito pontual, grande Christão, e muito animoso, porque estando tambem em trabalho, acudio com tanta diligencia aos alheios, que por sua industria salvou a gente destas duas galés; e a esta de João de Sousa, porque se não perdesse a artilheria, a teve sempre atracada á náo com muitos viradores, até que a tormenta cessou, sustentando-a com muito risco, e trabalho seu; e assim atracada a levou até Chaul, aonde se concertou. A mais Armada esteve perdida. D. Francisco de Lima no galeão S. João, perdeo o batél. O Visô-Rey alijou todas as cousas de sima ao mar, e o mesmo fizeram todos os mais galeões, e náos.

Passada a tormenta, que durou vinte e quatro horas, foram-se todos ajuntar com o Viso-Rey a Chaúl, aonde tanto que chegou, mandou logo tirar a artilheria da galé de D. Alvaro, que toda se salvou. O Viso-

ſo-Rey deteve-ſe pouco, e paſſou a Baçaim, onde deixou Ruy Lourenço de Tavora por Capitão, e a ſua náo deo a D. Alvaro de Noronha. Dalli atraveſſou a Dio, onde foi muito bem recebido de Antonio da Silveira, a quem elle fez muitas honras, e a todos os mais que com elle ſe acháram no cerco. Todos ficáram admirados do eſtado, em que aquella fortaleza eſtava, que parecia náo deſtroçada em tormenta, ſem caſtellos, nem obras mortas. E certo, que foi eſpectaculo muito pera eſpantar, ver aquella deſtruição, e a pouca, e maltratada gente, que defendeo aquellas ruinas a tamanhos, e tão poderoſos exercitos, e tantas, e tão medonhas bombardas arruinadoras de tudo.

Por onde ſe vê bem, quão grande abusão he cuidarem alguns, que eſta conquiſta do Oriente foi com negros deſpidos, e nús, com páos toſtados, e arcos fracos, e leves, como os das Indias Occidentaes, ſem ordem de milicia alguma, ou com gentes brutas, e ſem governo; porque cá não contendêram os Portuguezes, ſenão com Imperadores potentiſſimos, como foram os Sóltões do Egypto, e com Turcos ferozes, que nunca foram domados dos Imperadores da Europa, que não ſe podem jactar, que ſuas Armadas alcançaſſem nunca neſtas partes vitorias dos noſſos, como tem alcançadas neſſas de

lá

lá de potentissimas Armadas dos Reys, e Senhores Christãos. Não contendem os Portuguezes com gentes despidas, fracas, e sem ordem, mas com fortissimas Nações, e mui exercitadas na milicia, politicas no viver, como são, Persas, Coraçones, Mogores, Decanis, e Abexins, não despidos, mas armados de armas brancas, e em formosos cavallos cubertados; não com páos tostados, nem com arcos fracos, mas com Basiliscos, Canhões, Leões horrendos, Quartáos, e Agulias reaes, arcubuzaria melhor, e mais bem guarnecida de toda a da Europa. Em fim, contendem os Portuguezes com tão feras, e indomitas Nações, que Trajano, Semiramis, e Alexandre não acabáram de sujeitar tanto, como elles hoje o tem feito, fazendo passar por baixo do jugo Portuguez tantos Reys, e Senhores, quantos nunca os Romanos pudéram domar, de que não damos mais testemunhas, que esta nossa historia, onde simplesmente, e sem ornamento, nem artificio de palavras, contamos as grandes, e raras vitorias, que nestas partes alcançáram; como se verá nesta de huma tão potente, e tão soberba Armada de Rumes, e Janizaros, dos mais escolhidos do Imperio do Grão Turco.

CA-

CAPITULO VII.

Das cousas, em que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha proveo em Dio: e de como se tratáram pazes antre elle, e ElRey de Cambaya: e dos Capitulos, com que se concluíram.

DEsembarcado o Viso-Rey D. Garcia de Noronha em Dio, a primeira cousa em que proveo foi na fortificação da fortaleza, mandando com muita pressa renovalla mui bem, e acabar a cisterna, fazer-lhe seus terrados pera recolherem as aguas do inverno. E porque a mór parte dos mercadores, e moradores da Cidade estavam da outra banda, mandou lançar pregões, e passar seguros Reaes, pera que todos livremente se tornassem pera suas casas, e reformassem, e povoassem sua Cidade, concedendo-lhes grandes liberdades, e privilegios, com o que todos se tornáram. O Viso-Rey desejando de saber os desenhos, e pertenções d'ElRey de Cambaya, despedio hum Estrangeiro, chamado Bastião de Borgonha, e com elle hum Gentio por nome Ralú, pera irem visitar de sua parte a Alucan, e a Coge Çofar, por quem lhes mandou dizer, que lhes pezava muito de os não achar naquella Ilha pera os ver de mais perto, e que em estremo sentia

tia a vida do Baxá, que elle vinha buſcar pera o hoſpedar como merecia, inſtruindo a eſtes dous de muitas couſas, que haviam de ſaber, e fazer, pera verem ſe eſtava ElRey em bordo de pedir pazes. Eſtes homens ſe foram a Madabá, e viſitáram aquelles Capitães, que os recebêram bem, communicando a Çofar muitas couſas com o Borgonhão, porque era muito ſeu amigo. E antre as práticas que teve com aquelles Capitães, lhes falláram por figuras em pazes, ao que elle ſe fez de novas; mas a modo de conſelho lhes diſſe, que o bom ſería mandar ElRey viſitar o Viſo-Rey, por ſer chegado de novo á India, ſe eſtava já enfadado da guerra, e que neſta viſitação poderia ſer que ſe abriſſe caminho de fallar em pazes.

Eſtes Capitães deram a ElRey conta daquelle negocio, e pareceo-lhe que aquillo ſería bom meio pera ſe ſaber a vontade do Viſo-Rey. Com iſto deſpedio logo a Xacoez por Embaixador (por ter muito conhecimento do coſtume dos Portuguezes) a dar os parabens da vinda ao Viſo-Rey, e com muitas ſatisfações, e deſculpas da guerra paſſada: dando-lhe inſtrucção, pera que ſe o Viſo-Rey lhe déſſe algumas moſtras de fazer pazes, as acceitaſſe, e que os apontamentos dellas concluiriam Rumecan, e Caiſcan, que logo tambem deſpedio pera Nova-

na-

nager, por estarem mais perto de Dio, a quem deo poderes pera tudo o que fizessem. Xacoez foi a Dio, e da outra banda da Villa dos Rumes se deixou estar até o Viso-Rey o mandar buscar, e o recebeo com grande magestade; e depois de o ouvir, lhe mandou, que se aposentasse na Cidade, e se tivesse negocios os tratasse com o Secretario, e com Gaspar Pires de Matos seu Escrivão, de quem o Xacoez era muito amigo. E ajuntando-se todos, veio o Embaixador a fallar em pazes por remoques tantas vezes, sem lhos quererem entender, até que se declarou. E dando-lhe o Secretario orelhas, perguntando-lhe o modo que nisso ElRey mandava ter, lhe respondeo, que elle não tinha poderes pera cousa alguma, mas que devia o Viso-Rey mandar alguma pessoa de confiança a tratar aquelle negocio com os Regedores do Reyno, que estavam em Novanager. O Viso-Rey avisado disto respondeo, que elle não commettia pazes, que quem as quizesse as tratasse, que alli estava prestes pera lhe responder. De tudo isto foram avisados os Regedores, e logo despedíram seus Enviados a visitarem o Viso-Rey de sua parte, mandando-lhe dizer, que elles eram alli vindos pera o servirem, e que não tinham licença d'ElRey pera passarem a Dio, que lhe pediam lhes mandasse hum homem

de

de confiança, pera com elle tratarem cousas de muita importancia. E tomando parecer sobre isto, assentou-se, que se lhe mandasse, que nisso não entrava opinião. Pelo que despedio logo Francisco Mendes de Vasconcellos, e Manoel de Vasconcellos, e com elles o Secretario, e Gaspar Pires de Matos, e pera lingua Coge Percorli. Chegados todos a Novanager, praticáram com os Regedores sobre o negocio de pazes, dandose huns aos outros apontamentos do que pertendiam, que se mandáram assim a ElRey, como ao Viso-Rey; e vistos pelos Capitães do Conselho de ambos, concluíram as pazes pela maneira seguinte.

» Que ElRey de Cambaya mandaria fazer huma parede antre a Cidade, e a fortaleza, que cortasse de mar a mar, de doze palmos de largura, e que as portas que tivesse, estariam todo o dia abertas pera os Portuguezes poderem ir, e vir á Cidade, e que de noite se fechariam, e os Portuguezes se recolheriam todos á fortaleza. E que nas portas estariam continuamente guardas, assim Portuguezes, como Mouros; mas que as chaves dellas estariam nas mãos dos Porteiros d'ElRey de Cambaya.

» Que todos os rendimentos, que rendessem as Alfandegas, e todas as mais rendas da Ilha, se lançariam em hum cofre,

» de que no cabo do anno, tiradas as deſpe-
» zas, e ordinarias dos Officiaes, haveria
» ElRey de Portugal a terça parte; e que
» na Alfandega poria outros tantos Officiaes
» Portuguezes, quantos ElRey de Cambaya
» tiveſſe; e que teria cada hum ſua chave
» do cofre. E que na Çidade poderia o Vi-
» ſo-Rey pôr hum Ouvidor, Meirinho, e
» Tanadar, como ElRey de Cambaya tinha,
» pera adminiſtrarem juſtiça aos ſeus, fican-
» do porém o ſenhorio da Cidade izento a
» ElRey de Cambaya. E que havendo dif-
» ferenças antre os Portuguezes, Mouros, e
» Gentios, aſſim Civel, como Crime, o Ca-
» tual d'El-Rey ſeria obrigado a levar os
» Portuguezes ao Ouvidor pera delles fazer
» juſtiça; e que elle tambem mandaria os na-
» turaes ao Cadí d'ElRey de Cambaya pe-
» ra a fazer delles.

» Que os cavallos, que vieſſem da coſta
» de Arabia, de Caxem, e dos portos do
» Eſtreito de Meca, ſeriam forros de direitos,
» e que lhes dariam cartazes a ſuas náos pe-
» ra poderem navegar, moſtrando Certidões
» de como deſpacháram primeiro as fazen-
» das nas Alfandegas. »

Concluidos eſtes apontamentos, tiráram-ſe delles dous inſtrumentos, hum em Parſeo pera ElRey de Cambaya, e outro em Portuguez pera o Viſo-Rey, que lhe foram man-

mandados pera jurarem as pazes, indo o Xacoez a vellas jurar pelo Viso-Rey, o que elle fez com grande solemnidade; e logo as mandou apregoar pela Cidade com muitos instrumentos de alegria. O mesmo fez El-Rey em Amadabá, presente o Secretario João da Costa, Gaspar Pires de Matos, e Coge Percorli, que a isso foram, apregoando-se tambem por todo o Reyno com grande alvoroço de todos, por estarem já quebrados, e avorrecidos da guerra.

Estas pazes foram murmuradas de alguns, porque haviam que foram feitas em grande descredito do Estado, principalmente na parede que se lhes consentio, com que os nossos ficáram encurralados na fortaleza, que depois foi occasião do segundo cerco, que se lhe poz em tempo do Governador D. João de Castro, de que trataremos na sexta Decada. Os naturaes acudíram de todas as partes a povoar outra vez a Cidade de Dio, que se começou a engrandecer; e entre estes tambem foram alguns dos que alli deixou o Baxá doentes, e feridos, em que entravam hum Janizaro Grego, Capitão de hum galeão; e hum Albanez, Capitão de outro; e hum Jacome de Messina; e outro Jacome Grego, grande fundidor de artilheria. Estes se foram ao Viso-Rey, e se lhe lançáram aos pés, dizendo-lhe, que eram

de casta de Christãos, e que foram feitos Mouros, e tomados ás mãos nos berços; que lhe pediam os mandasse fazer Christãos, porque queriam ficar no serviço d'ElRey de Portugal. O Viso-Rey os agazalhou bem, e lhes fez honras, mandando-os catechizar, e dar-lhes todo o necessario. E em hum dia aprazado pera isso os fez Christãos a todos com grandes solemnidades, e festas, sendo o Viso-Rey Padrinho do Grego, a que poz nome Garcia de Noronha, que depois foi grande servidor d'ElRey de Portugal, como em outros lugares diremos. Dos outros foram padrinhos Antonio da Silveira, D. Alvaro de Noronha, e outros Fidalgos, que os vestíram mui bem, e lhes deram depois dinheiro, e ficáram sempre seus chegados muito contentes, e satisfeitos dos gazalhados, que acháram em os Portuguezes.

O Viso-Rey tanto que jurou as pazes, despedio Manoel Rodrigues Coutinho com tres navios ligeiros pera ir ás portas do Estreito a tomar falla das galés, e tornar com o recado antes do inverno, porque se receou que fossem demandar Ormuz, mandando outro navio ligeiro a esta fortaleza com cartas a Martim Affonso de Mello Zuzarte, pera que estivesse sobre aviso; e destas jornadas adiante daremos razão, porque que-

re-

remos concluir aqui com as cousas do Viso-Rey. Foi-se dando grande pressa ás obras da fortaleza, e da cisterna, em que se fez muito, e o Viso-Rey proveo os Officios da Cidade, e da Alfandega, conforme aos Capitulos das pazes, e poz outras cousas em ordem.

E porque D. Pedro de Castello-branco fôra por mandado do Governador Nuno da Cunha desapossado da fortaleza de Ormuz, como dissemos no Cap. VIII. do II. Liv., quiz o Viso-Rey entrar em seus negocios pera dalli o despedir pera lá, mandando trazer suas culpas, que foram vistas pelo Ouvidor Geral, e Provedor mór, (que então não havia mais Letrados, por não ser ainda a malicia tanta,) e foi por elles sentenceado, que fosse acabar de servir o tempo, que lhe faltava de sua fortaleza. O Viso-Rey o despachou logo, dando-lhe huma Armada; e andando-se negociando, chegáram náos de Ormuz, por quem teve o Viso-Rey novas da náo de João de Sepulveda, que faltava de sua conserva, de como ficava em Ormuz, o que elle festejou muito, porque a tinha por perdida. Assim tambem vieram novas como Xeque Hamed, Guazil de Ormuz, era morto, que sendo convidado de Martim Affonso de Mello pera hum banquete, que dava em Torumbaque a João de Sepulve-

veda, indo pera *lá* no caminho lhe atiráram á bésta, e o matáram, e sempre se suspeitou que o mandára fazer o mesmo D. Pedro de Castello-branco, porque tinha pera si, que elle mandára delle capitulos a Nuno da Cunha, porque o suspendêram da sua fortaleza. E como este Fidalgo era forte de condição, (e tão mal soffrido, que dizem, que poucas vezes perdoou cousa que lhe fizessem, de que se não vingasse por todos os meios que pudesse,) tiveram todos pera si, que a morte do Guazil procedêra delle. E porque eram chegados Procuradores de Xeque Rabeá, filho do morto, e de Rexnocorradim, Guazil de Julfar, a requererem aquelle cargo, teve este tantas intelligencias, e soube-se tão bem negociar pelo modo com que se negocea, e acaba tudo, que levou o cargo, tendo o Xeque Rabeá bem differentes merecimentos; porque em todo o tempo, e em todo o estado, onde se encontráram interesse, e merecimento, sempre este valeo menos. Despachado D. Pedro de Castello-branco pera Ormuz já em Março, ou entrada de Abril, deo á véla, e foi seguindo sua viagem.

E porque era tempo do Viso-Rey se recolher, metteo de posse da fortaleza de Dio Diogo Lopes de Sousa, que della era provído por ElRey. Feito isto, e outros negocios,

cios, embarcou-ſe pera Goa, onde logo proveo nas couſas de Malaca, e Maluco, mandando muitos provimentos pera aquellas fortalezas. E aſſim deſpachou Fernão de Moraes pera Pegú, dando-lhe hum galeão muito formoſo com mercadorias, e fazendas d'ElRey; porque neſte tempo com haver menos rendimentos, tinha ElRey dinheiro pera as deſpezas de tamanhas Armadas, e pera ſeus tratos, e commercios, de que depois ſe levam mão, não ſei porque reſpeitos.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a Miguel Ferreira na jornada de Ceilão: e de como tomou toda a Armada do Çamorim: e dos tratos que teve com o Madune até matar Pachi Marcá: e do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos na viagem do Eſtreito.

Miguel Ferreira, que ſe ficou em Goa negociando pera o ſoccorro de Ceilão, como diſſemos no Cap. VI. do V. Livro, deo tanta preſſa á Armada que havia de levar, que na entrada de Fevereiro ſe fez á véla, e foi ſeguindo ſua jornada com bom tempo até paſſar o Cabo de Çamorim, e foi correndo aquella coſta até os baixos, que paſſou á outra banda. Em Manar ſoube que eſtava Pachi Marcá com toda ſua Armada

no rio de Putulão, e os Mouros della com tranqueiras feitas em terra; e que o Pachi Marcá era ido com parte de sua gente pera Ceilão em favor do Madune contra o irmão. Miguel Ferreira teve isto por boa ventura, e assentou com seus Capitães de dar nos parós, que eram dezeseis; e indo demandar aquelle rio, chegáram a elle no quarto d'alva, e postos em armas, o entráram, e acháram os parós todos encadeados com as poppas em terra, e tranqueiras feitas ao longo do mar com a artilheria posta nellas. Miguel Ferreira remetteo com os navios, e os entrou logo sem achar resistencia, e saltando em terra todos os nossos com grandes estrondos, commettêram as tranqueiras, em que estavam perto de dous mil homens. E como os tomáram de sobresalto, quando quizeram acudir ás armas, já eram entrados dos nossos com grandes damnos, e mortes de muitos; e todavia os que logo não foram cortados, acudindo á defensão, tiveram com os nossos huma travada batalha, e no fim della com perda de muitos, largáram as tranqueiras, que ficáram com toda a artilheria em poder dos nossos, de que tambem ficáram alguns mortos, e feridos, ainda que poucos. Miguel Ferreira mandou embarcar a artilheria, e tomando os parós á toa, foi demandar Columbo, ~~endo~~ desembar-

barcou com toda ſua gente poſta em armas, e aſſim ſe foi marchando pera a Cidade da Cota. ElRey o ſahío a receber, porque era grande ſeu amigo, e lhe deo os parabens da vitoria, recolhendo-o pera a Cidade, onde o apoſentou bem, e lhe deo conta de tudo o que era paſſado com o irmão, dizendo-lhe, como até então o tivera de cerco, e que tanto que tivera novas do desbarato da Armada de Pachi Marcá, ſe recolhêra com elle pera Ceitavaca. Miguel Ferreira aſſentou com ElRey de irem buſcar o Madune a Ceitavaca, e não ſe ſahir de ſobre aquella Cidade ſem a tomarem, e deſtruirem de todo ao Madune, porque lhe não déſſe mais trabalho a elle, nem oppreſsão ao Eſtado da India, em tantos ſoccorros como lhe tinha mandados.

E ajuntando ElRey toda a gente que pode, começou a marchar pera Ceitavaca, indo Miguel Ferreira na dianteira com quinhentos Portuguezes, repartidos em ſinco bandeiras, e entrando pelas terras do Madune, começáram a fazer grandes damnos, e cruezas. Miguel Ferreira deſpedio hum Modeliar com recado ao Madune, fazendo-lhe a ſaber de ſua chegada, e que lhe affirmava, que ſe não havia de ſahir daquella Ilha, ſem de todo o deixar deſtruido, e ſeguro, e quieto ElRey da Cota; que lhe

pe-

pedia lhe mandasse logo Pachi Marcá, e todos os Malavares que com elle estavam; senão que jurava pela Nazareth, (juramento, que elle sempre fazia,) que lhe havia de tomar todo o Reyno, e persseguillo até o haver ás mãos, e levar sua cabeça ao Viso-Rey da India. Este recado foi dado ao Madune, que estava assombrado do poder com que o irmão hia contra elle, e dos damnos que hiam fazendo por seus Reynos; e respondeo com muita humildade, que bem sabia elle que não era licito aos Reys entregarem os homens, que estavam em seu poder, que toda a outra cousa estava prestes pera fazer; e que todas as amizades que seu irmão quizesse, partidos, e concertos, que todos lhe concederia. Com este homem despedio outro seu, por quem mandou pedir a ElRey seu irmão, que cessassem os damnos que hia fazendo, e castigos que hia dando por suas terras; que todas as satisfações que quizesse, elle estava prestes pera lhas dar. ElRey da Cota como era bom homem, e tinha boas entranhas, compadecendo-se da humildade do irmão, quizera logo retraher-se, mas Miguel Ferreira lho não consentio, antes mandou dizer ao Madune outra vez, que se determinasse, porque se lhe não entregava Pachi Marcá com os Malavares todos, que soubesse que havia de ir

até

até dentro de Ceitavaca em buſca delle. Vendo o Madune tamanho deſengano, paſmado da determinação de Miguel Ferreira, mandou-lhe dizer, que ſe não boliſſe donde eſtava, que elle o ſatisfaria de maneira, que não ficaſſe correndo infamia. E chamando Pachi Marcá, e Cunhalé Marcá ſeu irmão, lhes diſſe, como Miguel Ferreira apertava com elle, que lhos entregaſſe, que lhe parecia bem fazerem-ſe huma noite fugidos, pera elle ter razão de ſe deſculpar. E aſſim lhes aconſelhou, que ſe paſſaſſem pera huma aldeia do ſertão, aonde eſtariam eſcondidos até Miguel Ferreira ſe tornar, o que elles fizeram logo, levando comſigo perto de ſetenta Mouros de mais de ſua obrigação.

E caminhando aquella noite por antre os matos, onde por ordem do Madune eſtavam embrenhados muitos Pachás, (que são huma caſta de Chingalás crueliſſimos, que tanto que derribam hum inimigo, logo lhe cortam narizes, e beiços,) e ao paſſar, deram ſobre elles ás fréchadas, e hum, e hum os derribáram a todos, e cortando-lhes as cabeças, ás leváram a Miguel Ferreira, com que elle ſe quietou. ElRey da Cota fez com o irmão pazes, e recolhidos á Cidade da Cota, mandou ElRey fazer huma paga aos ſoldados da Armada, e a Miguel Ferreira,

e

e a todos os Capitães deo peças, e brincos de ouro, e pedraria, e emprestou trinta mil cruzados pera as despezas daquella Armada. Miguel Ferreira vendo tudo acabado, despedio a Armada toda com os navios dos Malavares pera Goa, escrevendo huma breve carta ao Viso-Rey, cuja substancia era:

» Que elle fizera naquella jornada tudo » o que lhe mandára, que deixava Ceilão » todo de paz, e que Pachi Marcá com to» da sua geração era acabado, como lá sa» beria dos Capitães da Armada; e que alli » lhe mandava todos os seus navios de pre» sente. »

Esta Armada chegou a Goa em fim de Abril, e o Viso-Rey fez muitas festas áquella vitoria, e muitas honras, e mercês aos Capitães. E assim foi este hum dos grandes feitos desta qualidade, que se na India fizeram, com que o Malavar ficou tão quebrantado, que mandou logo o Çamorim pedir pazes ao Viso-Rey, que lhas concedeo, como adiante diremos.

Miguel Ferreira, depois de despedir a Armada pera Goa, elle se fez á véla pera se ir pera S. Thomé, aonde tinha sua casa, levando alguns navios daquella costa em companhia, e voltou por fóra da Ilha, por não ser já tempo pera ir por dentro; e como era tarde, e o inverno vinha ameaçando, descar-

carregáram as primeiras trovoadas, (que he hum tempo, que alli chamam o burro, que venta do Suduefte,) com que todos eftiveram perdidos, e efpalhando-fe, e correndo por onde cada hum pode, foram tomar differentes portos, huns Pegú, outros Tanaçarim, e por aquella cofta. Como Miguel Ferreira levava bom Piloto, e bom navio, paffando grandes rifcos, e trabalhos, foi tomar a Cidade de S. Thomé. Era efte homem nefte tempo de mais de fetenta annos, grande de corpo, fecco, enxuto, bem affombrado, grande Cavalleiro, e ardilofo na guerra. Nunca foi cafado, teve alguns filhos naturaes; apofentou-fe naquella Cidade, onde fempre foi rico, e honrado, e onde morreo. Dalli acudia com muita prefteza ao ferviço d'ElRey, e era chamado dos Governadores pera grandes neceffidades.

E pera concluirmos com as coufas defte verão, o faremos com a jornada de Manoel Rodrigues Coutinho, que, como diffemos no VII. Cap. do V. Liv., *tinha já* partido de Dio a efpiar as *galés*. Seguindo fua derrota, foi haver vifta da cofta de Arabia, por onde foi tomando falla, e achou por novas ferem paffadas pera dentro do Eftreito, e na boça delle tomou huma gelva, onde foube ferem todas as galés recolhidas a Suez. E voltando pera Goa, chegou a ella em

fim

fim de Abril, e deo conta ao Viso-Rey do que passára, com o que ficou desalivado.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a Fernão de Moraes em Pegú: e de como o Bramá entrou conquistando aquelle Reyno: e de como Fernão de Moraes por favorecer aquelle Rey foi morto em huma batalha: e do principio, e origem destes Reys de Pegú: e descripção daquellas Provincias.

PArtido Fernão de Moraes de Goa, como atrás dissemos no fim do Cap. VII. do Liv. V., seguindo sua derrota pera Pegú, foi já em Maio tomar aquelle porto, aonde achou Diogo Alvares Telles com outro galeão, com que estava já alli do verão passado, fazendo resgate muito devagar por não acudirem fazendas por causa das guerras, que o Rey do Bramá andava fazendo por todo aquelle Reyno, por quem tinha entrado com grossos exercitos pera o conquistar. O Rey de Pegú, que não estava poderoso, como já fora, quiz-se valer dos Portuguezes, e mandou pedir a Diogo Alvares Telles o quizesse ajudar naquellas guerras, do que se elle escusou, porque tinha aquelle galeão d'ElRey a seu cargo, e não tinha licença do Viso-Rey da India. Agora sa-

ſabendo ſer chegado Fernão de Moraes, o mandou viſitar com grandes offerecimentos, e a pedir-lhe, que ſe viſſe com elle, o que elle fez contra o parecer de Diogo Alvares Telles. E indo-o viſitar muito bem acompanhado, lhe pedio o quizeſſe ajudar naquellas guerras, fazendo-lhe tantas promeſſas, que o rendeo. E aſſim aſſentáram, que elle ficaſſe nos rios com toda a Armada, que era muita, porque tambem o Bramá tinha mettido no mar a maior força, e pelos rios abaixo tinha deſcido com hum grande número de embarcações, a que chamam Chalavegões, e ſe remão com duas ordens de remos, e são mui grandes, e capazes de muita gente. Fernão de Moraes armou huma galeota, em que ſe embarcou com ſincoenta homens, e começou a andar pelos rios com toda a Armada de Pegú, encontrando-ſe algumas vezes com embarcações do Bramá, que deſtruio, e aſſolou. O Bramá tinha partido de ſeus Reynos por terra com grandes exercitos, com que hia marchando devagar, pelo que as ſuas Armadas chegáram primeiro, que eram tantas, que entulhavam os rios, que eram tão grandes como o Ganges. ElRey foi deſcendo como hum arrebatado torrente, alagando, aſſolando, queimando, e deſtruindo todos os Reynos de Pegú até chegar aos confins

deſ-

desta Cidade, em cujos campos ElRey estava com seus exercitos. E vendo o poder com que o Bramá hia, não ousando ao esperar, se foi recolhendo pera a banda de Negraes, aonde andava Fernão de Moraes com toda a Armada. O Bramá chegou á Cidade de Pegú, e a tomou, e foi logo seguindo o inimigo por terra, e por mar com suas Armadas. E chegando ellas a huma ponta, que se chama Gina marrecá, que Fernão de Moraes tinha tomado com sua Armada, por ser muito estreito; e encontrando-se aqui ambas as Armadas, travåram huma batalha temerosissima, em que os Portuguezes mostráram bem o valor de suas pessoas; porque sendo desamparados da Armada de Pegú, sustentou Fernão de Moraes com só a sua galeota todo o pezo da batalha, sendo abordado por todas as partes daquelles Chalavagões; mas como o número era tão desigual, foram entrados os Portuguezes, e mortos todos, tendo primeiro feito nos inimigos tamanha destruição, que era cousa espantosa de ver, deixando Fernão de Moraes tamanha memoria de si, que ainda hoje dura, e durará antre os Bramás naquelle lugar de Gina marrecá, por cuja morte he antre elles mais celebrado, que por seu proprio nome.

Será este lugar perto de tres leguas pe-

lo rio de Pegú aſſima. He hum paſſo muito eſtreito, como já diſſemos, e da banda do Ponente tem huma ſerra, que pende ſobre á agua, aſperiſſima, e talhada ao picão toda á roda, em que ſe ſe fizer huma fortaleza, póde defender a entrada do rio faciliſſimamente a todo o poder do Mundo; porque toda a embarcação que ſóbe pera ſima, chegando áquelle paſſo não vê o rio diante, porque faz volta, e leva o roſto ſempre naquella ſerra, por cujo pé ha de paſſar. Tanto que eſta Armada ſe desbaratou, logo ſe perdeo todo o Reyno de Pegú, de que o Bramá ficou ſenhor, e conquiſtou outros Reys vizinhos, que ajudavam ao Rey de Pegú, que elle houve ás mãos, e lhes cortou as cabeças. Com iſto ficou o mór Senhor Gentio, que havia em todo o Oriente. E porque nos não lembra que leſſemos em alguma eſcritura o principio, e origem deſte Reyno de Pegú, e de ſeus Reys, ao menos como o elles tem em ſuas eſcrituras, nos pareceo bem darmos aqui razão diſto, o que não deve de ſer deſaprazivel aos curioſos, e affeiçoados a antiguidades.

Pelo que ſe ha de ſaber, que o Reyno de Pegú o ſeu verdadeiro nome he Pachou, por ſe chamar aſſim a ſua principal Cidade, cujo nome quer dizer Engano, por

hum de que hum Principe alli uſou em hum deſafio, como logo diremos. Dizem ſuas eſcrituras, que reinando em todas aquellas partes de Pegú, Tanaçarim, Rey, Martabão, e em outros Reynos ao Norte, hum Rey da caſta do Sol, (de que já démos razão no Cap. X. do II. Liv.,) fora ter áquelle porto de Pegú huma muito groſſa Armada, em que hia hum Rey, que deſejando de conquiſtar aquelle Reyno, ſahíra em terra com hum groſſo exercito, e entrando por aquellas terras, as foi conquiſtando, e deſtruindo, tendo algumas batalhas com aquelle Rey, em que houve grandes damnos de ambas as partes. Canſados de tantas mortes, mandou o Rey Eſtrangeiro deſafiar o de Pegú, de peſſoa a peſſoa, confiado em ſer hum homem agigantado, e de monſtruoſas forças. A eſte deſafio lhe ſahio hum filho do Rey de Pegú, mancebo de vinte annos, muito valente homem, e mui exercitado nas armas, e creado no monte, onde tinha mortos á eſpada muitos tigres, e leões. Entrados ambos em campo, (naquelle lugar, em que hoje he a Cidade de Pegú, que então era tudo campina,) e andando em batalha, já depois de feridos ambos, e de muito grande eſpaço, no maior fervor, e braveza della, bradou o Principe alto, dizendo: *Ah falſo; que trazes*

gente comtigo pera te favorecer : o outro virando o rosto, cuidando que vinha alguem, o Principe como era muito ligeiro, entrou com elle, e lhe deo huma estocada pela barriga, de que o virou morto, ficando o mancebo vitorioso; e porque por alli se acabou aquella guerra, e o Reyno ficou livre por industria, e esforço do Principe, mandou ElRey em memoria daquella batalha fundar naquelle proprio lugar em que ella foi, huma muito formosa Cidade, a que poz nome Pachou, que em sua lingua quer dizer Engano, pelo que o Principe usou no desafio.

E porque, como já dissemos, sempre misturam fabulas em todas suas cousas pera darem honrosos principios a seus Reys, e Reynos, fingíram, segundo contão suas escrituras, que mais de mil annos antes disto estava já profetizada a fundação desta Cidade; porque dizem, que andando por aquellas partes aquelle Santo seu, a que chamam Budão, (de que em outras partes já fallámos) trazendo grandes companhias de discipulos, que o seguiam, andando naquelle Reyno de Pegú ensinando a salvação aos homens, estando naquelles campos de Pegú sobre hum tezo, pondo os olhos naquella parte, em que se esta Cidade fundou, (que então era huma grande alagôa, em cujo

meio ſe fazia hum Ilheo, em que eſtavam dous paſſaros grandes como patos, com criſtas como gallos, de que ha muitos em Pegú,) e virando pera os diſcipulos, lhes diſſe: *Ainda em aquelle lugar ſe ha de vir a fundar huma grande Cidade, em que eu hei de ſer venerado, e honrado*; e aſſim o he, porque nella tem hoje formoſiſſimos templos, e varellas. E os patos que eſtavam no Ilheo, tomáram os Reys, que depois foram, por armas, como hoje os trazem os Reys de Pegú. Eſtende-ſe eſte Reyno desde Tanaçarim (que são os limites ſeus, e do Reyno de Sião) até á boca do rio de Pegú, que são cem léguas por coſta, e dalli virando ao Sudueſte até á ponta de Negraes, e voltando ao Norte fenece em Negramale, (que são ſeus termos, e os do Reyno de Arracão,) em que haverá outras cem leguas por coſta. Pera o Norte, e Nordeſte ſe eſtende até mais de quarenta gráos de altura, e parte com o Reyno do Cathayo, cujos eſtremos he a Provincia dos Turcos, que o Pegú lhes tomou. Pela banda do Norte, e Noroeſte parte com o Reyno de Avá, pelo Naſcente com Yão, pelo Sul com o mar Oceano, e pelo Ponente com o Reyno de Arracão. Tem eſte Reyno de Pegú duzentas e ſete Cidades, a fóra innumeraveis Villas, cuja cabeça de todas he a de Pa-

chor;

chou; e as mais principaes são Clomo, Chrepó, Sanchi, Chaltil, Sataug, Sobunabú, em que naſcem diamantes, eſmeraldas, ouro, prata, robiz, e em algumas, que eſtam ſobre o mar, ſe peſcão aljofres. He Reyno muito abaſtado de mantimentos, gado, manteigas, legumes, aves, caſſa. Daqui vai o lacar pera todo o Oriente, e hum fiado de cores, vermelho, preto, azul muito fino, com que ſe fazem muitas roupas finas: e tem outras muitas couſas, que deixamos, por fugir prolixidade.

Fim do Liv. V. da Decada V.

00046084

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016